

Pontifícia **U**niversidade **C**atólica
do Rio de Janeiro



PUC
RIO

Adalberto do Carmo Telles

**A blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão:
Mateus 12,22-32 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Waldecir Gonzaga

Rio de Janeiro
Dezembro de 2024

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Adalberto do Carmo Telles

A blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão:

Mateus 12,22-32 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Waldecir Gonzaga

Orientador
PUC-Rio

Heitor Carlos Santos Utrini

PUC-Rio

Fábio da Silveira Siqueira

PUC-Rio

Leonardo dos Santos Silveira

Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Doaldo Ferreira Belem

FIBI

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2024

Todos os direitos reservados. É proibido a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Adalberto do Carmo Telles

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2019. Graduou-se em Teologia na Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB – FAECAD em 2016. Concluiu o curso de grego clássico no Cursos de Línguas Aberto à Comunidade – CLAC – UFRJ em 2017. Concluiu o curso de inglês para leitura no Cursos de Línguas Aberto à Comunidade – CLAC – UFRJ em 2018. Graduando em Letras (Literatura e Língua Grega) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Cursou o Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio em 2018.

Ficha Catalográfica

Telles, Adalberto do Carmo

A blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão: Mateus 12,22-32 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica / Adalberto do Carmo Telles; Orientador Prof. Dr. Waldecir Gonzaga. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2024.

259 f.: 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui referências bibliográficas.

1. Teologia – Teses. 2. Jesus. 3. Espírito Santo. 4. Blasfêmia. 5. Perdão. 6. Análise Retórica Bíblica Semítica. I. Gonzaga, Waldecir. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico este trabalho à minha esposa, Sheila Ferreira
Telles, à minha família e à minha Igreja

Agradecimentos

A Deus, meu Senhor, toda Glória.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Waldecir Gonzaga, pelo encorajamento e dedicação para a concretização desta pesquisa e por sua valiosa amizade e carinho.

À CAPES e a PUC-Rio, pelos auxílios prestados, sem os quais esta pesquisa não poderia ter sido realizado.

Aos familiares, principalmente à minha esposa, pela atenção e compreensão nos momentos difíceis.

À Igreja Assembleia de Deus, Ministério de Inhaúma, pelas orações e manifestações de carinho e apreço.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora: Prof. Dr. Heitor Carlos Santos Utrini; Prof. Dr. Fábio da Silveira Siqueira; Prof. Dr. Leonardo Silveira; Prof. Dr. Doaldo Belém.

A todos professores do departamento de Teologia, pelos seus ensinamentos e pela ajuda, e aos funcionários do Departamento de Teologia.

Aos meus companheiros e amigos de estudos da PUC-Rio.

À FAECAD, que me deu a primeira formação teológica, tornando possível o início de toda esta pesquisa.

Aos amigos que, de uma forma ou de outra, estimularam-me e ajudaram-me.

À Biblioteca da PUC-Rio, por todos os suportes à pesquisa, com artigos e livros.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Telles, Adalberto do Carmo; Gonzaga, Waldecir. **A blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão: Mateus 12,22-32 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro, 2024. 259 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese versa sobre “a blasfêmia contra o Espírito Santo”, com base no texto de Mt 12,22-32, à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. A pesquisa aborda o “pecado imperdoável” e a (im)possibilidade de haver ou não alguma transgressão que Deus não possa perdoar. É de consenso comum poder afirmar que aquele que for ler o texto neotestamentário não se depararia com uma sentença tão enfática e dura, como a do pecado contra o Espírito Santo, tendo como consequência não ser perdoado nem nesse mundo e nem no vindouro, por ter cometido um tal pecado. Segundo o texto bíblico mateano, a blasfêmia contra o Espírito Santo é um impedimento para o perdão divino. Ao analisar essa perícopes, encontramos um paralelo em Mc 3,20-33 e em Lc 11,14-23; 12,10, com suas semelhanças e diferenças, sobre as quais fazemos menção ao longo do estudo e abordagem. A metodologia empregada se baseia no desenvolvimento de alguns passos do Método Histórico-Crítico, um método diacrônico, que permite abarcar o texto na sua forma primária, conjugado com o Método da Análise Retórica Bíblica Semítica, um método sincrônico, auxiliando na construção da estrutura da perícopes. Além da introdução, da conclusão e das referências bibliográficas, esta pesquisa conta com cinco capítulos: 1) *Status quaestionis* a respeito do tema “a blasfêmia contra o Espírito Santo” (Mt 12,31-32), com as contribuições necessárias de muitos autores; 2) Análises críticas de Mt 12,22-32, seguindo os critérios do Método Histórico-Crítico; 3) Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,22-32; 4) Comentário exegético de Mateus 12,22-32; 5) Perspectivas bíblica-teológico-pastorais.

Palavras-chave

Jesus; Espírito Santo; Blasfêmia; Perdão; Análise Retórica Bíblica Semítica.

Abstract

Telles, Adalberto do Carmo; Gonzaga, Waldecir. **Blasphemy against the Holy Spirit and (non) unforgivable: Matthew 12:22-32 in the light of Semitic Biblical Rhetoric Analysis.** Rio de Janeiro, 2024. 259 p. Doctoral Thesis - Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

This thesis deals with “blasphemy against the Holy Spirit”, based on the text of Mt 12:22-32, in the light of Semitic Biblical Rhetorical Analysis. The research addresses the “unforgivable sin” and the (im)possibility of whether or not there is any transgression that God (cannot) forgive. It is a common consensus to say that anyone who reads the New Testament text would not come across such an emphatic and harsh sentence, such as that of the sin against the Holy Spirit, with the consequence that he would not be forgiven either in this world or in the next for having committed a sin. such a sin. According to the Matthew text, blasphemy against the Holy Spirit is an impediment to divine forgiveness. When analyzing this pericope, we find a parallel in Mc 3:20-33 and in Luke 11:14-23; 12:10, with their similarities and differences, which we will mention throughout the study and approach. The methodology used is based on the development of some steps of the Historical-Critical Method, a diachronic method, which allows the text to be covered in its primary form, combined with the Semitic Biblical Rhetorical Analysis Method, which is a synchronic method, helping to build the structure of the pericope. In addition to the introduction, conclusion and bibliographical references, this research has five chapters: 1) Status quaestionis on the subject of ‘blasphemy against the Holy Spirit’ (Mt 12:31-32), with the necessary contributions from many authors; 2) Critical analysis of Mt 12:22-32, following the criteria of the Historical-Critical Method; 3) Semitic Biblical Rhetorical Analysis of Mt 12:22-32; 4) Exegetical commentary on Matthew 12:22-32; 5) Biblical-theological-pastoral perspectives.

Keywords

Jesus; Holy Spirit; Blasphemy; Forgiveness; Semitic Biblical Rhetorical Analysis.

Sumário

1. Introdução	13
1.1 Data, autoria e destinatários.....	16
1.2 Local da redação do Evangelho de Mateus	18
1.3 A comunidade de Mateus.....	19
1.4 A teologia mateana.....	20
1.5 Propósitos do Evangelho de Mateus.....	23
2. Status Quaestionis	25
2.1 Comentários	25
2.1.1 Randolph Vincent Greenwood Tasker.....	25
2.1.2 Wolfgang Trilling.....	26
2.1.3 David Michael Stanley	27
2.1.4 Jean Radermakers	28
2.1.5 Javier Pikaza	29
2.1.6 Rinaldo Fabris e Giuseppe Barbaglio	30
2.1.7 Juan Mateos e Fernando Camacho	32
2.1.8 Joachim Gnilka.....	32
2.1.9 Russell Norman Champlin.....	33
2.1.10 André Chouraqui	35
2.1.11 Craig L. Blomberg.....	36
2.1.12 Donald A. Hagner.....	37
2.1.13 Fritz Rienecker	38
2.1.14 Alberto Mello	39
2.1.15 Donald Arthur Carson.....	40
2.1.16 Warren Carter.....	41
2.1.17 William Hendriksen.....	42
2.1.18 Ulrich Luz	43
2.1.19 James Montgomery Boice	44
2.1.20 Manlio Simonetti	45
2.1.21 Isidoro Mazzarolo	46

2.1.22 Roberto Di Paolo	47
2.1.23 Johann Peter Lange e Phillip Schaff.....	48
2.1.24 Samuel Pérez Millos.....	49
2.1.25 Massimo Grilli e Cordula Langner	50
2.1.26 Sandro Gallazzi	51
2.1.27 Robert Charles Sproul	52
2.1.28 Franco de Carlo.....	53
2.1.29 Hernandes Dias Lopes	54
2.1.30 Jaldemir Vitória.....	55
2.1.31 Pablo A. Deiros.....	56
2.2 Artigos	56
2.2.1 Carl S. Patton	56
2.2.2 Anton Fridrichsen	57
2.2.3 Barnad Franklin	58
2.2.4 Robin Scroggs.....	59
2.2.5 M. Eugene Boring.....	60
2.2.6 John Conchrane O'Neill.....	61
2.2.7 Samuel L. Lamerson	63
2.2.8 Mike Penninga.....	64
2.2.9 William W. Combs	65
2.2.10 Christoffer H. Grundmann	66
2.2.11 Esther Miquel	67
2.2.12 Peter G. Bolt.....	68
2.2.13 Matthew Barret	69
2.2.14 Graham A. Cole.....	70
2.2.15 Nicholas Lammé.....	71
2.2.16 Marius J. Nel	72
2.2.17 Jacob J. Scholtz	72
2.2.18 Daniel P. Rogers	73
2.2.19 Duane Litfin	74
2.2.20 Myk Habets	76
2.2.21 Marcelo da Silva Carneiro	77
2.2.22 Octavian D. Baban	78

3. Análises críticas de Mateus 12,22-32.....	82
3.1 O texto grego de Mt 12,22-32: tradução e segmentação	82
3.2 Crítica textual	84
3.3 Crítica literária ou da Constituição do texto	93
3.3.1 Delimitação do texto de Mt 12,22-32	93
3.3.2 Estrutura de Mt 12,22-32.....	95
3.4 Crítica da forma e gênero literário	97
3.5 Crítica da redação	105
3.6 Crítica das tradições.....	120
4. Análise Retórica Bíblica Semítica de Mateus 12,22-32	125
4.1 Análise Retórica do Evangelho de Mateus.....	128
4.2 Análise Retórica de Mt 11–12	135
4.3 Análise Retórica de Mt 12,22-32	158
5 Comentário exegético de Mateus 12,22-32	172
5.1 A cura do endemoniado cego e mudo (Mt 12,22-24)	172
5.2 A resposta de Jesus aos fariseus (Mt 12,25-30)	182
5.3 A blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,31-32).....	191
6. Perspectivas bíblico-teológico-pastorais.....	199
6.1 Mateus 12,22-32: sua interpretação na patrística	199
6.2 Mateus 12,22-32: sua interpretação na atualidade	214
7. Conclusão	230
8. Referências Bibliográficas	237
8.1 Fontes, ferramentas e comentários.....	237
8.2 Artigos	247

Lista de tabelas

Tabela 1 - O texto grego de Mt 12,22-32: segmentação e tradução	84
Tabela 2 - Forma literária de Mt 12,22-32	102
Tabela 3 - Sinopse de Mt 12,22-32; Mc 3,20-32; Lc 11,14-23; 12,10	110
Tabela 4 - Sinopse de Mt 12,29; Mc 3,27; Lc 11,21-22; Ev. Tomé 35,1	115
Tabela 5 - Composição retórica do Evangelho de Mateus	134
Tabela 6 - Estrutura concêntrica setenária do Evangelho de Mateus	135
Tabela 7 - As três sequências de Mt 11,1–12,50	136
Tabela 8 - A primeira sequência: Mt 11,1–12,14	137
Tabela 9 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,1	137
Tabela 10 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,2-3	138
Tabela 11 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,4-6	139
Tabela 12 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,7-10	140
Tabela 13 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,11-15	141
Tabela 14 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,16-19	141
Tabela 15 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,20	142
Tabela 16 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,21-22	142
Tabela 17 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,23-24	143
Tabela 18 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,25-26	144
Tabela 19 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,27	144
Tabela 20 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,18-30	145
Tabela 21 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,1-2	146
Tabela 22 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,3-5	146
Tabela 23 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,6-8	147
Tabela 24 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,9-10 ^a	147
Tabela 25 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,10b-12	148
Tabela 26 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,13-14	149
Tabela 27 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,15-16	150
Tabela 28 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,17	150
Tabela 29 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,18-21	151
Tabela 30 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,38-40	152

Tabela 31- Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,41-42.....	152
Tabela 32 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,43-45.....	153
Tabela 33 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,46-47.....	154
Tabela 34 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,48.....	154
Tabela 35 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,49-50.....	155
Tabela 36 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,22-23.....	158
Tabela 37 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,24.....	159
Tabela 38 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,25-28.....	159
Tabela 39 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,29-30.....	160
Tabela 40 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,31-32.....	161
Tabela 41- Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,33-35.....	162
Tabela 42 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,36-37.....	163
Tabela 43 - A seção de Mt 11–12 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica...	171

1

Introdução

O Evangelho de Mateus não é o único que traz a controvérsia entre os fariseus e Jesus que vai desencadear o fatídico enunciado sobre “a blasfêmia contra o Espírito Santo”. Os Evangelhos de Marcos (Mc 3,20-30) e Lucas (Lc 12,10) também abordam o assunto e nos permitem perceber a importância que a Primeira Igreja deu ao problema do pecado imperdoável. Esta pesquisa, porém, se concentra no texto da perícopa de Mt 12,22-32, como o seu **objeto material**, em que é analisada a questão do pecado e blasfêmia contra o Espírito Santo, como sendo um pecado sem perdão que é o **objeto formal** desta pesquisa.

Em primeiro lugar, fazemos esta pesquisa no propósito de contribuir para o mundo acadêmico e para o estudo científico do Novo Testamento, bem como da realidade pastoral e eclesial. Entendemos que a análise nos Evangelhos é fascinante. A grandeza de detalhes apresentados pelos sinóticos em suas perspectivas e teologias diferentes, por si só, cria em nós uma curiosidade para entender as intenções e os sentidos subjacentes nestes textos bíblicos e mais especialmente a partir da temática sobre a “blasfêmia contra o Espírito Santo” de Mt 12,22-32.

Em segundo lugar, o texto de Mt 12,22-32 nos oferece diversos elementos de investigação, como por exemplo, a ideia de um Deus bondoso que tenha alguma coisa que não tem perdão. Nesse sentido, realizamos essa tese com a finalidade de contribuir para um bom desenvolvimento do estudo bíblico-teológico-pastoral e para o crescimento espiritual dos fiéis.

Em terceiro lugar, somos motivados a trabalhar academicamente nessa temática, por questões levantadas a respeito do Evangelho de Mateus e por ter sido um dos livros do Novo Testamento mais pesquisados nos séculos passados e nos dias hodiernos. Sua estrutura, idioma e teologia nos impulsionam a fazer tal desdobramento não somente de modo exegético, amparados pelo Método-Histórico-Crítico e a Análise Retórica Bíblica Semítica, mas também de forma bíblico-teológico-pastoral, a fim de ajudar na caminhada de nossas igrejas.

Além disso, Mateus tem em seu material questões que são caras e complexas à sua comunidade. O autor trata de assuntos relacionados ao comportamento cristão na perspectiva do novo mandamento de Cristo (Mt 5-7); se preocupa com o

tratamento dos pequeninos e diversos outros casos no seio da Igreja (Mt 18); aborda sobre o complexo problema do divórcio e sobre os ricos no grupo de fieis (Mt 19); explica o profundo mistério da parusia de Cristo e seus desdobramentos (Mt 24–25); apresenta com detalhes a prisão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (Mt 26–28); e por fim, traz à tona o problema do pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo e o não perdão (Mt 12,22-32), que com certeza não apenas estremeceu a primeira comunidade, bem como as tradições cristãs posteriores e próximas a elas e até, aos cristãos da atualidade.

O texto de Mt 12,22-32 tem um importante tema a respeito do “pecado imperdoável” que é a “blasfêmia contra o Espírito Santo”. A novidade desta pesquisa concentra-se no objetivo de examinar o significado do pecado imperdoável, “a blasfêmia contra o Espírito Santo”, fazendo uma conjugação da Análise Retórica Bíblica Semítica¹ com o Método Histórico-Crítico, como ferramenta complementar de leitura para o desenvolvimento e compreensão dessa temática na comunidade mateana e o que ela significou não apenas para este grupo de fiéis, mas também o que se compreende sobre a “blasfêmia contra o Espírito Santo” na atualidade.

A presente pesquisa está delimitada à perícopa de Mt 12,22-32, para analisar a temática da controvérsia entre os fariseus e Jesus, no que diz respeito à sua autoridade de curar os enfermos pelo poder do Espírito Santo e à acusação dos fariseus de que Jesus expulsa os demônios por Beelzebul, que caracterizou o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo cometida pelos opositores de Jesus no momento da cura de um endemoniado cego e mudo.

Quanto à metodologia optou-se pela pesquisa bibliográfica, análise textual, a sintaxe da língua grega, e os recursos da crítica histórica. Faremos o uso do *Método Histórico-Crítico e da Análise Retórica Bíblica Semítica*, cômnicos de seus limites, principalmente no Evangelho de Mateus, por este formar uma interpretação caracteristicamente teológica. Desta metodologia usamos os fundamentais passos exegéticos estabelecidos pela pesquisa. A presente investigação será desenvolvida com base nos exames de textos bíblicos, a partir do *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland 28^a Edição, textos extrabíblicos e documentos alusivos ao tema.

¹ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 37; DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 149.

Por ser uma pesquisa que ajuda a contextualizar o texto de Mt 12,22-32 para melhor interpretá-lo hoje, tomamos como auxílio vários autores bíblicos como Joaquim Jeremias, Isidoro Mazzarolo, Samuel Perez Millos, Ulrich Luz, Francesco Graziano, Donald A. Hagner, Roberto Di Paolo, Donald A. Carson, Warren Carter Massimo Grilli e Cordula Langner e outros autores, por contribuírem com uma valiosa abrangência exegético-bíblico-teológica do Evangelho de Mateus. Também usaremos Nestle-Aland²⁸ com o seu texto grego do Novo Testamento, U. Wegner, W. Paroschi, M. L. Correa Lima, Cássio Murilo, M. Zerwick, J. Konings, D. B. Wallace, R. Meynet, B. M. Metzger e K. Berger e R. L. Omanson, com suas variantes textuais, que, com os seus livros na área da Exegese do Novo Testamento, nos oferecerão todo o suporte para a análise crítica da perícopre supracitada.

A presente pesquisa, em seu conteúdo, está distribuída, além da **introdução** e **conclusão**, em cinco capítulos. Cada capítulo tem o objetivo de demonstrar a importância do tema escolhido. Sendo assim, no **primeiro capítulo**, fazemos um *status quaestionis* a respeito do tema “A blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão”, em Mt 12,22-32, com as contribuições necessárias de diversos autores que escreveram em diferentes anos, seguindo uma ordem cronológica. Não obstante, neste capítulo atentamos apenas ao que se refere aos v.31-32 de nossa perícopre, e não ao comentário como um todo.

No **segundo capítulo** fazemos a análise crítica de Mt 12,22-32, utilizando as etapas do Método Histórico-Crítico, para que haja uma melhor compreensão exegética do tema. As seções deste capítulo estarão divididas pelos seguintes tópicos: (i) o texto de Mt 12,22-32 e a sua tradução; (ii) a crítica textual; (iii) a crítica literária ou da constituição do texto; (iv) a crítica da forma e a crítica do gênero literário; (v) a crítica da redação; (vi) a crítica das tradições. No **terceiro capítulo**, buscamos considerar a perícopre de Mt 12,22-32 a partir da Análise Retórica Bíblica Semítica. Aqui, consideramos a estrutura retórica do texto supracitado, com a finalidade de termos uma melhor compreensão de Mt 12,22-32. Com a Análise Retórica Bíblica Semítica vemos os possíveis paralelismos e quiasmos, e como a seção de Mt 12-22-32 foi elaborada. No **quarto capítulo** desenvolvemos o comentário exegético de Mt 12,22-32, que foi dividido em três partes: (i) A cura do endemoniado cego e mudo (Mt 12,22-24); (ii) A resposta de Jesus aos fariseus (Mt 12,25-30); (iii) A blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,31-32). No **quinto e último capítulo** analisamos as questões da blasfêmia contra

o Espírito Santo em uma perspectiva bíblico-teológico-pastoral, em que será abordado a problemática no contexto da Igreja, com um olhar teológico e pastoral.

Partindo desses pressupostos, reforça-se o interesse na pesquisa sobre o tema proposto a partir do Evangelho de Mateus, a saber: “A blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão: Mateus 12,22-32 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica”, que encontramos na perícopé de Mt 12,22-32, constituindo os objetos formal e material desta Pesquisa de Tese Doutoral junto aos PPGTeo da PUC-Rio, no âmbito da Teologia Bíblica.

1.1

Data, autoria e destinatários

As pesquisas em volta dos textos canônicos neotestamentários são fascinantes. Uma dessas observações diz respeito a datação e a autoria do Evangelho de Mateus, encontra-se diversificadas convicções no meio dos comentadores e pesquisadores, eles não tomam como fundamento as informações das testemunhas mais antigas para determinarem uma data para a formação do livro de Mateus². Não há qualquer indício nos manuscritos catalogados sobre a datação do primeiro Evangelho. Alguns critérios indicam uma possível datação entre os anos 80 ou 90 d.C.³. A citação em Mateus da destruição do templo de Jerusalém sugere que este Evangelho tenha sido escrito depois de 70, mas não nos anos acima de 100, mas decerto, nos anos 80 d.C.⁴.

No primeiro Evangelho, não há informações sobre a sua autoria. Não é conhecido quem seja o autor do Evangelho de Mateus; possivelmente, não foi Mateus que tenha escrito este material que leva o seu nome⁵. Mas é a tradição do

² HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 137. O autor afirma que uma grande maioria de pesquisadores não apoiam a autoria do primeiro Evangelho ao apóstolo denominado de Mateus; MILLOS, S. P., Mateo, p. 44-46; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 7; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 43-46; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 24; RICHARD, P., Evangelio De Mateo, p. 8.

³ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 35; RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 25; CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 89; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 7; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 19.

⁴ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 35; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 257; BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 44; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 7; EVANS, C. A., Matthew, p. 5; TALBERT, C. H., Matthew, p. 4; FRANCE, R. T., The Gospel of Matthew, p. 18; CARSON, D. A., Christological ambiguities in the gospel of Matthew, p. 98.

⁵ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 33; HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 137; TURNER, D. L., Matthew, p. 11.

primeiro século da Igreja, que considerou a autoria deste livro ao Apóstolo Mateus⁶. Este discípulo está nas quatro listas de nomes dos escolhidos que vão ser chamados os Doze apóstolos (Mt 10,2-4; Mc 3,14-19; Lc 6,13-16; At 1,13)⁷. No entanto, Mateus não era um discípulo notável, como os três discípulos mais próximos de Jesus, Pedro, Tiago e João, mas apenas nomeado como um dos Doze, entrando na oitava posição entre os chamados e um cobrador de impostos nos moldes do império romano (Mt 9,9; 10,2-3)⁸.

Para defender a autoria do Evangelho a Mateus, recorre-se mais uma vez aos testemunhos antigos, tendo a sua base nos escritos de Papias, que atribuiu a autoria do Evangelho a Mateus⁹. Essas mesmas testemunhas antigas também foram os responsáveis em colocar no título o nome do evangelista (κατὰ Μαθθαῖον), sugerindo assim, o discípulo Mateus como o autor desta obra¹⁰. O autor do livro em questão é considerado também, como tendo por autógrafo possivelmente, um judeu-cristão, e até um pagão-cristão anônimo¹¹.

De forma mais ampla, os destinatários do Evangelho de Mateus são todos os que precisam conhecer a Jesus¹². Mas de maneira mais estrita, esses receptores da mensagem mateana podem ter sido, a princípio, os cristãos da Palestina, e até de alguma outra localidade onde houvesse uma comunidade significativa de judeus, que estavam em tensão; as citações de cumprimentos reforçam a ideia de um grupo de receptores do primeiro Evangelho sendo de origem judaico-cristã¹³. “Os

⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 44; LOCKMANN, P., Una lectura del sermón del monte (mateo 5–7), p. 47.

⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 45; RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 22.

⁸ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 33; MILLOS, S. P., Mateo, p. 45; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 7; EVANS, C. A., Matthew, p. 8; TURNER, D. L., Matthew, p. 12; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 17; NOLLAND J., The Gospel of Matthew, p. 2; DEIROS, P. A., Mateus o Evangelho do reino, p. 29.

⁹ EUSÉBIO DE CESAREIA., História Eclesiástica, p. 119; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 7; HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 44. CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 257. Esta obra cita os nomes das testemunhas antigas Orígenes, Irineu e Papias; MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 3; CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 87; DUNN, C. A., Matthew, p. 1; TURNER, D. L., Matthew, p. 13; SIM, D. C., The Gospel of Matthew, John the elder and the Papias tradition, p. 283-299; BRUCE, F. F., Merece Confiança o Novo Testamento?, p. 40.

¹⁰ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 34; RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 23; VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 14-15; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 7; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 16; FRANCE, R. T., The Gospel of Matthew, p. 15; LUZ, U., Matthew 1–7, p. 59.

¹¹ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 40; BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 965-966; DULING, D. C., Matthew as marginal scribe in an advanced agrarian Society, p. 520-575.

¹² MILLOS, S. P., Mateo, p. 53; BAUCKHAM, R., For whom were Gospels written?, p. 865-882.

¹³ TURNER, D. L., Matthew, p. 13; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 18.

destinatários são cristãos de tradição judaica e não necessitam de maiores explicações sobre os conteúdos das polêmicas, em sua maioria, provavelmente de origem galilaica”¹⁴. O fato de Jesus ter vindo para cumprir a Lei e os profetas e não a abolir (a Lei), demonstra que os primeiros destinatários tinham amplo conhecimento da Torá e dos escritos proféticos¹⁵.

1.2 Local da redação do Evangelho de Mateus

No que diz respeito ao local da formação do Evangelho de Mateus, alguns lugares são sugeridos para esse importante empreendimento. As regiões (cidades) sugeridas são: Jerusalém ou Palestina, Cesareia Marítima, Alexandria, Edessa, província da Síria, Tiro, Séforis ou Tiberíades, Antioquia da Síria, Pella na Transjordânia, e a Síria¹⁶. Em cada situação, “os fundamentos são inadequados”¹⁷; tomando base em Mt 4,15 e Mt 19,1, sugeriu-se uma proposta à localidade ao leste do Jordão para o desenvolvimento do Evangelho, mas essa ideia é descartada¹⁸.

É evidente que o evangelista Mateus se dirigiu a uma comunidade de fala grega e em sua grande maioria de judeu-cristãos e essa perspectiva não descarta a possibilidade de um desenvolvimento na Palestina¹⁹. No entanto, dentre todas essas cidades listadas acima, Antioquia, província romana na Síria é a localidade preferida e mais aceita como o lugar em que foi escrito o Evangelho de Mateus, haja vista que, esta cidade é o lugar em que os cristãos são chamados pela primeira vez de cristãos e pela sua importância como um polo inicial do cristianismo na Síria²⁰.

¹⁴ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 5-6.

¹⁵ TURNER, D. L., Matthew, p. 14.

¹⁶ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 40; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 34; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 9; EVANS, C. A., Matthew, p. 5; CARNEIRO, M. S., Os Evangelhos sinóticos, p. 51-52; MARGUERAT, D., Jésus, le maître d’Israël, selon l’Evangile de Matthieu, p. 13.

¹⁷ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 39-40.

¹⁸ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 40.

¹⁹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 10; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 9; FRANCE, R. T., The Gospel of Matthew, p. 15.

²⁰ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 6; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 35; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 258; TALBERT, C. H., Matthew, p. 4.

1.3

A comunidade de Mateus

A comunidade de Mateus é um grupo de cristãos bem diversificado, formada por judeu-cristãos que ainda não haviam se desligado da sinagoga, Judeu-cristãos helênicos e um grupo de cristãos proveniente do mundo pagão do primeiro século²¹. A parcela de cristãos helenistas, pode ser denominada como anomistas, pois eram totalmente a favor da libertação da Lei de Moisés, e Mateus os censura afirmando que Jesus não veio anular a Lei (Mt 5,17)²².

A comunidade mateana tinha uma característica missionária, ela estava comprometida com a propagação do Evangelho de Cristo e isto pode ser observado a partir do discurso missionário de Mt 10²³. Este grupo cristão também estava em confronto direto com o judaísmo formativo farisaico²⁴; “a comunidade de Mateus conhece muito bem as tradições dos antepassados, sabedora dos preceitos, costumes e normas dos judeus, e encontra muita oposição e dificuldade para mudar suas convicções”²⁵.

A comunidade de Mateus estava centrada em uma grande Metrópole, com aspectos de uma formação organizada, composta de ministérios e emprego de medidas disciplinares (Mt 18)²⁶. Esse grupo mateano não era um conjunto de pessoas com o mais baixo nível social, mas uma representação de uma sociedade urbana e de boa educação²⁷. É nessa comunidade que surge o Evangelho de Mateus, e o seu autor. Porém, não há como precisar a autoria deste evangelho sendo de autoria de Mateus, um dos Doze, já que não há uma marca autoral no primeiro Evangelho. O que se compreende é que ele é “um sujeito concreto, judeu-cristão,

²¹ VIELHAUER, P., *Literatura cristã primitiva*, p. 395; GRILLI, M.; LANGNER, C., *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 9; HAGNER, D. A., *Matthew 1–13*, p. 71; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 253; LUZ, U., *Studies in Matthew*, p. 244; VILJOEN, F. P., *The Matthean community according to the beginning of his gospel*, p. 242-246; BYRSKOG, S., *A New Quest for the Sitz im Leben: social memory, the Jesus tradition and the gospel of Matthew*, p. 319-336; RUNESSON, A., *Rethinking early Jewish-Christian relations*, p. 95-132; STANTON, G. N., *Revisiting Matthew's Communities*, p. 376-394.

²² BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., *Os Evangelhos (I)*, p. 40; SHIN, I. C., ‘The Matthean community’s state of coexistence between Jews and Gentiles’, p. 1-8.

²³ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., *Os Evangelhos (I)*, p. 41.

²⁴ BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*. p. 985; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 257.

²⁵ MAZZAROLO, I., *Evangelho de São Mateus*, p. 5; CUVILLIER, E., *Torah Observance and Radicalization in the First Gospel*, p. 145; STANTON, G. N., *The Gospel of Matthew and Judaism*, p. 264-284.

²⁶ CARTER, W., *O Evangelho de São Mateus*, p. 48.

²⁷ CARTER, W., *O Evangelho de São Mateus*, p. 48.

bem instruído nos moldes dos escribas e que, provavelmente, nos deixou uma descrição de seu trabalho ao apresentar o “escriba que se tornou discípulo do Reino dos céus”²⁸.

1.4

A teologia mateana

A teologia de Mateus é bem elaborada, ela está composta pela cristologia, eclesiologia e escatologia e tem dois núcleos centrais: Jesus como o Cristo e a proclamação do Reino de Deus na pessoa e obras de Jesus²⁹. A cristologia já está presente em Mt 1,1 “Βίβλος γενέσεως Ἰησοῦ **Χριστοῦ** υἱοῦ Δαυίδ υἱοῦ Ἀβραάμ/*livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.*”³⁰. A narrativa da infância de Mt 1–2, considerada como pré-história, é fundamental para a cristologia do autor mateano, pois Jesus é apresentado com o título cristológico “Filho de Davi”, tendo em vista o seu público compreender a missão messiânica de Cristo Jesus; as perspectivas cristológicas contidas em Mt 1–2 mesclam-se em conceitos judaicos e helenistas, utilizadas por Mateus, para apresentar a Jesus como o filho de Davi e de Abraão, dando assim, legitimidade para declarar que ele é o Rei dos judeus (Mt 2.2)³¹.

As características cristológicas do escrito de Mateus podem ser vistas a partir dos títulos que foram atribuídos a Jesus para ensinar a sua comunidade a respeito de sua messianidade. Um título que corrobora com a cristologia de Mateus é a expressão “Ἰησοῦ Χριστοῦ υἱοῦ Δαυίδ/*Jesus Cristo Filho de Davi*”, está presente no início do Evangelho (Mt 1,1.16-18); é uma titulação de importância e está estritamente ligado ao nome Messias³². A aclamação “υἱοῦ Δαυίδ/*Filho de Davi*”

²⁸ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 253.

²⁹ VIVIANO, B. T., O Evangelho Segundo Mateus, p. 134; FUEYO, F. R., La diversidad teológica en el Nuevo Testamento, p. 271-284.

³⁰ SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 559; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 157; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 17; HARE, D. R. A. Matthew, p. 3-4.

³¹ VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p. 391; TURNER, D. L., Matthew, p. 31; CARNEIRO, M. S., Os Evangelhos sinóticos, p. 271.

³² GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 17; TURNER, D. L., Matthew, p. 32; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 24; MÜLLER, M., The theological interpretation of the figure of Jesus in the Gospel of Matthew, p. 157-173.

aponta para Jesus como aquele que é enviado por Deus ao povo de Israel como o cumpridor das promessas antigas³³.

Um outro epíteto relacionado a pessoa de Jesus é o termo “κύριος/*Senhor*”. O evangelista Mateus tinha conhecimento da tradução grega dos setenta da Bíblia Hebraica e se apoiou nela para usar “κύριος/*Senhor*” como o nome de Deus, basicamente em “citações e alusões ao Antigo Testamento (1,20.22; 2,13.15)”³⁴. Neste autor, é uma marca registrada para demonstrar como Jesus foi aclamado pelos personagens citados por ele em seu Evangelho. Em sua maioria, “κύριος/*Senhor*” aparece no vocativo e nunca é pronunciado pelos opositores de Jesus, mas sim, por seus discípulos e seguidores como Pedro e por aqueles que esperavam por uma cura através de seu poder (Mt 8,21.25; 26,32; 14,28.30; 16, 22; 17,4; 9,26; 20,30-31; 15,22.25.27)³⁵.

Dentre os quatro Evangelhos, Mateus é o único que traz a palavra “ἐκκλησία/*igreja*” (Mt 16,18; 18,17-18)³⁶. Em uma dessas menções o evangelista faz alusão direta ao novo povo de Deus³⁷. É possível observar no primeiro Evangelho, uma eclesiologia com aspectos do Reino de Deus; porque a forma e a estrutura da Igreja precisam ser totalmente diferente das possibilidades de domínios do homem sobre o homem, nesse sentido, “o modelo de Jesus é a libertação do homem, e o modelo do império é a sua escravidão”³⁸.

Dois pontos são fundamentais na eclesiologia de Mateus. o primeiro ponto tem a ver com a importância que o autor registra sobre a “ἐκκλησία/*igreja*” estar intrinsecamente comprometida com a comunhão com Jesus Cristo; nessa comunidade, não deve haver nem divisões e nem diferenças entre o maior e os pequeninos (Mt 18,1-5.6-9.10-14), pois nela, é preciso ter uma “imitação da

³³ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 226.

³⁴ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 229; TURNER, D. L., Matthew, p. 32. Segundo este autor, o termo “κύριος/*Senhor*” ocorre cerca de seis mil vezes na Septuaginta para traduzir o tetragrama sagrado YHWH.

³⁵ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 229; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 18.

³⁶ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 19; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 62; TURNER, D. L., Matthew, p. 46; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 25; MORRIS, L., The Gospel according to Matthew, p. 4; VIVIANO, B. T., O Evangelho Segundo Mateus, p. 134.

³⁷ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 229; ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S., Matthew, p. 153.

³⁸ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p. 5.

unidade e da comunhão que há entre o Pai e o Filho. Fundamentalmente, a comunidade de Mateus é uma comunidade de irmãos”³⁹.

O segundo ponto fundamental em Mateus é o conceito de “μαθητής/*discípulo*”, que deve ser analisado de maneira cuidadosa em suas referências dentro do contexto mateano, já que a palavra “ἀπόστολος/*apóstolo*” é mencionada apenas uma vez em todo o Evangelho (Mt 10,2); enquanto “μαθητής/*discípulo*” é mencionado em todo o texto mateano⁴⁰. A figura discipular mais emblemática em Mateus, é o apóstolo Pedro – ele é apresentado como aquele que fala em nome dos discípulos; é chamado de “πρῶτος/*primeiro*” entre os outros chamados (Mt 10,2)⁴¹; afirma que Jesus é o Cristo (Mt 16,18); é chamado de pedra que alicerça a igreja (Mt 16,20); e é o único dos discípulos que nega expressamente a Jesus (Mt 26,70-75); Mateus não se prende apenas ao lado positivo de Pedro como um dos Doze, mas também registrou o seu aspecto negativo de sua vida como seguidor de Cristo no início de seu ministério⁴².

No que diz respeito à escatologia mateana, Mateus realizou um trabalho bem desenvolvido e claro sobre a vinda de Jesus. Mais uma vez, o autor mateano é o único que faz menção da palavra “παρουσία/*parusia*” para se referir ao retorno do Filho do Homem (Mt 24,3.27.37.39)⁴³. Duas verdades podem ser afirmadas sobre a escatologia em Mateus: a primeira verdade é que o grupo de fiéis do primeiro Evangelho é sabedor da iminência da “παρουσία/*parusia*” de Jesus (Mt 24,32-36), e a segunda verdade é que este mesmo grupo reconhece o aspecto tardio dessa “παρουσία/*parusia*”⁴⁴.

³⁹ TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 45; SCHNELLE, U. Teologia do Novo Testamento, p. 560; GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 18; HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 62.

⁴⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 234; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 19; HARTIN, P. J., Disciples as authorities within Matthew's Christian-Jewish community, p. 389-404; LOPES, J. R.; ULLOA, B. A. N., O discípulo segundo Mateus, p. 103-125.

⁴¹ CULLMANN, O., Pedro. Discípulo, Apóstolo, Mártir, p. 28; OVERMAN, J. A., O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo, p. 137.

⁴² VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 12; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 236-238; CULLMANN, O., Pedro. Discípulo, Apóstolo, Mártir, p. 29; OVERMAN, J. A., O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo, p. 138-140; KINGSBURY, J. D., The figure of Peter in Matthew's Gospel as a theological problem, p. 67-83; NOGUEIRA, P., Pedro, la piedra y la autoridad fundante en el cristianismo primitivo, p. 66-74; PALLARES, J. C., Lo propio de San Mateo en el relato de la pasión, p. 101-102.

⁴³ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 242.

⁴⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 63; SCHNELLE, U., Teologia do Novo Testamento, p. 594-595.

Mateus não teve o objetivo de escrever uma escatologia especulativa, mas transmitiu essas ideias futuras para desenvolver em seus leitores a permanecerem com um comportamento de “prudência e praticar o bem”⁴⁵. O discurso escatológico mateano tem um aspecto de juízo, em que ele, Jesus Cristo, será o supremo juiz universal, que não apenas traz o seu julgamento, mas ainda, um sentimento de arrependimento aos homens, porque o objetivo do juízo é um caminho para o retorno a Cristo⁴⁶.

1.5 Propósitos do Evangelho de Mateus

Os propósitos que levaram Mateus escrever à sua comunidade podem ser diversos. Diferente de João, que afirma “ταῦτα δὲ γέγραπται ἵνα πιστεύ[σ]ητε ὅτι Ἰησοῦς ἐστὶν ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, καὶ ἵνα πιστεύοντες ζωὴν ἔχητε ἐν τῷ ὀνόματι αὐτοῦ./estas coisas, porém, foram escritas para que crendo que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,31), demonstrando que esse foi o objetivo de seu Evangelho; em Mateus, não há explicitamente um texto que expresse o seu objetivo⁴⁷.

Mesmo com essas considerações, no Evangelho de Mateus, é possível identificar que um dos propósitos do autor é transmitir a mensagem salvadora de Jesus, que foi propagada por ele no seu ministério terreno⁴⁸. Outro objetivo desse livro foi o de oferecer um material catequético para a formação dos que já pertenciam a Cristo; dos novos cristãos e daqueles que posteriormente abraçariam a fé em Jesus⁴⁹. Categoricamente, o texto mateano serviu para orientar os discípulos de Jesus e a orientação da comunidade⁵⁰. A formação de um texto apologético e a

⁴⁵ TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 48; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 243.

⁴⁶ CUVILLIER, E., O Evangelho Segundo Mateus, p. 102.

⁴⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 51; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 50; TURNER, D. L., Matthew, p. 5; MALAN, G. J., Is rewritten Bible/Scripture the solution to the Synoptic Problem?, p. 1-10; WOODS, A. M., The Purpose of Matthew’s Gospel (Part I), p. 5-20; WOODS, A. M., The Purpose of Matthew’s Gospel (Part II), p. 5-42.

⁴⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 51; TURNER, D. L., Matthew, p. 1.

⁴⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 58; MILLOS, S. P., Mateo, p. 51; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 50; DEIROS, P., A. Mateus o Evangelho do reino, p. 32.

⁵⁰ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 23-24.

construção de uma propaganda missionária, também foram usados como propósitos para a realização desta obra⁵¹.

⁵¹ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 58; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 50.

2

Status Quaestionis

Neste capítulo, desenvolvemos a história da interpretação de Mt 12,31-32, sobretudo no que diz respeito a segunda metade do século XX e início do século XXI. Os comentários e artigos escolhidos para essa análise não de tratar apenas sobre a questão da “ἡ πνεύματος βλασφημία/a blasfêmia contra o Espírito Santo”, e se realmente há algum pecado que não haja perdão em Deus. Nesse sentido, ocupam-se apenas dos vv.31-32 e não de toda a perícopes de Mt 12,22-32, para a qual tem-se um capítulo próprio em nossa pesquisa para a elaboração de sua exegese.

2.1

Comentários

2.1.1

Randolph Vincent Greenwood Tasker

Em 1961, Tasker escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus na língua inglesa. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicado no Brasil em 1980, e incorporada a uma coleção de comentários ao Novo Testamento⁵². Ele aceita a perícopes de Mt 12,22-37 e não faz nenhuma divisão de seções desta passagem em seu comentário⁵³.

Tasker afirma a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo “a voluntária recusa em aceitar esta prova, ou a atribuição daquilo que era obra essencialmente divina à influência satânica, era não somente absurda, mas suprema blasfêmia”, a perversidade de seus corações maus, que até os que acreditavam que Jesus era o filho de Davi, eles os censuravam⁵⁴.

Segundo Tasker, já havia uma condenação anunciada no profetismo antigo. Os que chamavam ao mal de bem, e a luz de trevas, estavam propensos a receber sobre si o “ai” de YHWH (Is 5,20)⁵⁵. Aos fariseus, que chamavam as obras realizadas por Jesus de obras de Satanás, foi considerado por Jesus como “blasfêmia

⁵² TASKER, R. V. G., Mateus.

⁵³ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 89.

⁵⁴ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 89.

⁵⁵ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 102.

contra o Espírito Santo”⁵⁶. O autor acredita que a consequência para o pecado de blasfêmia para os que permanecem nele, “ficarão sem perdão para sempre”⁵⁷.

De acordo com Tasker, os pecados cometidos pelos homens, incluindo a blasfêmia contra o Filho do Homem, são perdoados. No entanto, “o pecado daquele que voluntariamente rejeita a verdade que uma vez viu, ou que a denúncia como má quando sabe que é boa (31,32)”, não será perdoado nem nesta era e nem na era vindoura⁵⁸.

O autor toma como exemplos dois apóstolos de Jesus, Pedro e Judas Iscariotes, o que traíra Jesus. Para Tasker, Pedro cometeu a blasfêmia contra o Filho do Homem ao tentar impedi-lo de cumprir o seu propósito redentor, ao se colocar em seu caminho (Mt 16,22-23). Outra ocasião de blasfêmia de sua parte foi quando ele negou a Jesus por três vezes (Mt 26,69-75)⁵⁹. Esses fatos ocorridos na vida de Pedro demonstram a sua instabilidade e sua insensatez, porém, ele “não estava falando deliberadamente contra o Espírito Santo”, pois não havia nele um sentimento dividido sobre Jesus, e seu coração era fiel e permaneceu sendo discípulo de Jesus⁶⁰.

O outro discípulo, Judas Iscariotes, comportou-se de forma diferente a de Pedro. Ele em harmonia com a sua natureza carnal “estava permanentemente a serviço de Satanás”, e isto aconteceu quando ele ainda era um dos que pertenciam ao grupo dos Doze. A tudo isso, Tasker afirma que, Judas ao trair e vender Jesus (Mt 26,14-16), e tendo o seu comportamento voltado para Satanás, enfatizavam “que ele estava falando contra o Espírito Santo, e assim prontamente se tornou instrumento de Satanás, e traiu aquele que estava trazendo o reino de Deus no poder do Espírito Santo”⁶¹.

2.1.3 Wolfgang Trilling

Em 1962, Trilling escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus na língua alemã. Este mesmo comentário foi traduzido para o português e publicado

⁵⁶ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 102.

⁵⁷ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 102.

⁵⁸ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 102.

⁵⁹ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 102.

⁶⁰ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 102.

⁶¹ TASKER, R. V. G., Mateus, p. 103.

no Brasil em 1968⁶². O autor delimitou a perícopes de Mt 12,22-37, e não fez em seu trabalho nenhuma divisão em seções do texto em apreço⁶³.

Trilling afirma que Mt 12,31-32 aborda sobre um pecado específico que é a blasfêmia contra o Espírito Santo. Para ele, a blasfêmia é um pecado “que é sempre dirigido contra coisas santas, contra coisas divinas”, diferenciando dos outros pecados que “se dirigem contra homens e valores humanos”⁶⁴. Por esse motivo, Trilling distingue a blasfêmia contra o Espírito Santo e as blasfêmias feitas contra Jesus e percebe que não é tão simples entender “como é que o pecado contra o Filho do Homem pode ser perdoado e o outro não”⁶⁵.

Segundo Trilling, a blasfêmia contra o Espírito Santo seria um ataque “que se dirige diretamente a Deus”, e o blasfemador sabe conscientemente do que se trata, pois, aquele que ataca, blasfema contra o Espírito Santo, sabe quem ele é⁶⁶. É evidente que tanto os fariseus daquele tempo quanto os homens dos dias atuais não conseguem ver a Deus e nem ao Espírito Santo, mas de alguma forma os conhece, e por isso, não haverá possibilidade de perdão⁶⁷.

Trilling percebe que o texto de Mt 12,31-32 deixa claro que “Jesus proclama solenemente ter expulsado os demônios em nome de Deus”⁶⁸, e que blasfemar contra Deus naquele momento foi blasfemar contra o próprio Espírito Santo, e para esse pecado, a sentença é a exclusão da possibilidade de concerto, pois o que comete tal pecado já extingue de si as “condições de ser perdoado” não somente neste mundo, mas também no mundo vindouro, porque “ele se divorciou de Deus”⁶⁹.

2.1.4

David Michael Stanley

Em 1963, Stanley escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus em língua inglesa. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 1975⁷⁰. Stanley divide a perícopes de Mt 12,22-32 em três partes: a primeira

⁶² TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus.

⁶³ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 286-294.

⁶⁴ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 290.

⁶⁵ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 290.

⁶⁶ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 291.

⁶⁷ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 291.

⁶⁸ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 291.

⁶⁹ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 291.

⁷⁰ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus.

parte abrange os vv.22-24 (*a blasfêmia farisaica*), a segunda parte contém os vv.25-29 (*nova explicação dos milagres de Jesus*) e a terceira parte abarca os vv.30-32 (*Jesus, “sinal de contradição”*)⁷¹.

No que tange à blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32, Stanley afirma que “é muito mais a recusa que o homem faz da salvação que Deus lhe oferece pelo Espírito que age em Jesus”⁷². Essa recusa por parte do homem demonstra o seu total fechamento à graça de Jesus, que operava e opera ainda hoje por meio do Espírito o processo de salvação e a rejeição dessa graça coloca-o “fora do reino”, sem perdão dos seus pecados⁷³.

Para Stanley, o homem está entre duas perspectivas, a de Jesus ou a dos demônios. A primeira, tem como segurança o perdão dos pecados garantido por Cristo, pois a sua graça não foi recusada. A segunda, envolve aqueles que negam e rejeitam a chegada do reino de Deus e podem estar a um passo da blasfêmia contra o Espírito Santo e, não alcançarão o perdão garantido pela graça de Cristo, pois esse pecado é imperdoável⁷⁴.

Stanley afirma que, “falar mal contra o Espírito Santo” é o pecado que não tem perdão⁷⁵. Para ele, a blasfêmia contra o Espírito Santo não pode ser entendida como se o “Espírito fosse superior a Deus”, pois não há entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo este sentimento de superioridade, mas, é porque estão “atribuindo à missão de Jesus uma influência do demônio”⁷⁶, e contra esse pecado tão terrível, não tem perdão nem aqui e nem no futuro⁷⁷.

2.1.5 Jean Radermakers

Em 1972, Radermakers escrevia na língua italiana o seu comentário bíblico do Evangelho de Mateus, com aspectos de uma leitura pastoral⁷⁸. O autor aceita a perícopes de Mt 12,22-37 e a divide em duas partes: a primeira parte consiste dos

⁷¹ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 93-94.

⁷² STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 95.

⁷³ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 95.

⁷⁴ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 95.

⁷⁵ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 95.

⁷⁶ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 94-95.

⁷⁷ STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 95.

⁷⁸ RADERMAKERS, J., Lettura pastorale del vangelo di Matteo.

vv.15-23 (*Jesus que cura: o juiz-servo e o povo*), e a segunda parte compreende os vv.24-37 (*o discernimento de espíritos por meio do advento do reino de Deus*)⁷⁹.

Radermakers expõe que nas afirmações de Jesus em Mt 12,31-32 está o tema do pecado que pode ser perdoado ou não. O pecado e a blasfêmia que pode ser perdoado é aquele que se comete contra o Filho do Homem, e contra os homens comuns, mas o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, não pode ser perdoado⁸⁰.

Para Radermakers, blasfemar contra o Espírito Santo é “rejeitar voluntariamente a revelação, quando é sentida diante de Jesus como um convite urgente do fundo do coração, e afirmar que não precisa da salvação”⁸¹. Esse ato diante de Deus, que demonstra uma deliberada recusa da graça de Deus, rejeitando assim, o próprio perdão, faz com que o Senhor nada possa fazer a respeito do blasfemador⁸².

Segundo Radermakers, a blasfêmia revelava no Antigo Testamento “o cúmulo da impiedade e caracterizava a atitude pagã, era punida com a morte”⁸³. A blasfêmia é, na verdade, uma conduta definitiva, “manifesta o passado podre, ou mal, do homem que não se expõe ao perdão de Deus e se permite julgar sua ação”⁸⁴.

Radermakers compreende que a blasfêmia contra o Espírito Santo faz perceber “a profundidade do significado do termo palavra, como ato ou obra decisiva”⁸⁵, demonstrando o propósito do homem, o blasfemador, que surge de sua “realidade mais profunda, não encontrando perdão para si nem neste mundo e nem no mundo vindouro”⁸⁶.

2.1.6 Javier Pikaza

Em 1974, Pikaza escrevia o seu comentário e teologia sobre o Evangelho de Mateus, em língua espanhola. Este mesmo livro foi traduzido para o português e

⁷⁹ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.205-207.

⁸⁰ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.206.

⁸¹ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.207.

⁸² RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.207.

⁸³ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.207.

⁸⁴ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.207.

⁸⁵ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.207.

⁸⁶ RADERMAKERS. J., *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*, p.207.

publicado no Brasil em 1978⁸⁷. O autor não faz nenhuma divisão da perícopa de Mt 12,22-32, mas entende haver uma grande seção em Mt 11,2–16,20 e Mt 12,22-32 está inserida nesta parte. Pikaza considera esse conjunto de textos como “a missão de Jesus e o seu encontro com os fariseus à luz da experiência da Igreja”⁸⁸.

Pikaza afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo é alegar que as operações e as obras de Jesus têm uma origem perversa, satânica, e aquele que “não a aceita, fica só, nega a verdadeira salvação que lhe oferece”⁸⁹. Com isso, o homem fica na condição de não alcançar o perdão de Deus nem nesta vida e nem na vida futura⁹⁰.

Segundo Pikaza, o homem que blasfema contra o Espírito Santo “fechou-se com a sua vida iludida e com a sua morte”⁹¹, demonstrando que a sentença pronunciada em Mt 12,31-32 traz consequência não somente na presente era, mas também na era vindoura, o pós morte, configurando assim, uma história do que blasfema, sem a possibilidade do perdão⁹².

Pikaza continua a afirmar que o contexto em que foi proferido as palavras de Jesus em Mt 12,31-32, se referem realmente ao pecado contra o Espírito Santo. Segundo ele, o homem que peca está vivendo “sob o domínio de Satan, o diabo”, e, por esse motivo, é seu escravo, por praticar o mal⁹³. Porém, mesmo estes, que estão na prática do pecado, e mortos nele, são considerados como “abertos novamente, à esperança” do perdão, pois os seus hábitos pecaminosos não são considerados como blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão⁹⁴.

2.1.7

Rinaldo Fabris e Giuseppe Barbaglio

Em 1978, Giuseppe Barbaglio escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana. Esta mesma obra, foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 1990. Este livro é o primeiro volume de uma série de

⁸⁷ PIKAZA, J., Teologia de Mateus.

⁸⁸ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 68.

⁸⁹ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 75.

⁹⁰ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 75.

⁹¹ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 75.

⁹² PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 75.

⁹³ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 75.

⁹⁴ PIKAZA, J., Teologia de Mateus, p. 75.

comentários da Coleção Bíblica Loyola⁹⁵. Barbaglio aceita a perícopes de Mt 12,22-37 e a divide em duas partes: a primeira parte abrange os vv.22-30 (*o reino de Deus chegou*) e a segunda parte com os vv.31-37 (*a blasfêmia contra o Espírito*)⁹⁶.

Barbaglio afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo de Mt 12,31-32, fundamenta-se “em atribuir ao demônio os gestos libertadores de Jesus no confronto com os endemoniados, no negar estar presente nele a força de Deus, isto é, a ação do Espírito”⁹⁷. Jesus ao manifestar-se com os seus milagres e obras, demonstrou que ele é o ungido de Deus pelo Espírito Santo. Nesse sentido, os que negam as suas obras comentem o pecado imperdoável. Para Barbaglio, o pecado e a blasfêmia contra o Espírito Santo “é, pois, um pecado cristológico”⁹⁸, porque os que blasfemam se recusam a reconhecer por meio de quem Jesus opera as suas obras⁹⁹.

Segundo Barbaglio, não há dificuldade em evidenciar a causa da falta de perdão incondicionada à blasfêmia contra o Espírito Santo¹⁰⁰. O pecado específico desta blasfêmia “é o fechamento hermético do homem à ação salvífica de Deus em Cristo”¹⁰¹. Isto está implicado na decisão humana em rejeitar categoricamente “à hora decisiva”¹⁰². Esta situação acontece, porque Jesus Cristo é “a última palavra divina de salvação dirigida ao homem”¹⁰³.

Para Barbaglio, desprezar a palavra de salvação de Cristo na plenitude e na força transformadora do Espírito Santo, significa “excluir qualquer possibilidade de diálogo. Deus se torna mudo”¹⁰⁴. Nesse caso, elimina-se qualquer manifestação da graça divina, pois “foi refutado o gesto extremo”, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão¹⁰⁵.

⁹⁵ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I).

⁹⁶ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 201-204.

⁹⁷ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

⁹⁸ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

⁹⁹ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

¹⁰⁰ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

¹⁰¹ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

¹⁰² BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

¹⁰³ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

¹⁰⁴ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

¹⁰⁵ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 204.

2.1.8 Juan Mateos e Fernando Camacho

Em 1981, Mateos e Camacho escreviam um comentário ao Evangelho de Mateus, em língua espanhola. Esse trabalho foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 1993. Os autores delimitam a perícopes de Mt 12,22-37 e não a dividem em seus comentários¹⁰⁶.

Mateos e Camacho afirmam que qualquer pecado pode ser perdoado, no entanto, a má-fé, não. Segundo eles, “o pecador pode reconhecer sua situação, mas quem age de má-fé se nega a reconhecê-la”¹⁰⁷. Os que pecam contra o Filho do Homem sem compreender que ele seja o agente primário da salvação podem ser perdoados, porém, os que sabem e reconhecem que as obras de Jesus são salvadoras e libertadoras, mas as negam e as classificam como demoníacas, não alcançarão o perdão¹⁰⁸. Com isso, Mateos e Camacho entendem a blasfêmia contra o Espírito Santo o considerar as ações curadoras de Jesus como obras realizadas pelo poder de Satanás, por isso, os que praticam este pecado horrível não poderão ser consertados¹⁰⁹.

Segundo estes autores, os fariseus de Mt 12,31-32 tinham o conhecimento de que o Deus do Antigo Testamento que “liberta da opressão e se põe a favor dos pobres e oprimidos”¹¹⁰, mas por motivos egoístas, estes mesmos homens se colocam contra as ações milagrosas e libertadoras de Jesus, considerando-as como obras realizadas pelo maligno, tornando-se assim, pecadores que não mais conseguirão ser perdoados, nem neste século e nem no século futuro¹¹¹.

2.1.9 Joachim Gnilka

Em 1986, Gnilka escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus em dois volumes, em língua alemã. Este comentário foi traduzido para o italiano e publicado

¹⁰⁶ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

¹⁰⁷ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

¹⁰⁸ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

¹⁰⁹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

¹¹⁰ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

¹¹¹ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

na Itália em 1990¹¹². O autor aceita o texto de Mt 12,22-37 e não faz nenhuma divisão da perícopes em seus comentários.

Gnilka afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, “é, portanto, uma rejeição zombeteira da vinda do reino de Deus, que agora se passa no Espírito, ou a recusa blasfema daquele que abre aos homens a salvação final”¹¹³. Essa atitude blasfema do homem é constatada no procedimento ilustrado pelos fariseus, de maneira exemplar, deixando claro que a blasfêmia contra o Espírito Santo pode ter sido cometida nos tempos de Jesus e, ainda hoje, corre-se o risco de o pecado imperdoável ser praticado¹¹⁴.

Para Gnilka, o destaque está no duplo anúncio da blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32. Segundo ele, o que está em evidência não é qualquer pecado ou blasfêmia, nem mesmo os que são cometidos contra Jesus, o Filho do Homem, pois estes pecados são perdoáveis¹¹⁵. A ênfase recai mesmo é sobre a “blasfêmia contra o Espírito ou a palavra dirigida contra o Espírito Santo”¹¹⁶, porque é um pecado imperdoável, uma falha que não possibilita o conserto, nem agora e nem no mundo vindouro¹¹⁷.

Para Gnilka, é a partir do ensinamento de Mt 12,31-32 que se entende a “concepção mateana do pecado imperdoável”¹¹⁸. Isto fica claro na intenção do evangelista, ao perceber que existe uma diferença entre os pecados e blasfêmias contra os homens e contra o Filho do Homem, que ainda conseguem ter uma abertura para o perdão, e o pecado e blasfêmia contra o Espírito Santo, no qual não há e nem haverá a possibilidade de perdão¹¹⁹.

2.1.10 Russell Norman Champlin

Em 1986, Champlin escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua portuguesa. Nesta obra, o autor examina versículo por versículo, tomando

¹¹² GNILKA, J. Il vangelo di Matteo.

¹¹³ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 668.

¹¹⁴ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 668.

¹¹⁵ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 667.

¹¹⁶ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 667.

¹¹⁷ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 667.

¹¹⁸ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 668.

¹¹⁹ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 668.

como base a crítica textual de Metzger¹²⁰. Champlin não faz nenhuma delimitação da perícopre de Mt 12,22-32, mas comenta todos os versículos deste capítulo.

Em relação à blasfêmia contra o Espírito Santo, Champlin afirma que a blasfêmia pode ser proferida a qualquer pessoa ou divindade, e quem pronuncia esse pecado, pode até ser perdoado, inclusive os que blasfemam contra Deus. Mas o autor salienta que “o perigo maior, não era a blasfêmia contra o nome de Cristo, pois esse pecado, embora sério, pode ser perdoado”¹²¹. No entanto, a blasfêmia contra o Espírito “é um pecado imperdoável”¹²².

Champlin apresenta algumas discussões sobre a interpretação do que seria a blasfêmia contra o Espírito santo de Mt 12,31-32. A primeira questão seria o “ato de não confiar em Cristo, que termina em juízo inevitável”¹²³. Essa ideia é refutada pelo próprio texto, pois Jesus não fala do confiar nele, mas “de atos hostis ao Espírito Santo”¹²⁴. A segunda proposta busca modificar a primeira, visto que expressa que “Jesus falou do fato de não crerem em Cristo, apesar de ele ter provado que suas obras eram inspiradas pelo Espírito Santo. Uma espécie de descrença arrogante”¹²⁵. Essa perspectiva tem mais amparo no texto do que a primeira ideia, porém, não demonstra de forma clara o que afirma Mt 12,31-32, como “um tipo de blasfêmia que visa ao Espírito Santo”¹²⁶.

A terceira questão é uma “modificação da segunda explicação, que aplica o texto mais ao Espírito Santo que a Jesus”¹²⁷. Essa ideia diz respeito ao homem que nega à ação influenciadora e a obra do Espírito Santo, que pode “convencer os pecadores de sua necessidade de aceitar a salvação em Cristo, visto que a influência do Espírito se tenha rejeitado definitivamente”¹²⁸. É possível ver uma verdade nessa máxima, e talvez isso aconteça, no entanto, esta premissa, não consegue transmitir o sentido real de Mt 12,31-32, que aborda “diretamente de um pecado cometido contra o Espírito Santo, e não só da rejeição à influência do Espírito Santo”¹²⁹.

¹²⁰ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 393.

¹²¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 413.

¹²² CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 413.

¹²³ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 413.

¹²⁴ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 413.

¹²⁵ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 413.

¹²⁶ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 413.

¹²⁷ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹²⁸ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹²⁹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

A quarta questão sugere que Mt 12,31-32 não mencione um pecado em particular, mas “um ato ou atos definidos que determinam um estado pecaminoso que consista na oposição determinada e voluntária contra a força e a obra patentes do Espírito Santo”¹³⁰. Esse pensamento, abrangeria a situação de que os que cometeram o pecado imperdoável “atribui as obras do Espírito Santo a Satanás, ou pelo menos não reconhece a atuação do Espírito Santo”¹³¹. Isto quer dizer, que neste ensinamento de Jesus, tanto a razão quanto as instruções religiosas a respeito de Deus revelam que “o Espírito Santo é o que operava por meio de Jesus”, mas os fariseus, com sua indignação contra o Filho do Homem, escolheram rejeitar os sinais dados por Deus e optaram em afirmar que Jesus operava por meio de Satanás, e não pelo poder do Espírito Santo¹³². Rejeitar o Filho não é suficiente para se considerar como pecado imperdoável, porém, é o caminho mais próximo à blasfêmia contra o Espírito Santo, que “consiste em atribuir a Satanás as obras do Espírito Santo”, e para isto, não tem perdão.¹³³

A quinta interpretação é uma variação da quarta ideia, porque traz uma perspectiva temporária, “que atribui intencionalmente a Satanás as obras feitas pelo Espírito Santo, apesar de terem sido realizadas por Cristo, quando ainda se achava na terra”¹³⁴. Esta afirmação transmite o pensamento em que o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, só poderia ser praticado nos dias de Jesus nesta terra, pois, “a natureza desse pecado exige a presença de Cristo, agindo em suas obras maravilhosas, as quais são atribuídas a Satanás”¹³⁵.

2.1.11 André Chouraqui

Em 1992, André Chouraqui escrevia a sua obra em língua francesa, traduzida para o português e publicada no Brasil em 1996, na qual ele analisa e considera a perícopes de Mt 12,22-32¹³⁶. O autor analisa Mt 12,1-50, não faz a delimitação da

¹³⁰ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹³¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹³² CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹³³ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹³⁴ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹³⁵ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 414.

¹³⁶ CHOURAQUI, A., A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus).

perícopes de Mt 12,22-32, mas divide todo o capítulo 12 em partes no seu comentário com o título “*as espigas colhidas*”¹³⁷.

Ao examinar Mt 12,31-32, que trata sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, Chouraqui vai direto ao ponto e afirma que o pecado imperdoável é o “não crer na pessoa, na palavra e nas obras de Jesus”¹³⁸. Para ele, a blasfêmia contra o Espírito Santo acarretaria “maldição sem perdão a imensa maioria do gênero humano”¹³⁹.

Chouraqui acredita que Jesus ao falar da blasfêmia contra o Espírito traz uma questão muito enigmática. O autor afirma que o pecado contra o Espírito Santo é uma atitude dirigida contra o próprio reino de Deus, por isso, o homem que comete esse pecado, se torna alguém destituído de qualquer tipo de perdão e fica fora do reino de Deus¹⁴⁰.

Para Chouraqui, os endemoniados trazidos até Jesus reconhecerem quem ele era e quem operava através dele, e mediante a isto, demonstraram medo, mas não blasfêmia. Por outro lado, os fariseus, os que estavam sempre em confronto com Jesus, não queriam, por algum motivo próprio, reconhecer o Espírito que operava por meio de Cristo, não expressaram medo algum, e blasfemaram contra o Espírito Santo, ficando assim, sem a possibilidade de perdão, tanto nesta vida quanto na vida futura¹⁴¹.

2.1.12 Craig L. Blomberg

Em 1992, Blomberg escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa¹⁴². Este autor analisa Mt 12,22-50 e divide este texto em três partes: a primeira parte é a perícopes de Mt 12,22-37 (*poderes exorcistas de Jesus*); a segunda parte é composta pelos vv.38-42 (*o sinal de Jonas*); a terceira parte abarca os vv.43-50 (*controvérsia familiar*)¹⁴³.

Blomberg afirma que “a blasfêmia contra o Espírito Santo é nada mais ou menos que a rejeição implacável de seus avanços”¹⁴⁴. No entanto, é impossível

¹³⁷ CHOURAQUI, A., A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 171-183.

¹³⁸ CHOURAQUI, A., A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 178.

¹³⁹ CHOURAQUI, A., A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 178.

¹⁴⁰ CHOURAQUI, A., A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 178.

¹⁴¹ CHOURAQUI, A., A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus), p. 178.

¹⁴² BLOMBERG, C. L., Matthew.

¹⁴³ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 201-210.

¹⁴⁴ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204.

identificar uma pessoa que tenha cometido esse pecado tão terrível, pois apenas Deus esquadrinha os corações e os intentos dos seres humanos¹⁴⁵.

Segundo Blomberg, apenas os inimigos de Jesus, os fariseus, dentro do que Cristo pronunciou e Mt 12,31-32, correriam um grande risco de cometer esta blasfêmia¹⁴⁶. O que eles estavam fazendo era rejeitar a ação do Espírito de Deus em Jesus, por isso, não haveria “mais ninguém em todo o cosmos que possa prover salvação”¹⁴⁷, porque o pecado contra o Espírito Santo não possibilita o perdão.

Blomberg continua afirmando que um cristão obediente e fiel, que suspeita ter “cometido o pecado imperdoável demonstra uma preocupação pelo bem-estar espiritual que, por definição prova que não o cometeu”¹⁴⁸. Porém, este crente confesso deve levar a sério ao que Jesus advertiu, para ter cautela ao “atribuir as ações de outros cristãos professos ao diabo”¹⁴⁹.

Para Blomberg, o v.32, de forma intencional, volta a falar da diferença entre os pecados perdoáveis e o pecado imperdoável. Ele enfatiza que, imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, é o mais terrível, pois o final do v.32 alega que o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão “porque a falta de perdão em vista aqui, é eterna”¹⁵⁰.

2.1.13

Donald A. Hagner

Em 1993 Hagner escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa¹⁵¹. O autor não considera Mt 12,22-32 como uma perícopes única, mas delimita este texto em duas perícopes diferentes: o primeiro texto é Mt 12,22-30 (*Beelzebul pode estar contra si mesmo*); o segundo texto é Mt 12,31-32 (*a questão do pecado imperdoável*)¹⁵².

Hagner afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo, no contexto de Mt 12,31-32 é “atribuir a obra do Espírito de Deus a Satanás”¹⁵³, e a consequência desse pecado é “minar a possibilidade de experimentar a realidade da salvação de

¹⁴⁵ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204.

¹⁴⁶ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204.

¹⁴⁷ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204.

¹⁴⁸ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204.

¹⁴⁹ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204.

¹⁵⁰ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 203-204.

¹⁵¹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13.

¹⁵² HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 339-348.

¹⁵³ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

Deus”¹⁵⁴. Isto implica na afirmação de que, o pecado e a blasfêmia contra o Espírito Santo “torna impossibilitada o perdão”¹⁵⁵.

Segundo Hagner, falar mal, se levantar contra ou caluniar, têm o mesmo sentido funcional que a blasfêmia. Nesse sentido, Jesus, o Filho do Homem, é blasfemado, mas em um grau perdoável, e “não tão moralmente culpável quanto a blasfêmia do Espírito”¹⁵⁶. A blasfêmia contra o Espírito Santo caracteriza “a rejeição final da atividade salvífica de Deus”¹⁵⁷, e nesse caso, aquele que comete o pecado contra o Espírito Santo é bem mais culpável, pois praticou algo que não será perdoado “nesta era ou na próxima”¹⁵⁸.

Para Hagner, a blasfêmia contra o Espírito Santo engloba a injúria do Filho do Homem, ou seja, o “opor-se ao Espírito Santo é opor-se a Jesus e sua missão”¹⁵⁹, mas a blasfêmia contra o Cristo, não deveria, mesmo que possa envolver, “algo tão catastrófico como a blasfêmia contra o Espírito Santo”¹⁶⁰. Porém, nos gestos dos fariseus, sua oposição a Jesus, tragicamente “terminou na blasfêmia do Espírito Santo”¹⁶¹.

2.1.14 Fritz Rienecker

Em 1994, Rienecker escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua alemã. Essa mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil, em 1998¹⁶². O autor não considerou como única a perícopes de Mt 12,22-32, mas viu duas perícopes neste texto: a primeira é Mt 12,22-30 (*o ódio traz consigo as mais terríveis consequências*); a segunda é Mt 12,31-32 (*o que é “blasfêmia contra o Espírito Santo”?*)¹⁶³.

Rienecker afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo é o atribuir as “obras do Espírito Santo ao espírito maligno”¹⁶⁴. Para aquele que pratica este pecado, não há possibilidade de perdão. Para o autor, a blasfêmia contra o Espírito

¹⁵⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁵⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁵⁶ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁵⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁵⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁵⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁶⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁶¹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347.

¹⁶² RIENECKER, F., Evangelho de Mateus.

¹⁶³ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 205-208.

¹⁶⁴ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 209.

Santo foi o auge da medida do pecado que os homens de Mt 12,22-32 cometeram, por estarem “rejeitando a pregação apostólica, terem resistido teimosa e propositalmente a ação do Espírito de Pentecostes”¹⁶⁵.

Segundo Rienecker, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão, “não é a rejeição da verdade por causa de um mal-entendido, mas é o ódio a Deus propriamente dito”¹⁶⁶, de modo que, se considere a origem do Evangelho de Cristo como uma fraude, ou até mesmo, com origem a espírito maligno. “É o ódio àquilo que é santo”¹⁶⁷. O autor continua afirmando que, a blasfêmia acontece quando se nega, se anula e se destrói “conscientemente o impacto que o Espírito Santo produz em todo coração íntegro”¹⁶⁸. Neste contexto de blasfêmia contra o Espírito Santo, o homem que se fecha e rejeita a ação do Espírito em seu interior, comete o pecado imperdoável, e não consegue alcançar o perdão, nem neste mundo, nem no mundo que virá como se encerra o v.32¹⁶⁹.

2.1.15 Alberto Mello

Em 1995, Mello escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana com uma análise *midrashica* e narrativa da presente obra aqui apresentada¹⁷⁰. Mello examina Mt 12,1-50 e divide este capítulo em sete episódios (vv.1-8; vv.9-14; vv.15-21; **vv.22-37**; vv.38-42; vv.43-45; vv.46-50), e entende que os vv.22-37 é o centro desses ensinamentos, o mais extenso deles, e o seu final já está em transição para o tópico seguinte¹⁷¹.

Mello afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo “é precisamente a atribuição a Belzebu, à força do mal, o que na realidade é uma operação espiritual, isto é, do poder divino de cura e santificação”¹⁷². Nesse sentido, o Espírito Santo é o parâmetro principal para o discernimento que distingue as obras e as ações de Jesus, e é apenas pelo Espírito Santo que se “reconhece as coisas espirituais”¹⁷³. Para Mello, quando se nega o Espírito Santo “a própria fonte do perdão é

¹⁶⁵ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 209.

¹⁶⁶ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 209.

¹⁶⁷ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 209.

¹⁶⁸ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 209.

¹⁶⁹ RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 209.

¹⁷⁰ MELLO, A., Evangelho secondo Matteo.

¹⁷¹ MELLO, A., Evangelho secondo Matteo, p. 216.

¹⁷² MELLO, A., Evangelho secondo Matteo, p. 226-227.

¹⁷³ MELLO, A., Evangelho secondo Matteo, p. 227.

negada”¹⁷⁴, e a blasfêmia, o pecado contra o Espírito Santo, segue sem perdão, pois a sua essência é rejeitada deliberadamente¹⁷⁵.

Segundo Mello, o Espírito Santo é o “critério último de discernimento”, e este critério não passa, de certa forma, pelo Filho do Homem, e é aqui, que se percebe a diferença entre a blasfêmia contra o Filho do Homem e o pecado contra o Espírito Santo. A blasfêmia e todos os pecados contra Jesus são perdoáveis, no entanto, todo pecado e blasfêmia contra o Espírito Santo não é perdoável nem neste mundo e nem no mundo vindouro¹⁷⁶.

2.1.16 Donald Arthur Carson

Em 1995, Carson escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Este mesmo livro foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2010¹⁷⁷. O autor delimita o texto de Mt 12,22-37 e o divide em cinco partes: a primeira parte consta dos vv.22-24 (*o cenário e a acusação*); a segunda parte consiste dos vv.25-28 (*o reino dividido*); a terceira parte contém o v.29 (*a casa do homem forte*); a quarta parte abrange os vv.30-32 (*a blasfêmia contra o Espírito Santo*) e a quinta parte abarca os vv.33-37 (*a natureza e o fruto*)¹⁷⁸.

Carson afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo é a rejeição da verdade do Evangelho com “plena consciência de que é exatamente isso que o indivíduo está fazendo – ponderada, voluntária e conscientemente rejeitando a obra do Espírito, mesmo que não haja outra explicação para as expulsões de demônios realizadas por Jesus além dessa”¹⁷⁹.

Para Carson, blasfemar contra o Filho do Homem traz a ideia da rejeição do Evangelho, entretanto, o blasfemador pode chegar à conversão e receber o perdão da parte de Deus e de Cristo. Mas o pecado e a blasfêmia contra o Espírito Santo têm o sentido da rejeição deste Evangelho, não obstante, não há perdão para este terrível pecado¹⁸⁰.

¹⁷⁴ MELLO, A., Evangelho secondo Matteo, p. 227.

¹⁷⁵ MELLO, A., Evangelho secondo Matteo, p. 227.

¹⁷⁶ MELLO, A., Evangelho secondo Matteo, p. 227.

¹⁷⁷ CARSON, D. A., O comentário de Mateus.

¹⁷⁸ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 341-348.

¹⁷⁹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346.

¹⁸⁰ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346.

Para Carson, a diferença entre o pecado contra o Filho do Homem e a blasfêmia contra o Espírito Santo “não é que o filho do homem seja menos importante que o Espírito Santo, pois a distinção entre os dois é relativamente incidental”, porque blasfemar contra o Espírito Santo “também é uma rejeição das próprias afirmações de Jesus”¹⁸¹.

2.1.17 Warren Carter

No ano 2000, Carter escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa, com uma perspectiva sociopolítica e religiosa a partir das minorias. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 2002¹⁸². Carter delimita o texto de Mt 12,22-37, e não faz nenhuma divisão desta perícopes em seu trabalho.

Carter afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão, “é recusar reconhecer o trabalho libertador, escatológico de Deus, a caminho em Jesus”¹⁸³. Para este autor, o pecado imperdoável não tem a ver com uma falta de confiança, uma expressão mal colocada, ou até mesmo, um pecado não conhecido ou inconsciente, mas o pecado contra o Espírito Santo se caracteriza em uma “recusa contínua em reconhecer que as obras de Jesus impulsionadas pelo Espírito, ratificam a meta escatológica de Deus”¹⁸⁴. Tal pecado é cometido pelos líderes religiosos de Mt 12,24¹⁸⁵.

Segundo Carter, o que difere a blasfêmia contra o Filho do Homem e o pecado contra o Espírito Santo é que, uma palavra contra Jesus supõe uma demonstração de “um exemplo isolado de oposição ou fracasso. Isto é perdoável”¹⁸⁶. No entanto, a blasfêmia contra o Espírito Santo não insinua um “exemplo isolado, mas uma oposição persistente, contínua, de sempre falar contra o Espírito”¹⁸⁷.

Este pecado realizado diretamente ao Espírito Santo, indica uma oposição permanente, que não possibilita enxergar que o Espírito Santo capacitou a Jesus

¹⁸¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346.

¹⁸² CARTER, W., O Evangelho de São Mateus.

¹⁸³ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

¹⁸⁴ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

¹⁸⁵ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

¹⁸⁶ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

¹⁸⁷ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

para realizar as suas obras, por isso, a blasfêmia contra o Espírito Santo, não é perdoável, porque “é uma rejeição contínua do trabalho de Deus”¹⁸⁸.

2.1.18 William Hendriksen

No ano 2000, Hendriksen escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Este mesmo comentário foi traduzido para a língua portuguesa e publicado no Brasil em dois volumes no ano de 2001¹⁸⁹. O autor não divide a perícopes de Mt 12,22-32, mas a considera como indo até o v.37¹⁹⁰.

Hendriksen afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo é atribuir a Satanás “o que o Espírito Santo através de Cristo está fazendo”¹⁹¹. Segundo este autor, os fariseus estavam cometendo este tipo de pecado terrível, de forma voluntária e deliberada. Além disso, havia um sentimento oposto nos homens que associavam as expulsões dos demônios por Jesus, pelo próprio Satanás, caracterizando assim, um “progresso no pecado” que culmina na blasfêmia contra o Espírito Santo¹⁹².

Para Hendriksen, o homem de coração arrependido não deve ficar contristado por ter uma vida de transgressão, “não há motivo para desespero”¹⁹³. É preciso compreender que estar perdoado significa que o pecador no passado “se arrependa verdadeiramente”¹⁹⁴. Nesse caso, o pecado daqueles que se arrependem é perdoável. Mas não foi assim com os fariseus, que sem nenhum sentimento de tristeza, “substituíram o arrependimento pelo endurecimento; a confissão pela conspiração”¹⁹⁵, tornam-se réus de seus delitos, “porque se indispõem a trilhar a vereda que conduz ao perdão”¹⁹⁶.

Segundo Hendriksen, “há perdão para todo gênero de irreverência desafiante, menos para um, como é evidente à luz do que Jesus diz” no v.31 sobre a palavra contra o Filho do Homem. Mas no que diz respeito à blasfêmia contra a pessoa do Espírito Santo, não há possibilidade de perdão nem neste tempo presente e nem no

¹⁸⁸ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

¹⁸⁹ HENDRIKSEN, W., Mateus.

¹⁹⁰ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 28.

¹⁹¹ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 36.

¹⁹² HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 36.

¹⁹³ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 36.

¹⁹⁴ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 36.

¹⁹⁵ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 36.

¹⁹⁶ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 36.

futuro, demonstrando assim, que o pecado indicado em Mt 12,32 jamais será perdoado¹⁹⁷.

2.1.19 Ulrich Luz

No ano de 2001, Luz escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Nesta obra, o autor faz comentários exegéticos aos capítulos 8–20 deste Evangelho e analisa a estrutura dos textos e apresenta uma história da interpretação dos versículos relevantes¹⁹⁸. O autor divide Mt 12 em duas grandes partes: a primeira são os vv.1-21 e a segunda parte, maior que a primeira abrange os vv.22-50, na qual está inserida a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, que Luz delimitou nos vv.22-37¹⁹⁹.

Luz não deixa claro em seu comentário o que ele entende sobre o que realmente seria o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo. Mas ele se aproxima, ou seja, aceita a ideia da interpretação que Atanásio fez sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, como sendo a “negação deliberada da divindade de Jesus por não-cristãos e hereges”, contudo, ele também afirma que o pecado contra o Espírito Santo é irreconhecível, isto é, sem à consciência de quem o pratica, pois, se “alguém tem o conhecimento e a consciência do pecado não blasfema o Santo Espírito”²⁰⁰.

Luz afirma que o ditado do v.32 pode ter sido utilizado diversas vezes para “apoiar as próprias reivindicações da verdade, para legitimar a igreja”²⁰¹. O dito de Mateus pode também ter servido para acabar com os oponentes da Igreja, principalmente os fariseus, mas é preciso entender se realmente o que foi dito no v.32 combina com a “boa expressão do Evangelho do governo de Deus e do amor de Deus”²⁰². Porque, o que pode ser visto no Evangelho de Mateus, é a diferença entre o que foi escrito no v.32, e o que Jesus ensinou no Sermão da Montanha, onde os seus “mandamentos” dado aos seus discípulos “devem proclamar e viver até o fim do mundo”²⁰³.

¹⁹⁷ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 35-36.

¹⁹⁸ LUZ, U., Matthew 8-20.

¹⁹⁹ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 197.

²⁰⁰ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 209.

²⁰¹ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 209.

²⁰² LUZ, U., Matthew 8-20, p. 209.

²⁰³ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 209.

Luz faz uma crítica ao que foi enunciado em Mt 12,32, com base na história da tradução, e afirma que, este pensamento não “produziu quase nenhum fruto do amor”, mas que existe um receio evangelístico nesse assunto do v.32, pois “preocupa-se que o perdão não se torne automático e que a santidade de Deus seja mantida antes da reivindicação humana do perdão”²⁰⁴.

2.1.20 James Montgomery Boice

Em 2001, Boice escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. O autor delimita a perícopes de Mt 12,22-37, e não faz nenhuma divisão no texto comentado²⁰⁵. Boice afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo é a “rejeição da obra do Espírito como aquele que liberta do mal, e considerar o bem, mal e mal, bem”²⁰⁶.

Segundo Boice, a recusa dos fariseus em crer no que eles estavam vendo e ouvido trouxe-lhes um grande perigo, pois “um pecado leva a outro, e a rejeição às vezes leva até a uma rejeição imperdoável”²⁰⁷. Este caso, era o que estava ocorrendo quando da sentença dita em Mt 12,31-32, que trouxe uma acusação de uma prática pecaminosa imperdoável, porque rejeitavam a obra libertadora de Jesus realizada pelo poder do Espírito Santo, identificando seu ministério com o agir de Satanás²⁰⁸. Neste caso, o pecado não tem perdão, pois “é um caso de distorção da realidade tão completamente que o arrependimento é impossível, e sem arrependimento não pode haver perdão”²⁰⁹.

Para Boice, a blasfêmia contra o Espírito Santo tem um paralelo com o que Paulo listou no primeiro capítulo de sua Carta aos Romanos, em que é feita uma escala decrescente do pecado. O que este autor entendeu é que “o principal problema ali é a rejeição da verdade”, ou seja, uma aprovação do mal, as ações pecaminosas estão certas e as boas obras, agora devem ser consideradas como más (Rm 1,18-20)²¹⁰. Estas coisas, se assemelham as mesmas obras feitas pelos fariseus

²⁰⁴ LUZ, U., Matthew 8-20, p. 210.

²⁰⁵ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 210-215.

²⁰⁶ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 214.

²⁰⁷ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 214.

²⁰⁸ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 214.

²⁰⁹ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 214.

²¹⁰ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 215.

de Mt 12,22-32, não acreditavam que “as boas obras de Jesus eram más”, não deixando uma abertura para o arrependimento e receberem a Jesus Cristo, porque neste contexto, “o arrependimento seria um ato irracional, portanto, impossível”²¹¹.

2.1.21 Manlio Simonetti

No ano de 2001, Simonetti escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Esta obra foi traduzida para o espanhol e publicada na Espanha em 2004, fazendo parte de uma coletânea de comentários expostos pelos Padres da Igreja e autores do período Patrístico²¹². Simonetti delimitou o texto de Mt 12,22-32 (*Jesus e o papel dos demônios*) e não fez nenhuma divisão da perícopes em seus comentários, apenas criou tópicos entre os versículos²¹³.

Simonetti estuda Mt 12,22-32 na perspectiva dos comentários feitos por alguns padres da Igreja a respeito do pecado contra o Espírito Santo. Este autor afirma que, o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, seria “a impenitência persistente e duradoura que continua a resistir absolutamente ao Espírito Santo mesmo após o batismo”²¹⁴.

Segundo Simonetti, Mt 12,31-32 condena a opinião dos opositores, os fariseus, e a todos os que concordam com os seus pensamentos, com uma diferença rigorosa, “prometendo o perdão para os pecados, mas negando o perdão para a blasfêmia contra o Espírito Santo”²¹⁵. O que os homens falam, ou as suas ações realizadas podem até ser perdoadas com amor e misericórdia, porém, não haverá compaixão para “aqueles que negam a Deus em Cristo”²¹⁶. Simonetti acredita que o pecado contra o Espírito Santo é imperdoável, porque não existe nada mais “imperdoável que negar que o que existe em Cristo é de Deus e privá-lo da natureza do Pai”²¹⁷. Sendo assim, o homem fica incondicionalmente longe do perdão divino, tanto neste mundo presente quanto no futuro, pois “todos os que estiverem

²¹¹ BOICE, J. M., *The Gospel of Matthew*, p. 215.

²¹² SIMONETTI, M., *Evangelio según San Mateo (1-13)*.

²¹³ SIMONETTI, M., *Evangelio según San Mateo (1-13)*, p. 323-346.

²¹⁴ SIMONETTI, M., *Evangelio según San Mateo (1-13)*, p. 324.

²¹⁵ SIMONETTI, M., *Evangelio según San Mateo (1-13)*, p. 330.

²¹⁶ SIMONETTI, M., *Evangelio según San Mateo (1-13)*, p. 330.

²¹⁷ SIMONETTI, M., *Evangelio según San Mateo (1-13)*, p. 330.

ultrajados com Cristo, é também em Deus, porque Deus está em Cristo e Cristo em Deus”²¹⁸.

Para Simonetti, a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada, nem quando haver algum tipo de arrependimento. Mas ele também questiona se há algum sentido nisso, pois o autor afirma que “essa blasfêmia também foi perdoada àqueles que se arrependeram. Muitos, pelo menos, que falaram contra o Espírito Santo, então, creram que tudo lhes foi perdoado”²¹⁹. Porém, contra essa possível ideia de perdão contra a blasfêmia do Espírito Santo, o autor afirma que, os judeus ignoravam quem era Jesus, tinham conhecimento do Espírito Santo e que eles “viveram na economia do Antigo Testamento, tinham perfeita ideia do Espírito Santo”, e por esse motivo, não poderiam dizer que não sabiam quem era o Espírito Santo, e a “blasfêmia contra Ele é imperdoável, e por ela sereis castigados”²²⁰.

2.1.22

Isidoro Mazzarolo

Em 2005, Mazzarolo escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, editado aqui no Brasil e em língua portuguesa. Esta mesma obra buscou analisar de forma exegética todo o conteúdo do livro mateano²²¹. O autor delimitou a perícopé de Mt 12,22-32 e a dividiu em duas partes: a primeira parte consiste dos vv.22-30 (*Jesus acusado de possesso*) e a segunda parte é constituída dos vv.31-31 (*o pecado contra o Espírito Santo*)²²².

Mazzarolo percebe no texto de Mt 12,31-32 uma distinção feita por Jesus de duas formas de pecado. O primeiro pecado seria a blasfêmia, sendo uma ação errada, “uma ofensa circunstancial, uma ruptura que se dá dentro de um quadro preciso no tempo”²²³. O segundo pecado é a blasfêmia contra o Espírito Santo, que segundo Mazzarolo, “é uma negação ao próprio Espírito”²²⁴.

Mazzarolo afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo “não pode ser perdoada porque existe na pessoa que a profere uma ação continuada no mal, uma

²¹⁸ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 330.

²¹⁹ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 331.

²²⁰ SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1–13), p. 331.

²²¹ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus. Em nosso trabalho, usamos o texto da segunda edição (2016), a qual, na verdade, é uma reimpressão do texto original, sem alterações.

²²² MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.189-192.

²²³ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191.

²²⁴ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191.

obstinação à conversão e mudança”²²⁵. Uma pessoa que escolhe viver no mal negando o bem e rejeita o “arrependimento do mal que praticou”²²⁶, este não alcançará o perdão. Porém, aquele que comete pecado por não ter um real conhecimento do que é certo, ou por não “ter condições de fazer melhor, este terá sua falta perdoada, pois, quer acertar”²²⁷. O que blasfema contra o Espírito Santo é alguém que “faz o mal como opção, não quer o perdão nem a conversão”, e isto é dito a respeito das atitudes dos fariseus, que se levantavam contra a proclamação do Evangelho do Reino e se opunham de forma deliberada “à Boa Nova”, e nesse sentido afirma o autor que, “a blasfêmia contra o Espírito Santo é a negação da revelação e da vontade do Pai”²²⁸. E contra isto, não haverá perdão.

2.1.23 Roberto Di Paolo

Em 2005, Di Paolo escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana. Esta obra utilizou o método da *Análise Retórica Bíblica Semítica* como ferramenta de sua exegese ao texto²²⁹. Ele considerou uma seção de Mt 12,22-50 e a dividiu em três sequências: a primeira sequência contém os vv.22-30 (*duas reações aos sinais de Jesus*), a segunda sequência abrange os vv.31-37 (*os frutos do homem*) e a terceira sequência é composta pelos vv.38-50 (*duas gerações em busca de Jesus*)²³⁰.

No que diz respeito à blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, Di Paolo afirma que é a rejeição e o “desprezar a justiça e a misericórdia de Deus”²³¹. Para esse tipo de pecado, não haverá a possibilidade de o homem ser perdoado nem nesta era e nem no século futuro, pois “quem rejeita Jesus como o príncipe dos demônios recusa obstinadamente o perdão dos pecados, a graça de Deus, na qual todos os pecados são perdoados”²³².

Para Di Paolo, a pessoa que fala contra o Espírito Santo, está blasfemando ao Espírito, que claramente é a “presença misteriosa que abre o coração do homem à

²²⁵ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191.

²²⁶ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191.

²²⁷ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191.

²²⁸ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191.

²²⁹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 6.

²³⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 147-206.

²³¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 213.

²³² DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 213.

salvação de Jesus Cristo e dá à alma do cristão a verdadeira profundidade do Filho de Deus”²³³, fazendo-o compreender todo o mistério redentor de Cristo pelo Espírito Santo, que habita dentro de quem aceita e não rejeita sua presença.

Segundo Di Paolo, quando alguém blasfema contra o Espírito Santo, Ele deixa de permanecer no homem e não haverá “nenhum sentido de Deus, nenhuma luz que o conduza à salvação”²³⁴. A denúncia feita por Jesus em Mt 12,31-32, traz consigo uma antecipação da “situação escatológica na terra, é para levar o ouvinte à conversão, à salvação”²³⁵.

2.1.24 Johann Peter Lange e Philip Schaff

Em 2008, Lange e Schaff escreviam o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa, com uma introdução geral e homilética ao texto do primeiro Evangelho²³⁶. Estes autores examinaram o texto de Mt 12,22-45 e não fizeram nenhuma divisão na perícopé, mas analisando cada versículo presente²³⁷.

Para Lange e Schaff, a blasfêmia contra o Espírito Santo é “uma oposição aberta e plena à conversão, portanto, ao perdão”²³⁸. Os pecados dos homens podem ser perdoados, até a blasfêmia no seu sentido mais amplo. Porém, quando este pecado avança para a blasfêmia contra o espírito Santo, não tem mais perdão²³⁹. De acordo com estes autores, “a blasfêmia que ainda pode ser perdoada é uma espécie e um agravamento do pecado geral”²⁴⁰. No entanto, a blasfêmia contra o Espírito Santo, não é apenas dizer algo mau de forma geral, mas “difamando o que é santo, como, por exemplo de Cristo, o enviado por Deus”²⁴¹. A isto, não há a possibilidade de perdão em nenhum momento da história.

Segundo Lange e Schaff, uma pessoa que se levanta contra alguém com palavras caluniosas e maldosas, atribui-se a isso, o termo blasfêmia, por isso, tem-se “a difamação do que é bom, nobre e santo”, fazendo com que a blasfêmia seja o

²³³ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 213.

²³⁴ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 213.

²³⁵ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 213.

²³⁶ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew.

²³⁷ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 222-230.

²³⁸ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

²³⁹ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

²⁴⁰ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

²⁴¹ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

“clímax do pecado, mas do pecado que ainda pode ser perdoado”²⁴². Não obstante, aquele que se opõe à graça e à conversão, blasfemando contra o Espírito Santo, se fecha ao que é “a última e mais alta manifestação do Espírito de Deus, que completa e aperfeiçoa a revelação de Deus, e nessa capacidade, se manifesta na consciência humana”²⁴³.

Blasfemar contra o Espírito Santo, ou se rebelar contra ele, em “oposição ao melhor conhecimento e consciência de alguém, contra essa manifestação e influência do Espírito Santo, é cometer suicídio moral e destruir a suscetibilidade religiosa de alguém”²⁴⁴. E isto, pode levar o indivíduo a um juízo iminente, que vai do tempo presente, até a era vindoura, sem a chance de receber perdão.

2.1.25 Samuel Pérez Millos

Em 2009, Millos escrevia um extenso comentário ao Evangelho de Mateus em língua espanhola. Esta mesma obra se preocupou em analisar exegeticamente o texto grego de Mateus, fazendo comentários de cada capítulo e versículo²⁴⁵. Esse autor considera em sua obra, uma divisão do texto a partir de Mt 12,14-37, com quatro subdivisões: a primeira parte consiste nos vv.14-21 (*propósito contra Jesus*); a segunda parte é composta pelos vv.22-24 (*cura e confrontação*); a terceira parte abarca os vv.25-30 (*argumentação de Jesus*); e a quarta parte contém os vv.31-37 (*o pecado imperdoável*)²⁴⁶.

Millos afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo “é o ato consciente e voluntário que atribui ao diabo as obras de Cristo”²⁴⁷. Esse pecado imperdoável é a rejeição das provas que demonstram de onde se origina o poder com que eram realizados as obras e os milagres de Jesus²⁴⁸. Para Millos, os homens tinham conhecimento da procedência do poder de Jesus, e mesmo assim, faziam uma ligação de seu poder com Satanás, comprovando que os seus corações estavam fechados para Deus. Por isso, rejeitavam de forma voluntária e consciente, se

²⁴² LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

²⁴³ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

²⁴⁴ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

²⁴⁵ MILLOS, S. P., Mateo.

²⁴⁶ MILLOS, S. P., Mateo, p. 768-836.

²⁴⁷ MILLOS, S. P., Mateo, p. 816.

²⁴⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 816.

rebelando abertamente contra Jesus, ao “chamar Satanás de Espírito Santo e possuído por demônios o filho de Deus”²⁴⁹.

Millos entende que os homens de Mt 12,31-32, não estavam blasfemando pela ignorância, mas sim, pelo despeito. Não era um pecado que provinha de um pensamento que não entendia as coisas de Deus, mas sim, “de um coração que, sabendo que Deus atuava e que Jesus fazia as obras pelo Espírito, se negavam voluntariamente a aceitá-lo, e procuravam que outros seguissem seus passos”²⁵⁰. Essa atitude de rejeição voluntária a Deus “cerrava a porta da possibilidade do perdão”²⁵¹, não porque a obra do calvário não tenha sido eficaz, e nem pela falta da “graça perdoadora de Deus, mas sim, porque priva ao que o comete voluntariamente a disposição para ser perdoado”²⁵².

2.1.26 Massimo Grilli e Cordula Langner

No ano de 2011, Grilli e Langner escreviam um comentário ao Evangelho de Mateus, em língua espanhola²⁵³. Esta obra oferece uma introdução ao livro de Mateus, e em seguida é feito um trabalho hermenêutico em cada capítulo. Estes autores consideraram a perícopre de Mt 12,22-37 e a dividiram em duas partes: a primeira parte consiste nos vv.22-24 (*prelúdio*); e a segunda parte que contém os vv.25-37 (*o discurso de Jesus sobre o significado de suas obras*)²⁵⁴.

Para Grilli e Langner, a blasfêmia contra o Espírito Santo é “negar o plano salvífico de Deus, que Jesus realiza através do Espírito e rejeita a salvação”²⁵⁵. Com isso, o homem fica sem a oportunidade de salvação, porque ele não quer, rejeitando a possibilidade de receber a graça e o amor de Deus. Não obstante, os autores acreditam que, a atitude humana de rejeitar a salvação, não quer dizer que Deus não possa “oferecer-lhe a salvação a essa pessoa em outra ocasião”²⁵⁶. Essa ideia sugere que há sempre uma abertura para o perdão de Deus, mesmo que Mt 12,31-32 afirme que não há perdão nem neste mundo e nem no mundo vindouro.

²⁴⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 816.

²⁵⁰ MILLOS, S. P., Mateo, p. 816.

²⁵¹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 816.

²⁵² MILLOS, S. P., Mateo, p. 816.

²⁵³ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo.

²⁵⁴ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 330-335.

²⁵⁵ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 333.

²⁵⁶ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 333.

Segundo Grilli e Langner, os milagres e os exorcismos de Jesus são realizados pelo poder do Espírito Santo, demonstrando sua autoridade sobre Satanás e os demônios²⁵⁷. Eles continuam afirmando que, os crentes da atualidade devem se decidir a favor de Jesus Cristo e do Espírito Santo, pois os que blasfemam contra o Espírito Santo “comentem um pecado gravíssimo, por isso, se declaram a favor do mal”²⁵⁸.

2.1.27 **Sandro Gallazzi**

No ano de 2013, Gallazzi escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua portuguesa, em uma perspectiva de leitura a partir dos pequeninos²⁵⁹. Neste trabalho, o autor delimitou Mt 12,15-37 e dividiu em duas partes: a primeira parte abarca os vv.15-24 (*eis o meu servo que escolhi*); e a segunda parte é composta pelos vv.25-37 (*a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada*)²⁶⁰.

Gallazzi afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, é “falar contra o Espírito e não querer ser discípulo de Jesus e não querer estar com ele, ajuntar com ele”²⁶¹. Segundo esse autor, blasfemar contra o Espírito Santo é estar contra Jesus, e não ajuntar, mas espalhar, dispersar, pois, diante de Jesus ninguém pode estar indeciso, porque para a rejeição ou a indecisão, pode não haver perdão nem agora e nem no tempo futuro²⁶².

Para Gallazzi, os que deveriam ouvir as palavras de Jesus registradas em Mt 12,31-32 não eram apenas os fariseus que estavam constantemente em conflitos com ele, mas também, à comunidade mateana, e os crentes da atualidade, pois o Filho de Deus sabe tanto os pensamentos dos homens daquela época quanto o intento dos leitores do presente século²⁶³.

Com a concepção de que Jesus pronunciou as palavras de Mt 12,31-32 para os ouvintes do passado e do presente, Gallazzi afirma que a “blasfêmia contra o Espírito Santo não é proferida unicamente pelos inimigos declarados de Jesus; a

²⁵⁷ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 332.

²⁵⁸ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 332.

²⁵⁹ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, 2013.

²⁶⁰ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 239-247.

²⁶¹ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 246.

²⁶² GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 246.

²⁶³ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 244.

blasfêmia contra o Espírito Santo pode ser vivenciada por cada um de nós”²⁶⁴. Nesse sentido, todos os que não querem ser discípulos de Jesus, mesmo ouvindo a sua mensagem, podem ficar sem receber o perdão eternamente²⁶⁵.

2.1.28 Robert Charles Sproul

Em 2013, Sproul escrevia o seu comentário expositivo ao Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Esta mesma obra foi traduzida para o português e publicada no Brasil em 2017²⁶⁶. O autor divide em seu trabalho a perícopes de Mt 12,22-32 em duas partes: a primeira parte consiste nos vv.22-30 (*guerra entre os reinos*); e a segunda parte consta dos vv.31-32 (*o pecado imperdoável*)²⁶⁷.

Sproul afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo é “repudiar a obra do Espírito em seu coração”²⁶⁸. Esse repúdio, parte do princípio, de que uma pessoa insinue que o Filho de Deus não seja divino, por isso, comete o pecado imperdoável²⁶⁹. Para Sproul, a blasfêmia, ou seja, não qualquer blasfêmia, mas a direcionada contra o Espírito Santo, foi identificada por Jesus em Mt 12,31-32, como o único pecado que jamais poderá ser perdoado²⁷⁰.

Segundo Sproul, a blasfêmia contra o Espírito Santo é tão grave, porque “é a função de Deus Espírito Santo aplicar a obra de redenção realizada por Deus Filho em nós e iluminar nossa mente para que entendamos a verdade de Cristo”²⁷¹. Porém, caso alguém possua, a oportunidade de ter recebido o Espírito Santo a revelação de quem realmente é Jesus, para “conscientizar alguém que Jesus é o Filho de Deus”²⁷², e esta pessoa ao invés de receber e aceitar, rejeita a oportunidade, não reconhecendo a Cristo como o enviado pelo Espírito Santo, corre um grande perigo de estar cometendo o pecado imperdoável que é a blasfêmia contra o Espírito Santo²⁷³.

²⁶⁴ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 244.

²⁶⁵ GALLAZZI, S., O Evangelho de Mateus, p. 244.

²⁶⁶ SPROUL, R. C., Mateus, 2013.

²⁶⁷ SPROUL, R. C., Mateus, p. 328-339.

²⁶⁸ SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

²⁶⁹ SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

²⁷⁰ SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

²⁷¹ SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

²⁷² SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

²⁷³ SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

Na perspectiva de Sproul, o ser humano pode até, em algum momento de sua vida, não reconhecer quem é Jesus e compreender a sua importância para a salvação, esta consideração pode ser entendida como blasfêmia, não obstante, ela é perdoável. Mas, a revelação da verdade, vinda através do Espírito Santo a uma pessoa, e ela em seguida vilipendia o Filho de Deus e ofende o Espírito Santo, não há mais nada a fazer, pois, o pecado imperdoável “é blasfemar o Espírito Santo ao blasfemar Cristo após o Espírito ter revelado que Jesus é o Filho de Deus”²⁷⁴.

2.1.29 Franco De Carlo

Em 2016, De Carlos escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua italiana²⁷⁵. O autor faz uma análise exegética do livro mateano e oferece a tradução dos textos. Nesta obra, De Carlos não delimitou a perícopes de Mt 12,22-32, mas comenta separadamente os textos de Mt 12,15-23 e Mt 12,24-45²⁷⁶.

De Carlos afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo de Mt 12,31-32 é o opor-se a verdade de Deus pela evidência do Espírito Santo²⁷⁷. Nesse sentido, o pecado contra o Espírito Santo não tem perdão para o blasfemador, porque “o perdão de Deus está ligado à verdade de Deus, representada pelo seu Espírito”²⁷⁸. Para o autor, a aparição de Jesus, como o Filho do homem em Mt 12,32 reforça “o ponto de partida para um argumento de apoio segundo o qual quem fala contra o Espírito Santo, não será perdoado”²⁷⁹.

Para De Carlos, quando o homem se coloca contra o Espírito Santo, põe-se ao mesmo tempo, contra Deus e a sua remissão, pois o perdão oferecido por Deus jamais sobressai “a liberdade humana, que, ao invés, escolhe, com blasfêmia e falando contra o Espírito Santo, ficar contra o próprio Deus”²⁸⁰. De Carlo continua afirmando que, caso Deus perdoe o homem por tal atitude, o Senhor estaria opondo-se a si mesmo²⁸¹. Esta afirmação implica na vida daquele que blasfema contra o

²⁷⁴ SPROUL, R. C., Mateus, p. 338-339.

²⁷⁵ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, 2016.

²⁷⁶ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 359-363.

²⁷⁷ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

²⁷⁸ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

²⁷⁹ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

²⁸⁰ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

²⁸¹ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

Espírito Santo, a incapacidade de conseguir o perdão de Deus, não apenas neste mundo presente, mas também no mundo vindouro.

2.1.30 Hernandes Dias Lopes

Em 2019, Lopes escrevia o seu comentário expositivo ao Evangelho de Mateus, em língua portuguesa²⁸². Este autor delimitou o texto de Mt 12,22-32, e a considerou como uma unidade textual, e não fez nenhuma divisão em partes no seu comentário à perícopes.

Lopes afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo “é a atitude consciente e deliberada de negar a obra de Deus em Cristo pelo poder do Espírito e atribuir o que Cristo faz ao poder de Satanás”²⁸³. Isso significa dizer que, Jesus não somente está endemoniado, ou seja, que um demônio o incorporou, mas que ele está “possesso do maioral dos demônios”²⁸⁴. Essa afirmação feita pelo blasfemador coloca Jesus Cristo como uma pessoa aliada de Satanás, ao invés de se posicionar contra ele, demonstrando que a blasfêmia contra o Espírito Santo, tem o sentido de “o pecado imperdoável é uma espécie de apostasia total”²⁸⁵.

Lopes entende que o homem, que tenha cometido o pecado de blasfemar contra o Espírito Santo “nunca terá perdão”²⁸⁶. O autor ainda afirma que a Igreja até pode fazer orações por essa pessoa, no entanto, ela jamais alcançará a salvação de Deus. Na verdade, a Igreja não deveria clamar pelo blasfemador, pois ele “cometeu pecado para morte (1Jo 5,16), é réu de pecado eterno (Mc 3,29)”²⁸⁷, e não encontrará o perdão e a misericórdia de Deus, nem nesta era presente e nem na era futura²⁸⁸.

Para Lopes, a blasfêmia contra o Espírito Santo seria “cruzar a linha divisória da paciência de Deus”²⁸⁹, que oferece a sua misericórdia e o seu perdão para os pecados, mas ao que blasfema contra o Espírito Santo, o perdão pode lhes ser recusado, e o pecador sofrer para sempre no inferno, pois o que praticou não é

²⁸² LOPES, H. D., Mateus, 2019.

²⁸³ LOPES, H. D., Mateus, p. 398.

²⁸⁴ LOPES, H. D., Mateus, p. 398.

²⁸⁵ LOPES, H. D., Mateus, p. 398.

²⁸⁶ LOPES, H. D., Mateus, p. 398.

²⁸⁷ LOPES, H. D., Mateus, p. 398.

²⁸⁸ LOPES, H. D., Mateus, p. 398.

²⁸⁹ LOPES, H. D., Mateus, p. 403.

apenas “uma palavra ou ação, mas uma atitude. Não é apenas rejeitar a Jesus, mas rejeitar o poder que está atrás dele”²⁹⁰.

2.1.31 Jaldemir Vitório

Em 2019, Vitório escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua portuguesa²⁹¹. Nesta mesma obra, o autor faz uma análise no inteiro livro de Mateus. Vitório delimitou a perícopes de Mt 12,22-32, e não fez nenhuma divisão em partes no seu comentário²⁹².

Para Vitório, a blasfêmia contra o Espírito Santo “corresponde a fechar o coração para ele e impedi-lo de agir em benefício do ser humano ansioso por salvação”²⁹³. Segundo este autor, quando o homem se posiciona fechando-se ao Espírito Santo, ele não terá perdão em momento algum de sua vida, pelo fato de não se abrir à salvação oferecida por Deus em Cristo através do Espírito Santo, o “requisito básico para o perdão”²⁹⁴.

Vitório afirma que, o homem disposto a receber em seu coração o acolhimento de Cristo “o perdão flui instantâneo”²⁹⁵. Na perspectiva de Vitório, Mt 12,32 “faz uma aplicação desse argumento”²⁹⁶, pois quem blasfema contra Jesus, o Filho do Homem, pode ser perdoado, porque possivelmente consegue recebê-lo em outro momento de sua vida²⁹⁷. Porém, essa mesma ideia não se sustenta e nem pode ser aplicada no que diz respeito à blasfêmia contra o Espírito Santo, que impossibilita de alguém receber e ser perdoado por Deus, nem agora e nem no futuro, “com o pressuposto de persistir o fechamento do coração para a ação divina”²⁹⁸.

²⁹⁰ LOPES, H. D., Mateus, p. 403.

²⁹¹ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, 2019.

²⁹² VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 143-146.

²⁹³ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146.

²⁹⁴ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146.

²⁹⁵ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146.

²⁹⁶ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146.

²⁹⁷ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146.

²⁹⁸ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146.

2.1.32

Pablo A. Deiros

Em 2019, Deiros escrevia o seu comentário ao Evangelho de Mateus, em língua espanhola. Este mesmo livro foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2021²⁹⁹. O autor não delimitou a perícopes de Mt 12,22-32 em sua obra, mas a dividiu em tópicos distribuídos em alguns capítulos diferentes de seu trabalho³⁰⁰.

Deiros afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo não se baseia em ofender o Espírito, mas “em não crer nele nem em sua ação redentora”³⁰¹. Isto implica dizer, que o pecado contra o Espírito Santo seria a incredulidade no seu mais alto nível, de maneira que o homem não se abra para o propósito salvífico apresentado pelas obras de Cristo por meio do Espírito Santo³⁰². Segundo Deiros, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, “não tem perdão, porque Deus não pode perdoar a incredulidade”³⁰³.

Para Deiros, o que motivou os fariseus, os adversários de Jesus, a não aceitar a atuação do Espírito Santo nas obras e exorcismos de Cristo foi a “falta de discernimento espiritual e perversidade moral absolutos”³⁰⁴, que se transformou em blasfêmia contra o Espírito Santo, considerado em Mt 12,31-32, como um pecado que não tem perdão, tanto neste mundo quanto no mundo vindouro³⁰⁵.

2.2

Artigos

2.2.1

Carl S. Patton

Em 1922, Patton escrevia o seu artigo sobre “*Jesus se chamava filho do homem*”, em língua inglesa. O autor parte da premissa de que os três primeiros

²⁹⁹ DEIROS, P. A., Mateus, 2019.

³⁰⁰ DEIROS, P. A., Mateus. os tópicos são: “Jesus cura um endemoniado cego e mudo (12,22.23), p.248-249; Filho de Davi (12,22,23), p. 313; Jesus e seus inimigos (12,14.24.30-45), p. 323-325; os inimigos do reino (12,25-29.43-45), p. 339-343”.

³⁰¹ DEIROS, P. A., Mateus, p. 324.

³⁰² DEIROS, P. A., Mateus, p. 324.

³⁰³ DEIROS, P. A., Mateus, p. 324.

³⁰⁴ DEIROS, P. A., Mateus, p. 324.

³⁰⁵ DEIROS, P. A., Mateus, p. 324.

Evangelhos apontam a Jesus como o Filho do Homem. Porém, Patton demonstra que, Jesus não usou essa autodesignação³⁰⁶.

Patton afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo é “falar mal do Espírito Santo”³⁰⁷. Para este autor, o pecado imperdoável contra o Espírito Santo é muito pior do que blasfemar contra o Filho do homem, pois, qualquer pessoa “poderia falar mal de Jesus sem saber ou entendê-lo”³⁰⁸. No entanto, os que blasfemam contra o Espírito Santo sabem quem ele é, e, por meio de quem Jesus operava as suas obras. Os que estavam agindo desta forma, estavam se levantando contra a vida da Igreja, reprimendo sobre si “o dom pelo qual todos os cristãos viveram”³⁰⁹.

Segundo Patton, Mt 12,31-32 e seu paralelo em Lc 12,10 são notáveis, porque de todos os textos evangélicos, com exceção de Mc 3,28-30 que também é paralelo aos dois primeiros Evangelhos, mas não apresenta como eles, a expressão “Filho do Homem” ligada à blasfêmia contra o Espírito Santo, em que os que pecam contra o Filho do Homem alcançam o perdão, mas os que pecam contra o Espírito não podem ser perdoados nem agora e nem no futuro³¹⁰.

2.2.2 Anton Fridrichsen

Em 1923, Fridrichsen escrevia o seu artigo sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, a partir do texto de Mc 3,28-29 e seus paralelos em Mt 12,30-32; Lc 12,10, em língua francesa³¹¹. Fridrichsen afirma que, a sentença contida na expressão “pecado imperdoável” é uma exortação aos discípulos de Jesus, para não negarem o seu nome no dia da perseguição³¹². Nesse sentido, o autor demonstra que, a blasfêmia contra o Espírito Santo pode ser entendida como negar a Cristo no momento da perseguição, e essa compreensão a respeito do pecado imperdoável pode ter o mesmo sentido tanto em Mc 3,28-29 quanto em Mt 12,31-32³¹³.

A pesquisa de Fridrichsen avança na direção do resultado da comparação histórica da formação dos três relatos sobre o ditado que traz a blasfêmia contra o

³⁰⁶ PATTON, C. S., Did Jesus call himself the son of man? p. 501-511.

³⁰⁷ PATTON, C. S., Did Jesus call himself the son of man? p. 508.

³⁰⁸ PATTON, C. S., Did Jesus call himself the son of man? p. 508.

³⁰⁹ PATTON, C. S., Did Jesus call himself the son of man? p. 508.

³¹⁰ PATTON, C. S., Did Jesus call himself the son of man? p. 508.

³¹¹ FRIDRICHSEN, A., Le péché contre le Saint-Esprit, p. 367.

³¹² FRIDRICHSEN, A., Le péché contre le Saint-Esprit, p. 367.

³¹³ FRIDRICHSEN, A., Le péché contre le Saint-Esprit, p. 368.

Espírito Santo (Mc 3,28-29; Mt 12,31-32; Lc 12,10)³¹⁴. Segundo este autor, Mateus e Marcos oferecem o mesmo sentido sobre o pecado imperdoável contra o Espírito Santo. Já entre Mateus e Lucas, eles apresentam uma similaridade textual, com o que pode ser chamado fonte “Q”, e que é apresentado aí, como base escriturística para os dois evangelistas, que reportam uma mensagem de Jesus “distinguindo expressamente entre o pecado de dizer uma palavra contra o Filho do Homem e o da blasfêmia contra o Espírito Santo”³¹⁵.

2.2.3 Barnard Franklin

Em 1936, Franklin escrevia o seu artigo sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, em língua inglesa, com uma perspectiva sobre o ensino a respeito do pecado imperdoável³¹⁶. Franklin afirma que o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo é “a rejeição final e definitiva de Cristo”, e é um “pecado da boca, um pecado de língua”³¹⁷. Os fariseus falaram que Jesus estava possuído por Satanás e que ele era Satanás encarnado, ao invés de Deus encarnado; por isso, Jesus afirmou que o que eles estavam falando era blasfêmia contra o Espírito Santo³¹⁸. Nesse sentido a blasfêmia contra o Espírito Santo foi um pecado de boca, e é um pecado imperdoável para sempre³¹⁹.

Para Franklin, “seja qual for a blasfêmia contra o Espírito Santo, envolve culpa eterna além dos limites do perdão divino, e precisa ser cometido apenas uma vez para incorrer em sua penalidade”³²⁰. De certa forma, qualquer pecador que não regenerado antes de sua morte, tem pecado que não é perdoado jamais; mas tanto isto, quanto a incredulidade e a rejeição definitiva de Jesus, não podem ser chamados blasfêmia contra o Espírito Santo³²¹.

Segundo Franklin, “o pecado imperdoável não é assassinato”³²². A blasfêmia contra o Espírito Santo também não é um pecado considerado “baixo grau” ou “alto

³¹⁴ FRIDRICHSEN, A., *Le péché contre le Saint-Esprit*, p. 367.

³¹⁵ FRIDRICHSEN, A., *Le péché contre le Saint-Esprit*, p. 368.

³¹⁶ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 219-233.

³¹⁷ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 225.

³¹⁸ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 227.

³¹⁹ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 227.

³²⁰ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 217.

³²¹ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 220.

³²² FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 221.

grau”³²³. O pecado imperdoável não aceita nenhuma dessas coisas, pois “a rejeição, o repúdio e o assassinato do filho de Deus são pecados de alto grau”, mas não o pecado imperdoável³²⁴. Não é possível apresentar a incredulidade como pecado sem perdão, porque a blasfêmia contra o Espírito Santo é um pecado certo e específico, não tendo perdão nem aqui e nem no futuro³²⁵.

Para Franklin, “o único pecado imperdoável, a única exceção ao poder perdoador do sangue da cruz, foi cometido antes de nosso Senhor ser crucificado”³²⁶. Isto implica afirmar que, nenhuma referência ao pecado imperdoável é encontrada depois da ressurreição de Jesus³²⁷. O termo blasfêmia até aparece nos escritos em que Jesus está ressuscitado, mas em nenhum caso afirma-se que é imperdoável³²⁸.

2.2.4 Robin Scroggs

Em 1965, Scroggs escrevia o seu artigo sobre a exaltação do Espírito por alguns cristãos primitivos, em língua inglesa³²⁹. O autor considerou dois textos que diferem, mas “podem ter mais em comum do que se acredita”, sendo Mc 3,28-29 e seus paralelos Mt 12,31-32; Lc 12,10; 1Cor 12,2³³⁰.

Scroggs afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, significa “negar a origem de um trabalho feito no Espírito e rejeitar a autoridade reivindicada por aquele que está fazendo o trabalho”³³¹. Essa perspectiva sobre o pecado sem perdão, permite observar que, os que blasfemam contra o Espírito Santo ficarão do lado de fora do reino, pois o reconhecimento do “trabalho feito no Espírito é o critério e a garantia de receber o reino”³³².

Scroggs faz uma comparação entre os textos de Mt 12,31-32; Mc 3,28-29; Lc 12,10 e acredita que tanto Marcos quanto Mateus oferecem o mesmo sentido sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, dirigindo as suas mensagens aos que rejeitam

³²³ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 222.

³²⁴ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 222.

³²⁵ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 223.

³²⁶ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 228.

³²⁷ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 228.

³²⁸ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 228.

³²⁹ SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 359-373.

³³⁰ SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 360.

³³¹ SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 364.

³³² SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 364.

a Jesus, os que estão de fora da Igreja, ou seja, os não crentes³³³. Já em Lc 12,10, a mensagem de Jesus, sua exortação à blasfêmia contra o Espírito Santo, é um aviso para os discípulos dele, os crentes, os de dentro da Igreja³³⁴. É possível observar nos textos de Mt 12,31-32; Mc 3,28-29; Lc 12,10 uma exaltação do Espírito e que tanto em Marcos quanto em Mateus ele é “a parte crucial do ditado e a ênfase na blasfêmia contra o Espírito”³³⁵.

2.2.5 M. Eugene Boring

Em 1976, Boring escrevia o seu artigo, em língua inglesa, abordando a temática do *logion* do pecado imperdoável em Mc 3,28-29; Mt 12,31-32; Lc 12,10, com uma perspectiva analítica formal e histórica da tradição dos três textos evangélicos discriminado pelo autor³³⁶.

Boring faz uma análise em Mt 12,31-32, o texto escolhido também por nós, para tratamos sobre o pecado imperdoável. Mas o autor aqui citado, não traz nenhuma afirmação a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo, que é, segundo Mc 3,28-29; Mt 12,31-32; Lc 12,10, o único pecado que o homem não consegue alcançar o perdão, nem nesta era e nem na era vindoura. A maior preocupação de Boring em examinar os textos de Mc 3,28-29; Mt 12,31-32; Lc 12,10 em sua pesquisa ficou mais nas questões históricas da formação do *logion* do pecado imperdoável, e a forma mais antiga ao qual derivou o tema da blasfêmia contra o Espírito Santo nos três primeiros Evangelhos e na fonte “Q”³³⁷.

Segundo Boring, o *logion* sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo é proveniente da Igreja Palestina primitiva e não do Jesus histórico³³⁸. Possivelmente, um profeta cristão da primeira Igreja proferira essa mensagem, pois seria improvável que essas palavras tenham saído da boca de Jesus, já que ele sempre anunciou que todos “os pecados são perdoados aos homens, por mais que possam

³³³ SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 362.

³³⁴ SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 364.

³³⁵ SCROGGS, R., *The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians*, p. 363.

³³⁶ BORING, M. E., *The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10*, p. 258-279.

³³⁷ BORING, M. E., *The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10*, p. 258-279.

³³⁸ BORING, M. E., *The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10*, p. 277.

blasfemar”³³⁹. Sendo assim, a blasfêmia contra o Espírito Santo não é tratada nesse texto no que diz respeito ao seu significado e nem se há algum pecado que não haja perdão por meio de Jesus Cristo.

2.2.6 John Conchrane O’Neill

Em 1983, O’Neill escrevia o seu artigo intitulado “O pecado imperdoável”, em língua inglesa³⁴⁰. Nesta pesquisa, o autor não especifica direta e ou indiretamente o que seria a blasfêmia contra o Espírito Santo. Mas cria argumentos para demonstrar que o ditado de Mt 12,31-32 não aponta para um pecado direcionado ao Espírito Santo³⁴¹.

Segundo O’Neill, o ditado sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo ocorre de duas maneiras: a primeira, “todos os pecados serão perdoados aos homens, exceto um, a blasfêmia contra o Espírito Santo”, e a segunda forma é “todo aquele que falar uma palavra contra o Filho do Homem será perdoado, mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não será perdoado”³⁴². Para este autor, a citação da expressão “υιοῦ τοῦ ἀνθρώπου/*Filho do Homem*” no v.32 é um mal-entendido da primeira forma do ditado no v.31, que mais se aproxima do original, e esse erro ocorreu devido a uma má leitura da construção do ditado original no hebraico e ou aramaico, pois “os escribas queriam ver uma referência a Jesus, o Filho do Homem, onde quer que pudessem”, já que não havia essa citação no autógrafo³⁴³.

O’Neill argumenta que não apenas o termo “υιοῦ τοῦ ἀνθρώπου/*Filho do Homem*” foi mal compreendido, mas da mesma forma, a citação ao “πνεύματος/*espírito*” do segundo ditado, não teve a sua devida compreensão³⁴⁴. Segundo o autor, “o ditado original de Jesus dizia algo como, blasfêmia contra este espírito, em que todos os pecados podem ser perdoados, é o único imperdoável”³⁴⁵. Para O’Neill, as versões do ditado sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo entenderam que Jesus estava afirmando sobre a terceira pessoa da trindade e a ele mesmo como a segunda pessoa e, uma versão do Evangelho de Tomé 44,1 que traz

³³⁹ BORING, M. E., The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10, p. 277.

³⁴⁰ O’NEILL, J. C., The Unforgivable Sin, p. 37-42.

³⁴¹ O’NEILL, J. C., The Unforgivable Sin, p. 37-42.

³⁴² O’NEILL, J. C., The Unforgivable Sin, p. 37.

³⁴³ O’NEILL, J. C., The Unforgivable Sin, p. 37-38.

³⁴⁴ O’NEILL, J. C., The Unforgivable Sin, p. 38.

³⁴⁵ O’NEILL, J. C., The Unforgivable Sin, p. 38.

a blasfêmia contra o Pai, dando uma perspectiva trinitária, não estão corretas, pois Jesus mencionou um pecado imperdoável, “mas era tão pouco o pecado contra o Espírito Santo, quanto os pecados contra o Filho do homem ou contra o Pai”³⁴⁶.

De acordo com O’Neill, o possível erro na fórmula “υιοῦ τοῦ ἀνθρώπου/*Filho do Homem*” em Mt 12,32 e seu paralelo em Lc 12,10 pode ter acontecido quando ele foi traduzido para o grego e o esforço do autor aqui, está concentrado em explicar a mudança de “este espírito” para “o espírito” ou “Espírito Santo”³⁴⁷. O’Neill desenvolve um original hipotético e afirma que, “o artigo mais substantivo teria precedido ou seguido por uma das duas palavras, o acusativo grego τοῦτο, ou o genitivo τούτου”³⁴⁸. Os escribas estavam decididos a tomar todo o sentido ao espírito como uma referência ao Espírito Santo, ou omitiram o demonstrativo (Mt 12,31) ou acrescentaram o adjetivo santo. Caso eles adicionassem o termo santo, teriam que omitir o pronome demonstrativo, já que o adjetivo santo necessita do artigo τοῦ e esse artigo é redundante de τοῦτο ou τούτου, o que seria considerado como um erro e a posteriormente omitido³⁴⁹.

O’Neill argumenta a sua teoria baseado no manuscrito 489, ao qual traz a leitura dos artigos τοῦ, τοῦ antes do adjetivo santo, mas o primeiro estava apagado, e isso não é apenas um erro, no entanto, supõe-se que nesta linha de tradição, o texto poderia ter trazido τούτου e um copista posterior adicionou o termo santo³⁵⁰. Outro manuscrito abordado pelo autor é o Codex Bezae, em que o termo santo é colocado depois do substantivo, porém, sem a pontuação gramatical exigida pelo artigo³⁵¹. É evidente que a adição do adjetivo santo e a omissão de “isto” tenham dificultado o sentido do ditado sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, mas o texto elaborado satisfaz a intenção do pensamento reverencial do típico escriba³⁵².

³⁴⁶ O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 38.

³⁴⁷ O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 40.

³⁴⁸ O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 40.

³⁴⁹ O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 40.

³⁵⁰ O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 40.

³⁵¹ O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 41.

³⁵² O’NEILL, J. C., *The Unforgivable Sin*, p. 41.

2.2.7 Samuel L. Lamerson

Em 1999, Lamerson escrevia o seu artigo sobre o perdão no Evangelho de Mateus, em língua inglesa. Sua pesquisa se concentrou na palavra grega “ἄφεσις” do verbo “ἀφίημι/perdoar”, que segundo este autor, tem uma ocorrência de quarenta e sete vezes apenas no Evangelho de Mateus, tornando-o o livro do Novo Testamento com a maior utilização desse termo e entre os três Evangelhos³⁵³.

Lamerson afirma que no Evangelho de Mateus existe um pecado imperdoável que é a blasfêmia contra o Espírito Santo³⁵⁴. Para este autor, a blasfêmia contra o Espírito Santo é o “total desrespeito pela verdade do Espírito”³⁵⁵, e este seria o pecado imperdoável que o evangelista Mateus estava apontando; mas o evangelista tratou tanto sobre o perdão dos pecados, e, contudo, identificou um que jamais seria perdoado e esse tipo de transgressão é a blasfêmia contra o Espírito Santo³⁵⁶.

A conclusão à qual Lamerson chegou: o “total desrespeito pela verdade do Espírito” é o pecado imperdoável, é defendida por ele, porque os fariseus e os escribas tinham a consciência de que Jesus era o Messias e mesmo assim, tentaram acabar com ele³⁵⁷. Eles atribuíram a expulsão dos demônios por Jesus, pelo chefe dos demônios, sabendo que a obra de Jesus era realizada pelo poder do Espírito Santo; por isso, estavam blasfemando contra o Espírito Santo, pecado que não tem perdão nem neste mundo presente e nem no mundo vindouro³⁵⁸.

Segundo Lamerson, “o perdão nunca deve ser dado como certo”³⁵⁹. Para uma pessoa ser perdoada, tem a ver com a sua forma de agir, caso esta pessoa não aja como alguém perdoado, então ela não é e nem se sente perdoada e não há nada o que dizer a alguém que não consegue o perdão³⁶⁰.

³⁵³ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 1-15.

³⁵⁴ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

³⁵⁵ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

³⁵⁶ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

³⁵⁷ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

³⁵⁸ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

³⁵⁹ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

³⁶⁰ LAMERSON, S., *Forgiveness in the Gospel of Matthew*, p. 8.

2.2.8 Mike Penninga

Em 2004, Penninga escrevia o seu artigo em língua inglesa. Seu trabalho está em torno da questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, em uma perspectiva hermenêutica. O autor se preocupou em descobrir se existe algum limite para o perdoar de Deus, baseando-se no texto de Mt 12,31-32³⁶¹.

Penninga acredita que a blasfêmia contra o Espírito Santo seja caracterizada por um “pecado específico de atribuir a Satanás a obra clara de Deus por meio de seu Espírito Santo”³⁶². A declaração que os fariseus fizeram contra Jesus foi, na verdade uma afronta ao Espírito Santo, pois eles estavam evidenciando que, as manifestações de “misericórdia e o poder de Deus eram obras do Diabo”³⁶³; e para esse pecado horrível, não tem perdão eternamente³⁶⁴.

Para Penninga, o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, só pode ter sido praticado enquanto Jesus esteve presente na terra, em sua forma física, quando de seu ministério terreno³⁶⁵. Ao cometerem o pecado contra o Espírito Santo, atribuindo a Satanás as obras de Jesus, os inimigos de Jesus, os fariseus, realmente não seriam perdoados devido ao seu pecado típico; por isso, seriam culpados neste mundo e no vindouro (Mt 12,22-32; Mc 3,22-30)³⁶⁶.

De acordo com Penninga, a blasfêmia contra o Espírito Santo só pôde ser cometida pelos opositores contra Jesus, porque ele estava aqui na terra, em forma humana³⁶⁷. Como hoje não temos a presença do Jesus homem, o Deus encarnado, “o pecado imperdoável é agora impossível”³⁶⁸, pois é necessário a presença de Jesus para atribuir-lhe os feitos de Deus como feitos de Satanás.

³⁶¹ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 1-21.

³⁶² PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 6.

³⁶³ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 6.

³⁶⁴ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 6.

³⁶⁵ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 8.

³⁶⁶ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 8.

³⁶⁷ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 8.

³⁶⁸ PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 8.

2.2.9 William W. Combs

Em 2004, Combs escrevia o seu artigo a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo, a partir de Mt 12,31 e Mc 3,29, em língua inglesa³⁶⁹. Em sua obra, o autor oferece uma história da interpretação que perpassa ao período da Igreja primitiva, meia-idade, reforma protestante e Igreja moderna³⁷⁰.

Combs afirma que o pecado imperdoável “é o blasfemar contra o poder milagroso do Espírito Santo”³⁷¹. Este foi realmente o pecado cometido pelos fariseus, pois eles estavam blasfemando contra “o poder de operar milagres do Espírito por sua acusação de que os milagres de Jesus foram realizados pelo poder de Satanás e não pelo poder do Espírito Santo”³⁷².

No que diz respeito ao pecado imperdoável de blasfemar contra o Espírito Santo, Combs oferece duas características: primeiro, ele não é um ato único, não é apenas um comentário impulsivo e despreocupado que não será repetido³⁷³. Para Combs, o uso do imperfeito em Mc 3,22; 3,30 traz a ideia de que os fariseus poderiam ter blasfemado diversas vezes³⁷⁴. A segunda característica, a blasfêmia contra o Espírito Santo não é um pecado de ignorância, os fariseus bem sabiam o que estavam fazendo e eles não estavam com boas intenções³⁷⁵. Os fariseus não obtinham poucas informações sobre o que era sagrado, eles de maneira voluntária ignoravam a verdade de Deus, eles tinham um “esforço consciente para negar o inegociável”³⁷⁶.

De acordo com Combs, a blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão “porque a pessoa que a comete nunca se arrepende do pecado”³⁷⁷. É evidente que o arrependimento verdadeiro traz o perdão, porém, o blasfemador não é perdoado, visto que não procura o arrependimento e o perdão, ele não almeja o perdão³⁷⁸. Segundo este autor, “a razão para não buscar o perdão é a pessoa ser incapaz de

³⁶⁹ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 57-96.

³⁷⁰ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 58-61.

³⁷¹ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 92.

³⁷² COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 92.

³⁷³ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 93.

³⁷⁴ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 93.

³⁷⁵ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 93.

³⁷⁶ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 93.

³⁷⁷ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 93.

³⁷⁸ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 94.

fazê-lo”, e esse pecado só é imperdoável em razão de alguma incapacidade do blasfemador em se arrepender³⁷⁹.

Para Combs, o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, apenas pode ser cometido por pessoas não regeneradas³⁸⁰. Ele também sublinha, que na atualidade, o pecado imperdoável não pode ser cometido, porque a blasfêmia contra o Espírito Santo é contra o poder milagroso dele e isto significa que a blasfêmia só pode ter ocorrido em um período de “sinais e milagres sobrenaturais”³⁸¹. Combs termina afirmando que os milagres e sinais não acontecem hoje, ficando restritos apenas ao período bíblico do primeiro século d.C., e por esse motivo, “o pecado não poderia ser cometido nesta era”³⁸².

2.2.10 Christoffer H. Grundmann

Em 2005, Grundmann escreveu o seu artigo a respeito dos desafios pneumatológicos para missões na cura e exorcismos³⁸³. O autor investiga sobre o Espírito Santo e as curas, quais implicações missiológicas surgem sobre o Espírito e as curas e como identificar até que ponto a cura é testemunha legítima do Espírito Santo na obra divina³⁸⁴.

No que se refere ao pecado imperdoável, Grundmann afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32 é o ato de “recusar-se a reconhecer devidamente a autoridade legítima, portanto, distorcer a realidade”³⁸⁵. Essa acusação encontrada em Mt 12,31-32 é considerada o pecado imperdoável, cometido pelos fariseus e que nunca será perdoado nem agora nesta vida e nem na vida vindoura³⁸⁶.

Segundo Grundmann, os fariseus tinham consciência do que estava acontecendo, porém, eles se fecharam e se recusaram a dar toda credibilidade “ao

³⁷⁹ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 94.

³⁸⁰ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 95.

³⁸¹ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 96.

³⁸² COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 96.

³⁸³ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 51-73.

³⁸⁴ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 54.

³⁸⁵ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 60.

³⁸⁶ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 59.

Deus da vida encarnado em Jesus, o Cristo”³⁸⁷. Nesse sentido, o que está em questão aqui, não é a problemática do poder realizador da cura – isso até poderia ser –; mas a recusa e a rejeição dos fariseus em acreditar na autoridade legítima operada em Jesus é o que causou a sentença da blasfêmia contra o Espírito Santo encontrada em Mt 12,31-32³⁸⁸.

Grundmann observa que “o fenômeno da cura é onipresente, não tem provas da autoridade de Cristo ou do Espírito Santo”, e provavelmente, tenha sido isso que ocasionou o questionamento sobre a cura do cego e mudo³⁸⁹. Para este autor, os fariseus não estavam negando o fato de a cura ter acontecido, mas sim, a origem do poder, para que o milagre tenha ocorrido – e é aí, que surge o ambiente para o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo³⁹⁰.

2.2.11 Esther Miquel

Em 2010, Miquel escrevia o seu artigo, em língua inglesa, a respeito das controvérsias de Beelzebul nos Evangelhos de Mc 3,22-30; Mt 12,22-32; Lc 11,14-23³⁹¹. O objetivo central de Miquel ao escrever o seu trabalho foi demonstrar e resolver alguns problemas exegéticos relacionados “à interpretação e o desenvolvimento literário pré-sinótico das controvérsias de Belzebu”³⁹². A autora faz aqui, uma comparação com os textos de Mc 3,22-30; Mt 12,22-32; Lc 11,14-23, observando questões histórico-críticas, percebendo elementos paralelos ou próximos a fundamentos paralelos³⁹³.

No que diz respeito a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, Miquel nada aborda sobre esta questão, não há nenhuma afirmação sobre o que seria esse pecado, sua natureza e nem se existe alguma possibilidade de perdão para quem comete esse pecado horrível³⁹⁴.

³⁸⁷ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 59.

³⁸⁸ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 59.

³⁸⁹ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 58.

³⁹⁰ GRUNDMANN, C. H., *Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism*. P. 58.

³⁹¹ MIQUEL, E., *How to Discredit an Inconvenient Exorcist*, p. 187-206.

³⁹² MIQUEL, E., *How to Discredit an Inconvenient Exorcist*, p. 187.

³⁹³ MIQUEL, E., *How to Discredit an Inconvenient Exorcist*, p. 188.

³⁹⁴ MIQUEL, E., *How to Discredit an Inconvenient Exorcist*, p. 203.

Quando Miquel faz menção do ditado que se refere a blasfêmia contra o Espírito Santo em Mc 3,28-29; Lc 11,10, paralelos a Mt 12,31-32, texto esse que serve de base para nossa análise, o autor somente se preocupou com a origem da sua formação, que pode ter surgido na tradição oral, ou como resultado do trabalho redacional de Marcos³⁹⁵. Portanto, Miquel não trabalhou o significado da blasfêmia contra o Espírito Santo nos textos escolhidos por ele.

2.2.12

Peter G. Bolt

Em 2011, Bolt escrevia o seu artigo, em língua inglesa, sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo nos Evangelhos sinóticos e um limite arbitrário sobre o perdão de Deus³⁹⁶. Para Bolt, a blasfêmia contra o Espírito Santo precisa ser compreendida no contexto dos três primeiros Evangelhos e que cada um desses escritos traz a sua própria versão do “ditado de blasfêmia contra o Espírito Santo”³⁹⁷.

Bolt afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, em Mt 12,31-32 é “atribuir o ministério de Jesus a um espírito imundo”³⁹⁸. Essa afirmação do significado da blasfêmia no Evangelho de Mateus tem o mesmo sentido e significado no Evangelho de Marcos³⁹⁹.

Segundo Bolt, o Espírito Santo está sobre à vida de Jesus, o servo do Senhor de Mt 12,18, para capacitá-lo no cumprimento de seu ministério de oferecer o perdão dos pecados e realizar a justiça sobre as nações⁴⁰⁰. Assim sendo, a primeira parte da advertência contra o pecado imperdoável de Mt 12,31 pode ser compreendida como “uma falha em reconhecer que Jesus é o Servo, equipado, por Deus, operando dentro de Israel nos últimos dias da nação antes do fim”⁴⁰¹. Com isso, os israelitas precisavam se decidir a ficarem do lado de Jesus, pois caso não se colocassem ao lado dele, não teriam o direito ao perdão trazido por Jesus⁴⁰².

³⁹⁵ MIQUEL, E., *How to Discredit an Inconvenient Exorcist*, p. 203.

³⁹⁶ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 1-28.

³⁹⁷ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 1.

³⁹⁸ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 13.

³⁹⁹ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 13,17.

⁴⁰⁰ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 17.

⁴⁰¹ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 17.

⁴⁰² BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 17.

Para Bolt, a citação do Espírito Santo em Mt 12,31-32 apresenta uma referência à divindade de Jesus, e os fariseus estavam levantando juízos errôneos contra ele, atribuindo a autoridade de Jesus a Satanás e isto foi considerado como blasfêmia contra o Espírito Santo⁴⁰³.

2.2.13 Matthew Barrett

Em 2012, Barrett escrevia o seu artigo, em língua inglesa, sobre revisitar a divindade do Espírito Santo⁴⁰⁴. O autor propõe nesta obra, analisar uma pneumatologia do alto, com uma fidelidade fundamentada no texto sagrado⁴⁰⁵. Barrett afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo é “a rejeição por parte de Israel da messianidade de Jesus” e o “atribuir a Satanás o trabalho do Espírito Santo”⁴⁰⁶. Para ele, “blasfemar contra o Espírito é blasfemar contra Deus mesmo”, e era isso que os fariseus estavam fazendo⁴⁰⁷.

Os fariseus, os opositores de Jesus, ao cometerem o pecado de blasfemar contra o Espírito Santo, não estavam apenas rejeitando a Jesus Cristo como o que foi enviado por Deus pelo poder do Espírito Santo, mas estavam negligenciando “o chamado evangélico do Espírito para a salvação”⁴⁰⁸. Ao se fecharam para o chamado divino, os que se opunham ao Cristo de Deus, impediam-se de entrar pela porta da salvação e alcançarem o perdão⁴⁰⁹.

Barrett tem a finalidade de demonstrar a divindade do Espírito Santo que é igual à divindade de Deus e a de Jesus, o Filho de Deus⁴¹⁰. Desta forma, o ensinamento de Mt 12,31-32 sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo revela toda a divindade do Espírito⁴¹¹. O Espírito Santo é tão evidente no texto de Mt 12,31-32, que faz com que a blasfêmia contra o Espírito Santo seja um pecado imperdoável. O Espírito Santo, certamente sendo apenas Deus “faz este pecado ter consequências

⁴⁰³ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 17.

⁴⁰⁴ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 32-53.

⁴⁰⁵ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 33.

⁴⁰⁶ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁴⁰⁷ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁴⁰⁸ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁴⁰⁹ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁴¹⁰ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁴¹¹ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

terríveis”, como não ser perdoado nem neste século presente e nem no século vindouro⁴¹².

2.2.14 Graham A. Cole

Em 2012, Cole escrevia o seu artigo, em língua inglesa. Seu trabalho se baseia na pesquisa sobre o pecado contra o Espírito Santo⁴¹³. Cole parte do princípio de um subconjunto de doutrina do pecado, dentro de uma perspectiva dos pecados contra o Espírito Santo, mas considerando apenas duas categorias de pecados: a primeira categoria “os pecados dos estranhos (o incrédulo), estes incluem blasfêmia contra o Espírito Santo e resistir ao Espírito Santo”⁴¹⁴. A segunda categoria é “os pecados do interior (o crente)”⁴¹⁵.

Cole afirma dentro de uma perspectiva dispensacionalista que, “o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, é definido, portanto, como a rejeição por parte de Israel da messianidade de Jesus enquanto ele estava presente e alegando que ele estava endemoniado”⁴¹⁶. Para este autor, a questão do pecado imperdoável de Mt 12,31-32 é uma advertência para os que não são crentes, ou seja, os de fora, e os escribas e fariseus fazem parte desse grupo segundo a sua interpretação de Mt 12,31-32 e Mc 3,28-29⁴¹⁷.

Cole apresenta duas possibilidades sobre o possível ato de cometer o pecado imperdoável: a primeira possibilidade é que “os leitores dos Evangelhos não foram capazes, portanto, de cometerem esse pecado”⁴¹⁸. A segunda probabilidade é que “este pecado continua a ser uma possibilidade real”⁴¹⁹. Para Cole, a opção de que o pecado imperdoável continua tendo a possibilidade de ser cometido é a mais viável e a que mais se adéqua ao sentido oferecido pelos Evangelhos de Mateus e Marcos⁴²⁰.

⁴¹² BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁴¹³ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 22-31.

⁴¹⁴ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 22-31.

⁴¹⁵ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 22-31.

⁴¹⁶ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 23.

⁴¹⁷ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 23.

⁴¹⁸ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 23.

⁴¹⁹ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 23.

⁴²⁰ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 23.

Segundo Cole, o que Mateus e Marcos expressam é que blasfemar contra o Espírito Santo “é adotar uma postura particular em relação à cristologia, isto é, a pessoa e a obra de Cristo para a qual o Espírito dá testemunho”⁴²¹. Portanto, blasfemar contra o Espírito Santo não é apenas um episódio, mas uma maneira de viver, que implica na escolha definitiva da rejeição de Cristo como salvador⁴²².

2.2.15 Nicholas Lammé

Em 2012, Lammé escrevia o seu artigo sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, em língua inglesa. Seu objetivo foi o de pesquisar e explorar o significado do pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo e contextualizá-lo à teologia do nosso tempo, partindo do texto de Mt 12,22-32⁴²³.

Lammé afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32 é “a rejeição intencional, consciente e maligna do testemunho do Espírito de Cristo no Evangelho por falsos mestres na Igreja, que por seu erro desviam os homens de Cristo”⁴²⁴. Essa rejeição não é apenas uma negação do Espírito por si só, mas uma negação consciente do Espírito que opera em Jesus Cristo⁴²⁵.

Segundo Lammé, ao ter um olhar para o que a blasfêmia contra o Espírito Santo não é, torna-se mais fácil a compreensão do que seria o pecado imperdoável no contexto de Mt 12,31-32⁴²⁶. Segundo este autor, a blasfêmia contra o Espírito Santo não era um falso ensino em seu conteúdo, mas sim, “um certo gênero de falso ensino”, e o falso ensino que blasfema contra o Espírito “atinge o próprio coração do testemunho do Espírito, isto é, o Evangelho”⁴²⁷.

Para Lammé, os fariseus buscavam tirar os seguidores de Jesus e afastá-los de sua graça e obra. Por isso, os fariseus foram acusados de rejeitarem de forma maligna e consciente o testemunho do Espírito sobre a pessoa de Jesus e a sua obra⁴²⁸. Os inimigos de Jesus não estavam apenas incorrendo em uma rejeição de Jesus, mas sim, em uma “rejeição hedionda e culposa de sua pessoa e trabalho (ou

⁴²¹ COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 24.

⁴²² COLE, G. A., Sins against the Holy Spirit, p. 24.

⁴²³ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 19-51.

⁴²⁴ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 42.

⁴²⁵ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 43.

⁴²⁶ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 42.

⁴²⁷ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 42.

⁴²⁸ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 43.

seja, de sua divindade e do cargo messiânico), ambos os quais os fariseus rejeitam quando condenam Jesus como um feiticeiro”⁴²⁹.

2.2.16 Marius J. Nel

Em 2015, Nel escrevia o seu artigo sobre o motivo do perdão no Evangelho segundo Mateus, em língua inglesa⁴³⁰. O autor se baseia no arranjo de Mateus como uma biografia antiga da vida de Jesus como o ponto central e inicial para o desenvolver sua ética do perdão⁴³¹.

Nel afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, de Mt 12,31-32 é “se oporem continuamente a obra salvadora de Deus por meio de Jesus”⁴³². Para este autor, os que cometem a blasfêmia contra o Espírito Santo “não serão perdoados”, nem nesta vida presente e nem na vida futura⁴³³.

Segundo Nel, o Evangelho de Mateus apresenta uma comunidade que é uma família de irmãos, que receberam o perdão de Deus e precisam assim, perdoar aos outros também⁴³⁴. No entanto, o mesmo escrito mateano demonstra que existe limites para o perdão de Deus, e a blasfêmia contra o Espírito Santo constitui-se um desses limites que impedem o perdão aos que cometem esse terrível pecado de blasfemar contra o Espírito⁴³⁵.

2.2.17 Jacob J. Scholtz

Em 2016, Scholtz escrevia o seu artigo, em língua inglesa, sobre um Messias, dois adventos, três precursores. Sua análise buscou avaliar a proposta de uma grande estrutura quiástica em Mt 11,2–17,13, tendo o reino de Deus como a ênfase de todo o panorama envolvido nesta grande seção⁴³⁶.

⁴²⁹ LAMMÉ, N., *The Blasphemy against the Holy Spirit*, p. 43.

⁴³⁰ NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 1-9.

⁴³¹ NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 1.

⁴³² NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 8.

⁴³³ NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 8.

⁴³⁴ NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 8.

⁴³⁵ NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 8.

⁴³⁶ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners’, p. 1-10.

Scholtz afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo foi que eles, os fariseus “rejeitam Jesus como o Messias”⁴³⁷. A base para essa rejeição é que Jesus estava contaminado com poderes satânicos, por isso, Jesus não poderia ser reconhecido como o Messias⁴³⁸. Para Scholtz, a blasfêmia contra o Espírito Santo que essa geração em Israel cometeu é um pecado imperdoável, e tal pecado é a razão do adiamento do reino davídico na terra, pois Jesus Cristo foi rejeitado como o Messias enviado por Deus na plenitude do Espírito Santo⁴³⁹.

Segundo Scholtz, existe um paralelo quiástico entre Mt 12,22-37 e Mt 15,1-20, em que os problemas apresentados entre as discussões dos fariseus contra Jesus são os mesmos, julgando a Cristo com suas palavras, mas, na verdade eles que serão julgados por suas palavras e a rejeição ao Cristo de Deus, que “demonstrou evidentemente através da obra do Espírito Santo que o reino de Deus estava se aproximando”⁴⁴⁰.

2.2.18 Daniel P. Rogers

Em 2017, Rogers escrevia o seu artigo, em língua inglesa. Ele apresenta um estudo em Mt 12, analisando a narrativa textual/padrão, textual argumentativa, abertura/fechamento médio textual/padrão, textual social, e intertextual, usando a crítica sócio retórica como Jesus interpreta Davi, Levítico, Oséias, Isaías, Jonas e a rainha de Sabá⁴⁴¹.

Rogers afirma que, a blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32 é o “atribuir a obra de Deus a Satanás”⁴⁴². Essa ofensa cometida pelos fariseus constitui a mais alta e evidente blasfêmia que eles atribuíram ao Espírito⁴⁴³. O que, na verdade Jesus estava fazendo através do poder do Espírito Santo nas curas e nos

⁴³⁷ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 7.

⁴³⁸ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 7.

⁴³⁹ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 7.

⁴⁴⁰ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 7.

⁴⁴¹ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 163-178.

⁴⁴² ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 170.

⁴⁴³ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 170.

exorcismos era reunir o povo com ele para louvor a Deus e “submeter seu próprio uso do poder ao ensino de Jesus como exemplo”⁴⁴⁴.

Para Rogers, poder e autoridade estão sempre se cruzando em Mt 12, em confronto entre Jesus e os seus adversários, os fariseus⁴⁴⁵. Ele realiza o seu milagre pelo poder de Deus, e os fariseus insinuem que esse poder é “uma força demoníaca superior”, e é aqui, que a blasfêmia contra o Espírito Santo é concebida⁴⁴⁶. Mas o poder e a autoridade que reveste a Jesus têm uma fonte diferente, que entra em oposição ao poder exercido naquele tempo⁴⁴⁷. Caso não fosse assim, o poder de Cristo teria a mesma fonte que os fariseus o havia acusado⁴⁴⁸. Nesse sentido, a rejeição da origem do poder de Jesus sendo o Espírito Santo é o pecado imperdoável como é dito pelos fariseus em Mt 12,31-32⁴⁴⁹.

2.2.19 Duane Litfin

Em 2017, Litfin escrevia o seu artigo sobre visitar o pecado imperdoável, em língua inglesa⁴⁵⁰. Para chegar a uma resposta acerca da blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, o autor recorreu a antiga retórica da *apodeixis*, que ajuda na comprovação de um argumento favorável⁴⁵¹.

Litfin apresenta algumas provas apodíticas para chegar à definição do significado da blasfêmia contra o Espírito Santo. Segundo este autor, o pecado imperdoável é o “atribuir os exorcismos de Jesus a Satanás”⁴⁵², foi cometido pelos fariseus, devido à descrença terminal deles, e é essa incredulidade terminal que caracterizou a blasfêmia contra o Espírito Santo de Mt 12,31-32⁴⁵³. Esta

⁴⁴⁴ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 171.

⁴⁴⁵ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 163.

⁴⁴⁶ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 170.

⁴⁴⁷ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 170.

⁴⁴⁸ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 170.

⁴⁴⁹ ROGERS, D. P., Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12, p. 170.

⁴⁵⁰ LITFIN, D., Revisiting the unpardonable sin, p. 713-732.

⁴⁵¹ LITFIN, D., Revisiting the unpardonable sin, p. 714.

⁴⁵² LITFIN, D., Revisiting the unpardonable sin, p. 723.

⁴⁵³ LITFIN, D., Revisiting the unpardonable sin, p. 723.

incredulidade terminal foi declarada como pecado imperdoável por Jesus, pelo fato de ela diferir de qualquer outra maneira de incredulidade, pois ela se reflete em “uma profundidade de rebelião além de qualquer outra”⁴⁵⁴.

Para Litfin, Mt 12,31-32 demonstra que existe uma distinção entre a blasfêmia contra o Espírito Santo e todos os outros tipos de pecados e até mesmo, outras blasfêmias⁴⁵⁵. No entanto, o único pecado que não tem perdão, nem neste século e nem no século vindouro é a blasfêmia contra o Espírito Santo⁴⁵⁶. Isto implica em afirmar que, os que cometem a blasfêmia contra o Espírito “são culpados de um pecado eterno”⁴⁵⁷.

Segundo Litfin, os fariseus eram os herdeiros da luz, da revelação de Deus, através de sua palavra. Porém, a sua incredulidade terminal não lhes permitiu enxergar à luz e continuaram em suas trevas densas⁴⁵⁸. Eles estavam tão aprofundados em sua cega incredulidade, que preferiram recusar a mais brilhante luz do Espírito Santo, e é essa rejeição que tornou o pecado dos fariseus único e singular⁴⁵⁹.

Ao tratar sobre se atualmente alguém pode cometer esse pecado, Litfin afirma que “o chamado pecado imperdoável não pode ser cometido hoje. Por mais determinado que seja a incredulidade”⁴⁶⁰. Segundo o autor, os contemporâneos de Jesus tiveram o privilégio de experimentarem a manifestação de Deus por meio de sua palavra escrita e da “presença física da palavra de Deus encarnada”, e dos milagres e ensinamentos de Jesus⁴⁶¹. Por outro lado, o homem moderno tem o contato com os escritos dos apóstolos, o que pode até ser uma vantagem sobre os fariseus, entretanto, nenhum dos que vivem hoje experienciaram o que os inimigos de Jesus vivenciaram, o “nível de luz reveladora, tanto verbal quanto apodítica que esses oponentes desfrutaram”⁴⁶². E é por esse motivo que hoje, não se pode cometer esse pecado tão terrível que é e foi a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão⁴⁶³.

⁴⁵⁴ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 722-723.

⁴⁵⁵ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 716.

⁴⁵⁶ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 716.

⁴⁵⁷ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 716.

⁴⁵⁸ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 724.

⁴⁵⁹ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 725.

⁴⁶⁰ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 729.

⁴⁶¹ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 729.

⁴⁶² LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 729.

⁴⁶³ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 729.

2.2.20 Myk Habets

Em 2018, Habets escrevia o seu artigo sobre Jesus, o Espírito e o pecado imperdoável, em língua inglesa. O autor pretende apresentar a questão do pecado imperdoável, como uma contribuição da cristologia espiritual, partindo de Mt 12,22-32 e seus paralelos em Mc 3,20-30; Lc 12,8-10, para a compreensão do incidente entre os fariseus e Jesus que culminou no dito tenebroso da blasfêmia contra o Espírito Santo⁴⁶⁴.

No que diz respeito a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável de Mt 12,31-32, Habets afirma que “blasfemar contra o Espírito é rejeitar Jesus como o Messias, o rei ungido”⁴⁶⁵. O autor também compreende que a blasfêmia contra o Espírito Santo é “uma resistência peculiar à verdade, combinada com malícia que pode ser cometida antes do fim da vida”⁴⁶⁶. Essa resistência ou rejeição à verdade serve como uma clara evidência de blasfêmia contra o Espírito Santo⁴⁶⁷.

Para Habets, os fariseus sabiam que Jesus era o Messias e eles o rejeitava, atribuindo o seu poder aos demônios, a Beelzebul, o líder dos demônios; e isto, fez com que os fariseus ficassem no perímetro dos opositores de Jesus, acusando-o de realizar o seu ministério pelo poder de Satanás⁴⁶⁸. A atitude dos opositores de Jesus em “rejeitar Cristo e a sua mensagem desta maneira particular, deve ser considerado de blasfêmia contra o Espírito Santo”⁴⁶⁹. Ao que parece, os fariseus estavam cometendo um pecado sério, pois “rejeitar Jesus é rejeitar o Espírito Santo que ungiu e opera por meio dele”⁴⁷⁰.

Segundo Habets, o pecado imperdoável deve ser compreendido no contexto histórico do aparecimento de Jesus como homem encarnado, onde “sua divindade essencial” foi escondida⁴⁷¹. Porém, suas obras foram feitas pelo poder do Espírito Santo, dando “evidência inconfundível de Deus estava presente e ativo nele”⁴⁷².

⁴⁶⁴ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 39-57.

⁴⁶⁵ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 54.

⁴⁶⁶ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 40.

⁴⁶⁷ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 45.

⁴⁶⁸ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 53.

⁴⁶⁹ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 53.

⁴⁷⁰ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 54.

⁴⁷¹ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p.55.

⁴⁷² HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 55.

Nesse sentido, entende-se que “esse pecado em particular, não encontre perdão nem nesta vida, nem na que está por vir”⁴⁷³.

2.2.21 Marcelo da Silva Carneiro

Em 2018, Carneiro escrevia o seu artigo, em língua portuguesa, sobre as controvérsias de cura em Mateus. O autor tomou como texto base Mt 12,22-32 e faz uma análise exegética da referida perícopa, com o propósito de examinar os debates entre a comunidade mateana e os opositores de Jesus, os fariseus, a respeito da autoridade de Jesus e da comunidade para operar milagres e exorcizar os demônios⁴⁷⁴.

Carneiro não deixa claro com as suas palavras o que seria a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão. O autor define a blasfêmia no seu sentido teológico, ele afirma que blasfemar “é o ato de falar ou se colocar contra Deus”⁴⁷⁵. Essa definição se refere a blasfemar contra Deus e até contra Jesus, mas não evidencia o pecado imperdoável; no entanto, o Carneiro concorda com a ideia de blasfêmia contra o Espírito Santo de Carter e a reproduz em seu trabalho afirmando “é recusar reconhecer o trabalho libertador, escatológico, de Deus, a caminho em Jesus”⁴⁷⁶. O autor continua reproduzindo que a blasfêmia contra o Espírito Santo “não consiste em dúvida, uma palavra mal falada, ou pecado desconhecido, ou inconsciente, mas de uma recusa contínua em reconhecer que as obras de Jesus impulsionadas pelo Espírito, ratificam a meta escatológica de Deus”⁴⁷⁷.

Carneiro afirma que os que blasfemam contra o Pai, podem até ser perdoados, e isto demonstra o objetivo primário do plano salvífico de Deus e seu amor para com todos os homens⁴⁷⁸. Porém, o autor aqui também entende que, existe uma

⁴⁷³ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 55.

⁴⁷⁴ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 199-213.

⁴⁷⁵ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 209.

⁴⁷⁶ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 209.

⁴⁷⁷ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 209.

⁴⁷⁸ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 209.

exceção que impede o ato salvífico de Deus, a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado que não tem perdão⁴⁷⁹.

2.2.22 Octavian D. Baban

Em 2020, Baban escrevia o seu artigo, em língua inglesa, sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo nos sinóticos, fundamentado nos textos de Mt 12,30-32; Mc 3,28-30; Lc 12,10, visando demonstrar como os escritores sinóticos narraram a fala de Jesus sobre o pecado imperdoável⁴⁸⁰.

No que tange ao pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, Baban afirma que esse pecado “refere-se historicamente a uma rejeição e pronunciamento maldoso sobre o ministério de Jesus e seu Espírito”⁴⁸¹. Para este autor, não é tão fácil assim, de forma simples, chegar à conclusão sobre o real sentido do que seria o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo nos textos sinóticos; por isso, é melhor uma análise intertextual do que é abordado nos três primeiros Evangelhos para chegar-se a uma ideia mais contundente sobre o pecado imperdoável⁴⁸².

Para Baban, os textos de Mt 12,31-32; Mc 3,28-30; Lc 12,10 enfatizam que o pecado imperdoável carrega sobre si “uma espécie de julgamento automático ou conluio. Condenação”⁴⁸³. O pronunciamento desses textos sobre a condenação da blasfêmia contra o Espírito Santo “é mais severa em seu conteúdo e consequências”, não dando nem a oportunidade da chegada do juízo final⁴⁸⁴.

Baban acredita ser possível enxergar no Evangelho de Mateus uma “teologia coerente e declaradamente definida sobre o Espírito Santo em seu evangelho”⁴⁸⁵. Ele também entende que, a repetição da sentença em Mt 12,31-32 reforça essa ideia no escrito mateano, e que há uma severidade ao falar contra o Espírito Santo, causando a impossibilidade do perdão, nem neste mundo presente e nem no mundo

⁴⁷⁹ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 209.

⁴⁸⁰ BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 20-50.

⁴⁸¹ BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 46.

⁴⁸² BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 23.

⁴⁸³ BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 23.

⁴⁸⁴ BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 23.

⁴⁸⁵ BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 27.

vindouro, caracterizando assim, que este pecado no Evangelho de Mateus tem um sentido escatológico⁴⁸⁶.

As análises e as informações obtidas neste capítulo, no que se refere a Mt 12,22-32, que traz a sentença da blasfêmia contra o Espírito Santo, como o pecado imperdoável, demonstrou que a grande maioria dos autores e comentadores (comentários e artigos de diversas áreas, tanto da teologia bíblica, como da teologia sistemático-pastoral) deste texto acreditam que a blasfêmia contra o Espírito Santo é, com algumas variações o fechamento total do homem a Deus, impedindo-lhe de receber a graça e o perdão divino. Nessa linha de interpretação estão Trilling, Stanley, Radermakers, Gnilka, Carson, Carter, Boice, Mazzarolo, Di Paolo, Schaff e Lange, Grilli e Langner, Gallazi, Sproul, De Carlo, Vítório, Deiros, Patton, Fridrichesen, Franklin, Scroggs, Lamerson, Grundmann, Lammé, Nel e Baban, que usam respectivamente os termos como: ataques contra Deus, total fechamento à graça, rejeição voluntária, rejeição zombeteira, rejeição da verdade do Evangelho, recusa ao trabalho libertador de Jesus, rejeição da obra do Espírito Santo, negação do próprio Espírito Santo, rejeição à justiça e à misericórdia de Deus, oposição aberta e plena contra à conversão, negação ao plano salvífico de Deus que Jesus realiza pelo Espírito de Deus, o fechamento em não querer ser discípulo de Jesus, repúdio à obra do Espírito Santo, oposição à verdade de Deus pela evidência do Espírito Santo, fechamento do coração para o Espírito Santo e impedi-lo de agir, rejeição a partir do não crer no Espírito Santo e nem em sua ação redentora, a rejeição a partir do falar mal contra o Espírito Santo, a negação a Cristo no momento da perseguição, rejeição final e definitiva de Cristo, negação e rejeição da origem do trabalho do Espírito Santo, rejeição a partir do desrespeito pela verdade do Espírito Santo, a recusa em reconhecer a autoridade legítima e distorcer a realidade da ação do Espírito Santo, a rejeição intencional, consciente e maligna do testemunho do Espírito Santo, oposição contínua à obra salvadora de Deus por meio de Jesus e rejeição e pronunciamento maldoso sobre o ministério de Jesus e seu Espírito.

Chouraqui afirma que é o não crer na pessoa, na palavra e nas obras de Jesus, ou seja, rejeição; para Blomberg, é a rejeição implacável do Espírito Santo, mas que não há como saber quem cometeu tal pecado, porque apenas Deus conhece os

⁴⁸⁶ BABAN, O. D., *Spirit blasphemy in the Synoptics*, p. 27-28.

corações dos homens; Scholtz e Habets interpretaram a blasfêmia contra o Espírito Santo de Mt 12,31-32 como a rejeição de Jesus como o Messias, o rei ungido e sua obra messiânica para Israel; Lopes, Barret e Cole, não apenas afirmaram que a blasfêmia contra o Espírito Santo é a rejeição deliberada e o fechamento completo à graça de Deus, mas também entendem que é o atribuir a Satanás as obras do Espírito Santo.

Poucos foram os autores que não abordaram sobre essa temática, mas fizeram as suas pesquisa no mesmo texto de Mt 12,22-32. Entre eles estão Champlin, que não traz uma opinião própria sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, mas apresenta cinco possibilidades de interpretação; Luz também não apresenta uma ideia sua, mas se aproxima da interpretação de Atanásio que afirma a respeito do pecado imperdoável: “a negação deliberada da divindade de Jesus por não-cristãos hereges”. Não obstante, ele acredita que esse terrível pecado é irreconhecível, sem o reconhecimento de quem o pratica; Simonetti é outro que não traz uma ideia sua, mas a de alguns dos Padres da Igreja e acrescenta a visão de Agostinho como o pecado da impenitência persistente e duradoura que continua a resistir absolutamente ao Espírito Santo mesmo após o batismo; ainda, há autores como Boring que não fez nenhuma afirmação a respeito dessa blasfêmia. Sua preocupação foi examinar os textos (Mt 12,31-32; Mc 3,28-29; Lc 12,10), se preocupando com as questões históricas de suas formações; O’Neill não especifica direta ou indiretamente o que seria o pecado imperdoável, ele apenas descreveu que Mt 12,31-32 não aponta para um pecado direcionado ao Espírito Santo; da mesma forma Miquel nada aborda sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, nem o que seria, sua natureza e nem se existe alguma possibilidade de perdão. Este autor apenas se preocupou com a formação de Mt 12,31-32; e, por fim, Carneiro, que não deixa claro com as suas próprias palavras.

Para outros, a blasfêmia contra o Espírito Santo é o atribuir a Satanás as obras realizadas por Jesus, através do poder do Espírito Santo. Em qualquer uma dessas possibilidades de interpretação sobre pecado contra o Espírito Santo, não há a probabilidade de perdão, pois é um pecado irremissível, tanto neste mundo, como no vindouro; Taske considera a blasfêmia contra o Espírito Santo como o atribuir as obras de Jesus a Satanás e, cita Is 5,20 como texto que sinaliza uma condenação para o pecado de chamar o mal de bem; Barbaglio entendeu esse perigoso pecado como atribuir aos demônios os gestos libertadores de Jesus contra os possuídos por

espíritos malignos; para Mateos e Camacho, o pecado imperdoável é atribuir as ações curadoras de Jesus como obras realizadas pelo poder de Satanás.

Os autores com uma semelhante interpretação de Mt 12,31-32 são Hagner, Hendriksen, Rienecker, Bolt e Rogers que afirmam, da mesma maneira, que a blasfêmia é o atribuir as ações de Jesus ao maligno, a Satanás; Mello porém, afirma que é obra de Belzebu e não do Espírito Santo; para Millos, a blasfêmia contra o Espírito Santo é o ato consciente e voluntário que atribui ao Diabo as obras de Cristo; de forma semelhante, mas com uma nota diferenciada é a visão de Penninga, que acredita ser o pecado imperdoável o atribuir a Satanás a obra clara de Deus por meio de seu Espírito Santo e isso não tem perdão. No entanto, sua perspectiva é que esse pecado só foi possível porque Jesus estava presente na terra em forma humana. Na atualidade, porém, ele não pode ser cometido porque não há mais a presença do Jesus homem, o Deus encarnado; de forma similar, está Combs, mas ele asseverou que o pecado imperdoável só pode ser cometido por pessoas não regeneradas. No entanto, esse pecado não pode ser praticado hoje, visto que é um pecado contra o poder milagroso do Espírito Santo e só aconteceu no momento em que esses sinais ocorreram e nos dias atuais, eles não acontecem; Litfin segue a linha interpretativa dos demais aqui citados, mas acrescenta que os contemporâneos de Jesus eram os verdadeiros herdeiros da luz e que tal pecado não pode ser cometido hoje. A blasfêmia contra o Espírito Santo não pode ser cometida na atualidade porque o homem moderno não teve a mesma experiência dos que viram e ouviram pessoalmente a Cristo, apenas receberam os escritos dos apóstolos e isso parece até ser uma vantagem sobre eles, mas não vivem hoje a experiência que eles tiveram.

Portanto, as considerações aqui apresentadas auxiliam a demonstrar a diversidade interpretativa entre os comentadores do Evangelho de Mateus e da temática. Mas há uma convergência de que a blasfêmia contra o Espírito Santo sendo a rejeição consciente, deliberada e o total fechamento à graça e ao perdão divino, ou a atribuição a Satanás das obras realizadas por Jesus Cristo através do poder do Espírito Santo, é um pecado imperdoável e inegável.

3

Análises críticas de Mateus 12,22-32

No capítulo anterior tratamos da história da interpretação no que diz respeito ao significado da blasfêmia contra o Espírito Santo em comentários e artigos que abordam sobre essa importante temática. No presente capítulo trabalharemos as questões exegéticas de Mt 12,22-32, recorrendo ao Método Histórico-Crítico⁴⁸⁷, com algumas de suas etapas que comportam a esse método, as quais são: o texto de Mt 12,22-32 e a sua tradução; a crítica textual; a crítica literária ou da constituição do texto; a crítica da forma e a crítica do gênero literário; a crítica da redação; a crítica das tradições.

3.1

O texto grego de Mt 12,22-32: segmentação e tradução

O objeto material desta obra é a perícopé de Mt 12,22-32, baseado a partir do texto grego oferecido pelo NA²⁸. A tradução busca seguir os princípios de correspondência formal⁴⁸⁸. O texto está dividido em segmentos, para demonstrar as unidades menores, apresentando em cada linha um verbo conjugado, ou no máximo dois verbos, explícitos ou implícitos, como é normal em qualquer frase em um texto.

Τότε προσηνέχθη αὐτῷ δαιμονιζόμενος τυφλὸς καὶ κωφός,	22a	Então, foi trazido a ele um endemoniado cego e mudo,
καὶ ἐθεράπευσεν αὐτόν,	22b	e o curou,
ὥστε τὸν κωφὸν λαλεῖν καὶ βλέπειν.	22c	ao ponto de o mudo falar e ver.
καὶ ἐξίσταντο πάντες οἱ ὄχλοι	23a	E maravilhavam-se todas as multidões
καὶ ἔλεγον·	23b	e diziam:
μήτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς Δαβίδ;	23c	“porventura não é este o filho de Davi?”

⁴⁸⁷ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 53-76; ARTOLA, A. M.; CARO, J. M. S., A Bíblia e a Palavra de Deus, p. 335.

⁴⁸⁸ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 47; SILVA, C. M. D., Metodologia de exegese bíblica, p.30.

οἱ δὲ Φαρισαῖοι ἀκούσαντες εἶπον	24a	Mas os fariseus tendo ouvido disseram:
οὗτος οὐκ ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων.	24b	“este não expulsa os demônios, senão por Beelzebul, chefe dos demônios.”
Εἰδὼς δὲ τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν	25a	Mas sabendo os pensamentos deles,
εἶπεν αὐτοῖς	25b	disse-lhes:
πᾶσα βασιλεία μερισθεῖσα καθ’ ἑαυτῆς	25c	“todo reino dividido contra si mesmo
ἐρημοῦται	25d	fica deserto
καὶ πᾶσα πόλις ἢ οἰκία μερισθεῖσα καθ’ ἑαυτῆς	25e	e toda cidade ou casa dividida contra si mesma,
οὐ σταθήσεται.	25f	não subsistirá.
καὶ εἰ ὁ σατανᾶς τὸν σατανᾶν ἐκβάλλει,	26a	E se Satanás a Satanás expulsa,
ἐφ’ ἑαυτὸν ἐμερίσθη·	26b	contra si mesmo foi dividido;
πῶς οὖν σταθήσεται ἡ βασιλεία αὐτοῦ;	26c	como, pois, subsistirá o seu reino?
καὶ εἰ ἐγὼ ἐν Βεελζεβούλ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια,	27a	E se eu por Beelzebul expulso os demônios,
οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν;	27b	os vossos filhos, por quem os expulsam?
διὰ τοῦτο αὐτοὶ κριταὶ ἔσονται ὑμῶν.	27c	Por isso eles serão vossos juizes.
εἰ δὲ ἐν πνεύματι θεοῦ ἐγὼ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια,	28a	Mas se pelo Espírito de Deus eu expulso os demônios,
ἄρα ἔφθασεν ἐφ’ ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.	28b	então chegou sobre vós o Reino de Deus.
ἢ πῶς δύναται τις εἰσελθεῖν εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἰσχυροῦ	29a	Ou como pode alguém entrar na casa do valente
καὶ τὰ σκεύη αὐτοῦ ἄρπάσαι,	29b	e os objetos dele roubar,
ἐὰν μὴ πρῶτον δήσῃ τὸν ἰσχυρόν;	29c	se não primeiro amarrar o valente?

καὶ τότε τὴν οἰκίαν αὐτοῦ διαρπάσει.	29d	E então, saqueará a casa dele.
ὁ μὴ ὄν μετ' ἐμοῦ	30a	O que não está comigo,
κατ' ἐμοῦ ἐστίν,	30b	contra mim está,
καὶ ὁ μὴ συνάγων μετ' ἐμοῦ	30c	e o que não ajunta comigo
σκορπίζει.	30d	espalha.
Διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν,	31a	Por isso vos digo:
πᾶσα ἁμαρτία καὶ βλασφημία ἀφεθήσεται τοῖς ἀνθρώποις,	31b	todo pecado e blasfêmia, será perdoado aos homens,
ἢ δὲ τοῦ πνεύματος βλασφημία οὐκ ἀφεθήσεται.	31c	mas a blasfêmia [contra] o Espírito não será perdoada.
καὶ ὃς ἐὰν εἴπῃ λόγον κατὰ τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου,	32a	E se alguém disser [uma] palavra contra o filho do homem,
ἀφεθήσεται αὐτῷ.	32b	ele será perdoado;
ὃς δ' ἂν εἴπῃ κατὰ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου,	32c	mas se alguém disser contra o Espírito Santo,
οὐκ ἀφεθήσεται αὐτῷ οὔτε ἐν τούτῳ τῷ αἰῶνι οὔτε ἐν τῷ μέλλοντι.	32d	não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro.”

Tabela 1 - O texto grego de Mt 12,22-32: segmentação e tradução

3.2 Crítica textual

Faremos a crítica textual na perícope de Mt 12,22-32, a partir do aparato crítico da Nestle-Aland²⁸, para chegarmos a uma conclusão do que seria o texto que tenha a originalidade do que foi dito pelo hagiógrafo. Para respaldar as decisões nas escolhas da melhor variante, é impreterível, ter como apoio, o uso da crítica interna e da crítica externa como ferramentas basilares⁴⁸⁹. Assim sendo, esboçaremos a problemática citada em cada versículo de nossa perícope.

1) O v.22 apresenta a substituição, em parte da tradição, das palavras “προσηνέχθη αὐτῷ δαιμονιζόμενος τυφλὸς καὶ κωφός” na frase “foi trazido a ele

⁴⁸⁹ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 49; GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 214-235.

um endemoniado cego e mudo”, pelas palavras “προσήνεγκαν αὐτῷ δαιμονιζόμενον τυφλὸν καὶ κωφόν/*trouxeram a ele um endemoniado cego e mudo*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos B, 0281^{vid} (a leitura não pode ser determinada com absoluta certeza), pelo minúsculo 1424 e pela sy^(s.c.p) (as versões entre parêntese apresentam pequenas variações). Com essa substituição, a frase ficaria “foi trazido um endemoniado cego e mudo”. A substituição das palavras não altera o sentido do texto. Porém, seguindo os critérios externos, que analisa o peso dos testemunhos mais antigos como preferencial e os critérios internos, é possível observar que foi feita uma harmonização por parte das testemunhas, para harmonizar com relato de Mt 9,32 que traz a mesma estrutura de Mt 12,22⁴⁹⁰. Com isso, concordamos com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

2) O v.22 apresenta uma segunda variante que é a substituição, em parte da tradição, das palavras “τὸν κωφόν/*o mudo*” na frase “ὥστε τὸν κωφὸν λαλεῖν καὶ βλέπειν/*a ponto de o mudo falar e ver*”, pelas palavras “τὸν κωφὸν καὶ τυφλόν/*o mudo e cego*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos L, W, Δ, Θ; por *f*^{1.13} (família de minúsculos 1, 13); pelos lecionários *ℓ* 844, *ℓ* 2211; pela sy^{p.h} (versões Síriaca Peshitta e Heracleana). Com essa substituição, a frase ficaria “τὸν κωφὸν καὶ τυφλόν/*o mudo e cego*”. Outra forma de substituição apresentada no aparato crítico é “τὸν τυφλὸν καὶ κωφόν/*o cego e mudo*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos C, K, N, Γ, 0281; pelos minúsculos 33, 565, 579; por *Ū* (Texto Majoritário); pelo códice latino q. Os manuscritos latinos antigos e a Vulgata (lat) omitem a variante “τὸν τυφλὸν καὶ κωφόν/*o cego e mudo*”. Com essa substituição a frase ficaria “τὸν τυφλὸν καὶ κωφόν/*o cego e mudo*”. O texto da NA²⁸ (txt) mantém a sua estrutura, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos *κ*, B, D; pelos minúsculos 892, 1424; pelos manuscritos latinos isolados ff¹, g¹, k; e pela versão co (todos os manuscritos da versão copta). Seguindo os critérios externos, que considera o peso dos testemunhos mais antigos como preferencial⁴⁹¹, concordamos

⁴⁹⁰ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71. “Lectio diffõrmi a loco paralelo praestat conformi = a leitura divergente em relação à passagem paralela tem predominância sobre a leitura que lhe é conforme”; GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 221; ALLEN, W. C., A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Matthew, p. 134.

⁴⁹¹ GONZAGA, W. “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 214-235; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 70; BARRERA, J. T., et al. A Bíblia e seu contexto, p. 504; PAROSCHI, W., Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento, p. 179.

com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

3) O v.22 apresenta uma terceira variante, a inserção em parte da tradição, a conjunção “καί/e”, na frase “ὅστε τὸν κωφὸν λαλεῖν καὶ βλέπειν/a *ponto de o mudo também falar e ver*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ², C, K, L, N, Γ, Δ; pelos minúsculos 565, 579, 700; pelos lecionários ℓ 844, ℓ 2211; por Ū (Texto Majoritário); pela sy^h (versão siríaca heracleana). Com essa inserção a tradução ficaria “ὅστε τὸν κωφὸν καὶ λαλεῖν καὶ βλέπειν/a *ponto de o mudo também falar e ver*”. O texto da NA²⁸ (txt) mantém a sua estrutura, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ* (com pequenas alterações), B, D, W, Θ, 0281; por f^{1.13} (família de minúsculos 1, 13); pelos minúsculos 33, 892, 1424. O acréscimo da conjunção καί pode ter sido um erro não intencional do copista, que repetiu um trecho do manuscrito⁴⁹². Com o apoio dos critérios externos que avaliam o peso dos testemunhos mais antigos como preferencial, e os critérios internos, que defende a leitura mais breve como preferível (*lectio brevior potior*), concordamos com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

4) O v.24 apresenta uma quarta variante, a substituição em parte da tradição, da palavra “Βεεζεβουλ/Beelzebul”, na frase “εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ/se *não por Beelzebul*”, que é testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ, B; “Beelzebub” é testemunhado pelos códices latinos c, (ff¹); pela vg (Vulgata); pela versão sy (todos os manuscritos da versão siríaca). O texto da NA²⁸ (txt) mantém a palavra “Βεεζεβουλ”, testemunhado pelo ℞²¹ (papiro 21); pelos manuscritos maiúsculos C, D, K, L, N, W, Γ, Δ, Θ, 0281; por f^{1.13} (família de minúsculos 1, 13); pelos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1424; por Ū (Texto Majoritário); por it (todos/ a maioria dos manuscritos latinos antigos); por (co) (todos os manuscritos da versão copta com pequenas alterações). A variante “Βεεζεβουλ/Beelzebul” tem dois testemunhos de peso e antiguidade, porém, o texto da NA²⁸ é apoiado por um papiro, de maior peso e confiança. Pode ter havido aqui, um erro de *haplografia* por parte do copista, que omitiu alguma letra na sua escrita⁴⁹³. Com os critérios

⁴⁹² GONZAGA, W. “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41.

⁴⁹³ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento,

externos que se apoiam na melhor garantia dos manuscritos mais antigos como a preferível, e os critérios internos, que apoiam a leitura mais difícil (*lectio difficillima*)⁴⁹⁴, concordamos com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

5) O v.25 apresenta uma quinta variante que é a substituição das palavras “Εἰδὼς δὲ ὁ Ἰησοῦς/*mas sabendo Jesus*”, na frase “Εἰδὼς δὲ τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν/*mas sabendo os pensamentos deles*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos C, K, L, N, W, Γ, Δ, Θ, 0106; por *f*^{1.13} (família de minúsculos 1, 13); pelos minúsculos 565, 579, 700, 1424; por \hat{U} (Texto Majoritário); pelos manuscritos latinos antigos e a Vulgata (lat); pela versão sy^{p.h} (versões Siríaca Peshitta e Heracleana); por *mae* (versão copta Médio Egito). Com essa substituição, a tradução ficaria “Εἰδὼς δὲ ὁ Ἰησοῦς τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν/*e sabendo Jesus os pensamentos deles*”. Outra variante apresentada no aparato crítico para o v.25 é “ἰδὼν δὲ ὁ Ἰησοῦς/*e vendo Jesus*”, testemunhado pelo manuscrito maiúsculo 0281^{vid}; pelos minúsculos 33, 892^c; pelo códice latino ff¹; pela versão bo^{mss} (versão copta boárica e manuscritos). Com essa substituição, a tradução ficaria “ἰδὼν δὲ ὁ Ἰησοῦς τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν/*e vendo Jesus os pensamentos deles*”. A terceira variante apresentada para o v.25 é “ἰδὼν δὲ/*e vendo*”, testemunhada pelo P²¹ (papiro 21); pelos manuscritos maiúsculos \aleph^1 , D; pelos minúsculos 892*; pelo códice latino k; pela versão sy^{s.c} (versões Siríaca sinaítica e curetoniana); pela versão bo (versão copta boárica). Com essa substituição a tradução ficaria “ἰδὼν δὲ τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν/*e vendo os pensamentos deles*”. O texto da NA²⁸ (txt) mantém a sua estrutura, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos $\aleph^{*.2}$ (com pequenas alterações e com correções feitas pelo segundo corretor), B; pela versão sa (versão copta saídica). O nome Jesus foi um acréscimo natural feito por um ou mais copistas que entenderam ser necessário ter o nome de Jesus para dar clareza ao texto⁴⁹⁵. A leitura “Εἰδὼς δὲ” com ou sem “ὁ Ἰησοῦς” é apoiado pelo peso indiscutível das

p. 40-41; HARRINGTON, D. J., *Il Vangelo di Matteo*, p. 164; COMFORT, P. W., *A commentary on the manuscripts and text of the New Testament*, p. 147.

⁴⁹⁴ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 62; SCHNELLE, U., *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 40-41; TASKER, R. V. G., *Mateus*, p. 103; BARRERA, J. T., et al. *A Bíblia e seu contexto*, p. 505; ALAND, K.; ALAND, B. *O texto do Novo Testamento*, p. 288.

⁴⁹⁵ OMANSON, R. L., *Variantes textuais do Novo Testamento*, p. 18; METZGER, B. M., *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 26; TURNER, D. L., *Matthew*, p. 324; NOLLAND J., *The Gospel of Matthew*, p. 496.

evidências externas⁴⁹⁶. Desta forma, concordamos com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego, pois se o sujeito “ὁ Ἰησοῦς” fosse original, nenhum escriba o teria omitido de seus textos⁴⁹⁷.

6) O v.27 apresenta uma sexta variante que é a substituição, em parte da tradição, da palavra “Βεεζεβουλ/*Beelzebul*”, na frase “εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ/*se não por Beelzebul*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ, B; pela versão bo^{mss} (versão copta boárica e manuscritos); “Βεεζεβουβ/*Beelzebub*” é testemunhado pelos códices latinos c, (ff¹); pela vg (Vulgata); pela versão sy (todos os manuscritos da versão siríaca); O texto da NA²⁸ (txt) mantém a palavra “Βεεζεβουλ/*Beelzebul*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos C, D, K, L, N, W, Γ, Δ, Θ, 0281; por *f*^{1.13} (família de minúsculos 1, 13); pelos minúsculos 33, 565, 579, 700, 892, 1424; por Ū (Texto Majoritário); por it (todos/a maioria dos manuscritos latinos antigos); pela versão sa (versão copta saídica); por *mae* (versão copta Médio Egito); pela versão bo (versão copta boárica). Assim como no v.24, pode ter acontecido um erro de *haplografia* por parte do copista, que omitiu alguma letra na sua escrita⁴⁹⁸. Com critérios externos apoiam-se na melhor garantia dos manuscritos mais antigos e os critérios internos apoiam a leitura mais difícil (*lectio difficillima*), como a mais preferível⁴⁹⁹, concordamos com texto grego da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

7) O v.27 oferece uma sétima variante, a preservação, mas em ordem diferente das palavras “αὐτοὶ κριταὶ ὑμῶν ἔσονται/*eles serão vossos juizes*”, na frase “διὰ τοῦτο αὐτοὶ κριταὶ ἔσονται ὑμῶν/*por isso eles serão vossos juizes*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo Θ; por *f*¹ (família de minúsculos 1); pelo manuscrito latino isolado c; pela vg^{cl} (Vulgata, edição clementina). Nessa ordem a frase ficaria assim “αὐτοὶ κριταὶ ὑμῶν ἔσονται/*eles juizes vossos serão*”. Outra ordem

⁴⁹⁶ OMANSON, R. L., Variantes textuais do Novo Testamento, p. 18; METZGER, B. M. A textual commentary on the Greek New Testament, p. 26; TURNER, D. L., Matthew, p. 324.

⁴⁹⁷ DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 360; PAROSCHI, W., Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento, p. 179; Hagner, D. A., p. 339.

⁴⁹⁸ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; NOLLAND J., The Gospel of Matthew, p. 496; COMFORT, P. W., A commentary on the manuscripts and text of the New Testament, p. 147.

⁴⁹⁹ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; ALAND, K.; ALAND, B. O texto do Novo Testamento, p. 288.

preservada é apresentada “αὐτοὶ ὑμῶν ἔσονται κριταὶ/*eles vossos serão juízes*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos C, D, K, L, N, Γ, Δ; por f^{13} (família de minúsculos 13); pelos minúsculos 565, 579, 700; por Ū (Texto Majoritário). Com essa ordem a frase ficaria “αὐτοὶ ὑμῶν ἔσονται κριταὶ/*eles vos serão juízes*”. Outra ordem preservada é “αὐτοὶ ὑμῶν κριταὶ ἔσονται/*eles vos serão juízes*”, que testemunhado pelo manuscrito maiúsculo L. a frase teria a seguinte forma “αὐτοὶ ὑμῶν κριταὶ ἔσονται/*eles vossos juízes serão*”. Uma última ordem apresentada no aparato crítico é “κριταὶ ἔσονται αὐτοὶ ὑμῶν/*eles vossos juízes serão*”, que testemunhado pelo manuscrito maiúsculo W. a frase ficaria “κριταὶ ἔσονται αὐτοὶ ὑμῶν/*eles serão vossos juízes*”. O texto da NA²⁸ (txt) mantém a ordem de suas palavras, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ, B, D, 0281; pelos minúsculos 892, 1424. Conforme os critérios externos, o texto grego da NA²⁸ é apoiado por três dos cinco manuscritos mais importantes e de peso⁵⁰⁰, que podem determinar este texto, como sendo o que mais se aproxima da forma original do texto grego.

8) O v.29 apresenta uma oitava variante, a substituição, em parte da tradição, do verbo “διαρπάσαι/*roubará*”, na frase “καὶ τὰ σκεύη αὐτοῦ ἀρπάσαι/*e os objetos [utensílios] dele roubar*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ, C², D, K, L, Γ, Δ, Θ; por f^{13} (família de minúsculos 13); pelos minúsculos 33, 565, 700; por Ū (Texto Majoritário). Com essa substituição a frase ficaria “καὶ τὰ σκεύη αὐτοῦ διαρπάσαι/*e os objetos [utensílios] dele roubar*”. O texto da NA²⁸ (txt) mantém a “ἀρπάσαι/*roubar*”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos B, C*, N, W; por f^1 (família de minúsculos 1); pelos minúsculos 892, 1424. A substituição da palavra “διαρπάσαι/*roubará*” não altera o sentido do texto. No entanto, seguindo os critérios externos que se apoiam na melhor garantia dos manuscritos mais antigos como a preferível e os critérios internos, é possível observar que foi feita uma harmonização por parte das testemunhas, para harmonizar com relato de Mc 3,27 que traz a mesma estrutura de Mt 12,29⁵⁰¹. Com isso, concordamos com texto grego

⁵⁰⁰ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; BARRERA, J. T., et al. A Bíblia e seu contexto, p. 504.

⁵⁰¹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71. “Lectio difformis a loco paralelo praestat conformi = a leitura divergente em relação à passagem paralela tem predominância sobre a leitura que lhe é conforme”; GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 221.

da edição de NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

9) O v.29 traz uma nona variante, a substituição, em parte da tradição, da palavra διαρπάση, na frase “καὶ τότε τὴν οἰκίαν αὐτοῦ διαρπάσει/e *então, roubará [saqueará] a casa dele*”, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos 8, D, K, W; por *f*¹³ (família de minúsculos 13); pelos minúsculos 33, 565, 700; muitos outros manuscritos (*pm*); pela *vg*st (Vulgata, edição *Stuttgartiensis*). Outra variante apresentada é αρπάση, testemunhado pelo manuscrito minúsculo 1424. As palavras διαρπάση e αρπάση são estranhas tanto no texto da LXX (Septuaginta) quanto no Novo Testamento. Pode ter acontecido um erro (*homeoteleuton*) por parte dos copistas⁵⁰². Com o apoio dos critérios internos e critérios externos, que apontam para o acordo entre todos os manuscritos de maior peso, para o texto da NA²⁸ como sendo o texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

10) O v.30 apresenta uma décima variante, a inserção, em parte da tradição, da palavra “με/me”, na frase “καὶ ὁ μὴ συνάγων μετ’ ἐμοῦ σκορπίζει/e *o que não ajunta comigo espalha*”, testemunhado pelo manuscrito maiúsculo 8; pelo minúsculo 33; pela *sy*^h (versão siríaca heracleana); pela versão *bo* (versão copta boárca). Aceitando essa inserção, a frase ficaria assim “καὶ ὁ μὴ συνάγων μετ’ ἐμοῦ σκορπίζει με/e *o que não ajunta comigo, espalha-me*”. É possível que tenha havido um erro involuntário do copista devido à repetição do pronome grego “ἐμοῦ/*de mim*”. Segundo o critério externo, que demonstra que todos os outros manuscritos de peso e qualidade omitem o “με/me”, e o critério interno que afirma a leitura mais breve como a preferível (*lectio brevior potior*), concorda-se que o texto da NA²⁸ deve ser aceito como texto que mais se aproxima da forma original do texto grego⁵⁰³.

11) O v.31 apresenta uma décima primeira variante, a inserção, em parte da tradição, da palavra “ὁμῖν/a *vós*”, na frase “ἀφεθήσεται τοῖς ἀνθρώποις/*será*

⁵⁰² GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; BARRERA, J. T., et al. A Bíblia e seu contexto, p. 502; ALAND, K.; ALAND, B. O texto do Novo Testamento, p. 288-305.

⁵⁰³ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; COMFORT, P. W., A commentary on the manuscripts and text of the New Testament, p. 148; ALAND, K.; ALAND, B. O texto do Novo Testamento, p. 288; PAROSCHI, W., Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento, p. 184.

perdoado aos homens”, testemunhado pelo manuscrito maiúsculo B; por f^{13} (família de minúsculos 13); pela versão sa (versão copta saídica); por mae (versão copta Médio Egito). Com essa inserção, a frase ficaria desta maneira “ἀφεθήσεται ὑμῖν τοῖς ἀνθρώποις/*será perdoado a vós homens*”. Mais uma vez, apoiamo-nos no critério externo, ao qual afirma que se deve considerar que todos os outros manuscritos de peso e qualidade omitem o “ὑμῖν/a vós”, e no critério interno que afirma a leitura mais breve é a preferível (*lectio brevior potior*), por isso, concorda-se que o texto da NA²⁸ deve ser aceito como texto que mais se aproxima da forma original do texto grego⁵⁰⁴.

12) O v.31 apresenta uma décima segunda variante, a inserção, em parte da tradição, das palavras “τοῖς ἀνθρώποις/*os homens*”, na frase “οὐκ ἀφεθήσεται/*não será perdoado*”, testemunhado pelo manuscritos maiúsculos C, D, K, L, N, W, Δ, Θ; por f^{13} (família de minúsculos 13); pelos minúsculos 33, 565, 700; por Ū (Texto Majoritário); por it (todos/a maioria dos manuscritos latinos antigos); pela sy^{p,h} (versões Siríaca Peshitta e Heracleana). Com essa inserção a frase ficaria desta forma “οὐκ ἀφεθήσεται τοῖς ἀνθρώποις/*não será perdoado aos homens*”. Outra variante apresentada é a inserção do pronome “αὐτῷ/*ele*”, testemunhado pelos manuscritos latinos isolados (b), ff1, h; pela versão sy^{s,c} (versão siríaca sinaítica e curetoniana); por mae (versão copta Médio Egito); bo^{ms} (versão copta boárica e um manuscrito). Com a inserção do pronome “αὐτῷ/*ele*”, a tradução ficaria assim “οὐκ ἀφεθήσεται αὐτῷ/*não será perdoado a ele*”. O texto da NA28 (txt) mantém a ordem de suas palavras, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos κ, B; por f^1 (família de minúsculos 1); pelos minúsculos 892, 1424; pelos manuscritos latinos isolados aur, k; pela versão sa (versão copta saídica); bo (versão copta boárica). As inserções das palavras “τοῖς ἀνθρώποις/*os homens*” e “αὐτῷ/*ele*”, pode ter sido um erro dos copistas, uma *dittografia*, que incide na repetição equívoca de uma parte de um manuscrito⁵⁰⁵. Conforme o critério interno, a leitura mais breve é a preferível (*lectio*

⁵⁰⁴ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; BARRERA, J. T., et al. A Bíblia e seu contexto, p. 506; ALAND, K.; ALAND, B. O texto do Novo Testamento, p. 288; PAROSCHI, W., Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento, p. 184.

⁵⁰⁵ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41.

brevior potior), com isso, concorda-se que o texto da NA²⁸ deve ser aceito como texto que mais se aproxima da forma original do texto grego.

13) O v.32 oferece uma décima terceira variante, a inserção, em parte da tradição, do advérbio de negação “οὐκ/não”, na frase “ἀφεθήσεται αὐτῶ/*este será perdoado*”, testemunhado pelo manuscrito maiúsculo B*. Com a inserção a frase se estruturaria assim “οὐκ ἀφεθήσεται αὐτῶ/não *lhe será perdoado*”. A inserção do advérbio de negação “οὐκ/não” é, na verdade uma repetição do final do v.31, isso pode significar que o copista cometeu uma *dittografia*. Pelo critério interno prefere a leitura mais breve é a preferível (*lectio brevior potior*) e o critério externo opta pelo peso dos testemunhos mais importantes, que não é o caso aqui, pois a variante é testemunhada por apenas um manuscrito⁵⁰⁶. Por esses motivos, amparados pelas evidências interna e externa, concorda-se em manter o texto grego da NA²⁸ como sendo o texto mais confiável e o que mais se aproxima do texto original.

14) O v.32 oferece uma décima quarta variante, a substituição das palavras “οὐ μὴ ἀφεθήσεται/*de modo algum será perdoado*”, na frase “οὐκ ἀφεθήσεται αὐτῶ/não *lhe será perdoado*”, testemunhado pelo manuscrito maiúsculo κ*. Com essa substituição, a frase ficaria “οὐ μὴ ἀφεθήσεται αὐτῶ/*de modo algum lhe será perdoado*”. Outra variante apresentada pelo aparato crítico da NA²⁸ é “οὐ μὴ ἀφεθῆ/*de modo algum seja perdoado*”, testemunhado pelo manuscrito maiúsculo B. Com essa substituição, a frase ficaria “οὐ μὴ ἀφεθῆ αὐτῶ/*de modo algum seja perdoado*”. A substituição das palavras “οὐ μὴ ἀφεθήσεται” e “οὐ μὴ ἀφεθῆ” oferecidas pelas testemunhas criam um paralelismo entre a blasfêmia contra o Filho do homem e a que se refere ao Espírito Santo, colocando ambas como imperdoável, o que não é o caso aqui. A leitura das variantes “οὐ μὴ ἀφεθήσεται” e “οὐ μὴ ἀφεθῆ/*de modo algum seja perdoado*” não encontram apoio dos melhores manuscritos. Mesmo que a primeira variante tenha uma leitura mais difícil, e a segunda tenha uma leitura mais breve, que também pode ser secundária, é preferível aceitar o texto grego da NA²⁸ como sendo o texto mais confiável e o que mais se

⁵⁰⁶ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; PAROSCHI, W., Crítica Textual do Novo Testamento, p. 149-156; PAROSCHI, W., Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento, p. 184.

aproxima do texto original, porque a duplicação presente pode ser um erro de *dittografia* do copista⁵⁰⁷.

3.3 Crítica literária ou da constituição do texto

Aqui faremos a delimitação do texto de Mt 12,22-32, respeitando a opinião dos que fizeram uma delimitação diferente da nossa e também estruturaremos o texto em partes conforme o que for necessário para a compreensão de nossa temática.

3.3.1 Delimitação do texto de Mt 12,22-32

O Evangelho de Mateus está desenvolvido em torno de discursos e narrativas⁵⁰⁸. Os capítulos 11–12 de Mateus fazem parte da terceira seção narrativa do escrito mateano⁵⁰⁹. A mudança de estilo do discurso para narrativa pode ser vista em Mt 11,1 “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς διατάσσειν τοῖς δώδεκα μαθηταῖς αὐτοῦ, μετέβη ἐκεῖθεν τοῦ διδάσκειν καὶ κηρύσσειν ἐν ταῖς πόλεσιν αὐτῶν/*Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles*”⁵¹⁰. A perícopos de Mt 12,22-32 está então, no contexto narrativo de Mt 11–12⁵¹¹.

Percebe-se que não há dificuldades para identificar o início e o fim da perícopos de Mt 12,22-32. O texto que antecede imediatamente ao nosso objeto material e formal é Mt 12,15-21, que também se difere do texto anterior de Mt 12,9-14, com uma mudança geográfica Mt 12,15 “Ὁ δὲ Ἰησοῦς γνοὺς ἀνεχώρησεν ἐκεῖθε/*mas Jesus sabendo, retirou-se dali*” e uma citação direta de Is 42 em Mt 12,17 “ἵνα πληρωθῇ τὸ ρῆθὲν διὰ Ἡσαΐου τοῦ προφήτου λέγοντος/*para que fosse*

⁵⁰⁷ GONZAGA, W., “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”, p. 218; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 62; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; PAROSCHI, W., Crítica Textual do Novo Testamento, p. 149-156; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 166.

⁵⁰⁸ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 214.

⁵⁰⁹ TURNER, D. L., Matthew, p. 285.

⁵¹⁰ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192. O autor afirma que essa frase não tem apenas um sentido conclusivo, mas igualmente a função de transição à narração seguinte.

⁵¹¹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 114-117.

*cumprido o que foi dito através de Isaías o profeta dizendo*⁵¹². As duas perícopes, Mt 12,15-21 e Mt 12,22-32 são realmente distintas, mas se conectam com o mesmo significado que ambas trazem de “πνεύματι θεοῦ/*Espírito de Deus*”, para designar a Jesus como aquele que é o ungido de Deus⁵¹³.

O texto de Mt 12,22-32 difere-se da perícopa anterior com um advérbio de tempo “Τότε/*então*”, comum no escrito mateano (Mt 3,15; 4,1; 12,1; 12,38), demonstrando que o fato que está ocorrendo pode ter se dado em momentos depois do que é descrito em Mt 12,15-21 e que não tem conexão reconhecível com o texto anterior⁵¹⁴.

Outros aspectos que demonstram uma diferença em Mt 12,22-32 são: a mudança de temática, com a cura de um endemoniado cego e mudo em Mt 12,22 “Τότε προσηνήχθη αὐτῷ δαιμονιζόμενος τυφλὸς καὶ κωφός/*então, lhe trouxeram um endemoniado cego e mudo*”; a acusação de Jesus estar possuído por Beelzebul em Mt 12,24: “οὗτος οὐκ ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων/*este não expulsa os demônios, senão por Beelzebul, chefe dos demônios*”; e a blasfêmia contra o Espírito Santo de Mt 12,31-32: “ἡ δὲ τοῦ πνεύματος βλασφημία οὐκ ἀφεθήσεται/*mas a blasfêmia [contra] o Espírito não será perdoado*” – além de novos personagens, como as multidões “καὶ ἐξίσταντο πάντες οἱ ὄχλοι/*e maravilhavam-se todas as multidões*” e os fariseus “οἱ δὲ Φαρισαῖοι ἀκούσαντες εἶπον/*mas os fariseus tendo ouvido disseram*”⁵¹⁵.

A unidade textual de Mt 12,22-32 chega ao seu término natural com as palavras conclusivas de Jesus sobre a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, a real questão de todo o texto de Mt 12,22-32: “οὐκ ἀφεθήσεται αὐτῷ οὔτε ἐν τούτῳ τῷ αἰῶνι οὔτε ἐν τῷ μέλλοντι/*não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro*”. Essa frase de Jesus aparenta ser uma proposta ideal para o encerramento dessa perícopa porque demonstra uma conclusão do assunto.

⁵¹² EVANS, C. A., Matthew, p. 255-256; NICKEL, J. P., Jesus, the Isaianic Servant Exorcist Exploring the Significance of Matthew 12,18–21 in the Beelzebul Pericope, p. 171; BLOMBERG, C. L., Mateus, p. 52-55; PATRICK, J. E., Matthew’s pesher gospel structured around ten messianic citations of Isaiah, p. 55; VILJOEN, F. P., Reading Matthew as a historical narrative, p. 1-10; VILJOEN, F. P., Sabbath controversy in Matthew, p. 1-8.

⁵¹³ NICKEL, J. P., Jesus, the Isaianic Servant Exorcist Exploring the Significance of Matthew 12,18–21 in the Beelzebul Pericope, p. 175.

⁵¹⁴ LUZ, U., Matthew, p. 202.

⁵¹⁵ SILVA, C. M. D., Metodologia de exegese bíblica, p. 70-71; LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 91-92.

A perícopre posterior é Mt 12,33-37, ela apresenta um assunto novo, que tem como temática “a palavra inútil”: “λέγω δὲ ὑμῖν ὅτι πᾶν ῥῆμα ἀργὸν ὃ λαλήσουσιν οἱ ἄνθρωποι/ *e digo a vós que: toda palavra inútil que falarão aos homens*” (Mt 12,36), pela advertência contra o Espírito Santo na perícopre anterior (Mt 12,22-32)⁵¹⁶.

O texto de Mt 12,33-37 inicia-se de forma diferente ao texto anterior, ele tem um conteúdo em forma proverbial, como um dito popular: “Ἡ ποιήσατε τὸ δένδρον καλὸν καὶ τὸν καρπὸν αὐτοῦ καλόν/ *ou fazei a árvore boa e o fruto dela bom*”, para chegar a sua conclusão, de que é a palavra dita pelo homem que revelará se a árvore e o fruto são bons, ou “ἐκ γὰρ τῶν λόγων σου δικαιωθήσῃ, καὶ ἐκ τῶν λόγων σου καταδικασθήσῃ/ *pois, das tuas palavras serás justificado, e das tuas palavras serás condenado*” (Mt 12,36-37)⁵¹⁷.

3.3.2

Estrutura de Mt 12,22-32

A perícopre de Mt 12,22-32 pode ser estruturada em três partes, que se assinalam por seus sujeitos e atores na narrativa⁵¹⁸. A primeira parte é Mt 12,22-24. Esses versículos apresentam e introduzem o relato da cura de um endemoniado cego e mudo. Aqui, os atores e personagens são nomeados por “δαμονιζόμενος/ *um endemoniado*” (v.22a); o nome Jesus não aparece, mas é descrito pelos pronomes “αὐτῷ” (v.22a), “αὐτόν” (v.22b) e “οὗτός” (v.23c)⁵¹⁹; as multidões “οἱ ὄχλοι/ *as multidões*”, que ficam maravilhadas pela cura realizada por Jesus (v.23a-c); e por fim, os fariseus “Φαρισαῖοι”, que acabam acusando a Jesus de expelir demônios por Beelzebul (v.24a-d)⁵²⁰.

A segunda parte é Mt 12,25-30, com um discurso proferido por Jesus “Εἰδὼς δὲ τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν εἶπεν αὐτοῖς/ *e sabendo os pensamentos deles, disse-lhes*”, para responder às acusações dos fariseus. Toda essa resposta dele aos fariseus é unida pela palavra-chave “ἐκβάλλω/ *expulsar*”.

Nessa seção, o nome Jesus não aparece, mas tem-se o pronome pessoal de primeira pessoa “ἐγώ/ *eu*” e verbos também em primeira pessoa que apontam para

⁵¹⁶ EVANS, C. A., Matthew, p. 258-259; BATISTA, M. S., “Pelo fruto se conhece a árvore”, p. 183.

⁵¹⁷ EVANS, C. A., Matthew, p. 258-259; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. Mateus, p. 204.

⁵¹⁸ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 125.

⁵¹⁹ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 198.

⁵²⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 341.

Jesus como o sujeito principal desta parte. Dois elementos díspares ainda compõem esse discurso de Cristo “ditos figurativos do reino e da casa dividida” (vv.25-26)⁵²¹.

A terceira parte é Mt 12,31-32. Nessa seção, encontra-se o ápice da controvérsia entre Jesus e os fariseus, a blasfêmia contra o Espírito Santo. Esta parte inicia-se com um solene “λέγω ὑμῖν/vos digo” e vem seguido por um paralelo da conjugação verbal, em uma estrutura positiva “ἀφεθήσεται/será perdoado” e outra negativa “οὐκ ἀφεθήσεται/não será perdoado”, no futuro do indicativo passivo. A relação entre os vv.31-32 está na ordem “ἄνθρώποις/homens” no v.31c e “λόγον/palavra” no v.32a⁵²². Assim sendo, a perícope de Mt 12,22-32 pode ser estruturada da seguinte forma⁵²³:

I – A cura do endemoniado cego e mudo: Mt 12,22-24

- I.1 – É trazido um endemoniado cego e mudo: v.22a
- I.2 – A cura do cego e mudo: v.22b
- I.3 – As multidões se maravilham: v.23a
- I.4 – As multidões perguntam se Jesus é o filho de Davi: v.23b-c
- I.5 – A acusação dos fariseus: v.24

II – A resposta de Jesus aos fariseus: Mt 12,25-30

- II.1 – Jesus conhece os pensamentos dos fariseus: v.25a-b
- II.2 – Reino dividido: v.25c
- II.3 – Cidade ou casa dividida: v.25e
- II.4 – Satanás está dividido contra si: v.26
- II.5 – Os filhos dos fariseus como juízes: v.27
- II.6 – O milagre é feito pelo poder do Espírito de Deus: v.28
- II.7 – O homem valente: v.29
- II.8 – Os que não estão com Jesus: v.30

III – A blasfêmia contra o Espírito Santo: Mt 12,31-32

- III.1 – Pecados perdoados aos homens: v.31a-b
- III.2 – Pecados não perdoados aos homens: v.31c
- III.3 – Palavras contra o Filho do Homem tem perdão: v.32a-b
- III.4 – Palavras contra o Espírito Santo não tem perdão: v.32c-d

⁵²¹ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 661.

⁵²² LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 198.

⁵²³ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 125-126.

Com a perícopre de Mt 12,22-32 subdividida e estrutura em três partes, é possível perceber, a partir das repetições de palavras e verbos, o desenvolvimento do texto até o seu fim natural. As palavras-chave “κατά/contra”, “ἐκβάλλω/expulsar” e “πνεῦμα/espírito”, mantêm todo o texto de Mt 12,22-32 unido⁵²⁴.

O nome Jesus não aparece na presente perícopre, mas os pronomes pessoais e demonstrativos “αὐτῷ/a ele” no v.22, “αὐτόν/o” no v.22, “οὗτός/este” nos vv.23-24, “ἐγώ/eu” nos vv.27-28, e os verbos em primeira e terceira pessoa do singular “προσηνέχθη/foi trazido” no v.22, “ἐθεράπευσεν/curou” no v.22, “ἐστίν/é” no v.23, “ἐκβάλλει/expulsa” no v.24, “εἰδώς/sabendo” e “εἶπεν/disse” no v.25, “ἐκβάλλω/expulso” nos vv.27-28 e “λέγω/digo” no v.31, revelam que Jesus está presente no texto. Os verbos estão em sua maioria no aoristo e no presente do indicativo, além do imperfeito e infinitivo⁵²⁵.

3.4

Crítica da forma e gênero literário

Quanto à crítica da forma de Mt 12,22-32, a perícopre em sua forma final, mostra-se como uma unidade redacional. Há repetições de pronomes que identificam tanto a Jesus como aos fariseus (vv.24a, 25a, 25b, 27a, 27b, 27c, 28b, 31a). Os verbos estão em vários tempos, modos e vozes, no aoristo: προσηνέχθη aoristo indicativo passivo (v.24a); ἐθεράπευσεν aoristo indicativo ativo (v.24b); ἀκούσαντες aoristo particípio ativo nominativo masculino plural (v.24a); εἶπον aoristo indicativo ativo (v.24a); εἶπεν aoristo indicativo ativo (v.25b); μερισθεῖσα aoristo particípio passivo nominativo feminino singular (v.25c); ἐρημοῦται aoristo indicativo passivo (v.25d); μερισθεῖσα aoristo particípio passivo nominativo feminino singular (v.25e); ἐμερίσθη aoristo indicativo passivo (v.26b); ἔφθασεν aoristo indicativo ativo (v.28b); εἰσελεῖν aoristo infinitivo ativo (v.29a); ἀρπάσαι aoristo infinitivo ativo (v.29b); δῆση aoristo subjuntivo ativo (v.29c); εἴπη aoristo subjuntivo ativo (vv.32a, 32c).

Os verbos no presente também estão em diversos versículos de Mt 12,22-32: δαιμονιζόμενος particípio presente nominativo masculino singular (v.24a); λαλεῖν presente infinitivo ativo (v.24c); βλέπειν presente infinitivo ativo (v.24c); ἐστίν

⁵²⁴ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 198.

⁵²⁵ LUZ, U., Vangelo di Matteo, p. 321.

presente indicativo ativo (vv.23c, 30a); ἐρημοῦται presente indicativo passivo (v.25d); ἐκβάλλει presente indicativo ativo (v.26a); ἐκβάλλω presente indicativo ativo (vv.27a, 28a); ἐκβάλλουσιν presente indicativo ativo (v.27b); δύναται presente indicativo médio (v.29a); συναγών particípio presente ativo (v.30b); σκοπίζει presente indicativo ativo (v.30b); λέγω presente indicativo ativo (v.31a); μέλλοντι particípio presente ativo dativo masculino singular. A perícope tem dois verbos no imperfeito e um no tempo perfeito: ἐξίσταντο imperfeito indicativo médio (v.23a); ἔλεγον imperfeito indicativo ativo (23b); Εἰδὼς particípio perfeito ativo nominativo masculino singular. O tempo futuro também faz parte do texto de Mt 12,22-32: σταθήσεται futuro indicativo passivo (vv.25f, 26c); ἔσονται futuro indicativo médio (v.27c); διαρπάσει futuro indicativo ativo, e a parte final, Mt 12,31-32 tem quatro vezes a repetição do verbo ἀφεθήσεται futuro indicativo passivo, que na teologia é denominado de passivo divino⁵²⁶. Os verbos estão em sua grande maioria na terceira pessoa do singular e plural, em quando apenas ἐκβάλλω e λέγω (vv.27a, 28a; v.3a) estão na primeira pessoa do singular. A forma do texto de Mt 12,22-32 entrelaçado por diversos tempos verbais demonstra a unidade da narrativa, pois ele é considerado parte da terceira seção narra de Mateus (Mt 11–12).

As preposições, conjunções, advérbios, pronomes e partículas dão coesão e coerência ao texto de Mt 12,22-32, uniformizando-o em sua forma, ao criar um desenlace na narrativa. Nela, tem-se uma variedade de preposições: “por/em” (ἐν) nos vv.24c,27a-b, 28a, 32d; “contra” (κατά) nos vv.25c, 25e, 32a, 32c; “contra/sobre” (ἐπί) nos vv.26b, 28b; “por causa de”, “por meio de, a fim de, por meio de etc.”; (διά) nos vv.27c, 31a; “com” (μετά) nos vv.30a-b. Essas preposições ligadas ao nome (substantivos) criam adjuntos adverbiais⁵²⁷. A conjunção “e” (καί) aparece praticamente em quase todos os versículos, dando fluidez a narrativa. A conjunção “mas/e” (δέ) nos vv.24a, 25a, 28a, 31d, 32c, têm o sentido de adversativa. As conjunções “ao ponto” (ὥστε) no v.22c, “pois” (οὖν) no v.26c e “nem” (οὔτε) no v.32, respectivamente, servem no texto para ligar uma cláusula seguinte à precedente, com valor subordinação (ὥστε), explicativa (οὖν) e aditiva para criar um valor de acréscimo entre os elementos, mas sempre com um sentido negativo.

⁵²⁶ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 437.

⁵²⁷ Tempo, Lugar, Intensidade, Finalidade, Afirmação, Negação, Dúvida, Concessão, Meio, Modo.

Os advérbios estão na parte inicial de Mt 12,22-32, com um de advérbio de tempo, como é visto já no v.22a, “então” (τότε) e com valor conclusivo no v.29d. Há ainda as partículas de negação “οὐκ” (vv.24b, 31e, 32d), que expressa uma negação direta e plena de forma independente e absoluta e difere da negação “μή” (vv.24a, 30a-b), que implica uma negativa condicional como é vista nos versículos apresentados⁵²⁸. A partícula “se” (εἰ) nos vv.22c, 26a, 27a, 28a representa uma condicional, basicamente usada no início de uma oração representando uma condição hipotética. A conjunção “se” (ἐάν) é eventualmente usada com subjuntivo e implica uma condição que é possível e sua realização é esperada, mesmo que dependente de circunstâncias⁵²⁹.

Os pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos, indefinidos, intensivos, interrogativos e reflexivos fazem parte da forma de Mt 12,22-32 e dão também, coesão, coerência e desenvolvimento ao texto. Os pronomes podem ser divididos na forma do texto de Mt 12,22-32 da seguinte forma: 1) os que se referem a Jesus de forma anafórica: “a ele” (αὐτῷ) no v.22a, “o” (αὐτόν) no v.22b, “este” (οὗτός) no v.23c, 24b; 2) os que se referem aos fariseus: “deles” (αὐτῶν) no v.25a, “lhes” (αὐτοῖς) no v.25b, “vossos” (ὑμῶν) no v.27c, “vós” (ὑμᾶς) no v.28b, “vos” (ὑμῖν) no v.31a; 3) os que se referem ao reino e a cidade: “si mesmo” (ἑαυτῆς) no v.25d-e; 4) os que se referem a Satanás e ao seu reino: “si mesmo” (ἑαυτὸν) no v.26b, “seu” (αὐτοῦ) no v.26c; 5) os que se ferem diretamente a Jesus na primeira pessoa; “eu” (ἐγὼ) nos vv.27a, 28a, “comigo” (ἐμοῦ) nos vv.30a-b; 6) os que se referem aos filhos dos fariseus: “vossos” (ὑμῶν) no v.27b, “eles” (αὐτοὶ) no v.27c; 7) os que se referem ao valente “os/deles” (αὐτοῦ) no v.29b,d; 8) os que se referem aos que blasfemam contra o Espírito Santo: “alguém/que” (ὅς), nos vv.32a,c, “lhe” (αὐτῷ) no v.32d, “este/neste” (τούτῳ) no v. 32d.

Os substantivos em Mt 12,22-32 estão divididos em concretos e abstratos. Os concretos são: “cego” (τυφλός) no v.22a, “mudo” (κωφός) nos vv.22ac, “multidões” (ὄχλοι) no v.23a, “Filho de Davi” (υἱὸς Δαβὶδ) no v.23c, “fariseus” (φαραισαῖοι) no v.24a, “demônios” (δαμόνια) no v.24b, 27a, 28a, “Beelzebul” (Βεελζεβούλ) nos vv.24c, 27a, “chefe” (ἄρχοντι) no v.24d, “dos demônios” (δαμονίων) no 24d, “reino” (βασιλεία) nos vv.25c, 26c, 28b, “cidade” (πόλις) no v.25e, “casa” (οἰκία) nos vv.25e, “Satanás” (σατανᾶς) no v.26a, “filho” (υἱοί) no

⁵²⁸ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 660.

⁵²⁹ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 245.

v.27b, “juízes” (κριταί) no v.27c, “Espírito” (πνεύματι) no v.28a, “Deus” (θεοῦ) nos vv.28ab, “casa” (οἰκίαν) nos vv.29a,d, “do valente” (ισχυροῦ) no v.29a, “objetos” (σκεύη) no v.29b, “valente” (ισχυρόν) no v.29c, “Espírito” (πνεύματος) nos vv.31d, 32c, “filho” (υἱοῦ) no v.32a, “homem” (ἄνθρωπου) no v.32a, “santo” (ἁγίου), “homens” (ἄνθρωποις) no v.31c. os substantivos abstratos são: “pensamentos” (ἐνθυμήσεις) no v.25a, “pecado” (ἁμαρτία) no v.31b, “blasfêmia” (βλασφημία) no vv.31b,d.

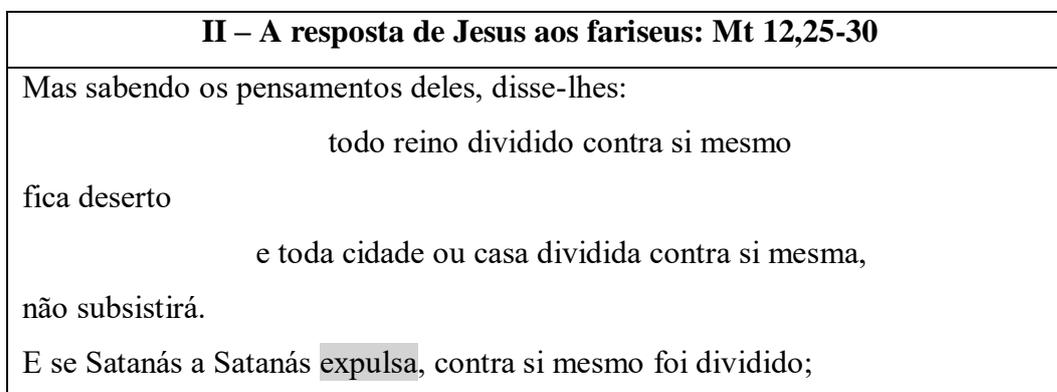
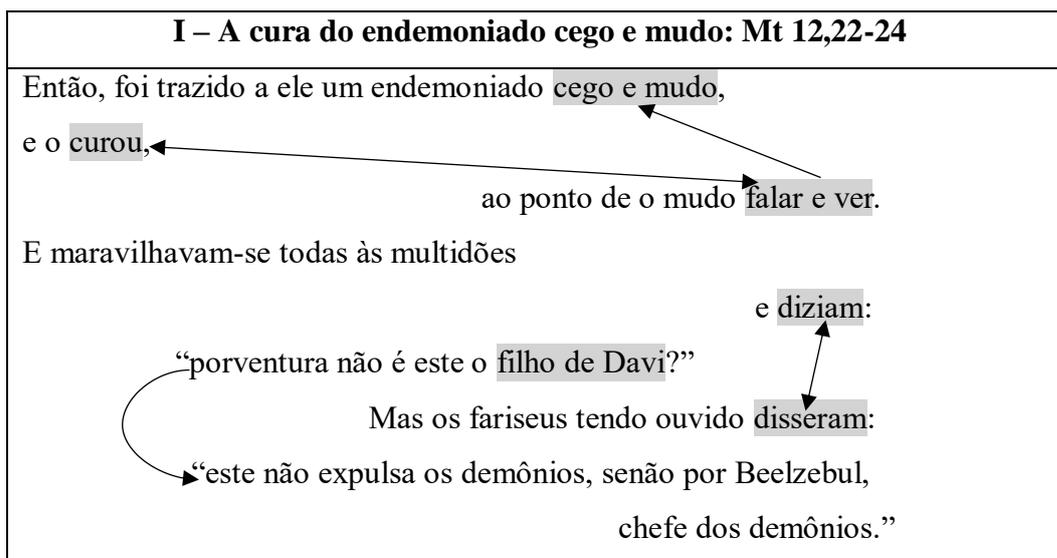
Com todas essas informações morfossintáticas, percebe-se na análise estilística do texto de Mt 12,22-32, formas de expressões linguísticas do texto⁵³⁰. Nesse sentido, é possível observar que houve diversas formas de linguagens para desenvolver a presente perícopa. Algumas figuras de linguagens utilizadas pelo autor mateano são: a alegoria, que demonstra oposição entre o reino de Satanás e o reino de Deus (v.26); há uma analogia entre a comparação da casa dividida e o reino de Satanás no v.25; a vitória de Jesus sobre o poder de Satanás ao expulsar os demônios forma uma metáfora no v.22. A figura de linguagem ironia é vista na inversão da acusativa de Jesus contra os fariseus, e uma antítese entre Jesus e Satanás nos vv.25-29; o texto também utiliza uma pergunta retórica “E se Satanás a Satanás expulsa, contra si mesmo foi dividido; como, pois, subsistirá o seu reino?” no v.26. Uma parábola está introduzida na forma do texto no v.29, figurada pelos aspectos do valente e o do mais forte que entra na casa, prende o valente e rouba os seus bens no v.29. A figura hipotética é usada para contrastar os fariseus nos vv.25-27. A ocorrência da frase “eu vos digo”, no clímax de Mt 12,22-32, traz ênfase para a sentença da blasfêmia contra o Espírito Santo, além de conter um paralelismo antitético entre os pecados que são perdoados e a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão nos vv.31-32. Há o uso de pronomes que remetem ao nome de Jesus de forma anafórica nos vv.22-24.

Além disso, a crítica da forma deixa evidente o texto de Mt 12,22-32 como uma unidade textual, com coesão e coerência, ou seja, tendo início e fim e se diferenciando das perícopas anteriores e posteriores (Mt 12,15-21; Mt 12,33-37). Alguns aspectos podem ser relacionados para demonstrar as diferenças no texto, para realçar a unidade textual: a mudança geográfica, em Mt 12,15; uma citação direta de Is 42 em Mt 12,17; o advérbio de tempo “τότε/então”, em Mt 12,22; a

⁵³⁰ C. LIMA, M. L., Exegese bíblica teoria e prática, p. 115; EGGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 78.

mudança de temática, que agora passa a ser o relato da cura do endemoniado cego e mudo, em Mt 12,22; a inclusão das multidões e a acusação dos fariseus de que Jesus está possuído por Beelzebul, em Mt 12,23-24; a blasfêmia contra o Espírito Santo. E, por fim, a perícopos posterior (Mt 12,33-37), que traz um assunto novo com o tema “a palavra inútil”.

Portanto, afirma-se aqui, na análise analítica, que o texto de Mt 12,22-32 tem em sua forma componentes da linguagem que revelam uma controvérsia entre os fariseus e Jesus, e que evidenciam o poder de Jesus sobre os demônios, sobre o reino de Satanás e a perigosa sentença da blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável da perícopos mateana estudada. Com isso, expomos a forma do texto, indicando nele setas e sublinhados para identificar relações entre palavras, frases e a forma em que o texto está estruturado, com uma introdução (v.22), desenvolvimento (v.23-30) e clímax conclusivo (vv31-32)⁵³¹.



⁵³¹ C. LIMA, M. L., Exegese bíblica teoria e prática, p. 119.

como, pois, subsistirá o seu reino?

E se eu por Beelzebul expulso os demônios,
os vossos filhos, por quem expulsam?

Por isso eles serão vossos juízes.

Mas se pelo Espírito de Deus eu expulso os demônios,
então chegou sobre vós o Reino de Deus.

Ou como pode alguém entrar na casa do valente
e os objetos dele roubar,
se não primeiro amarrar o valente?
E então, saqueará a casa dele.

O que não está comigo, contra mim está, e o que não ajunta comigo espalha.

III – A blasfêmia contra o Espírito Santo: Mt 12,31-32

Por isso vos digo:

“todo pecado e blasfêmia, será perdoado aos homens,
mas a blasfêmia [contra] o Espírito não será perdoada.

E se alguém disser [uma] palavra contra o filho do homem,
ele será perdoado;

mas se alguém disser contra o Espírito Santo,
não lhe será perdoado,
nem neste mundo, nem no vindouro.”

Tabela 2 - Forma literária de Mt 12,22-32

No Novo Testamento pode ser encontrado quatro grandes gêneros literários: os Evangelhos, Atos dos Apóstolos, as Cartas e o Apocalipse⁵³². É evidente que, em um período antes do desenvolvimento literário neotestamentário, já havia uma tradição cristã primitiva que surgiu das necessidades da comunidade de fé, em que a tradição oral foi tomando formas fixas, aceita em sua maioria como “literatura cristã-primitiva e que desse modo ficou preservada”⁵³³.

⁵³² VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.39; CANTARELA, A. G., A questão dos gêneros literários e outros aspectos relativos à linguagem Dei Verbum, p. 347-368.

⁵³³ VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.39.

A perícopes de Mt 12,22-32 tem como gênero literário predominante a “*créia* ou *apotegma*”⁵³⁴. O gênero *créia* é definido como “uma fala ou ação ocasionada na vida de uma pessoa importante pela situação, mas transcendendo-a”⁵³⁵. As *créias* não pertencem aos gêneros que envolvem o Antigo Testamento, pois a sua origem pertence ao universo cultural greco-romano⁵³⁶. A *créia* ou *apotegma* pode ser dividida em diálogos didáticos, polêmicos e biográficos⁵³⁷.

O texto de Mt 12,22-32 é um diálogo de controvérsia⁵³⁸. Esta categoria de diálogo no gênero *créia* é caracterizado pelas discussões de Jesus com os seus adversários, geralmente escribas e fariseus, causados por alguma atividade realizada por Jesus – como por exemplos as curas, ou até algum ato empreendido pelos discípulos de Cristo⁵³⁹. Além disso, o diálogo de controvérsia termina com uma resposta de Jesus, como uma contrarresposta aos seus adversários⁵⁴⁰.

Ao ser determinado a *créia* ou *apotegma* como gênero literário predominante de Mt 12,22-32, consegue-se agora identificar-se o lugar vivencial (*Sitz im Leben*) da perícopes em questão. O lugar vivencial em que se enquadra Mt 12,22-32, é a pregação e o ensino catequético da primeira comunidade cristã primitiva⁵⁴¹. É preciso salientar aqui que “uma determinada forma não necessita estar atrelada servilmente a um único lugar vivencial”⁵⁴².

O gênero literário *créia* pode oferecer formas e até grupos de *créias*⁵⁴³. Em toda a perícopes de Mt 12,22-32 há aspectos de forma, pois se percebe Jesus dando uma resposta em estilo de parábola, bem como “repreensões, julgamentos, ameaças

⁵³⁴ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.77; VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p. 329; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 225-227; SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 91; ROBBINS, V. K., “Rhetorical Composition and the Beelzebul Controversy”, p. 165; AARDE, A. V; DREYER, Y., Matthew studies today – a willingness to suspect and a willingness to listen, p. 1-10.

⁵³⁵ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.78.

⁵³⁶ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.79.

⁵³⁷ VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.331.

⁵³⁸ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 227; ZIMMERMANN, H., “Formas y géneros literarios en el Nuevo Testamento”, p. 311; CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 203.

⁵³⁹ VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.331; SILVA, C. M. D., Metodologia de exegese bíblica, p. 208.

⁵⁴⁰ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 227.

⁵⁴¹ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 88; VIELHAUER, P., Literatura cristã primitiva, p.329; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 271. O autor cita em sua obra mais dois lugares vivenciais do gênero *créia* ou *apotegma* que seriam: “a discursão na comunidade e a catequese comunitária; ZIMMERMANN, H., “Formas y géneros literarios en el Nuevo Testamento”, p. 308-309.

⁵⁴² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 271.

⁵⁴³ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.84-86.

de calamidades ou vaticínios”⁵⁴⁴. Nos grupos de *créias*, é possível observar a sua natureza *simbulêutica*, porque em particular, existem *creias* em que “a resposta é uma admoestação condicional”. Há ainda nos grupos de *créias*, um conjunto com uma natureza *dicânica*, pois apresenta uma resposta apologética⁵⁴⁵.

O texto de Mt 12,22-32 é aceito aqui como tendo o gênero literário predominante a *créia*. Porém, não estamos impedidos de percebermos haver na presente perícopes subgêneros que contribuem para a forma do texto. Em Mt 12,29 tem-se uma parábola que apresenta uma coisa absurda ou impossível de fazer, com a estrutura “πῶς δύναται/como pode... ἐὰν μὴ/se não...”; de igual modo, o v.25, que traz a forma “o que for assim..., não...”. Essas estruturas de parábolas buscam enfatizar a questão “absurda de algo análogo ao ‘objeto de partida’, a parábola, então, está a serviço da *deducito ad absurdum*”⁵⁴⁶.

Em Mt 12,30, encontra-se uma sentença, que pode ser um dito ou provérbio, para transmitir uma experiência universal, basicamente feitas com frases curtas. No v.30, a sentença tem a intenção de revelar “quem está com quem” “ὁ μὴ ὦν μετ’ ἐμοῦ κατ’ ἐμοῦ ἐστίν/que não está comigo, contra mim, está”⁵⁴⁷. Em Mt 12,31-32 há um anúncio condicional de perdição. O anúncio está na questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, “trata-se de admonições fundamentais sobre salvação ou perdição, sobre ser incluído ou ser excluído”⁵⁴⁸.

Em Mt 12,23-24, pode ser considerado como gênero de aclamação ou aclamações que identificam. Este gênero usa as formas “este é..., tu és...”, como é visto no v.23 “μῆτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς Δαυὶδ/porventura não é este o filho de Davi”, identificando a Jesus como o filho de Davi, e no v.24 “οὗτος οὐκ ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ/este não expulsa os demônios, senão por Beelzebul”, identificando a Jesus com Beelzebul⁵⁴⁹. Além disso, os vv.22-24 oferecem um breve relato de “exorcismo e uma parábola” que está presente tanto em Marcos como em Q⁵⁵⁰.

⁵⁴⁴ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.84.

⁵⁴⁵ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.86.

⁵⁴⁶ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.46.

⁵⁴⁷ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.63.

⁵⁴⁸ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.63.

⁵⁴⁹ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.214.

⁵⁵⁰ JÚNIOR, J. L. C., Narrativas de curas e exorcismos de Jesus, p. 464.

Um gênero que pode ser considerado como secundário para Mt 12,22-32 é a narrativa de milagres⁵⁵¹. Os relatos de milagres fazem parte de algum gênero narrativo, e Mt 12,22-32 pertence a terceira parte narrativa do Evangelho mateano, bem como o texto paralelo de Mc 3,22-27⁵⁵². Um dos aspectos dos relatos de milagres pode ser vista em Mt 12,22-32, como “a reação retardada” nos vv.22-23. Em casos específicos como nos vv.22-23, os relatos de milagres criam a oportunidade para fazer uma “apologia com uma repreensão e uma admoestação condicional”, como está nos vv.25-32⁵⁵³. Alguns relatos de milagres e as *créias* são semelhantes em seu conteúdo, devido à ênfase colocada sobre a palavra decisiva.

O gênero narrativo *epidéixis/demonstratio* pode ser identificado em Mt 12,23, pois este gênero tem o objetivo de demonstrar a reação com “admiração, espanto ou pergunta” feitas pelas testemunhas do acontecimento “καὶ ἐξίσταντο πάντες οἱ ὄχλοι/ *e maravilhavam-se todas as multidões*”⁵⁵⁴. No v.23 tem a pergunta dos admiradores que está estruturado na forma “quem é este?...”, este é”, identificando Jesus como o taumaturgo “μήτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς Δαβὶδ/*porventura não é este o filho de Davi*”⁵⁵⁵.

3.5 Crítica da redação

Quando se pensa em tratar sobre a questão da redação de Mateus, compreende-se também a sua dimensão de *semelhança* e *dessemelhança* com Marcos e Lucas, além de suas pretensões em falar a seus ouvintes/leitores. Desta forma, é bem aceito, por boa parcela dos especialistas na área bíblica, o uso por parte de Mateus e Lucas do material contido em Marcos e da fonte “Q”, no que eles chamam teoria das duas fontes⁵⁵⁶. Mas, reconhece-se também que há o material próprio de Mateus (M) e Lucas (L).

Ao trabalhar a crítica redacional de Mateus, percebe-se a importância de se fazer uma análise de comparação sinótica por meio de uma sinopse de Mt 12,22-

⁵⁵¹ TALBERT, C. H., Matthew, p. 154; BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.277; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 232; ZIMMERMANN, H., “Formas y géneros literarios en el Nuevo Testamento”, p. 312-313.

⁵⁵² BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.277.

⁵⁵³ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.278.

⁵⁵⁴ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.281.

⁵⁵⁵ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p.283.

⁵⁵⁶ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 73-76.

32, tendo em vista os seus paralelos com Mc 3,20-30; Lc 11,14-23; 12,10. Como auxílio para a análise sinótica, usamos aqui a sinopse de Konings, com algumas alterações e adaptações necessárias para pesquisa⁵⁵⁷. Assim sendo, segue a sinopse de Mt 12,22-32, trazendo em primeiro plano, o texto grego, e, depois, o texto traduzido para o português, em três colunas, referentes aos escritos de cada evangelista e uma guia de leitura aplicada com os seguintes elementos: negrito, que marcam coincidências literárias, itálico, que demarca o uso de sinônimos ou modificações de tempos verbais, sublinhado, para demonstrar acréscimo de Mateus em Marcos e Lucas e colchetes para realçar as omissões de Mateus em Marcos e Lucas, que serão aplicados apenas na tradução do texto⁵⁵⁸.

Mt 12,22-32	Mc 3,20-30	Lc 11,14-23; 12,10
<p>²² Τότε προσηνέχθη αὐτῷ δαιμονιζόμενος τυφλὸς καὶ κωφός, καὶ ἐθεράπευσεν αὐτόν, ὥστε τὸν κωφὸν λαλεῖν καὶ βλέπειν.</p> <p>²³ καὶ ἐξίσταντο πάντες οἱ ὄχλοι καὶ ἔλεγον· μήτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς Δαυίδ;</p> <p>²⁴ οἱ δὲ Φαρισαῖοι ἀκούσαντες εἶπον· οὗτος οὐκ ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων.</p> <p>²⁵ Εἰδὼς δὲ τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν εἶπεν αὐτοῖς· πᾶσα βασιλεία</p>	<p>²⁰ Καὶ ἔρχεται εἰς οἶκον· καὶ συνέρχεται πάλιν [ὁ] ὄχλος, ὥστε μὴ δύνασθαι αὐτοὺς μηδὲ ἄρτον φαγεῖν.</p> <p>²¹ καὶ ἀκούσαντες οἱ παρ' αὐτοῦ ἐξῆλθον κρατῆσαι αὐτόν· ἔλεγον γὰρ ὅτι ἐξέστη.</p> <p>²² Καὶ οἱ γραμματεῖς οἱ ἀπὸ Ἱεροσολύμων καταβάντες ἔλεγον ὅτι Βεελζεβούλ ἔχει καὶ ὅτι ἐν τῷ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια.</p> <p>²³ Καὶ προσκαλεσάμενος αὐτοὺς ἐν παραβολαῖς</p>	<p>¹⁴ Καὶ ἦν ἐκβάλλων δαιμόνιον [καὶ αὐτὸ ἦν] κωφόν· ἐγένετο δὲ τοῦ δαιμονίου ἐξελθόντος ἐλάλησεν ὁ κωφὸς καὶ ἐθαύμασαν οἱ ὄχλοι.</p> <p>¹⁵ τινὲς δὲ ἐξ αὐτῶν εἶπον· ἐν Βεελζεβούλ τῷ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια·</p> <p>¹⁶ ἄλλοι δὲ πειράζοντες σημεῖον ἐξ οὐρανοῦ ἐζήτησαν παρ' αὐτοῦ.</p> <p>¹⁷ αὐτὸς δὲ εἰδὼς αὐτῶν τὰ διανοήματα εἶπεν αὐτοῖς· πᾶσα βασιλεία ἐφ' ἑαυτὴν διαμερισθεῖσα</p>

⁵⁵⁷ KONINGS, J., Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “fonte Q, p. 74-76. Conforme em algumas notas dentro do quadro a seguir, a sinopse foi realizada tanto com o texto grego como a sua tradução feita pelo autor da referida obra; ZYL, H. V., Objective display or textual engineering?, p. 361-388.

⁵⁵⁸ WGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 189.

<p>μερισθεῖσα καθ' ἑαυτῆς ἐρημοῦται καὶ πᾶσα πόλις ἢ οἰκία μερισθεῖσα καθ' ἑαυτῆς οὐ σταθῆσεται.</p> <p>²⁶ καὶ εἰ ὁ σατανᾶς τὸν σατανᾶν ἐκβάλλει, ἐφ' ἑαυτὸν ἐμερίσθη· πῶς οὖν σταθῆσεται ἡ βασιλεία αὐτοῦ;</p> <p>²⁷ καὶ εἰ ἐγὼ ἐν Βεελζεβούλ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν; διὰ τοῦτο αὐτοὶ κριταὶ ἔσονται ὑμῶν.</p> <p>²⁸ εἰ δὲ ἐν πνεύματι θεοῦ ἐγὼ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, ἄρα ἔφθασεν ἐφ' ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.</p> <p>²⁹ ἢ πῶς δύναταί τις εἰσελθεῖν εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἰσχυροῦ καὶ τὰ σκεύη αὐτοῦ ἀρπάσαι, ἐὰν μὴ πρῶτον τὸν ἰσχυρόν; καὶ τότε τὴν οἰκίαν αὐτοῦ διαρπάσει.</p> <p>³⁰ ὁ μὴ ὄν μετ' ἐμοῦ κατ' ἐμοῦ ἐστίν, καὶ ὁ μὴ συνάγων μετ' ἐμοῦ σκορπίζει.</p>	<p>ἔλεγεν αὐτοῖς· πῶς δύναται σατανᾶς σατανᾶν ἐκβάλλειν;</p> <p>²⁴ καὶ ἐὰν βασιλεία ἐφ' ἑαυτὴν μερισθῆ, οὐ δύναται σταθῆναι ἡ βασιλεία ἐκείνη·</p> <p>²⁵ καὶ ἐὰν οἰκία ἐφ' ἑαυτὴν μερισθῆ, οὐ δυνήσεται ἡ οἰκία ἐκείνη σταθῆναι.</p> <p>²⁶ καὶ εἰ ὁ σατανᾶς ἀνέστη ἐφ' ἑαυτὸν καὶ ἐμερίσθη, οὐ δύναται στηῆναι ἀλλὰ τέλος ἔχει.</p> <p>²⁷ ἀλλ' οὐ δύναται οὐδεὶς εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἰσχυροῦ εἰσελθὼν τὰ σκεύη αὐτοῦ διαρπάσαι, ἐὰν μὴ πρῶτον τὸν ἰσχυρόν δήσῃ, καὶ τότε τὴν οἰκίαν αὐτοῦ διαρπάσει.</p>	<p>ἐρημοῦται καὶ οἶκος ἐπὶ οἶκον πίπτει.</p> <p>¹⁸ εἰ δὲ καὶ ὁ σατανᾶς ἐφ' ἑαυτὸν διεμερίσθη, πῶς σταθῆσεται ἡ βασιλεία αὐτοῦ; ὅτι λέγετε ἐν Βεελζεβούλ ἐκβάλλειν με τὰ δαιμόνια.</p> <p>¹⁹ εἰ δὲ ἐγὼ ἐν Βεελζεβούλ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν; διὰ τοῦτο αὐτοὶ ὑμῶν κριταὶ ἔσονται.</p> <p>²⁰ εἰ δὲ ἐν <i>δακτύλῳ</i> θεοῦ [ἐγὼ] ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, ἄρα ἔφθασεν ἐφ' ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.</p> <p>²¹ ὅταν ὁ ἰσχυρὸς καθωπλισμένος φυλάσῃ τὴν ἑαυτοῦ αὐλήν, ἐν εἰρήνῃ ἐστὶν τὰ ὑπάρχοντα αὐτοῦ·</p> <p>²² ἐὰν δὲ ἰσχυρότερος αὐτοῦ ἐπελθὼν νικήσῃ αὐτόν, τὴν πανοπλίαν αὐτοῦ αἶρει ἐφ' ἧ ἔπεποιθει καὶ τὰ σκεῦλα αὐτοῦ διαδίδωσιν.</p>
--	---	---

<p>³¹ Διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν, πᾶσα ἁμαρτία καὶ βλασφημία ἀφεθήσεται τοῖς ἀνθρώποις, ἢ δὲ τοῦ πνεύματος βλασφημία οὐκ ἀφεθήσεται.</p> <p>³² καὶ ὃς ἐὰν εἶπη λόγον κατὰ τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου, ἀφεθήσεται αὐτῷ· ὃς δ' ἂν εἶπη κατὰ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου, οὐκ ἀφεθήσεται αὐτῷ οὔτε ἐν τούτῳ τῷ αἰῶνι οὔτε ἐν τῷ μέλλοντι.</p>	<p>²⁸ Ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι πάντα ἀφεθήσεται τοῖς υἱοῖς τῶν ἀνθρώπων τὰ ἁμαρτήματα καὶ αἱ βλασφημίαι ὅσα ἐὰν βλασφημήσωσιν·</p> <p>²⁹ ὃς δ' ἂν βλασφημήσῃ εἰς τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, οὐκ ἔχει ἄφεσιν εἰς τὸν αἰῶνα, ἀλλ' ἔνοχός ἐστιν αἰωνίου ἁμαρτήματος.</p> <p>³⁰ ὅτι ἔλεγον· πνεῦμα ἀκάθαρτον ἔχει.</p>	<p>²³ Ὁ μὴ ὢν μετ' ἐμοῦ κατ' ἐμοῦ ἐστίν, καὶ ὁ μὴ συνάγων μετ' ἐμοῦ σκορπίζει.</p> <p>^{12,10} Καὶ πᾶς ὃς ἐρεῖ λόγον εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου, ἀφεθήσεται αὐτῷ· τῷ δὲ εἰς τὸ ἅγιον πνεῦμα βλασφημήσαντι οὐκ ἀφεθήσεται.</p>
<p>²² <u>Então, foi trazido a ele um endemoniado cego e mudo, e o curou, ao ponto de o mudo falar e ver.</u></p> <p>²³ <u>E maravilhavam-se todas as multidões e diziam: “porventura não é o filho de Davi?”</u></p> <p>²⁴ Mas os fariseus tendo ouvido disseram: “este não expulsa os demônios, senão por</p>	<p>[²⁰ E foi para casa; e encontrou outra vez a multidão, de modo que não poderem nem mesmo comer pão com eles.</p> <p>²¹ E ouvindo os de perto dele, saíram para prender-lhe; pois diziam estar fora de si.</p> <p>²² E os escribas, os que vinham de Jerusalém, diziam que] tem Beelzebul e que no</p>	<p>¹⁴ <u>E estava expulsando um demônio [e ele estava] mudo; e sucedeu que, saindo o demônio, o mudo falou e admiraram-se as multidões.</u></p> <p>¹⁵ mas uns dentre eles disseram: “Ele expulsa os demônios por Beelzebul, o príncipe dos demônios;</p> <p>¹⁶ <u>mas outros procurando um sinal do céu, indagavam contra ele.</u></p>

<p>Beelzebu, chefe dos demônios.”</p> <p>²⁵ E <i>sabendo</i> os pensamentos deles, Disse-lhes: todo reino dividido contra si mesmo fica deserto e <u>toda cidade ou casa dividida contra si mesma, não subsistirá.</u></p> <p>²⁶ <i>E se satanás expulsa satanás contra si mesmo está dividido; como, pois, subsistirá o seu reino?</i></p> <p>²⁷ E se eu por Beelzebu expulso os demônios, os vossos filhos, por quem expulsam? Por isso eles serão vossos juízes.</p> <p>²⁸ <i>Mas se no Espírito de Deus eu expulso os demônios, então chegou sobre vós o reino de Deus.</i></p> <p>²⁹ <i>Ou como pode alguém entrar na casa do valente e os objetos dele roubar, se não primeiro amarrar o valente? E então, roubará a casa dele.</i></p>	<p>príncipe dos demônios expulsa os demônios.</p> <p>²³ <u>e tendo os chamado a si, disse-lhes em parábolas: “como pode Satanás expulsar Satanás?</u></p> <p>²⁴ E se um reino está dividido contra si mesmo, o reino não pode permanecer (aquele);</p> <p>²⁵ e se uma casa está dividida contra si mesma, não poderá esta casa permanecer.</p> <p>[²⁶ Ainda que Satanás erga contra si mesmo, e esteja dividido, não pode permanecer, mas tem fim.]</p> <p>²⁷ <i>Mas não pode alguém entrar na casa do valente e os objetos dele roubar, se não primeiro amarrar o valente, e então, roubará a casa dele.</i></p>	<p>¹⁷ Mas ele <i>conhecendo</i> os pensamentos deles disse-lhes: todo reino dividido contra si mesmo fica deserto e <i>uma casa contra outra casa cai.</i></p> <p>¹⁸ E se também Satanás contra si mesmo está dividido, como subsistirá o seu reino? <u>Porque dizeis que por Beelzebul expulso os demônios.</u></p> <p>¹⁹ Mas se eu por Beelzebul expulso os demônios, os vossos filhos, por quem os expulsam? Por causa disto, eles serão vossos juízes.</p> <p>²⁰ <i>Mas se é pelo dedo de Deus que expulso os demônios, então é chegou sobre vós o reino de Deus.</i></p> <p>²¹ <i>quando o valente bem armado guarda a sua própria casa, em paz estão os seus bens;</i></p>
---	---	--

<p>³⁰ O que não está comigo, contra mim está, e o que não ajunta comigo espalha.</p> <p>³¹ <i>Por isso vos digo:</i> “todo pecado e blasfêmia, será perdoado aos homens, mas a blasfêmia [contra o Espírito não será perdoado.</p> <p>³² E se alguém disser [uma] palavra contra o filho do homem, este será perdoado; mas se alguém disser contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, <u>nem neste mundo, nem no vindouro.</u></p>	<p>²⁸ <i>Na verdade vos digo [que], todos os pecados e blasfêmias aos quais se blasfemam aos filhos dos homens serão perdoados;</i></p> <p>²⁹ <i>ele, porém, se blasfema ao Espírito Santo, não tem perdão neste século, mas é réu de pecado eterno.</i></p> <p>[³⁰ Porque diziam: tem um espírito impuro.]</p>	<p>²² <u>mas quando um mais forte do que ele chegando, vence-o, a armadura dele que tinha confiado toma e os seus despojos distribui.</u></p> <p>²³ O que não está comigo, contra mim está, e o que não ajunta comigo, espalha.</p> <p>^{12,10} E todo o que disser uma palavra contra o Filho do homem, lhe será perdoado, mas ao que contra o Santo Espírito tiver blasfemado, não será perdoado.</p>
--	--	---

Tabela 3 - Sinopse de Mt 12,22-32; Mc 3,20-32; Lc 11,14-23; 12,10

Com a estrutura formada da presente sinopse, é possível perceber as semelhanças e as diferenças entre os três textos paralelos de Mt 12,22-32; Mc 3,20-30 e Lc 11,14-23; 12,10. São evidentes também aqui, as omissões de palavras,

frases e até versículos. Não obstante, entende-se que tanto os acréscimos quanto as omissões realizadas, fazem parte dos interesses teológicos dos diferentes autores evangélicos⁵⁵⁹. Desta forma, percebe-se que tanto Mateus como Lucas não foram meros copiadores de Marcos e da fonte “Q”, mas sim, verdadeiros compositores de obras que auxiliavam a Igreja no conhecimento da vida, obra, morte e ressurreição de Jesus.

Mt 12,22-32 é um texto com paralelos com Mc 3,20-30 e Lc 11,14-23; 12,10, mas não paralelos verbais e sim, em uma ordem idêntica relativa de evento. Estes textos estão tão entrelaçados, de modo que é improvável afirmar se os três autores dependeram um dos outros, ou se tiveram uma independência em suas tradições⁵⁶⁰. É perceptível que Marcos e a fonte Q foram combinadas também em Mateus e ela é responsável por quase toda essa seção⁵⁶¹.

As histórias de conflitos são mais frequentes no evangelho de Marcos e raras em Q e a única registrada em Q é o texto que se refere a Mt 12,22-32⁵⁶². É evidente que há uma complexidade entre os textos dos três evangelistas aqui citados. Além disso, Mt 12,22-24 está próximo em conteúdo, mas distante em termos de texto com Mt 9,32-34⁵⁶³.

⁵⁵⁹ WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 160-163; DUNN, J. D. G., *Matthew 12: 28/Luke 11: 20-a word of Jesus?* p. 34. Este autor afirma que na tradição tríplice sobre o exorcismo de Jesus, pode ser comparado os textos de Mc 3,23-29 e o material Q em Mt 12,25-32; 43-45/Lc 11,17-23; 12,10; 11,24-26, totalizando seis ditos, o primeiro dito é sobre Beelzebul Mc 3,22-26/Mt 12,24-26/Lc 11,15.17-18; o segundo dito é sobre Espírito/dedo de Deus Mt 12,27-28/Lc 11,19-20; o terceiro dito é sobre o homem forte Mc 3,27/Mt 12,29/Lc 11,21-22; o quarto dito traz o que está a favor ou contra Jesus Mc 9,38-40/Mt 12,30/Lc 11,23; o quinto dito abarca a blasfêmia contra o Espírito Santo Mc 3,28-29/Mt 12,31-32/Lc 12,10; o sexto dito é sobre o retorno do espírito imundo Mt 12,43-45/Lc 11,24-26; HARRINGTON, D. J., *The Gospel of Matthew*, p. 185; ALFORD, H., *Alford's Greek Testament*, p. 127; ROBBINS, V. K., *Beelzebul Controversy in Mark and Luke*, p. 261-276.

⁵⁶⁰ TASKER, R. V. G., *Mateus*, p. 102; SCHMID, J., *L'Evangelo secondo Matteo*, p. 277; BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., *Os Evangelhos (I)*, p. 202; FARMER, W. R., *The minor agreements of Matthew and Luke against Mark and the Two Gospel Hypothesis*, p. 787; BACON, B. W., *Studies in Matthew*, p. 210; OSBORNE, G. R., *Matthew*, p. 472; ALFORD, H., *Alford's Greek Testament*, p. 127; WILLIAMS, J. G., *A note on the 'Unforgivable Sin' Logion*, p. 75-77; GOODACRE, M., *Fatigue in the Synoptics*, p. 48.

⁵⁶¹ EASTON, B. S., *The Beelzebul Sections*, p. 58; BROWN, J. P., *Mark as Witness to an Edited Form of Q*, p. 35-36; REPSCHINSKI, B., *The Controversy Stories in the Gospel of Matthew*, p. 121; VERHEYDEN, J. *Matthew's building blocks: Mark and Q – A critical look at a recent monograph*, p. 3; EVANS, O. E., *Expository Problems*, p. 240; NOLLAND, J., *The Gospel of Matthew*, p. 498; HARRINGTON, D. J., *The Gospel of Matthew*, p. 185.

⁵⁶² JACOBSON, A. D., *The literary unity of Q*, p. 376.

⁵⁶³ HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 340; SCHMID, J., *L'Evangelo secondo Matteo*, p. 278; ENGELBRECHT, J., *The language of the Gospel of Matthew*, p. 210.

Mt 12,22-24 introduz o exorcismo de um endemoniado cego e mudo como em Lc 11,14-15 e Q, porém, é omitido por Mc 3,20-30⁵⁶⁴. Tanto Mateus quanto Lucas omitem Mc 3,20-21⁵⁶⁵. Os acusadores de Jesus são diferentes nos três relatos da cura do cego e mudo, Mt 12,24 traz os “φαρισαῖον/*fariseus*”, Mc 3,22 tem a leitura dos “γραμματεῖς/*escribas*” e Lc 11,15 afirma que os inimigos eram “τινὲς δὲ ἐξ αὐτῶν/*mas alguns deles*”. Essas dessemelhanças podem dificultar a compreensão de quem realmente eram os opositores originais de Jesus, mas os perseguidores anônimos de Lc 11,15 e os escribas de Mc 3,22 devem ser preferidos aos fariseus de Mt 12,24⁵⁶⁶.

Mt 12,25-30, tem-se uma combinação com o texto de Mc 3,24-27 e Lc 11,17-23, porém, Lc 11,17-23, não foi influenciado por Marcos, porque eles se assemelham apenas em parte⁵⁶⁷. Em Mt 12,24 e Lc 11,15 há apenas uma acusação “οὗτος οὐκ ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια εἰ μὴ ἐν τῷ Βεελζεβούλ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων/*este não expulsa os demônios, senão por Beelzebul, chefe dos demônios*”, enquanto Mc 3,22 traz duas acusações postas lado a lado “ἔλεγον ὅτι Βεελζεβούλ ἔχει καὶ ὅτι ἐν τῷ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων ἐκβάλλει τὰ δαιμόνια/*tem Beelzebul e que no príncipe dos demônios expulsa os demônios*”⁵⁶⁸. Mt 12,25-26 apresenta algumas palavras preferidas pelo autor mateano, com um paralelismo bem elaborado e um texto maior do que o de Lucas⁵⁶⁹.

O maior acordo entre Mateus e Lucas estão nas questões verbais; em Mt 12,25 tem-se a construção “Ἐίδως δὲ τὰς ἐνθυμήσεις αὐτῶν εἶπεν αὐτοῖς/*e sabendo os pensamentos deles, disse-lhes*”, e Lc 11,17, traz a frase “αὐτὸς δὲ εἰδὼς αὐτῶν τὰ διανοήματα εἶπεν αὐτοῖς/*mas ele conhecendo os pensamentos deles disse-lhes*”. Agora, os substantivos “ἐνθυμήσεις/*pensamentos*” usado por Mt 12,25 e “διανοήματα/*pensamentos*” utilizado por Lc 11,17, são palavras diferentes, mas são

⁵⁶⁴ ALLEN, W. C., A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Matthew, p. 131; BORING, M. E., et al. The Synoptic Problem, “Minor” Agreements, and the Beelzebul Pericope, p. 590; JACOBSON, A. D., The literary unity of Q, p. 381.

⁵⁶⁵ SIM, D. C., Matthew’s use of Mark, p. 180.

⁵⁶⁶ GUIJARRO, S., The politics of exorcism, p. 120; BRIDGES, C. B. Jesus and Paul on Tolerance, p. 62; SCHMID, J., L’Evangelo secondo Matteo, p. 278; SALDARINI, A., Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese, p. 176, 181; ALFORD, H., Alford’s Greek Testament, p. 128.

⁵⁶⁷ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199.

⁵⁶⁸ MIQUEL, E., How to Discredit an Inconvenient Exorcist, p. 196; GUIJARRO, S., The politics of exorcism, p. 120.

⁵⁶⁹ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199.

sinônimas nos seus significados⁵⁷⁰. Não é tão simples recuperar o original da fonte Q, haja vista que “ἐνθυμήσεις/*pensamentos*” é um *hárax legomenon* de Mateus e do Novo Testamento, e Lucas não usa esse termo; no entanto, ἐνθυμήσεις pode ser uma duplicata de Mt 9,4, e Lucas pode ser o mais original⁵⁷¹.

Mais uma vez, há um acordo entre Mt 12,26 e Lc 11,18, em que Mateus traz “πῶς οὖν σταθήσεται ἡ βασιλεία αὐτοῦ;/como, pois, subsistirá o seu reino?”, e Lucas apresenta “πῶς σταθήσεται ἡ βασιλεία αὐτοῦ;/como subsistirá o seu reino?”, enquanto Mc 3,26 traz “οὐ δύναται στήναι ἀλλὰ τέλος ἔχει/*não pode permanecer, mas tem fim*”. É perceptível que Mateus concorda aqui, mais com Lucas do que com Marcos⁵⁷².

A frase “σατανᾶν ἐκβάλλει/*expulsa Satanás*” de Mt 12,26, pode ou não ser tomado como acordo de Mc 3,23, em que há apenas uma diferença no verbo que está na terceira pessoa singular em Mateus e no infinitivo em Marcos, já que Lc 11,18 traz “Βεελζεβοὺλ ἐκβάλλειν/*expulsar Beelzebul*”⁵⁷³. Mt 12,25-26 tem uma estrutura diferente de Mc 3,23-24, mas concorda em parte com Lc 11,17-18. Mateus não apresenta a forma “σατανᾶς τὸν σατανᾶν ἐκβάλλει/*Satanás expulsa a Satanás*” como uma parábola encontrada em Mc 3,23⁵⁷⁴.

Mt 12,27-28 está ausente de Marcos, mas demonstra um acordo com Lc 11,19-20, apenas “πνεύματι θεοῦ/*Espírito de Deus*” não é semelhante a Lc 12,20 que traz “δακτύλῳ θεοῦ/*dedo de Deus*”, expressão que apenas aparece em Ex 8,15 e 31,18, respectivamente no contexto das pragas no Egito e na inscrição da Lei nas duas tábuas de pedra⁵⁷⁵. Mt 12,27 é basicamente idêntico a Lc 11,19, com apenas

⁵⁷⁰ RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 27, 129; HAUBECK, W.; SIEBENTAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 116, 475; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 216, 317; REPSCHINSKI, B., The Controversy Stories in the Gospel of Matthew, p. 123; NEIRYNCK, F., MT 12,25a / LC 11,17a et la Rédaction des Évangiles, p. 125.

⁵⁷¹ EASTON, B. S., The Beelzebul Sections, p. 59.

⁵⁷² ALLEN, W. C., A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Matthew, p. 131; BORING, M. E., et al. The Synoptic Problem, “Minor” Agreements, and the Beelzebul Pericope, p. 590.

⁵⁷³ BORING, M. E., et al. The Synoptic Problem, “Minor” Agreements, and the Beelzebul Pericope, p. 590.

⁵⁷⁴ CHILTON, B., A Comparative Study of Synoptic Development: The Dispute between Cain and Abel in the Palestinian Targums and the Beelzebul Controversy in the Gospels, p. 559. Este autor faz uma comparação entre as relações estruturais dos Evangelhos sinóticos com os Targumim palestinos.

⁵⁷⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 341; DUNN, J. D. G., Matthew 12: 28/Luke 11: 20-a word of Jesus? p. 34; GUIJARRO, S., The politics of exorcism, p. 121; REPSCHINSKI, B., The Controversy Stories in the Gospel of Matthew, p. 124; KLOPPENBORG, J. S., On dispensing with Q? Goodacre on the relation of Luke to Matthew, p. 227; ALFORD, H., Alford’s Greek Testament, p. 128; GRAPPE, C., Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps, p. 179.

pequenas alterações. Mateus começa com um “καὶ εἰ/ *e se*” e Lucas tem “εἰ δέ/ *mas se*” e a estrutura da frase “κριταὶ ἔσονται ὑμῶν/ *serão vossos juizes*” de Mt 12,27 está em uma ordem diferente de Lc 12,19 “ὑμῶν κριταὶ ἔσονται/ *vossos juizes serão*”⁵⁷⁶.

É evidente que Mt 12,28 e Lc 11,20 fazem parte de uma tradição de ditos que, em essência e efeito, precisa ser associado ao fato de que Jesus era exorcista bem-sucedido e remete ao próprio Jesus⁵⁷⁷. Mt 12,29 é praticamente idêntico a Mc 3,27. É possível que Lc 11,21-22 seja uma variante independente que proceda da fonte Q, mas isso é muito controverso. Mc 3,27 e Mt 12,29 apresentam a invasão da casa do forte, enquanto Lc 11,21-22 traz o ataque do mais forte contra a sua fortaleza⁵⁷⁸.

Mt 12,29 tem paralelo direto com Mc 3,27 e apenas usou esse material como fonte, e Lc 11,21-22 não recorreu ao texto de Mc 3,27, mas tem a sua base na fonte Q e é um material mais completo deste ditado parabólico⁵⁷⁹. Há um diferencial no v.29, ele também tem um paralelo com o Evangelho de Tomé (Ev. Tomé 35,1), um livro extrabíblico que circulou nos primeiros séculos da Igreja Primitiva⁵⁸⁰.

Lucas converge dos textos paralelos a ele, mas as versões de Mateus, Marcos e Tomé são muito parecidas em seu conteúdo, porém, as diferenças estão no uso de uma estrutura interrogatória retórica com um “ἢ πῶς/ *ou como*” (Mt 12,29) e por alguns detalhes nas formas dos verbos⁵⁸¹. Mateus, Marcos e Tomé trazem a invasão da casa pelo mais forte, enquanto Lucas apresenta o ataque do mais forte contra a fortaleza, com um conteúdo mais militar, pois ele usa o termo grego “πανοπλία/ *armamento*”, indicando a armadura completa de um soldado⁵⁸². O termo

⁵⁷⁶ HEIL, J. P., Significant aspects of the healing miracles in Matthew, p. 41.

⁵⁷⁷ DUNN, J. D. G., Matthew 12: 28/Luke 11: 20-a word of Jesus? p. 37; EASTON, B. S., The Bezebul Sections, p. 59; KLOPPENBORG, J. S. On dispensing with Q? Goodacre on the relation of Luke to Matthew, p. 224; CARAGOUNIS, C. C., Kingdom of God, son of man and Jesus' self-understanding, p. 3; BARTOLOMÉ, J. J., Resenha da pesquisa crítica sobre os milagres de Jesus, p. 38; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 474.

⁵⁷⁸ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199.

⁵⁷⁹ HOWES, L., Exorcising the kingdom saying from the Beelzebul story (Q 11:14–15, 17–20), p. 102; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 472; ALFORD, H., Alford's Greek Testament, p. 129.

⁵⁸⁰ BASTIT, A., L'apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d'Irénée et la première littérature chrétienne, p. 294; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199; OPORTO, S. G., Ditos Primitivos de Jesus, p. 39; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 472.

⁵⁸¹ BASTIT, A., L'apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d'Irénée et la première littérature chrétienne, p. 294; ALFORD, H., Alford's Greek Testament, p. 129; ALLEN, W. C., A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Matthew, p. 132; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199; CARNEIRO, M., S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 205; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 341.

⁵⁸² BASTIT, A., L'apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d'Irénée et la première littérature chrétienne, p. 294; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199; RIENECKER, F.,

grego “σκεύη/*utensilio*” que aparece tanto em Mateus quanto em Marcos e equivale ao “πανοπλία/*armamento*” de Lc 11,22⁵⁸³.

Mt 12,29	Mc 3,27	Lc 11,21-22	Ev. Tomé 35,1
<p>²⁹ ἢ πῶς δύναται τις εἰσελθεῖν εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἰσχυροῦ καὶ τὰ σκεύη αὐτοῦ ἀρπάσαι, ἐὰν μὴ πρῶτον δήσῃ τὸν ἰσχυρὸν; καὶ τότε τὴν οἰκίαν αὐτοῦ διαρπάσει.</p>	<p>²⁷ ἀλλ' οὐ δύναται οὐδεὶς εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἰσχυροῦ εἰσελθὼν τὰ σκεύη αὐτοῦ διαρπάσαι, ἐὰν μὴ πρῶτον τὸν ἰσχυρὸν δήσῃ, καὶ τότε τὴν οἰκίαν αὐτοῦ διαρπάσει.</p>	<p>²¹ ὅταν ὁ ἰσχυρὸς καθωπλισμένος φυλάσῃ τὴν ἑαυτοῦ αὐλήν, ἐν εἰρήνῃ ἐστὶν τὰ ὑπάρχοντα αὐτοῦ. ²² ἐπὰν δὲ ἰσχυρότερος αὐτοῦ ἐπελθὼν νικήσῃ αὐτόν, τὴν πανοπλίαν αὐτοῦ αἶρει ἐφ' ἧ ἐπεποιθεὶ καὶ τὰ σκῦλα αὐτοῦ διαδίδωσιν.</p>	<p>¹ Λέγει Ἰησοῦς· οὐ δύναται τις εἰσελθεῖν εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἰσχυροῦ βιάζεσθαι αὐτὸν εἰ μὴ δήσῃ τὰς χεῖρας αὐτοῦ.</p>
<p>²⁹ Ou como pode alguém entrar na casa do valente e os objetos dele roubar, se não primeiro amarrar o valente? E então, roubará a casa dele.</p>	<p>²⁷ Mas não pode alguém entrar na casa do valente e os objetos dele roubar, se não primeiro amarrar o valente, e então, roubará a casa dele.</p>	<p>²¹ quando o valente bem armado guarda a sua própria casa, em paz estão os seus bens; ²² mas quando um mais forte do que ele chegando, vence-o, a armadura dele que tinha confiado toma e os seus despojos distribui.</p>	<p>¹ Disse Jesus: não pode alguém entrar na casa do forte e toma-la pela violência, se não amarrou as suas mãos”.</p>

Tabela 4 - Sinopse de Mt 12,29; Mc 3,27; Lc 11,21-22; Ev. Tomé 35,1

Mt 12,30 tem literalmente um paralelo imediato com Lc 11,23, sobre o dito de juntar e separar, que pode estar nas origens de suas tradições, mas não está presente no texto de Mc 3,20-30⁵⁸⁴. Percebe-se que, o evangelista Mateus nos vv.22-30 fez uma alternância no uso de suas fontes disponíveis, entrelaçando-as de

Evangelho de Mateus, p. 209; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 27, 129.

⁵⁸³ BASTIT, A., L'apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d'Irénée et la première littérature chrétienne, p. 294.

⁵⁸⁴ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 341; GALLER, J. S., Matthew 12:30; Mark 9:40; Luke 9:50; 11:23, p. 15; SMIT, P. B., Ein καὶ epexegeticum mit Folgen, p. 113; NOLLAND, J., The Gospel of Matthew, p. 504.

forma independente e coerente do material recolhido eventualmente de Mc 3,22-27 e da fonte Q, encontrada em Lc 11,14-23⁵⁸⁵. Na verdade, Mt 12,30 e Lc 11,23 fazem parte de uma mesma tradição, mas há em Mc 9,40 uma ideia similar, com algumas diferenças e em um contexto totalmente deslocado da controvérsia de Beelzebul⁵⁸⁶.

Mt 12,31-32 traz a questão do pecado imperdoável. Seu desenvolvimento é realizado a partir de suas duas fontes principais, Mc 3,28-29, no contexto da controvérsia de Beelzebul e a fonte Q, em que Lc 12,10 situa o dito na lógica da perseguição⁵⁸⁷. O que Mateus e Lucas têm em comum é suficiente para podemos constatar que “a fonte Q quis reportar uma palavra de Jesus distinguindo expressamente entre o pecado de dizer uma palavra contra o filho do homem e o da blasfêmia contra o Espírito Santo, enquanto Marcos insiste menos sobre esta distinção”⁵⁸⁸. Uma das diferenças entre estes paralelos é a repetição do tema central, a blasfêmia contra o Espírito Santo, como uma segunda declaração paralela em Mt 12,32⁵⁸⁹. A disposição de Mt 12,31-32 é que o v.31 tem Marcos como sua fonte, e o v.32, a fonte Q é a sua base material⁵⁹⁰.

A expressão “*Διὰ τοῦτο/por isso*”, que inicia o v.31 é omitido por Marcos, e o “*ἀμήν/amém*” de Mc 3,28 não aparece em Mateus. A frase “*τοῖς υἱοῖς τῶν ἀνθρώπων/aos filhos dos homens*” e o repetitivo “*ὅσα ἐὰν βλασφημήσωσιν/o que quer que blasfema*” são omitidos em Mt 12,31, que traz apenas “*τοῖς ἀνθρώποις/aos homens*”, mas é usado “*υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου/filhos dos homens*” no v.32⁵⁹¹. Mateus modifica os atos concretos de Marcos “*τὰ ἁμαρτήματα/os pecados*” por uma coisa mais genérica “*ἁμαρτία/pecado*”⁵⁹². Em Mt 12,32, o autor mateano utiliza “*εἶπη κατά/disser contra*” ao invés de “*βλασφημία εἰς/blasfema contra*” de Mc 3,29.

⁵⁸⁵ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 341.

⁵⁸⁶ BRIDGES, C. B., Jesus and Paul on Tolerance, p. 63.

⁵⁸⁷ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 200; CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 205; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 341; BORING, M. E., The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10, p. 260; FRIDRICHSEN, A., Le péché contre le Saint-Esprit, p. 368; FUCHS, A., Die Sünde wider den Heiligen Geist Mk 3,28-30 par Mt 12,31-37 par Lk 12,10, p. 113; STOLL, R. F., The unforgiven sin, p. 243; ADAMCZEWSKI, B., The Gospel of Matthew, p. 112-113.

⁵⁸⁸ FRIDRICHSEN, A., Le péché contre le Saint-Esprit, p. 368.

⁵⁸⁹ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 199; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346; CASTOR, G. D., The Relation of Mark to the Source Q, p. 83-84.

⁵⁹⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346.

⁵⁹¹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346; BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 5; FUCHS, A., Die Sünde wider den Heiligen Geist Mk 3,28-30 par Mt 12,31-37 par Lk 12,10, p. 114; PEREIRA, A. F., Uma exegese de Mc 3,28-29 e Mt 12,31-32: qualquer pecado, inclusive a blasfêmia, é (im)perdoável, p. 89.

⁵⁹²BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 5.

Na parte final de Mt 12,32, Mateus modifica a sentença “ἀλλ’ ἔνοχός ἐστιν αἰωνίου ἁμαρτήματος/*mas é réu de pecado eterno*” de Mc 3,29, para “οὔτε ἐν τούτῳ τῷ αἰῶνι οὔτε ἐν τῷ μέλλοντι/*nem neste mundo, nem no vindouro*”⁵⁹³.

A frase “ἡ δὲ τοῦ πνεύματος βλασφημία οὐκ ἀφεθήσεται/*mas a blasfêmia [contra] o Espírito não será perdoado*” de Mt 12,31, não tem precedente em Marcos e Lucas, mas pode ter sido redigido pelo próprio Mateus a partir de Mc 3,29, mas que o autor mateano também pode ter pegado de empréstimo da fonte Q, encontrado em Lc 12,20, com a diferença na preposição “κατά/*contra*” em Mt 12,31, em que Mateus afia o “εἰς/*contra*” de Lc 12,10, para referenciar o falar contra o Filho do homem⁵⁹⁴. Mesmo com essas modificações realizadas pelo autor do Evangelho de Mateus, o ditado do v.31 tem o mesmo sentido que Mc 3,28⁵⁹⁵.

A versão de Mt 12,32 é muito parecida com a de Lc 12,10, e também são semelhantes em estrutura e trazem o mesmo significado, mas estão em contextos diferentes; apenas na linguagem é que pode ser visto algumas variações⁵⁹⁶. Mateus introduz em suas duas clausulas as expressões “ὅς ἐάν/*quem*”, “ὅς δ’ ἂν/*mas quem*” e o verbo finito subjuntivo “εἴπη/*disser*”, enquanto Lc 12,10 apresenta “πᾶς ὅς/*todo o que*” e o indicativo futuro “ἐρεῖ/*disser*” em sua primeira clausula, e “τῷ δὲ/*mas ao que*” mais o particípio “βλασφημήσαντι/*tiver blasfemado*” para a segunda. Ao que pode ser compreendido, é que o evangelista Mateus tenha preservado a redação da fonte Q, e as modificações feitas pelos autores de Mateus e Lucas são sinônimas e não alteram o sentido do texto⁵⁹⁷. Portanto, é possível afirmar que o evangelista mateano conservou tanto a versão de Marcos quanto a da fonte Q, sendo que o texto de Marcos é o logion mais antigo⁵⁹⁸. Pode-se supor ainda que o duplo “κατά/*contra*” do v.32 é com toda possibilidade uma contribuição do autor mateano, pois tanto Marcos como Lucas concordam nos paralelos “εἰς τὸ πνεῦμα/*contra o Espírito*” em Mc 3,29 e “εἰς τὸ ἅγιον πνεῦμα/*contra o Santo Espírito*” em Lc 12,10⁵⁹⁹.

⁵⁹³ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346.

⁵⁹⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346; BORING, M. E., The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10, p. 266.

⁵⁹⁵ BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 5.

⁵⁹⁶ BORING, M. E., The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10, p. 265; BROWN, J. P. Mark as Witness to an Edited Form of Q, p. 32.

⁵⁹⁷ BORING, M. E., The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10, p. 266.

⁵⁹⁸ BORING, M. E., The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10, p. 279.

⁵⁹⁹ FUCHS, A., Die Sünde wider den Heiligen Geist Mk 3,28-30 par Mt 12,31-37 par Lk 12,10, p. 120.

Em seu contexto imediato, Mt 12,22-32 é precedido por Mt 12,15-21, em que há uma citação direta do profeta Isaías (Is 42,1-4). A passagem posterior é Mt 12,33-37, ao qual traz a questão da árvore boa e o fruto bom que se revela através da palavra falada⁶⁰⁰. Nesse contexto, Mt 12,33-37 executa bem o papel de continuidade da narrativa do evangelista Mateus. Há aqui, uma ligação com Mt 12,22-32, porque a palavra dita contra o Espírito Santo no v.32, parece ser a mesma ideia da narrativa dos vv.34-37, em que os que professam tais palavras serão condenados no final da história⁶⁰¹.

Em um contexto maior, Mt 12,22-32 está entre o discurso missionário ou apostólico (Mt 10–11,1) e o discurso parabólico (Mt 13). Não há em Mt 12,22-32 nenhuma relação aparente com Mt 10 e 13, mas sim, com Mt 11, que juntos, formam a terceira parte narrativa do Evangelho mateano⁶⁰². Em Mt 11,1, em que temos as palavras de Jesus “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς διατάσσων τοῖς δώδεκα μαθηταῖς αὐτοῦ, μετέβη ἐκεῖθεν τοῦ διδάσκειν καὶ κηρύσσειν ἐν ταῖς πόλεσιν αὐτῶν/ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções aos seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles”, serviu tanto para dar conclusão a parte do discurso de Mt 10, como para introduzir a terceira parte narrativa de Mt 11–12⁶⁰³. Ao colocar Mt 12,22-32 na terceira parte narrativa do Evangelho, o autor mateano demonstrou que foi uma escolha pessoal e tem os seus interesses muito bem alicerçados⁶⁰⁴.

Mt 11–12 trazem uma característica pessoal do autor, com uma unidade temática que envolve João Batista e Jesus em Mt 11, e Jesus e sus opositores, os fariseus, em Mt 12, usando conectores redacionais que ligam as partes de Mt 11–12 com as seguintes expressões: “τότε/então” (Mt 12,22.38), “γνοὺς/tendo sabido” (Mt 12,15), “Ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ/naquele tempo” (Mt 11,25; 12,1), “Ἐτι αὐτοῦ λαλοῦντος τοῖς ὄχλοις/ainda ele falando às multidões”⁶⁰⁵. Este trabalho redacional

⁶⁰⁰ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 141-142; HAYS, R. B., The Gospel of Matthew, p. 165-190.

⁶⁰¹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 191.

⁶⁰² BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 186.

⁶⁰³ CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192. Para estes autores, as palavras de Jesus em Mt 11,1 não servem apenas para conclusão de um texto, mas serve também como introdução transitiva à narrativa seguinte.

⁶⁰⁴ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 175.

⁶⁰⁵ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 187.

do autor resultou em uma unidade temática de caráter estritamente cristológico, pois revela a verdadeira natureza messiânica de Jesus⁶⁰⁶.

O autor mateano quando é visto em um contexto integral ou pragmático, insere Mt 12,22-32 em seu trabalho redacional, entre um dos seus blocos narrativos e em todo o Evangelho⁶⁰⁷. A isso, é possível observar no inteiro escrito de Mateus a presença de Jesus como Filho de Davi (Mt 1,1.20; 9,27; 15,22; 20,30-31; 21,9.15; 22,42) e Filho do Homem (Mt 8,20; 9,6; 10,23, 11,19; 12,8.32.40; 13,37.41; 16,13.27-28; 17,12.22; 18,11; 19,28; 20,18.28; 24,27.30.37.39.44; 25,13.31; 26,2.24.45.64)⁶⁰⁸. Mateus também desenvolveu bem os relatos de curas e expulsões de demônios, que eram responsáveis por alguns tipos de enfermidades; possuídos geralmente em Mt 4,24; 8,16, e especificamente em Mt 8,28-34; 9,32-34; 15,22-28; 17,14-18, nesses textos, tanto o verbo “προφέρω/*trazer, levar*” quanto o verbo “θεραπεύω/*curar, cuidar dos enfermos*” são importantes nas referências mateanas⁶⁰⁹. A questão do perdão é bem abrangente em todo o evangelho mateano, trazendo em sua maioria textuais o verbo “ἀφίημι/*perdoar*” (Mt 6,12.14-15; 9,2.5-6; 18,21.27.32.35; 26,28)⁶¹⁰.

Em sua narrativa, Mateus apresenta no seu contexto integral, uma perícopie semelhante a Mt 12,22-32 que é Mt 9,32-34. Nele tem-se o relato da cura e do exorcismo de um endemoniado que não era cego, mas mudo. As características que se assemelham entre esses dois textos são a cura, a admiração da multidão e a acusação dos fariseus de que Jesus expulsa demônios pelo príncipe dos demônios⁶¹¹. O relato de Mt 9,32-34, não é uma repetição ou uma duplicata de Mt 12,22-32, mas outra acusação contra Jesus⁶¹². Em síntese, pode-se afirmar que o evangelista Mateus como redator de sua obra, tanto usou Marcos como seu material fonte, quanto à fonte Q, para desenvolver a sua narrativa.

⁶⁰⁶ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 188; TASKER, R. V. G., Mateus, p. 103.

⁶⁰⁷ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 188-189; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 176.

⁶⁰⁸ MULLINS, T. Y., Jesus, the “son of David”, p. 117-126; LEVIN, Y., Jesus, ‘Son of God’ and ‘Son of David’, p. 416; PAFFENROTH, K., Jesus as Anointed and Healing Son of David in the Gospel of Matthew, p. 553; WEAVER, D. J., “Suffering Violence” and the kingdom of heaven (Mt 11:12), p. 1-12.

⁶⁰⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 341-342.

⁶¹⁰ LAMERSON, S., Forgiveness in the Gospel of Matthew, p. 1; NEL, M. J., The role of Matthew’s ἀφίημι-*logia* in the decisions of the General Synod of the Dutch Reformed Church (DRC) in post-apartheid South Africa, p. 339.

⁶¹¹ BARBAGLIO, G.; R. FABRIS., Os Evangelhos (I), p. 202.

⁶¹² CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 341.

3.6 Crítica das tradições

O evangelista Mateus não desenvolveu o texto de Mt 12,22-32 do nada. Pode-se afirmar que Mateus realizou um trabalho de sistematização e de interpretação do que lhe proporcionava a Igreja Primitiva⁶¹³. É perceptível na presente perícopa a figura de temas, motivos e imagens de textos veterotestamentários e textos deuterocanônicos utilizadas pelo autor do Evangelho de Mateus⁶¹⁴. Desta forma, o nosso objetivo é compreender as tradições conservadas no texto de Mt 12,22-32, com tradições semelhantes proporcionadas em outros textos, buscando descrever as particularidades existentes nos mesmos textos.

A perícopa de Mt 12,22-32 traz o relato da cura de um endemoniado cego e mudo. No v.23, a pergunta sobre Jesus ser o “υἱὸς Δαυὶδ/*Filho de Davi*”, revela uma intensão e apresentação da temática do Messias esperado pela multidão e pelos antepassados (Is 11,1), o título que indica o Salvador como o enviado de Deus e os milagres por si só, não apenas provam, mas também ligam a Jesus com Messias enviado por Deus e assegura o cumprimento da promessa a Davi (Is 29,18; 35,5-6; 42,18-25; Mt 11,2-6)⁶¹⁵. É evidente que os que leram o Evangelho de Mateus, perceberam que o Servo sofredor de Mt 12,18-21 e o Filho de Davi de Mt 12,22-23 têm uma profunda ligação⁶¹⁶. Jesus sendo então, o prometido da descendência de Davi, será aquele que mudará a ordem atual, trazendo uma alegria escatológica e essa transformação futura envolve a cura de todas as enfermidades, e o escolhido de Deus, o que realiza as curas, é o Filho de Davi (Ez 34,23; 37,25)⁶¹⁷.

Em Mt 12,24-27, tem-se a imagem de Beelzebul que o autor pode ter retirado do Antigo Testamento, mais precisamente do ciclo de Elias em 2Rs 1,2-3.6.16, em que o termo em hebraico é “בַּעַל זְבוּב/*senhor das moscas*”, era também reconhecido

⁶¹³ BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 187.

⁶¹⁴ C. LIMA, M. L., Exegese bíblica teoria e prática, p. 145; SILVA, C. M. D., Metodologia de exegese bíblica, p. 244-246.

⁶¹⁵ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 341; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 342; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 141-142; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 124; RADERMAKERS, J., Lettura pastorale del vangelo di Matteo, p.205; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 164; MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.189; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 165.

⁶¹⁶ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 341.

⁶¹⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 342.

como o Deus de Ecom⁶¹⁸. Na literatura posterior apocalíptica ele é reduzido a diabo⁶¹⁹. Não existe nenhuma referência a Beelzebul na literatura judaica primitiva ou em outras literaturas antigas⁶²⁰. Em Mt 12,24-26 há uma relação entre o príncipe dos demônios, Beelzebul, com Satanás, porém, outros nomes são dados a Satanás, na Bíblia Hebraica e nos escritos judaicos como *Belial*, *Sammael*, *Malkira*, *Matanbukus* – mas não há referências ao nome Beelzebul nessa analogia⁶²¹. Na frase “οἱ υἱοὶ ὑμῶν/os vossos filhos” do v.27, apresenta o conhecimento de Mateus da tradição dos exorcismos no mundo judaico antigo realizados pelos filhos, provavelmente dos profetas (Tb 3,17; 6,6-18; 8,1-5)⁶²².

Em Mt 12,28, o autor relembra a temática do servo eleito por Deus para realizar obras e anunciar as boas novas aos oprimidos (Is 61,1). A expressão “πνεύματι θεοῦ/*Espírito de Deus*” no v.28 e “δακτύλῳ θεοῦ/*dedo de Deus*” de Lc 11,20, são equivalentes (Ex 8,19; Dt 9,10; Sl 8,3) e revelam a origem do poder milagroso de Jesus em conexão com Mt 12,18, ao qual direcionará para o Messias escolhido e esperado de Is 42,1-4, que opera pelo “πνεύματι θεοῦ/*Espírito de Deus*” e para o “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*” – em que é manifesto o estabelecimento escatológico completo e a destruição futura e final de Satanás, que já está chegando como esperado (1En 55,4; T. Mos. 10,1; T. Zab 9,8).⁶²³

Mateus reconhece que assim como os milagres feitos por Moisés superaram os sinais dos magos de faraó, as curas de Jesus superam os exorcismos dos filhos dos judeus⁶²⁴. O evangelista ainda conhece a tradição dos profetas que anunciavam um Messias que demonstraria o poder do Espírito Santo para revelar que o reino de Deus havia chegado aos homens (Ez 3,14)⁶²⁵. Mateus apresenta os fariseus como

⁶¹⁸ MELLO, A., *Evangelho secondo Matteo*, p. 225; CHAMPLIN, R. N., *Mateus e Marcos*, vol. I, p. 410; FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 227; CARNEIRO, M. S., *Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32*, p. 207; HARRINGTON, D. J., *Il Vangelo di Matteo*, p. 165; ROBBINS, V. K., “Rhetorical Composition and the Beelzebul Controversy”, p. 164; ARGYLE, A. W., *The Gospel According to Matthew*, p. 96.

⁶¹⁹ GALLAZZI, S., *O Evangelho de Mateus*, p. 239.

⁶²⁰ STEIN, B. L., *Who the Devil Is Beelzebul?* p. 43; CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 303.

⁶²¹ STEIN, B. L., *Who the Devil Is Beelzebul?* p. 43; AARDE, A. V., *Understanding Jesus’ healings*, p. 224.

⁶²² HARRINGTON, D. J., *Il Vangelo di Matteo*, p. 165; TURNER, D. L., *Matthew*, p. 321; CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 342.

⁶²³ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 343; CARTER, W., *O Evangelho de São Mateus*, p. 352-353; BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 16.

⁶²⁴ RIENECKER, F., *Evangelho de Mateus*, p. 207.

⁶²⁵ CHAMPLIN, R. N., *Mateus e Marcos*, vol. I, p. 412.

sendo conhecedores dos textos do Antigo Testamento que falam a respeito do Messias (Is 11,1-10; Ez 11,19-21)⁶²⁶.

Em Mt 12,29-30, a imagem do mais forte tem a sua origem em Is 49,24-25. Em partes das tradições judaicas era esperado o aprisionamento de Satanás no período messiânico (Ass. Moisés 10,1, T. Levi 18,12)⁶²⁷. O forte de Is 49,24-25 é a representação do déspota babilônico, em que Deus resgatará o seu povo através da figura do mais forte – que em Mt 12,29 é Jesus, o que aprisiona a Satanás, vencendo-o em seus atos de exorcismos, curas e estabelecendo o seu reino (Jub 10,7.11-13; Tb 8,3; 1En 10,4.11-13; 13,2)⁶²⁸, e o profeta Isaías o denomina como a imagem do Deus forte (Is 9,5) e o libertador dos oprimidos e pecadores (Is 53,12) e tanto o salmista como o povo de Israel veem apenas em Deus o forte e o valente (Sl 24,8)⁶²⁹.

Mateus não tirou a ideia do mais forte do nada, ele ainda toma a imagem do forte em Jr 31,11, em que YHWH é o que resgata seu povo e o liberta da mão do mais forte que é o opressor de Israel. A figura do forte na tradição veterotestamentária culminará no Cristo esperado para uma libertação escatológica esperada pelo povo do passado, que agora, é observada na imagem de Jesus como o mais forte que liberta o homem dos poderes déspotas de Satanás⁶³⁰.

No v.30, Mateus traz a imagem do Deus Pastor da tradição antiga veterotestamentária. Segundo os Salmos de Salomão, os gentios espalham e dividem, enquanto o Messias futuro os reunirá⁶³¹. O verbo “συνάγω/*ajuntar, reunir*” utilizado pelo evangelista demonstra que ele conhece a temática de Deus que reúne seu povo tal como um pastor ajunta as ovelhas no curral (Is 13,14)⁶³². O

⁶²⁶ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 50-51.

⁶²⁷ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 344; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 344; GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 666; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 204; LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224; DEIROS, P. A., Mateus, p. 343; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 475; AARDE, A. V., Jesus as Joshua, Moses en dawidiese Messias in Matteus, p. 461.

⁶²⁸ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 352; RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 207; LUZ, U., Vangelo di Matteo, p. 331; KEENER, C. S., The Gospel of Matthew, p. 364.

⁶²⁹ MILLOS, S. P., Mateo, p. 813; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 344; ⁶²⁹ BASTIT, A., L’apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d’Irénee et la première littérature chrétienne, p. 296; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 159.

⁶³⁰ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 344; BASTIT, A., L’apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d’Irénee et la première littérature chrétienne, p. 296.

⁶³¹ EVANS, C. A., Matthew, p. 258.

⁶³² CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 352; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 344; MILLOS, S. P., Mateo, p. 813; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 204; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

tema do Deus Pastor denota “a presença libertadora de Deus com o seu povo” (Is 40,11; 23,2)⁶³³.

O Deus Pastor reunirá de forma escatológica, com graça e misericórdia o seu rebanho disperso, para o apascentar (Tb 13,5; Sl 11,1-9; 17,26; Sl Sal 11,1-9; Is 49,6; Jr 39,37; Ez 34,13.16; Zc 13,7-9); e a tarefa de reunir é atribuída a Deus no Antigo Testamento – e Mateus conhece as tradições antigas pastoris⁶³⁴. Mateus liga o verbo grego “σκορπίζω/espalhar” ao verbo anterior “συνάγω/ajuntar, reunir” para continuar demonstrando a imagem do povo-rebanho de Deus, em que o Senhor virá e livrará o seu povo, com juízo divino contra os seus inimigos (Ne 4,13; Tb 13,5; 2Mc 14,13; Jr 23,1)⁶³⁵.

Nos vv.31-32, nos quais é tratado sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, Mateus é conhecedor das leis judaicas e escreve com base na tradição do decálogo, pois lá, o nome de YHWH é sagrado e não deve ser pronunciado de forma frívola (Ex 20,7) e desenvolve sua temática a partir do código de santidade em Lv 17–26⁶³⁶. A blasfêmia contra Deus já fazia parte do Antigo Testamento (Ex 22,27; 1Rs 21,13; Is 63,10) e demonstrou o ápice da impiedade do povo eleito e caracterizou a atitude pagã (Sl 89,51-52), punida com a morte (Lv 24,15-16) e está na lista dos pecados que desafiam a Deus e à ordem de Deus e sendo punidos com a morte, porque no contexto judaico os pecados contra Deus eram considerados com tamanha seriedade (Nm 15,30-31; Dt 29,18-20; 1Sm 2,25)⁶³⁷.

O evangelista também tem conhecimento da tradição do êxodo, pois identifica a dureza dos corações dos fariseus como o endurecimento do coração de faraó, quando da libertação do povo hebreu da escravidão egípcia, e ele não se abre à obediência a Deus e a sua vontade, endurecendo assim o seu coração, pois Deus

⁶³³ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 352; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 344; MILLOS, S. P., Mateo, p. 813; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 204; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143; TURNER, D. L., Matthew, p. 322.

⁶³⁴ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 353; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 344; MILLOS, S. P., Mateo, p. 813; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 204; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143; TURNER, D. L., Matthew, p. 322.

⁶³⁵ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 153.

⁶³⁶ RADERMAKERS, J., Lettura pastorale del vangelo di Matteo, p.206; SPROUL, R. C., Mateus, p. 336.

⁶³⁷ RADERMAKERS, J., Lettura pastorale del vangelo di Matteo, p.206; GARDNER, R. B., Matthew, p. 203; HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 39; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 165; EVANS, C. A., Matthew, p. 257; TURNER, D. L., Matthew, p. 323; MELLO, A., Evangelho segundo Matteo, p. 227; PENNINGA, M., Hermeneutics research paper “blasphemy of the Holy Spirit”, p. 4-5; WILLITTS, J., ‘The friendship of Matthew and Paul, p. 1-8. Neste artigo é possível ter uma leitura à tendência recente de uma interpretação de Mateus.

oferece oportunidade de graça e salvação a todos os homens (Ex 9,12)⁶³⁸. Não é contraditório afirmar, que a palavra dura sobre a falta de perdão da blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32, e o conhecimento que Mateus tinha da tradição, que a Escritura veterotestamentária tem sobre o perdão de Deus (Sl 65,3; 86,5; 130,3-4; Is 1,18; Mq 7,19)⁶³⁹.

4

Análise Retórica Bíblica Semítica de Mateus 12,22-32

⁶³⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 813; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

⁶³⁹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 345.

Neste capítulo, trata-se sobre a Análise Retórica Bíblica Semítica no Evangelho de Mateus e em especial na perícopa de Mt 12,22-32. A Análise Retórica não é em si um novo método, seu maior expoente é Roland Meynet, a partir do final da década de oitenta (séc. XX); a sua novidade está no seu uso sistemático para a interpretação da Bíblia, em que acarretará o surgimento de uma “nova retórica”; ele é um método recente, porque somente agora passou a ter um desenvolvimento com importância⁶⁴⁰. Diferente da retórica-clássica, a retórica semítica era usada no contexto cultural do Oriente próximo, em textos ugaríticos, babilônicos e egípcios antigos; porém, é nos escritos do texto sagrado que o método da Análise Retórica Bíblica Semítica tem a sua evidência e é nele que foi encontrado⁶⁴¹.

A retórica “é a arte de compor discursos persuasivos. Pelo fato de que os textos bíblicos são em algum grau textos persuasivos, um certo conhecimento de retórica faz parte do instrumental normal dos exegetas”⁶⁴². É perceptível a retórica na Escritura e ela pode ser discriminada em três abordagens: a que se fundamenta na retórica clássica greco-latina; a que se preocupa com os aspectos semíticos; e a nova retórica, que se baseia nas pesquisas modernas⁶⁴³.

Diferente do Método Histórico-Crítico que é uma ferramenta usada de forma diacrônica, em que a importância está nos autores ou os editores do texto e suas finalidades, que sempre permanecem até certo ponto hipotéticas; a análise retórica é um método sincrônico e se preocupa com os aspectos estruturais do texto “que têm o poder de influenciar o leitor e até mudar sua vida”⁶⁴⁴. Nesse sentido, a Análise Retórica Bíblica Semítica faz parte dos métodos sincrônicos de exegese que buscam compreender a forma do texto⁶⁴⁵.

⁶⁴⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA., A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 47; MEYNET, R., La rhétorique biblique et sémitique, p. 291; MEYNET, R., A Análise Retórica, p. 391.

⁶⁴¹ MEYNET, R., La retorica bíblica, p. 433; COMBRINK, H. J. B., Reference and rhetoric in the gospel of Matthew, p. 1-17.

⁶⁴² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA., A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 47; ONISZCZUK, J., L'analisi retorica biblica e semítica, p. 480; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 5-6.

⁶⁴³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA., A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 47.; ONISZCZUK, J., L'analisi retorica biblica e semítica, p. 479-480; MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 20; MEYNET, R., Histoire de “l'analyse rhétorique” en exégèse biblique, p. 291-320. Neste artigo, Meynet apresenta um estado da questão que aborda a história da análise retórica; MEYNET, R., Le Mémorial à la lumière de la rhétorique biblique, p. 603; MEYNET, R., Le leggi della retorica bíblica, p. 349-351; MEYNET, R., La rhétorique biblique et sémitique, p. 1; MEYNET, R., Une nouvelle présentation de la rhétorique biblique et sémitique, p. 2; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 131.

⁶⁴⁴ ONISZCZUK, J., L'analisi retorica biblica e semítica, p. 481.

⁶⁴⁵ ONISZCZUK, J., L'analisi retorica biblica e semítica, p. 481; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 131.

A Análise Retórica Bíblica Semítica oferece oito níveis ou figuras de composição de um texto e seis frutos que o uso desse método pode proporcionar⁶⁴⁶. Os oito níveis ou figuras de composição de um texto apresentados por Meynet⁶⁴⁷ são: 1) o membro: é a menor unidade de organização retórica. O membro pode ser descrito como um sintagma, basicamente composto de dois a cinco termos que caracterizam uma unidade sintática⁶⁴⁸; 2) o segmento: é uma unidade maior do que o membro. Os segmentos podem ser variados; os que possuem um membro, denominados de *unimembros*; os compostos por dois membros, chamados de *bimembros*; e os de três membros, designados de *trimembros*⁶⁴⁹; 3) o trecho: é uma unidade textual superior ao segmento, que constitui-se com dois ou mais segmentos, considerando em todo o momento o texto bíblico, com suas complexidades ou não, podendo ser paralelo ou concêntrico⁶⁵⁰; 4) a parte: os níveis de composição textual anteriores vão aumentando em suas estruturas, acontece também com a parte, porque ela pode ser constituída por dois ou três trechos e até por um apenas, dependendo do texto bíblico, com mais ou menos complexidade⁶⁵¹; 5) a perícope: é a primeira unidade separável, que tem a capacidade de autonomia. Ela é uma espécie de unidade mínima de leitura ou recitação, como por exemplo, de uma parábola ou uma história de milagre⁶⁵²; 6) a sequência: é uma unidade maior do que a perícope, abrangendo uma ou mais passagens⁶⁵³; 7) a seção: é formada por

⁶⁴⁶ GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 13-15.

⁶⁴⁷ MEYNET, R., Este autor é na atualidade o responsável pelo desenvolvimento crescente do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, com diversas obras e artigos na área; MEYNET, R., Une nouvelle présentation de la rhétorique biblique et sémitique, p. 3-4.

⁶⁴⁸ MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 201; GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 13; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica, p. 132-146; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 17.

⁶⁴⁹ MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 201; GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 13; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica, p. 146-163; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 17.

⁶⁵⁰ MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 229; GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 13; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica, p. 164-181; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 17.

⁶⁵¹ MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 246; GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 14; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica, p. 182-191; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 17.

⁶⁵² MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 259; GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 14; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica, p. 191-201; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 17.

⁶⁵³ MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 281; GONZAGA, W. et alii., Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 14; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica, p. 202-204; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 17.

diversas sequências ou suas subseções⁶⁵⁴; 8) o livro: é formado pelo conjunto das seções⁶⁵⁵.

Os frutos de aplicação da Análise Retórica Bíblica Semítica oferecidos por Meynet são: 1) delimitação de unidades literárias: é um fruto da análise retórica que fornece critérios para delinear as unidades literárias nos variados níveis de sua estrutura⁶⁵⁶; 2) interpretação: na perícopes a estrutura retórica auxilia na identificação das simetrias, oposições e identidades que permitem o reconhecimento das relações estruturantes entre elementos, para uma melhor percepção do texto⁶⁵⁷; 3) ser capaz de ler juntas diversas perícopes e de contribuir no realce e no efeito do sentido e tema, que possivelmente não alcança-se quando são lidas as passagens separadamente⁶⁵⁸; 4) tradução: Quando as recorrências lexicais desempenham uma função retórica na composição do texto, devem ser respeitadas na medida do possível. Se elas constroem, pelo menos em pontos importantes, uma ênfase estilística no significado do evangelho, elas devem ser traduzidas⁶⁵⁹; 5) crítica textual: a Análise Retórica Bíblica Semítica pode contribuir na crítica textual, pois ao observar o paralelismo dos membros, permite corrigir possíveis erros dos copistas, verificar e confirmar uma correção oferecida por um manuscrito ou uma versão antiga⁶⁶⁰; 6) critérios científico-linguísticos constituem um fruto da Análise Retórica Bíblica Semítica que fornece procedimentos para delimitar as unidades literárias nos seus variados níveis de estrutura do texto, para alcançar o contexto⁶⁶¹.

⁶⁵⁴ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 297; GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 14; MEYNET, R., *Trattato di Retorica Biblica*, p. 205-207; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 17.

⁶⁵⁵ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 307; GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 14; MEYNET, R., *Trattato di Retorica Biblica*, p. 207-208; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 17.

⁶⁵⁶ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 317; GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 14; MEYNET, R., *Les fruits de l'analyse rhétorique pour l'exégèse biblique*, p. 1.

⁶⁵⁷ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 327; GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 14; MEYNET, R., *Les fruits de l'analyse rhétorique pour l'exégèse biblique*, p. 11.

⁶⁵⁸ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 337; GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 14.

⁶⁵⁹ MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 341; GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 14; MEYNET, R., *Les fruits de l'analyse rhétorique pour l'exégèse biblique*, p. 21.

⁶⁶⁰ GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 15; MEYNET, R., *Les fruits de l'analyse rhétorique pour l'exégèse biblique*, p. 26; MEYNET, R., *Rhetorical Analysis*, p. 341.

⁶⁶¹ GONZAGA, W. et alii., *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*, p. 15.

4.1 Análise Retórica do Evangelho de Mateus

O Evangelho de Mateus é estruturado de forma entrelaçada entre discursos e narrativas. Ao todo, são cinco discursos e cinco narrativas, em que cada uma dessas têm as suas próprias unidades literárias e as suas temáticas⁶⁶². Nessa estrutura do primeiro Evangelho, o autor colocou uma marca autoral que demarca o final e o início de cada seção em discurso e narrativas⁶⁶³.

<i>E aconteceu,</i>	QUANDO CONCLUIU JESUS	ESTAS PALAVRAS...	7,28
<i>E aconteceu,</i>	QUANDO CONCLUIU JESUS	<i>de instruir os doze...</i>	11,1
<i>E aconteceu,</i>	QUANDO CONCLUIU JESUS	ESTAS PALAVRAS...	13,53
<i>E aconteceu,</i>	QUANDO CONCLUIU JESUS	ESTAS PARÁBOLAS...	19,1
<i>E aconteceu,</i>	QUANDO CONCLUIU JESUS	TODAS ESTAS PALAVRAS...	26,1

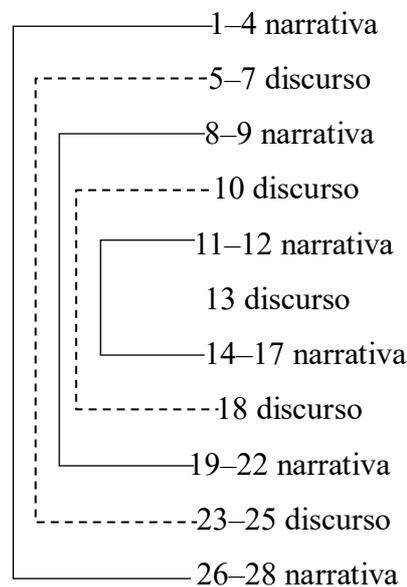
O Evangelho de Mateus demonstra de forma clara uma disposição organizada das palavras de Jesus, em que o autor mateano, ou o seu redator final apresentou as partes em discursos e narrativas perfeitamente, de modo que, não é encontrado essa mesma estrutura nos Evangelhos de Marcos e Lucas⁶⁶⁴. O arranjo estrutural dos

⁶⁶² CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192-195; TELLES, A. C.; GONZAGA, W. João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 28; CLARK, D. J.; WAARD, J., Discourse structure in Matthew’s gospel, p. 3; TALBERT, C. H., Matthew, p. 6; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 192.

⁶⁶³ GRAZIANO, F., La composition de l’évangile de Matthieu. Où sommes-nous?, p. 1; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 39; CLARK, D. J.; WAARD, J., Discourse structure in Matthew’s gospel, p. 3; VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 17; EVANS, C. A., Matthew, p. 8; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 23; CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 190; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 140; TURNER, D. L., Matthew, p. 9; HARE, D. R. A., Matthew, p. 2; LOHR, C. H., Oral techniques in the Gospel of Matthew, p. 411; KINGSBURY, J. D., Matthew, p. 3; PATRICK, J. E., Matthew’s pesher gospel structured around ten messianic citations of Isaiah, p. 44; VANDERWEELE, T. J., Some observations concerning the chiasmic structure of the gospel of Matthew, p. 669; PIXLEY, J., Mateo 24–25: El fin del mundo, p. 83; TURNER, D. L., Whom does God approve?, p. 32; VARNER, W., A discourse analysis of Matthew’s nativity narrative, p. 213; MCCUISTION, P. R.; WARNER, C.; VILJOEN, F. P., The influence of Greek drama on Matthew’s Gospel, p. 4.

⁶⁶⁴ GRAZIANO, F., La composition de l’évangile de Matthieu. Où sommes-nous?, p. 1-5; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 38; DERICKSON, G. W., Matthew’s chiasmic structure and its dispensational implications, p. 423; EVANS, C. A., Matthew, p. 8; TALBERT, C., H. Matthew, p. 6; LE ROUX, J. H., Andries van Aarde’s Matthew Interpretation, p.1-10.

cinco discursos e as cinco narrativas estão dispostos no seguinte diagrama, segundo os capítulos do Evangelho de Mateus⁶⁶⁵:



Há uma questão interessante na parte dos discursos é que, eles estão articulados de maneira quiástica, estabelecendo relações e semelhanças entre si⁶⁶⁶. Nesse sentido, o primeiro discurso tem relação com o quinto; o segundo discurso relaciona-se com o quarto; e o terceiro discurso é o centro do quiasmo, ao qual é o mecanismo que traz entendimento dos segredos do reino para os discípulos mateanos⁶⁶⁷.

A: discurso do monte

B: discurso missionário

⁶⁶⁵ COMBRINK, H. J. B., *The Structure of the Gospel of Matthew as Narrative*, p. 62; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 92; CLARK, D. J.; WAARD, J., *Discourse structure in Matthew's gospel*, p. 4-5; HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. LI; FRANCE, R. T., *The Gospel of Matthew*, p. 64; BOERMAN, D., *The chiasmic structure of Matthew 11-12*, p. 313; VANDERWEELE, T. J., *Some observations concerning the chiasmic structure of the gospel of Matthew*, p. 669; COMBRINK, H. J. B., *The macrostructure of the Gospel of Matthew*, p. 3; FOULKES, R. B., *La familia de Jesus (Mt. 12,46-50)*, p. 56.

⁶⁶⁶ VITÓRIO, J., *Lendo o Evangelho segundo Mateus*, p. 18; BOERMAN, D. *The chiasmic structure of Matthew 11-12*, p. 313; MAN, R. E., *The value of chiasm for New Testament interpretation*, p. 146. Para este autor, o quiasmo “pode ser definido como ‘uma figura estilística de alfabetização que consiste em uma série de dois ou mais elementos seguidos por uma apresentação de elementos correspondentes em ordem inversa’. Os elementos individuais podem consistir em palavras únicas, frases, frases, parágrafos ou até mesmo seções mais longas de material”; TALBERT, C. H., *Matthew and character formation*, p. 57.

⁶⁶⁷ VITÓRIO, J., *Lendo o Evangelho segundo Mateus*, p. 18; LEONEL, J., *Mateus, o Evangelho*, p. 67.

C: discurso parabólico

B': discurso eclesiástico

A': discurso escatológico

Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento utilizaram ferramentas estruturais para fins literários, e o autor mateano não se afastou dessas possibilidades para desenvolver e, ou, estruturar o seu escrito⁶⁶⁸. Na atualidade é bem aceito que o primeiro Evangelho esteja organizado em um grande quiasmo, mas, os que defendem essa perspectiva diferem entre si⁶⁶⁹. Há a ideia de que existe um quiasmo embutido na estrutura do Evangelho de Mateus, não totalmente exaustivo e desenvolvido agrupando cada seção ou episódio⁶⁷⁰. Esta forma retórica literária serve para refletir uma ideia lógica para concentrar o leitor a perceber o ponto central da mensagem transmitida pelo autor⁶⁷¹.

A proposta mais antiga de um grande quiasmo compreendendo todo o Evangelho de Mateus tem base na constatação da presença de algumas ideias e até conceitos dominantes ao qual o autor do primeiro Evangelho percebeu em sua estrutura, como pode ser observado aqui⁶⁷²:

- | | |
|---|--|
| A. 1,1-17: IDENTIDADE DE JESUS | filho de Abraão e de Davi |
| B. 1,18–2,23: A VINDA DE JESUS | (<i>salvação para Israel e os gentios</i>) |
| C. 3,1-17: Israel se desviando para Jesus, | ao Jordão |
| D. 4,1-11: três grandes desafios | lançados a Jesus |
| E. 4,12–11,6: PALAVRAS E OBRAS | DE JESUS |
| E'. 11,7–14,12: OBRAS E PALAVRAS | DE JESUS |
| D'. 14,13–20,28: três grandes afirmações | respostas de Jesus |
| C'. 20,29–23,39: Israel e os líderes diante de Jesus, | <i>no templo</i> |
| B'. 24, –25,46: A VINDA DE JESUS | (<i>o Evangelho pregado a todos</i>) |

⁶⁶⁸ DERICKSON, G. W., Matthew's chiasmic structure and its dispensational implications, p. 424; MCCOY, B., Chiasmus, p. 17-34; KEENER, C. S., 'Suggestions for future study of rhetoric and Matthew's Gospel', p. 1-6.

⁶⁶⁹ COMBRINK, H. J. B., The Structure of the Gospel of Matthew as Narrative, p. 62; KIDDER, S. J., Christ, the Son of the Living God, p. 149-170.

⁶⁷⁰ DECAEN, C. A., An Embedded Chiasmic Order in Matthew?, p. 58.

⁶⁷¹ DERICKSON, G. W., Matthew's chiasmic structure and its dispensational implications, p. 424.

⁶⁷² GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 84-85; COMBRINK, H. J. B., The Structure of the Gospel of Matthew as Narrative, p. 62. Este autor apresenta um quiasmo do Evangelho de Mateus, com algumas diferenças apresentada por Graziano; PIZZUTO, V. A., The Structural Elegance of Matthew 1–2, p. 712-737. Este autor apresenta um quiasma de Mt 1–2.

A'. 26,1–28,20: IDENTIDADE DE JESUS, *filho de Deus e rei de Israel*

A contribuição mais recente para uma estrutura quiástica vem de Derickson⁶⁷³. O Evangelho de Mateus reflete um quiasmo que se desenvolve desde o primeiro capítulo até o último, compreendendo tanto as seções narrativas, como os cinco discursos⁶⁷⁴. É evidente que não são todos os elementos em cada seção que têm uma paridade com a seção paralela. Porém, o evangelista deixou marcas literárias para sinalizar ao seus leitores-ouvintes as relações e a temática de sua mensagem⁶⁷⁵. Este quiasmo de Mateus está estruturado em onze partes, em que se percebe cinco pares paralelos de material⁶⁷⁶:

- A. DEMONSTRAÇÃO DAS QUALIDADES DE JESUS COMO REI (Mt 1–4)
- B. *Sermão da montanha*: quem pode entrar no seu reino (Mt 5–7)
- C. **Milagres e instruções** (Mt 8–9)
- D. *Instrução aos Doze*: autoridade e mensagem para Israel (Mt 10)
- E. *Oposição: a rejeição da nação ao rei* (Mt 11–12)
- F. **Parábolas do reino: o reino adiado** (Mt 13)
- E'. *Oposição: a rejeição da nação ao rei* (Mt 14–17)
- D'. *Instrução aos Doze*: autoridade e mensagem para Israel (Mt 18)
- C'. **Milagres e instruções** (Mt 19–23)
- B'. *Discurso no monte das Oliveiras*: quando o virá o reino (Mt 24–25)
- A'. DEMONSTRAÇÃO DAS QUALIDADES DE JESUS COMO REI (Mt 26–28)

Nesta estrutura quiástica é possível observar os paralelos que há entre os capítulos correspondentes. Mt 1–4 tem paralelo com Mt 26–28, porque neles, um líder político não judeu buscou matar a Jesus, logo após de saber a respeito de seu nascimento⁶⁷⁷. Mt 5–7 é paralelo a Mt 24–25, pois neles, Jesus se apresenta à nação

⁶⁷³ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiastic structure and its dispensational implications*, p. 423-437.

⁶⁷⁴ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiastic structure and its dispensational implications*, p. 425; DI PAOLO, R., *Le maître et le disciple envoyés à Israël et aux nations*, p. 1-14.

⁶⁷⁵ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiastic structure and its dispensational implications*, p. 426.

⁶⁷⁶ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiastic structure and its dispensational implications*, p. 426; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 94; TALBERT, C. H., *H. Matthew*, p. 7; TALBERT, C. H., *Matthew*, p. 7.

⁶⁷⁷ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiastic structure and its dispensational implications*, p. 427; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 95.

israelita como o seu rei; Mt 8–9 é comum a Mt 19–23, porque neles estão descritos os ensinamentos de Jesus aos seus discípulos e a vinda futura do reino, e ainda relatam alguns de seus milagres⁶⁷⁸.

Mt 10 e 18 são paralelos, pois em ambos os textos, Jesus instrui os Doze discípulos; em Mt 10 o reino estava sendo oferecido ao povo judeu, em Mt 18 o reino não era mais oferecido aos seus compatriotas, eles não aceitaram o chamado de Jesus⁶⁷⁹. Mt 11–12 tem relação com Mt 14–17; João, o Batista é preso em Mt 11 e morto em Mt 14; os conflitos entre Jesus e os seus opositores estão presentes tanto em Mt 12,1-14 como em Mt 15,1-20; os milagres são relatados em Mt 12,15-32 e Mt 15,29-31; o sinal de Jonas aparece em Mt 12,38-42 e Mt 16,1-4⁶⁸⁰. Mt 13 é o centro do quiasmo e as suas parábolas do reino são postas aqui, de maneira proposital e com um significado exegético⁶⁸¹.

Ao analisar-se a composição retórica do Evangelho de Mateus, percebe-se uma estrutura concêntrica, emoldurada por um prólogo contendo apenas um só passo na abertura (Mt 1,1-17) e um epílogo com uma sequência de três passos (Mt 27,62–28,10)⁶⁸². Duas grandes seções (A e C) enquadram uma seção central (B), com um desenvolvimento maior. Ambas as seções (A e C) formam uma estrutura concêntrica e elas estão elaboradas em três subseções: “duas de natureza narrativa nas extremidades, e uma central contendo respectivamente o discurso da montanha (em A: Mt 5,1–7,29) e o discurso escatológico (em C: Mt 24,1–25,46)”⁶⁸³.

A seção central (B), demonstra uma complexidade, a princípio, na sua formação, contendo cinco subseções dispostas concêntricamente. As subseções das duas extremidades (B1 e B12) trazem respectivamente os discursos da vida apostólica e a vida eclesial (Mt 10,1-42; 18,1-35). Os dois discursos são direcionados aos doze discípulos e o conteúdo se preocupa com a vida e o ministério deles; a primeira narrativa aqui traz a missão evangelizadora dos discípulos, enquanto a segunda, demarca à vivência da comunidade de fé que se desenvolve

⁶⁷⁸ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiasmic structure and its dispensational implications*, p. 427; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 95.

⁶⁷⁹ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiasmic structure and its dispensational implications*, p. 428; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 95.

⁶⁸⁰ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiasmic structure and its dispensational implications*, p. 428; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 95.

⁶⁸¹ DERICKSON, G. W., *Matthew's chiasmic structure and its dispensational implications*, p. 428; GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 95.

⁶⁸² GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 153.

⁶⁸³ GRAZIANO, F., *La composizione letteraria del vangelo di Matteo*, p. 154.

em volta de Jesus⁶⁸⁴. As outras subseções são narrativas (Mt 11–12; 13,53–17,27). Ao centro da seção B, e não apenas nela, mas em todo o Evangelho de Mateus, está Mt 13,1-52, com o seu discurso em parábolas a respeito do reino de Deus⁶⁸⁵.

1.478	PRÓLOGO		1,1-17
Seção A 23.629	7.250	A1–A3: subseção narrativa	1,18– 4,25
	9.832	A4–A8: DISCURSO INICIAL NO MONTE «na montanha... SENDO TENTADO <i>eles se aproximaram dele e de seus discípulos</i> »	5,1– 7,29
	6.547	A9–A11: subseção narrativa	8,1–9,38
Seção B 31.041	3.690	B1: DISCURSO sobre a vida apostólica	10,1– 42
	7.200	B2–B4: subseção narrativa	11,1–12,50
	4.952	B5–B6: DISCURSO EM PARÁBOLAS NO MAR « <i>ASSENTADO junto ao mar</i> » [...] «entrou em um barco e ASSENTOU-SE »	13,1-52
	11.938	B7–B11: subseção narrativa	13,53– 17,27
	3.262	B12: DISCURSO sobre a vida eclesial	18,1– 35
Seção C 36.264	17.004	C1–C3: subseção narrativa	19,1–23,39
	7.969	C4–C6: DISCURSO ESCATOLÓGICO NO MONTE «no monte das Oliveiras, ASSENTOU-SE, <i>os discípulos aproximaram-se dele</i> »	24,1–25,46
	11.291	C7–C9: subseção narrativa	26,1–27,61
2.251	EPÍLOGO		27,62–28,20

⁶⁸⁴ GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 155.

⁶⁸⁵ GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 155.

Tabela 5 - Composição retórica do Evangelho de Mateus

Se for feita uma outra consideração sobre a estrutura retórica de Mateus, e observando além do prólogo e do epílogo, todo o primeiro Evangelho pode ser esquematizado de maneira concêntrica setenária⁶⁸⁶. Por este Evangelho ser um escrito direcionado aos judeu-cristãos, ele foi construído de acordo com uma retórica semítica, lembrando o símbolo mais importante do povo israelita “o candelabro de sete braços da *Menorah*”⁶⁸⁷. Essa estrutura pode ser organizada da seguinte maneira⁶⁸⁸:

1.478	PRÓLOGO		1,1-17
Seção A 23.629	7.250	A1–A3: subseção narrativa	1,18– 4,25
	9.832	A4–A8: DISCURSO INICIAL «na montanha... SENDO TENTADO <i>eles se aproximaram dele e de seus discípulos</i> »	NO MONTE 5,1– 7,29
	6.547	A9–A11: subseção narrativa	8,1–9,38
Seção B 3.690	B: DISCURSO sobre a Vida Apostólica		10,1– 42
Seção C 24.090	7.200	C1–C3: subseção narrativa	11,1– 12,50
	4.952	C4–C5: DISCURSO EM PARÁBOLAS «ASSENTADO junto ao mar» [...] «entrou em um barco e ASSENTOU-SE »	NO MAR 13,1– 52
	11.938	C6–C10: subseção narrativa	13,53– 17,27

⁶⁸⁶ GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 156.

⁶⁸⁷ GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 156-157.

⁶⁸⁸ GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 156.

Seção D		
3.262	D:	DISCURSO sobre a vida eclesial 18,1–35
Seção E	17.004	E1–E3: subseção narrativa 19,1–23,39
	7.969	E4–E6: DISCURSO ESCATOLÓGICO NO MONTE 24,1–25,46 «no monte das Oliveiras, ASSENTOU-SE, <i>os discípulos aproximaram-se dele</i> »
	11.291	E7–E9: subseção narrativa 26,1–27,61
36.264		
2.251	EPÍLOGO	27,62–28,20

Tabela 6 - Estrutura concêntrica setenária do Evangelho de Mateus

4.2 Análise Retórica de Mt 11–12

Mt 11–12 faz parte da terceira seção narrativa do primeiro Evangelho⁶⁸⁹. Na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, Mt 11–12 é considerado como uma seção do Evangelho de Mateus, estruturado em três sequências (Mt 11,2–12,14; 12,15-21; 12,22-50)⁶⁹⁰. A unidade dessas três sequências demonstra uma formação concêntrica, com uma citação direta de Is 42 no centro “que funciona como chave interpretativa do todo: Jesus é o Servo de Deus, que anuncia e cumpre o direito, em benefício de todos”⁶⁹¹. Toda essa grande seção pode ser descrita de duas maneiras retóricas, que demonstram a Análise Retórica Bíblica Semítica do texto⁶⁹²:

A 11,1-19 João Batista e a geração daquele tempo

⁶⁸⁹ TALBERT, C., H. Matthew, p. 143; BOERMAN, D. The chiastic structure of Matthew 11–12, p. 313.

⁶⁹⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 14; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 211.

⁶⁹¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 15.

⁶⁹² TALBERT, C. H., Matthew, p. 143-144; BOERMAN, D. The chiastic structure of Matthew 11–12, p. 316.

- B** 11,20-24 O julgamento das cidades da Galileia
C 11,25-30 A sabedoria e a compaixão pelos humildes
D 12,1-14 A interpretação de Jesus do sábado
C' 12,15-21 Os atos milagrosos de Jesus
B' 12,22-45 O juízo sobre os fariseus
A' 12,46-50 A família de Jesus e os discípulos dele

Primeira sequência:	11,1–12,14	
Primeira subsequência:	11,1-19:	primeiro passo: 11,1-16 segundo passo: 11,17-19
Segunda subsequência:	11,20-30:	primeiro passo: 11,20-24 segundo passo: 11,25-30
Terceira subsequência:	12,1-14:	primeiro passo: 12,1-8 segundo passo: 12,9-14
Segunda sequência:	12,15-21	
Terceira sequência:	12,22,50	
Primeira subsequência:	12,22-30:	primeiro passo: 12,22-23 segundo passo: 12,24-30
segunda subsequência:	12,31-37	
terceira subsequência:	12,38-50:	primeiro passo: 12,38-45 segundo passo: 12,46-50

Tabela 7 - As três sequências de Mt 11,1–12,50

A primeira sequência de Mt 11–12 é Mt 11,1–12,14 e ela está estruturada de forma concêntrica; as duas subsequências nas extremidades (Mt 11,1-19; 12,1-14), que são paralelas entre si, gravitam em volta da subsequência principal (Mt 11,20-30)⁶⁹³.

JESUS	cumpra as obras do CRISTO	
	recebido por João e seus discípulos	Mt 11,1-6
O FILHO DO HOMEM	cumpra obras de sabedoria	
inocentado de todas as acusações DESTA GERAÇÃO		Mt 11,7-19

⁶⁹³ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 120-122.

O FILHO DO HOMEM	realiza milagres para conversão	
	teria sido bem aceito pelas cidades opositoras e pecadoras	Mt 11,20-24
O FILHO DE DEUS	revela a <i>sabedoria</i> do Pai	
	ele chama para si os cansados e os oprimidos	Mt 11,25-30
O FILHO DO HOMEM	cumprir as obras da Lei	
	inocente diante de todas as <i>acusações</i> dos FARISEUS	Mt 12,1-8
JESUS	realiza as obras do MESSIAS	
	<i>condenado</i> pelos FARISEUS e por ESTA GERAÇÃO	Mt 12,9-14

Tabela 8 - A primeira sequência: Mt 11,1–12,14

A primeira subsequência (Mt 11,1-19) está estruturada em dois passos (Mt 11,1-6; 11,7-19) e a primeira é formada por três partes (v.1; vv.2-3; vv.4-6). A primeira parte é constituída por dois segmentos *trimembres* (v.1abc; v.1def) na forma ABB', paralelos entre si, em que o primeiro membro dos dois segmentos insere os demais segmentos, que são subordinados ao primeiro e coordenados no segundo⁶⁹⁴.

+ ¹ E aconteceu	
: quando Jesus terminou	
. de instruir	os doze discípulos dele,
+ partiu dali	
: para ensinar	
. e proclamar	nas cidades deles.

Tabela 9 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,1

A segunda parte é formada por dois segmentos (v.2abc; v.3abc). há um paralelo entre estes segmentos, em que João é o sujeito de ambos. Os participios “ἀκούσας/*tendo ouvido*” no v.2a e “πέμψας/*tendo enviado*” no v.2b estão em correspondência de paralelismo sintético; o outro paralelismo é consequência do

⁶⁹⁴ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 20; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 143.

primeiro; a frase “ὁ ἐρχόμενος/*o que vem*” no v.3b e “ἢ ἕτερον/*ou outro*” no v.3c estão em oposição⁶⁹⁵.

:: ² Mas João	<i>Tendo ouvido</i>	no cárcere as obras do Cristo,
::	<i>Tendo enviado</i>	por meio dos discípulos dele,

= ³ disse-lhes:		
	+ «Tu és	O QUE VEM
	- OU OUTRO	esperamos?»

Tabela 10 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,2-3

A terceira parte (vv.4-6) é composta por uma forma de ritmo. No v.4 tem-se a introdução de uma frase narrativa e o v.4b está dentro da estrutura rítmica⁶⁹⁶. O primeiro ritmo é formado por um segmento *bimembre* (v.4); o segundo tem três segmentos *bimembres* (v.5); e o terceiro é constituído por um segmento *bimembre* (v.6), com uma estrutura concêntrica⁶⁹⁷. Essa parte está bem formada, com três verbos “ἀποκριθεῖς/*tendo indo*” no v.4b, “περιπατοῦσιν/*andam*” no v.5, que corresponde a “μὴ σκανδαλισθῆ/*não se escandalizam*” estão no mesmo campo semântico e presente em todos os segmentos⁶⁹⁸. O v.5, compreende seis frases curtas, as duas primeiras estão ligadas por “καί/*e*”, e as últimas são introduzidas por “καί/*e*” em cada uma delas; o v.6 inicia-se com um “καί/*e*” e o destaque está nesta cumprida frase conclusiva⁶⁹⁹.

⁴ E respondendo

Jesus disse-lhes

« Ide <i>anunciai</i>	a João	as coisas que ouvis e vedes

: ⁵ cegos	tornam a ver	e paralíticos andam ,

⁶⁹⁵ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 104.

⁶⁹⁶ TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 104; JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 54-55; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21.

⁶⁹⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21.

⁶⁹⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 21; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 104-105.

⁶⁹⁹ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 130.

:: leprosos	são purificados	e surdos	ouvem,
:: e mortos	são ressuscitados	e pobres	são evangelizados;

⁶ e bem-aventurado é	quem não for escandalizado em mim».		

Tabela 11 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,4-6

O segundo passo da primeira subsequência (Mt 11,1-19) é constituída por três partes (vv.7-10; 11-15; 16-19). A primeira parte (vv.7ab) é uma divisão de história que incorpora toda parte; a segunda (vv.7c-9) tem a estrutura em três segmentos *bimembros* (v.7cd) e dois *trimembros* (v.8abc; v.9abc), na forma ABB'; e a terceira parte (v.10) é estruturado de maneira concêntrica ABB'⁷⁰⁰. Os vv.7c-9 trazem uma pergunta em cada um dos seus primeiros segmentos (vv.7c; 8a;9a) e a resposta aparece no segundo segmento de cada um versículo (vv.7d; 8b; 9b); as perguntas nos vv.7c; 8a;9a são semelhantes na forma e no conteúdo, já as respostas nos vv.7d; 8b; 9b são iguais na forma, mas não no conteúdo; o v.10 traz uma citação direta do Antigo Testamento, seguidos de dois segmentos paralelos nitidamente correspondentes⁷⁰¹.

⁷ Estes, porém partindo,	
* começou Jesus	a falar às multidões a respeito de JOÃO:

:: «que saístes no <i>deserto</i>	a CONTEMPLAR?
.. Um CANIÇO	pelo vento sacudido?
:: ⁸ Mas que saístes	a VER?
.. Um HOMEM	vestido com vestes finas?
– Eis os que trazem vestes finas, nas casas dos reis estão.	
:: ⁹ Mas que saístes	a VER?
.. Um PROFETA?	
+ Sim digo a vós, e MAIS DO QUE PROFETA.	

⁷⁰⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 33; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 105; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 145.

⁷⁰¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 33; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 105; LUZ, U. Matthew 8 – 20, p. 136.

* ¹⁰ Este é a respeito de quem **está escrito**:

“eis eu **envio** o meu MENSAGEIRO diante de tua FACE,
o qual preparará o teu *caminho* perante ti”».

Tabela 12 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,7-10

A segunda parte compreende os vv.11-15 e é composta por três seções (vv.11a; 11b-14; 15). Os vv.11a; 15, estão nas extremidades dessa parte, formados por dois *unimembros*, que formam a introdução e a conclusão; os vv.11b-14 estão no centro, articulados com três segmentos, *bimembro* (v.11bc), seguidos por dois *trimembros* (vv.12abc; 13-14) de forma concêntrica⁷⁰². A parte central, os vv.11b-14, traz em todas as sequencias João, ele é denominado como “o Batista” nos vv.11c; 12a; definido como “Elias” nos v.14b; Reino de Deus está no primeiro e no segundo segmento (vv.11c; 12c); os verbos “sofrer violência” e “aceitar” são distintos (vv.12c; 13b) e a conjunção temporal “até”, aparece no segundo e no terceiro segmentos (vv.12a; 13b)⁷⁰³.

¹¹ Amém DIGO a vós:

+ Não surgiu entre nascidos de mulheres maior do que JOÃO, o BATISTA;

– mas o menor no Reino dos céus é maior do que ele.

+ ¹² e desde os dias de JOÃO BATISTA até agora

– o Reino dos céus sofre violência

– e os violentos **apoderam-se dele**.

+ ¹³ pois todos os profetas e a Lei até JOÃO profetizaram;

– ¹⁴ e se queres **aceitar**,

– ESTE é ELIAS o que está por vir.

¹⁵ O que tem ouvidos OUÇA.

⁷⁰² DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 33; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 106.

⁷⁰³ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 33; TELLES, A. C.; GONZAGA, W., João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11), p. 107; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 136.

Tabela 13 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,11-15

Os vv.16-19 são formados por três partes (vv.16-17; 18-19d; 19e). a primeira parte (vv.16-17) é formado por três segmentos, *unimembro* (v.16a), com uma pergunta, um *bimembro* (v.16bc) e um *trimembro* (v.17abc) com uma resposta. A segunda (vv.18-19d), constituído por três divisões, um *trimembro* (v.18abc) e dois *bimembros* (v.19ab; 19cd) estando em paralelos com o v.18abc, sobre Jesus e João, o Batista⁷⁰⁴. A terceira parte (v.19e) traz um valor de sentença; com uma certa independência ao que vem antes. Nessa estrutura, há um paralelismo antitético nas duas primeiras partes (vv.16-17; 18-19d), se opondo à terceira (v.19e). O texto segue um padrão quiástico ABB'A'⁷⁰⁵.

¹⁶ E a que compararei esta GERAÇÃO?		
+ É semelhante a	CRIANÇAS assentadas nas praças	
	as quais GRITANDO uma para as outras	
- ¹⁷ DIZEM:		
	«Tocamos flautas para vós	e não dançastes,
	Tocamos um cântico fúnebre	e não pranteastes».

+ ¹⁸ pois, Veio	JOÃO	não comendo nem bebendo ,
- e DIZEM:		
	«tem demônio».	
+ ¹⁹ Veio	o FILHO DO HOMEM	comendo e bebendo ,
- e DIZEM:		
	«Eis um homem	comilão e beberrão .
	amigo de publicanos e pecadores».	

+ E	FOI JUSTIFICADA a SABEDORIA pelas obras dele.	

Tabela 14 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,16-19

⁷⁰⁴ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 36; HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 310; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 145.

⁷⁰⁵ TALBERT, C. H., Matthew, p. 147; TURNER, D. L., Matthew, p. 296.

A segunda subsequência (Mt 11,20-30) é formada por dois passos (Mt 11,20-24; 11,25-30). O primeiro passo é constituído por apenas um segmento (v.20abc), *trimembro*, na forma ABB', com uma característica introdutiva, com palavras de julgamento apontada pelo advérbio “então” no v.20a. Os dois membros seguintes são antitéticos “não se arrependeram” no v.20c e “milagres” no v.20b, não em seu sentido, mas por uma relação de causa e não de efeito⁷⁰⁶.

* ²⁰ Então, começou a acusar	as cidades
+ nas quais foram feitos os numerosos milagres dele,	
– porque	não se arrependeram:

Tabela 15 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,20

A segunda parte é estabelecida por três divisões (vv.21ab; 21cde; 22ab), estruturadas em forma de paralelismo sintético; o primeiro e o último são *bimembros* (vv.21ab; 22ab), o segundo é *trimembro* (vv.21cde), com uma construção em AA'B. a repetição de “ai” introduz o discurso no v.21ab, “porque” apresenta o motivo no v.21c e o, “porém” no v.2a é a conclusão; os três morfemas estão na abertura de cada segmento e cumprem o papel de manter a estrutura retórica da peça⁷⁰⁷.

* ²¹ Ai de ti,	Corazim
Ai de ti,	Bethsaida;
* porque se	EM TIRO e SIDOM tivessem sido feitos os milagres
os feitos	EM VÓS,
– há muito	EM pano de saco e cinza se teriam arrependido.
* ²² Porém, Digo	a vós,
– a Tiro e Sidom: mais tolerável será no dia do juízo	a vós.

Tabela 16 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,21-22

A terceira parte (vv.23abc; 23def; 24ab) está em uma relação de paralelismo sintético; os dois primeiros são *trimembros* (vv.23abc; 23def) na forma AA'B e o

⁷⁰⁶ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 58; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 151.

⁷⁰⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 58-59.

terceiro é *bimembro* (v.24ab)⁷⁰⁸. A conjunção “e” abre o discurso no v.23a, “porque” inicia o discurso no v.23d e, “porém”, principia a conclusão no v.24a; as três conjunções dão abertura aos três passos e sustentam a estrutura retórica dessa parte⁷⁰⁹.

* ²³ E tu, Cafarnaum,		
+ não até o céu serás elevada?		
– até o Hades descerás;		
* porque se EM Sodoma	tivessem sido feitos	os milagres
	Feitos	EM TI,
– teria permanecido até hoje.		
* ²⁴ Porém, Digo		a vós que
– para a terra de Sodoma mais tolerável será NO dia do juízo que		a ti.

Tabela 17 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,23-24

A composição do segundo passo é composta de três partes (vv.25-26; 27; 28-30); nela, é possível observar uma composição quiástica do tipo ABA'⁷¹⁰. A primeira é inserida por uma frase narrativa (v.25a), que incorpora todo o passo e é formado por dois segmentos (vv.25bcd; 26ab), em que o primeiro é *trimembro* em ABB' e o segundo é *bimembro* (v.26ab). Nesta parte, Jesus é o aquele que fala (v.25a) e o interlocutor é Deus Pai, Senhor do céu e da terra (v.25b; 26a)⁷¹¹.

²⁵ Naquele tempo, respondendo Jesus disse:

⁷⁰⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 313.

⁷⁰⁹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 59-60; TURNER, D. L., Matthew, p. 298. Este autor considera as duas partes (vv.21-24) estruturados na seguinte forma quiástica: ABCC'B'A'.

⁷¹⁰ HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 152.

⁷¹¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 70; HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 317; LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 156. Luz apresenta a seguinte estrutura para os vv.25-30: “A oração a seguir e o convite de Jesus são formulados em linguagem exaltada, com muitos bordões e paralelismos repetidos. A introdução é seguida por dois ditos de quatro partes e um dito de seis partes. A primeira, a oração de agradecimento nos vv.25-26, segue o esquema a b b' a' com paralelismo antitético nos membros do meio e o bordão de conexão πατήρ em a e a'. O segundo logion, a palavra de revelação no v.27, está ligado ao primeiro com os bordões πατήρ e ἀποκαλύπτω e está estruturado no esquema a b b' c. A palavra-chave πατήρ conecta as três primeiras cláusulas, a palavra-chave υἱός as cláusulas 2–4. O terceiro logion, vv.28-30, não tem bordões que o liguem aos demais. O seu regime é formalmente um b c d b' a'. Paralelos são a raiz φορτ- em a e a', a raiz ἀναπαυ- em b e b' e, além disso, ζυγός em c e a'. Apenas o v.29b (= membro d) não está ligado por palavras de ordem. Sintaticamente, uma exortação (a, c) é seguida duas vezes por uma promessa (b, b'). Uma fundamentação encerra toda a unidade (a'). A cláusula ὅτι no v.29b (membro d) também não está sintaticamente ancorada no logion.”

+ «Louvo a ti,			PAI, Senhor do céu e da terra,
	: porque	ocultaste	estas coisas dos <i>sábios e entendidos</i>
	:: e	revelaste	estas coisas aos <i>pequeninos</i> ;
+ ²⁶ Sim,			ó PAI,
	: porque		assim houve agrado perante a ti».

Tabela 18 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,25-26

A segunda parte é estruturada em duas divisões *bimembros* (vv.27ab; 27cd) de forma concêntrica. Os membros nas extremidades (v.27ad) estão em correspondência, com uma característica de inclusão “foi entregue” no v.27a, equivalente a “revelar” com o v.27d⁷¹². Há nesse passo uma complementação entre o “Pai” (v.27a) e o “Filho” (v.27d), em que os dois são sujeitos da doação e revelação; o membros centrais (v.27bc) opõem-se aos dois membros extremos com a repetição do verbo “conhecer”, seguidos do advérbio de negação “não”, para enfatizar o oposto do que cada membro afirma⁷¹³. Em todo esse passo, Pai e Filho formam um quiasmo, no que se refere aos substantivos. Porém, eles também formam um “paralelismo em termos de funções complementares objeto e sujeito: PAI (27a) // FILHO (27b) - PAI (27b) || PAI (27c) – FILHO (27c) \\\ FILHO (27d)”⁷¹⁴.

* ²⁷ Todas as coisas a mim	foram entregues		por meu PAI,
	– e ninguém conhece	o FILHO	se não o PAI
	– nem o PAI	ninguém conhece	se não o FILHO
* e a quem	quiser		o FILHO revelar.

Tabela 19 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,27

Na terceira parte (vv.28-30), há três correspondências. Nela, Jesus é quem fala e os seus interlocutores são os cansados e oprimidos. Os dois primeiros passos são paralelos entre si (vv.28-29) e paralelos ao terceiro (v.30), com uma estrutura

⁷¹² DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 71; TURNER, D. L., *Matthew*, p. 304. Este autor considera as três partes (vv.25-30) estruturados na seguinte forma quiástica: ABCC'B'A'D.

⁷¹³ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 71.

⁷¹⁴ HAGNER, D. A., *Matthew 1–13*, p. 317; DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 71.

padrão quiástica AA'BB'CC', dois verbos têm uma forma imperativa (vv28a; 29a); dois estão no tempo futuro (vv.28b; 29c); e dois estão no presente do indicativo (vv.29b; 30)⁷¹⁵. Nos vv.28-29, Jesus continua falando e classifica os seus interlocutores de “cansados” e “oprimidos” (v.28a); depois ele se autodefine como “manso e humilde de coração” (v.29c); cada passo aqui, interação, ligados pelos imperativos “vinde” e “tomai”, bem como os dois verbos no futuro “darei descanso” e “encontrareis descanso”; a terceira parte, o v.30, compreende as duas anteriores com os termos “Jugo” e “fardo”, com um padrão quiástico ABCB'A'⁷¹⁶.

+ ²⁸ Vinde a MIM = e EU	TODOS darei descanso	os cansados e <i>oprimidos</i> , a VÓS.

+ ²⁹ Tomai + e aprendei = porque sou manso e humilde de coração, = e	o jugo MEU encontrareis descanso	sobre VÓS, de MIM, para as almas VOSSAS;

+ ³⁰ Pois, o jugo + e	MEU MEU	é suave leve é.

Tabela 20 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 11,18-30

A terceira subsequência (Mt 12,1-14) é desenvolvida em duas partes (Mt 12,1-8; 12,9-14). O primeiro passo (vv.1-8) está demarcado por três tempos, o que equivale às três partes. O problema suscitado pelos fariseus (vv.1-2); as duas perguntas de Jesus (vv.3-5); e a resposta final de Jesus, solene e categórica (vv.6-8)⁷¹⁷. A primeira parte (vv.1-2) é constituída por dois segmentos *trimembros* (vv.1bcd; 2abc), na forma ABB', em paralelos entre eles, dentro da perspectiva do narrador (v.1bcd) e pelo prisma dos fariseus (v.2abc)⁷¹⁸.

¹ Naquele tempo

⁷¹⁵ MOTTE, A. R. La structure du logion de Matthieu, XI, 28-30, p. 227.

⁷¹⁶ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 72; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 152; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 322.

⁷¹⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 93.

⁷¹⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 94.

* foi JESUS no(s) sábado(s) através dos campos de cereais;
 + e os discípulos dele tiveram fome
 – e *começaram a arrancar espigas e a comer*.

* ² Mas os FARISEUS tendo visto disseram a ele:
 + «Olha, os discípulos teus *fazem*
 – *O que não é permitido fazer no sábado*».

Tabela 21 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,1-2

A segunda parte (vv.3-4) abre com uma fórmula de dito (v.3a) e desenvolve-se com uma dupla estrutura interrogativa “não leste” (vv.3b; 5a), seguida “o que” (v.3c), “como” (v.4a), “que” (v.5b), regendo toda a construção retórica dessa parte⁷¹⁹. É possível observar um paralelismo entre duas ações não permitidas pela Lei, que abarcam algumas questões referentes as pessoas do meio do povo, bem como os sacerdotes e figuras carismáticas chamados por Deus⁷²⁰.

³ Mas disse a eles:

«NÃO LESTES
 + o que fez **DAVI**
 : quando *teve fome* e os que estão com ele,
 + ⁴ como entrou na **casa de Deus**
 : e os pães da proposição *comeram*,
 :: o que não lhes era lícito *comer*, nem aos que estavam com ele,
 :: senão aos **sacerdotes** apenas?».

⁵ OU NÃO LESTES na **LEI**

+ que nos sábados os **sacerdotes**
 + no **templo** o sábado profanaram
 – e *inocentes* são?

Tabela 22 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,3-5

⁷¹⁹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 94.

⁷²⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 95.

A terceira parte (vv.6-8) está articulada em três passagens (vv.6b; 7;8); com um *trimembro* (v.7abc), um *unimembro* ao centro (v.7d) e dois *unimembros* (v.6b;8), nas extremidades, conforme uma estrutura concêntrica⁷²¹. Os dois *unimembros* extremos são complementares, a expressão “algo maior” (v.6b), relaciona-se, por similitude, com “Senhor” (v8), referindo-se ao “Filho do homem” no v.8 e os termos “Templo” (v.6b) e “sábado” (v.8) estão em uma vinculação complementares, indicando um espaço sagrado, o templo, e o outro, o tempo sagrado⁷²².

⁶ Mas digo a vós:

* que está ALGO MAIOR aqui do que o Templo.

+ ⁷ Mas se tivésseis conhecido,

o que é:

– “Misericórdia quero e não **sacrifício**”,

+ não teríeis condenado os inocentes.

* ⁸ Senhor, pois, do **sábado** é o FILHO DO HOMEM.

Tabela 23 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,6-8

O segundo passo é composto de três partes (vv.9-10a; 10b; 13-14). A primeira parte é elaborada com apenas um segmento *bimembro* (v.9-10a), não havendo se quer uma correspondência expressiva encontrada neste nível⁷²³.

⁹ E tendo saído dali veio para a sinagoga deles;

^{10a} e eis um homem tendo a mão ressecada.

Tabela 24 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,9-10^a

A segunda parte (vv.10bcd; 11-12) é formada por um segmento *trimembro* segundo a estrutura ABA' (v.10abc), com a pergunta dos fariseus. Os vv.11-12 são

⁷²¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 96.

⁷²² DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 96.

⁷²³ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 333; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 108.

constituídos por três segmentos, um *trimembro* (v.11abc) em forma ABB' e dois *bimembros* (vv.11de; 12ab), com a pergunta e a resposta de Jesus⁷²⁴.

+ ^{10b} E perguntaram a ele dizendo:			
++ «se é permitido	nos sábados		curar?».
Para que acusassem a ele.			

+ ¹¹ Mas disse a eles:			
= «quem será dentre vós		uma PESSOA	
: a qual terá		uma OVELHA	
+ e se cair esta	nos sábados		em um buraco,
+ não pegará a mesma			e a LEVANTARÁ?
= ¹² Quanto pois vale mais		uma PESSOA do que uma OVELHA.	
++ De sorte que, é permitido	nos sábados		O BEM FAZER».

Tabela 25 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,10b-12

A última parte (vv.13-14) é desenvolvida por dois segmentos *bimembros* (vv.13ab; 13cd), em que Jesus opera um milagre na vida do homem da mão ressecada; o segundo (v.14) tem apenas um segmento, denunciando a reação dos fariseus. A relação nessa parte está no verbo “estender” na fala de Jesus (v.13b) e na manifestação curadora no homem da mão enferma (v.13c)⁷²⁵.

¹³ Então diz ao homem:	
+ « <i>estende</i> a tua mão».	
+ E <i>estendeu</i>	
: e foi restaurada sadia como a outra.	

- ¹⁴ Mas saindo os fariseus elaboraram um plano contra ele,	
: como o destruiriam.	

⁷²⁴ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 109; LUZ, U., *Matthew 8 – 20*, p. 186. No que diz respeito a estrutura de Mt 12,9-14, Luz afirma: “A história é composta em forma de anel em torno da imagem das ovelhas no poço de acordo com o esquema A B C D C' B' A'. A e A' são a introdução e a conclusão. Jesus entra na “sua” sinagoga (v.9); os fariseus saem (v.14). B e B', e C e C' correspondem entre si não só em conteúdo, mas também com palavras de ordem”.

⁷²⁵ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 110.

Tabela 26 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,13-14

Mt 12,15-21 é uma resposta dúplici ao que veio antes (vv.1-14), o afastamento de Jesus dos fariseus e o uso mateano de Is 42,1-4, com a finalidade de demonstrar que a grandeza é posta, mesmo com a atitude negativa deles⁷²⁶. A citação de Isaías por Mateus é quiástica e o tema é Deus tendo prazer em seu Servo Sofredor⁷²⁷.

A Ele é eleito e amado e agradável a Deus (Mt 12,18a).

B É ungido pelo Espírito Santo que está sobre ele para anunciar justiça aos povos (Mt 12,18b)

C Ele proclama de forma humilde, não briga, não chora, não levanta a voz (Mt 12,19).

C' Ele se porta gentilmente, não quebrará a cana, nem apagará o pavio que fumeja (Mt 12,20a).

B' Ele trará a justiça à vitória (Mt 12,20b).

A' Ele é a esperança dos povos (Mt 12,21).

A segunda sequência é desenvolvida por apenas um passo (Mt 12,15-21). Esse, é constituído por três partes (vv.15-16; 17; 18-21). A primeira parte (vv.15-16) é formada por três segmentos *bimembros* (vv.15ab; 15cd; 16ab), no centro está o *bimembro* v.15cd e percebe-se um paralelismo complementar entre “muitas multidões”, que acompanhavam a Jesus (v.15c), com “e curou a todos eles” (v.15d); a frase “retirou-se dali” (v.15b), antecipa o segmento central “seguiram” (v.15c); há ainda, uma equivalência nos segmentos extremos, entre “retirou-se” (v.15b) e “não o manifestassem” (v.16b)⁷²⁸.

-	¹⁵ Mas Jesus	sabendo		
+		retirou-se dali.		
+	E	seguiram	a ele	muitas [multidões]

⁷²⁶ DORIANI, D. M., Matthew, p. 191.

⁷²⁷ DORIANI, D. M., Matthew, p. 191.

⁷²⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 336; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 137; LUZ, U., Matthew 8 - 20, p. 190.

+	e	curou	a eles todos.
+	¹⁶ E	advertiu	a eles
-	para que	<i>não manifesto</i>	o fizessem,

Tabela 27 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,15-16

A segunda parte é formada apenas pelo v.17 e a sua autonomia do restante do passo, pode ser compreendida por uma braquilogia, não à parte as construções introduzidas pela conjunção “*iva/a fim de que*”; nesse caso, seria uma proposição independente, introduzida por uma fórmula implícita do tipo “isto aconteceu e depois desenvolvida por a fim de que”⁷²⁹.

¹⁷ para que	se cumprisse o que foi dito	
	por meio de Isaías o profeta	dizendo:

Tabela 28 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,17

A última parte (vv.18-21) é estruturada por três trechos (vv.18; 19-20b; 20c-21); a primeira e a segunda são compostas de dois segmentos *bimembros* (vv.18ab; 18cd; 19ab; 20ab), e o terceiro trecho, apenas de um segmento *bimembro* (vv.20c-21). Os três segmentos formam uma construção concêntrica e os segmentos das extremidades (vv.18; 20c-21) estão em paralelos, girando em torno do segmento central (vv.19-20b)⁷³⁰.

+ ¹⁸ Eis o	SERVO MEU	que	escolhi,
	o AMADO MEU	em quem	se compraz a alma minha;
		porei	o Espírito meu sobre ele,
* e	JUÍZO	às nações	anunciará.

- ¹⁹	Não contenderá e nem gritará,		
	+ nem ouvirá alguém nas ruas a VOZ DELE.		
- ²⁰	Caniço	esmagado	<i>não quebrará</i>
	e mecha fumegante		<i>não apagará,</i>

⁷²⁹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 137-138.

⁷³⁰ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 138.

*	até que faça sair em vitória	O JUÍZO.

+ ²¹ E	no NOME DELE	nações esperarão.

Tabela 29 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,18-21

A terceira sequência (Mt 12,22-50) é desenvolvida em três subsequências (Mt 12,22-30; 31-37; 38-50)⁷³¹. Aqui, é tratada a terceira subsequência (vv.38-50), já que a primeira e a segunda serão consideradas no próximo tópico que se refere ao objeto material desta obra (Mt 12,22-32).

A terceira subsequência tem em sua forma, dois passos (vv.38-45; 46-50). O primeiro passo é constituído por três partes (vv.38-40; 41-42; 43-45). A primeira parte é formada por três passagens (vv.38; 39; 40), são complementares entre si, ocasionando duas subpartes; a primeira (vv.38)⁷³², apresenta o questionamento dos escribas e fariseus a Jesus, enquanto a segunda (vv.39-40) demonstra a resposta dada por Jesus aos seus opositores, os escribas e fariseus, ampliando-a com uma comparação. Estas duas subpartes estão em paralelos, a qual a pergunta dos escribas e fariseus corresponde com a resposta de Jesus⁷³³.

* ³⁸ Então, <i>responderam</i> a ele	ALGUNS DOS ESCRIBAS E FARISEUS
dizendo:	

+ «MESTRE, queremos de ti um	sinal ver».

* ³⁹ Mas ele <i>respondendo</i> disse a eles:	

+ «GERAÇÃO MÁ E ADÚLTERA	sinal busca,
- e	sinal não será dado a ela,
senão	o sinal de Jonas, o profeta.

- ⁴⁰ Como, pois, esteve Jonas no ventre do grande peixe três dias e três noites,	

⁷³¹ LUZ, U., Matthew 8–20, p. 197.

⁷³² DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 183.

⁷³³ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 183; LUZ, U., Matthew 8–20, p. 213.

assim estará o FILHO DO HOMEM no coração da terra, três dias e três noites».
--

Tabela 30 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,38-40

A segunda parte é composta por dois segmentos (vv.41-42), com uma relação de paralelismo sinonímico e uma grande semelhança, formados da mesma maneira e com os mesmos termos. Esses dois segmentos contêm dois *bimembros* no primeiro segmento (vv.41ab; 41cd); e um *bimembro* (v.42ad) e um *trimembro* (v.42cde) no segundo⁷³⁴. Segundo a premissa da Análise Retórica Bíblica Semítica, nestes dois segmentos fica mais evidente apresentar as correspondências a partir das diferenças contidas neles; a exemplo disso: os homens ninivitas no v.41a, masculino plural, condiz com a rainha do sul no v.42a, feminino singular; se levantarão no v.41a e será levantada no v.42c são sinônimos; anúncio no v.41c e ouvir no v.42d, complementam-se; Jonas no v.41cd e Salomão no v. 42de, são os nomes da comparação, tudo isso demonstra duas afirmativas da mesma maneira⁷³⁵.

+ ⁴¹ (Os) HOMENS NINIVITAS SE LEVANTARÃO no juízo com esta geração	
e	condenarão a mesma,
– porque se arrependeram ao anúncio	de JONAS,
* e eis algo maior	que JONAS aqui (está).

+ ⁴² (A) RAINHA DO SUL SERÁ LEVANTADA no juízo com esta geração	
e	condenará a mesma,
– porque veio dos confins da terra	
ouvir a sabedoria	de SALOMÃO
* e eis algo maior	que SALOMÃO aqui (está).

Tabela 31- Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,41-42

A última parte (vv.43-45) é composta por três segmentos (vv.43-44c; 45ab; 45), organizada conforme um paralelismo sintético. A primeira passagem é formada por três segmentos, um *unimembro* (v43a) e dois *trimembros* (vv.43bcd; 44abc); a segunda é disposta por um *bimembro* (v.44de) e a terceira é organizada por dois

⁷³⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 353; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 184.

⁷³⁵ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 184.

bimembros (vv.45ab; 45cd) e um *unimembro* (v,45e). A conjunção “ὅταν/*quando*” no v.43a, e os advérbios “τότε/*então*” nos vv.44a; 45b e “οὕτως/*assim*”, dão ritmos às linhas extremas⁷³⁶.

+ ⁴³ E quando o imundo espírito	sair da PESSOA,
– passa por áridos lugares	
procurando descanso	
e não encontra .	
+ ⁴⁴ então diz:	
Para a CASA minha	voltarei
donde	saí;

– e chegando	
encontra DESOCUPADA VARRIDA e ARRUMADA.	

+ ⁴⁵ Então vai	
– e toma consigo mesmo sete outros espíritos piores que ele mesmo	
– e tendo entrado HABITAM ALI;	
– e as últimas condições daquela PESSOA se tornam piores do que as primeiras.	
+ Assim será	também para ESTA GERAÇÃO <i>má</i> .

Tabela 32 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,43-45

O segundo passo (vv.46-50) é arranjado por três partes (vv.46-47; v.48; vv.49-50). A primeira parte (vv.46-47) tem dois segmentos e ambos *trimembros* e paralelos; os primeiros membros (vv.6a; v.7a) relacionam-se, com uma mudança de função no texto, de um ao outro segmento. O sujeito do primeiro segmento “ele” (v.6a), será o destinatário da ação no segundo segmento “a ele” (v.7a), e o destinatário da ação “multidões” (v.46a), é agora o sujeito “alguém” (v.47a), estando esta última correspondência fundamentada devido ao singular indefinido “alguém” estar incluído com o plural “multidões”⁷³⁷.

⁷³⁶ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 184-185.

⁷³⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 196-197.

* ⁴⁶ Ainda ELE falando às multidões	
+ eis a mãe e os irmãos dele	<i>estavam parados fora</i>
	Procurando a ele falar .
* ⁴⁷ E disse alguém a ele:	
+ «eis a mãe tua e os irmãos teus	<i>fora estão (parados)</i>
	Procurando a ti falar ».

Tabela 33 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,46-47

A segunda parte é constituída por apenas um segmento (v.48). Esse segmento é *trimembro* (v.48abc), na estrutura ABB', não havendo correspondência significativa aparente⁷³⁸.

⁴⁸ E ele respondendo disse aos que fala a ele:		
«quem	é	a mãe minha
E quem	são	os irmãos meus?».

Tabela 34 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,48

A parte final (vv.49-50) é instituída por dois segmentos *trimembros* (vv.49abc; 50abc), na forma ABA', com uma relação em paralelismo sintético. O segmento final (v.49c) é reprisado e acrescido no segundo segmento (v.50abc). No que tange à correspondência, “mãe” e “irmãos” surgem novamente na frase “é meu irmão e irmã e mãe” (v.50c), mas também do “pai” (v.50b), porque pertence ao mesmo campo semântico. Os termos “qualquer que” (v.50a) e “este” (v.50c) amplia e repreende os discípulos, de acordo com a comparação constituída pelo discurso, reforçada por “eis” (v.49c) e “qualquer que” (v.50a)⁷³⁹.

⁴⁹ e estendendo a mão dele para os discípulos dele	
disse:	
+ «eis	a mãe minha e os irmãos meus.
+ ⁵⁰ Pois, qualquer que fizer a vontade	do Pai meu que está nos céus,

⁷³⁸ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 197.

⁷³⁹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 198-199.

+ este

meu **irmão e irmã e mãe** é».

Tabela 35 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,49-50

A seção narrativa de Mt 11–12 é considerada como parte de uma seção maior, que vai até o capítulo 17 de Mateus (Scholtz: Mt 11,2–17,13; Graziano: Mt 11,1–17,27)⁷⁴⁰. Nessa estrutura, é possível observar que cada sequência pode revelar um “Messias e seus dois adventos e três precursores, a saber, João Batista, o profeta Elias, e outro precursor, o Apóstolo Pedro, durante o período do advento” e pode ser representada por uma grande estrutura quiástica⁷⁴¹:

- A** aquele que há de vir e o precursor do primeiro advento: João, o Batista 11,2-15
- B** dadas as obras passadas de Cristo, gerações impenitentes cidades repreendidas 11,16-24
- C** manifestação do Pai pelo Filho 11,25-30
- D** Jesus e o sábado 12.1-8
- E** ações messiânicas testadas, curativas; fariseus almejam matar Jesus 12,1-8
- F** retirada, curas, o Servo sofredor dos gentios 12,15-21
- G** a blasfêmia contra o Espírito Santo e o pecado imperdoável 12,22-37
- H** sinal de Jonas a essa perversa geração 12,38-45
- I** a real família de Jesus (rejeição) 12,46-50
- J** as parábolas do Reino dos Céus 13,1-53a
- I'** a família de Jesus em Nazaré 13,53b-58
- H'** sinal de Jonas prefigurado; ministério para o público judeu 14,1-36
- G'** tradições de homens e contaminações 15,1-20
- F'** retirada, curas, ministério de Jesus aos gentios 15,21-39
- E'** ações messiânicas testadas; Jesus abandona fariseus e saduceus 16,1-4

⁷⁴⁰ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 1-10; GRAZIANO, F., La composizione letteraria del vangelo di Matteo, p. 211-219. Scholtz observa a grande seção indo a partir de Mt 11,1–17,13; enquanto Graziano reconhece uma sequência baseada em Mt 11,1–17,27.

⁷⁴¹ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 1-2.

D' ensinamento dos fariseus e saduceus (fermento, pão) 16,5-12

C' manifestação do Filho pelo Pai; declaração de Jesus 16,13-20

B' a obra futura de Jesus na cruz, exortação, resposta dos discípulos 16,21-27

A' o Filho do homem e os precursores no Monte da Transfiguração: Elias o profeta 16,28–17,13

A formação quiástica de Mt 11,2–17,13 possibilita analisar se há em cada parte paralela alguma relação sinonímica, antitética e ou temática. Os segmentos que abarcam Mt 11,2-15 e Mt 16,28–17,13 evidenciam a primeira vinda de Jesus e seu predecessor (Mt 11,2-15) e a parte final do quiasmo, a segunda vinda, a chegada do Filho do homem, em toda a sua glória (Mt 16,28–17,13)⁷⁴². As partes B, Mt 11,16-24 e B', Mt 16-21-27 apresentam a oposição entre esta geração a João Batista e a Jesus, contrastada com a sujeição de Jesus à vontade de seu pai no que diz respeito a sua morte na cruz e a obediência dos discípulos do Filho de Deus (Mt 11,16-24; Mt 16,21-27)⁷⁴³. As seções C, Mt 11,25-30 e C', Mt 16,13-20, que sinaliza a manifestação do Pai pelo Filho (Mt 11,25-30) encontra equivalência paralela quando Deus Pai apresenta a Pedro a identidade cristológica de Jesus, seu Filho⁷⁴⁴.

Os segmentos D, Mt 12,1-8 e D', Mt 16,5-12 realçam o contraponto entre o ministério terreno e o ensino de Jesus, que é o Senhor do sábado (Mt 12,1-8), com as falsas doutrinas ensinadas pelos fariseus e saduceus (Mt 16,5-12); as partes E, Mt 12,9-14 e E', Mt 16,1-4 sublinham o rompimento entre os líderes religiosos e Jesus⁷⁴⁵. As seções F, Mt 12,15-21 e F', Mt 15,21-39 apresentam um ministério do Servo Sofredor para Israel e para os gentios (Mt 12,15-21) e logo após é ilustrado em Mt 15,21-39⁷⁴⁶.

Nas sequências G, Mt 12,22-37, e G', Mt 15,1-20, o paralelismo quiástico está no juízo feito pelas palavras dos fariseus a respeito de Jesus e como os seus corações estavam fechados para reconhecerem as obras de Cristo⁷⁴⁷. O presente paralelo retrata uma outra disputa fervorosa entre Jesus e os inimigos, os fariseus,

⁷⁴² SCHOLTZ, J. J., 'One Messiah, two advents, three forerunners, p. 3-4.

⁷⁴³ SCHOLTZ, J. J., 'One Messiah, two advents, three forerunners, p. 5.

⁷⁴⁴ SCHOLTZ, J. J., 'One Messiah, two advents, three forerunners, p. 5.

⁷⁴⁵ SCHOLTZ, J. J., 'One Messiah, two advents, three forerunners, p. 6.

⁷⁴⁶ SCHOLTZ, J. J., 'One Messiah, two advents, three forerunners, p. 6-7.

⁷⁴⁷ SCHOLTZ, J. J., 'One Messiah, two advents, three forerunners, p. 6-7.

a respeito da tradição dos antigos. O paralelismo entre Mt 12,22-37 e Mt 15,1-20 é constituído por um paralelismo verbal e conceitual⁷⁴⁸. Há um paralelismo sinonímico entre Mt 12,22-37 e Mt 15,1-20. Enquanto o primeiro (Mt 12,22-37) traz a rejeição do ministério messiânico do Filho de Davi, o segundo (Mt 15,1-20) tem a rejeição por Jesus das tradições dos ancestrais perpetuadas pelos escribas e fariseus. As frases “e o que não ajunta comigo, espalha” de Mt 12,30 e “não se aproximam de Deus e em vão me adoram” de Mt 15,8-9, formam um paralelismo sintético⁷⁴⁹.

Blasfêmia e palavras frívolas de Mt 12,31-32.36-37, formam um paralelismo sinonímico com Mt 15,19, que traz a frase “falsos testemunhos, blasfêmias”. A sentença “todo reino dividido contra si mesmo fica deserto” de Mt 12,25, apresenta um paralelismo sintético com Mt 15,14, na frase “cego guiando outro cego, caindo em um buraco”. Há um outro paralelismo sinonímico encontrado em Mt 12,34 e Mt 15,38, com as frases “da plenitude do coração fala a boca” (Mt 12,34) e “mas as coisas que saem da boca, saem do coração” (Mt 15,18)⁷⁵⁰. Reino de Satanás (Mt 12,24-27), Beelzebul, o príncipe dos demônios e raça de víboras de Mt 12,34, fazem tanto um paralelismo sintético como antitético com Mt 15,13 na frase “toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada”.

Nas seções H, Mt 12,38-45 e H', Mt 14,1-36 estão prefigurados a imagem do sinal do profeta Jonas pedido a Jesus, e é autenticado pela morte do primeiro predecessor, do primeiro advento, João Batista; os segmentos I, Mt 12,46-50 e I', Mt 13,53b-58 formam um paralelo claro, por causa dos termos mãe, irmãos e irmãs de Jesus; a seção J, Mt 13,1-53a é o centro deste quiasmo e também de todo o primeiro Evangelho, com o seu discurso parabólico sobre o reino de Deus⁷⁵¹.

4.3

Análise Retórica de Mt 12,22-32

Nesta parte, trata-se da análise retórica de Mt 12,22-32. Na exegese foi definida a delimitação da perícopa compreendendo Mt 12,22-32, no entanto, para haver uniformidade na análise retórica realizada aqui, toma-se o texto de Mt 12,22-

⁷⁴⁸ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 2.

⁷⁴⁹ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 3.

⁷⁵⁰ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 3.

⁷⁵¹ SCHOLTZ, J. J., ‘One Messiah, two advents, three forerunners, p. 7-8.

32 indo até o v.37. Com isso, entra-se na primeira e na segunda subsequências (Mt 12,22-30; 31-37). A terceira subsequência foi tratada anteriormente, com a finalidade de apenas essas duas primeiras serem abarcadas no presente espaço.

A primeira subsequência é formada por dois passos (vv.22-23; 24-30). O primeiro passo (vv.22-23) tem apenas uma parte, composta por duas faixas e estão formados por um segmento *trimembro* na forma ABB', em paralelo. No v.22 o cego e mudo vê e fala, enquanto no v.23, à multidão contemplando o acontecido identificaram a Jesus como o Filho de Davi⁷⁵². Os sujeitos “endemoniado” (v.22a) e “multidões” (v.23a) são paralelos; um e o outro ficam calados no começo e falam no final; os dois predicados “curou” (v.22b) e “maravilhavam-se” são complementares, apontando para a ação curadora de Jesus.; de fato, este passo é paralelo, Jesus é quem permite o endemoniado ver e falar, a princípio todos ficam em silêncio, mas no final; o paralelismo é sintético, pois o enfermo vê e fala em geral, mas as multidões veem e falam de forma específica, acusando Jesus⁷⁵³.

+ ²²	Então,	foi trazido a ELE	um <i>endemoniado</i>	cego e mudo,
	e	o CUROU ,		
		= ao ponto	de o mudo	falar e ver.

+ ²³	E	maravilhavam-se	todas as <i>multidões</i>	
	e	diziam:		
		= «porventura não é	ESTE o	FILHO DE DAVI?».

Tabela 36 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,22-23

O segundo passo (vv.24-30) é composto por duas partes (vv.24 ;25-30). A primeira parte traz dois segmentos, um *unimembro* de história (v.24a) e um *bimembro*, de discurso (v.24bc); o *bimembro* em si (v.24bc), oferece uma afirmação dos fariseus a respeito de Jesus, destacando a relação e a correspondência entre demônios e Beelzebul, príncipe dos demônios⁷⁵⁴.

*²⁴ Mas os fariseus tendo ouvido disseram:

+ «este não expulsa os demônios,

⁷⁵² DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 147-148; MEYNET, R., Qui Donc Est «Le Plus Fort»?., p. 337; HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 341.

⁷⁵³ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 149.

⁷⁵⁴ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 154.

+	senão	por Beelzebul, chefe dos demônios».
---	-------	-------------------------------------

Tabela 37 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,24

A segunda parte traz como introdução narrativa, um *unimembro* de história (v.25a) e é constituída por duas subpartes (vv.25b-28; 29-30), com uma estrutura em quiasmo⁷⁵⁵. A primeira subparte é formada por duas passagens (vv.25b; 26-18), paralelas; o v.25bc tem um segmento *bimembro*, é retomado e desdobrado na segunda subparte (vv.26-28), conectados em si por três segmentos, dois *trimembros* (vv.26abc; 27abc) e um *bimembro* (v.28ab)⁷⁵⁶. No que tange às correspondências, o genérico “reino” no v.25b é evidenciado por “reino seu” no v.26c, tratando-se de Beelzebul e o reino de Deus no v.28b. As duas frases “dividido em si mesmo” no v.25b é aludido no v.26b “em si foi dividido”. A expressão “não subsistirá” nos vv.25c e 26e é semelhante nas duas ocorrências⁷⁵⁷. O v.27 é uma disputa de três membros afirmando que, ao lado do v.28, forma um paralelismo antitético⁷⁵⁸.

+ ^{25a} Mas sabendo os pensamentos deles, disse-lhes:

+ ^{25b}	«todo REINO	<i>dividido contra si mesmo</i>	fica deserto
	e toda cidade ou casa	<i>dividida contra si mesma,</i>	NÃO SUBSISTIRÁ.

+ ²⁶ E se satanás a satanás expulsa,

contra si mesmo foi dividido;

como, pois, SUBSISTIRÁ o seu REINO?

+ ²⁷ E se eu por Beelzebu expulso os demônios,

os vossos filhos, por quem expulsam?

Por isso eles serão vossos juízes.

+ ²⁸ Mas se pelo Espírito de Deus eu expulso os demônios,

então chegou sobre vós o REINO DE DEUS».

Tabela 38 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,25-28

⁷⁵⁵ MEYNET, R., Qui Donc Est «Le Plus Fort»?., p. 340.

⁷⁵⁶ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 341; LUZ, U., Matthew 8–20, p. 198.

⁷⁵⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 154-155.

⁷⁵⁸ LUZ, U., Matthew 8–20, p. 198.

A segunda subparte (vv.29-30) é composta por dois trechos (vv.29-30). O primeiro tem dois segmentos, um *trimembro* (v.29abc) e um *unimembro* (v.29d), com uma pergunta e uma resposta; o segundo traz somente um segmento *bimembro* (v.30ab), com valor gnômico, tendo certa autonomia do que lhe precede⁷⁵⁹. Ambas as subpartes estão em correlação de paralelismo sintético, subordinadas pela correspondência entre “e os objetos dele roubar” (v.29b), “valente” (v.29c), referindo-se a “alguém” (v.29a) e “espalha” (v.30b), com “o que” (v.30ab). Não há uma correspondência nos objetos dos verbos, no começo diz respeito a substância (v.29b), na parte final, o verbo “espalhar” indica para o rebanho⁷⁶⁰.

+ ²⁹ Ou como pode ALGUÉM entrar na casa do valente	
e os objetos dele	roubar,
se não primeiro amarrar o valente?	
– E então, a casa dele	saqueará.

+ ³⁰ O QUE não está comigo, contra mim está,	
– e O QUE não ajunta comigo	espalha.

Tabela 39 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,29-30

A segunda subsequência (Mt 12,31-37), é estabelecida por apenas um passo (Mt 12,31-37). O presente passo é constituído por três partes (vv.31-32; 33-35; 36-37). A primeira parte é introduzida por uma forma de dizer (v.31a), com duas passagens e um segmento *bimembro* (v.31bc)⁷⁶¹. O segundo (v.32) tem dois segmentos *bimembros* (v.32ab; 32cd); eles estão formados com uma estrutura de paralelismo sintético, em que o primeiro membro (v.31b) corresponde ao primeiro segmento da segunda passagem (v.32ab), e o segundo membro (v.31c) tem relação com o segundo membro (v.32cd)⁷⁶². No que se refere as relações entre esse passo, a “blasfêmia” (v.31bc) equivale a “se alguém disser” (v.32ab); a especificação

⁷⁵⁹ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 154-155; LUZ, U., *Matthew 8–20*, p. 198.

⁷⁶⁰ HAGNER, D. A., *Matthew 1–13*, p. 341; DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 155; MEYNET, R., *Qui Donc Est «Le Plus Fort»?*, p. 340; GNILKA, J., *Il vangelo di Matteo*, p. 667.

⁷⁶¹ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 169; MEYNET, R., *Qui Donc Est «Le Plus Fort»?*, p. 340.

⁷⁶² HAGNER, D. A., *Matthew 1–13*, p. 346; LUZ, U., *Matthew 8–20*, p. 198; MEYNET, R., *Qui Donc Est «Le Plus Fort»?*, p. 340.

“[contra] o Espírito” (v.31c) é assumida por “contra o filho do homem” (v.32a) e “contra o Espírito Santo” (v.32c); o verbo “será perdoado” no positivo (vv.31b; 32b) e na negativa (vv.31c; 32c) são semelhantes nas duas partes; o dúplice “ele” (v.32bd) retorna “aos homens” (v.31b); a adversativa grega “δέ/mas” (vv.31c; 32c), oferece um contraste entre os dois membros⁷⁶³. O fundamento dessa parte (vv.31-32) consiste, essencialmente, na relação entre a blasfêmia e o perdão; aqui, partiu-se do pressuposto geral, para alcançar duas situações particulares, do perdão e do não perdão⁷⁶⁴.

³¹ Por isso vos digo:

 + «todo pecado e BLASFÊMIA, **SERÁ PERDOADO aos homens,**
 – mas a BLASFÊMIA [contra] o Espírito **NÃO SERÁ PERDOADA.**

 + ³² E SE ALGUÉM DISSER [uma] palavra *contra o filho do homem,*
 : **SERÁ PERDOADA a ele;**
 – MAS SE ALGUÉM DISSER *contra o Espírito Santo,*
 : **NÃO SERÁ PERDOADO a ele,** nem neste mundo, nem no vindouro».

Tabela 40 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,31-32

A segunda parte (vv.33-35) contém três trechos (vv.33; 34ac; 34d-35), composta como espelho, formada por dois segmentos *bimembros* (vv.33ab; 33cd), mais um *unimembro* (v.33e); um *unimembro* (v.34d) e mais dois *bimembros* (v.3ab; 35cd). Esta parte oferece uma estrutura concêntrica, com a sua questão central no v.34abc. A simetria supõe-se ser perfeita⁷⁶⁵.

Os segmentos que estão nas extremidade (vv.33ab; 33cd; 35ab) são paralelos e demonstram em suas composições o mesmo contraste, caracterizado por duas figuras diferentes; o verbo “fazei” (v.33ac) corresponde com “faz sair” (v.35bd); a figura da “árvore” (v.33ab) correlaciona com “tesouro” (v.35bd); os adjetivos

⁷⁶³ HAGNER, D. A., Matthew 1–13, p. 346; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 169.

⁷⁶⁴ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 169.

⁷⁶⁵ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 170; MEYNET, R., Qui Donc Est «Le Plus Fort»? , p. 340.

“bom” (vv.33ad; 35ab) e “ruim” (v.33cd) “má” (v.35cd) são antagônicos⁷⁶⁶. Ambos os *unimembros* (33e; 34d) estão em paralelismo, com uma formação sintática idêntica, iniciando por “de fato”; a ideia central desta parte concentra-se na relação entre o que o homem tem em seu coração e o que ele afirma com os seus lábios. Isso fica evidente com a metáfora da árvore que frutifica e do homem que guarda o bom tesouro⁷⁶⁷.

+ ³³	«Ou	fazei	<i>a árvore</i>	BOA.
	E		o fruto dela	BOM,
-	ou	fazei	<i>a árvore</i>	RUIM
	e		o fruto dela	RUIM;
		= de fato	o fruto	da árvore é conhecido.

		- ³⁴	Filhotes de VÍBORAS,	
			+ <i>como</i> podeis falar coisas boas	
		- sendo	MAUS?	

		= de fato	a plenitude do <i>coração</i> a boca fala .	
+ ³⁵	A BOA pessoa		do BOM <i>tesouro</i>	faz sair COISAS BOAS
- e	a MÁ pessoa		do MAU <i>tesouro</i>	faz sair COISA MÁ».

Tabela 41- Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,33-35

A terceira parte (vv36-37) é introduzida por uma frase de dito (v.36a) e é composta por dois segmentos (vv.36bc; 37ab), com uma estrutura paralela e complementar. O sujeito é sempre impessoal; o primeiro aparece no uso do termo “pessoas” (v.36b), em seguida, um sujeito subentendido na segunda pessoa singular, invocado nos dois “tua” (v.37ab). A frase “que falarão” (v.36b), equivale a “palavra” (v.37ab), retirada de “prestarão conta dessa palavra” (v.36c), em que “serás justificado” (v.37a) e “serás condenado” (v.37b), correlacionam-se

⁷⁶⁶ LUZ, U., Matthew 8–20, p. 198; DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 170; MEYNET, R., Qui Donc Est «Le Plus Fort»? , p. 340.

⁷⁶⁷ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 170.

diretamente⁷⁶⁸. A mensagem principal dessa parte concentra-se na relação complementar “entre o confronto e a consequente absolvição ou condenação, com base nas palavras proferidas. Essa relação é expressa em linguagem forense”⁷⁶⁹.

³⁶ «Mas digo a vós que:		
+ TODA PALAVRA inútil que falarão		as pessoas,
prestarão conta acerca dela		no dia do juízo ;
+ ³⁷ de fato, das palavras	tu	serás justificado,
e das palavras	tuas	serás condenado».

Tabela 42 - Análise Retórica Bíblica Semítica de Mt 12,36-37

Inicialmente, foi elaborada uma Análise Retórica Bíblica Semítica no Evangelho de Mateus; depois, o percurso estreitou-se para uma análise mais particular em Mt 11–12; e, em seguida, foi traçada a delimitação da Análise Retórica Bíblica Semítica na perícopa de Mt 12,22-32. É perceptível a contribuição desse método dentro da temática aqui apresentada. As relações quiásticas, os paralelismos e as relações entre as perícopes revelam a intenção do evangelista Mateus em construir o seu material a partir de um vínculo/relação entre todas as partes, do início ao fim do Evangelho, como que costurando e tecendo teias, amarrando todo o conteúdo.

A Análise Retórica Bíblica Semítica proporciona uma contribuição rica para o entendimento da temática da blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,22-32. Ela também confirma o que falamos e comprovamos na crítica da forma. Nos próprios esquemas quiásticos apresentados sobre o Evangelho de Mateus, percebe-se a oposição do povo judeu do período de Jesus rejeitando o reino do Messias (Mt 11–12 tem relação quiástica com Mt 14–17); o julgamento das cidades da Galileia e o juízo sobre os fariseus (Mt 12,20-24 tem relação quiástica com Mt 12,22-45); e a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, relacionando-se com as tradições de homens e contaminações (Mt 12,22-37 tem relação quiástica com Mt 15,1-29). Em todos esses casos, a Análise Retórica Bíblica Semítica revela de forma estrutural o contexto que vai se desenrolando para o pecado imperdoável, a

⁷⁶⁸ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 171.

⁷⁶⁹ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 171.

blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,31-32), tanto para a frente como para trás, nas controvérsias entre Jesus e os fariseus.

Dentro do texto em si (Mt 12,22-32), a Análise Retórica Bíblica Semítica evidencia a importância do contexto semítico, pois a blasfêmia contra o Espírito Santo é entendida como a rejeição deliberada, voluntária e consciente da graça de Deus operada por meio de Jesus Cristo pelo poder do Espírito. A estrutura retórica é vista quando Jesus aplica um método inverso para contrapor os seus opositores. Além disso, Análise Retórica Bíblica Semítica sublinha o tom irônico de Jesus, visto que ele inverte a acusação dos fariseus e os acusa de terem blasfemado contra o Espírito Santo.

Há um contraste entre Jesus e Beelzebul, realçando a diferença entre o Reino de Deus e o império de Satanás, sinalizando a diferença entre o bem e o mal, o qual não foi bem discernido pelos fariseus, os levando a cometer o pecado imperdoável, persistindo no caminho errado. Sendo assim, a Análise Retórica Bíblica Semítica deixa claro a sua contribuição a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo tanto em todo o Evangelho de Mateus, bem como no texto específico da perícopos de Mt 12,22-32, como o ponto central na obra redentora de Jesus Cristo: a renúncia do pecado, da parte do ser humano, e a salvação, por misericórdia de Deus.

O texto de Mt 12,22-37 tem uma estrutura brilhante. Ele conta com três perguntas retóricas introduzidas por “*πῶς/como*” (vv.26, 29, 34); com isso, há a impressão de uma seção retoricamente estabelecida, em que as argumentações de Jesus acaloram os opositores, palavra por palavra, com as antíteses controlando o texto. O clímax é alcançado nos antagônicos diabo e Espírito Santo. Realmente, as refutações foram sem precedentes contra os fariseus e a destreza retórica de todo este texto é maravilhosa⁷⁷⁰.

Em geral, reconhece-se a seção de Mt 11–12 estruturada por três sequências: a primeira, Mt 11,1–12,14 é formada por três subsequências (Mt 11,1-19; 11,20-30; 12,1-14); a segunda, Mt 12,15-21; a terceira e última sequência, Mt 12,22-50 é composta por três subsequências (Mt 12,22-30; 12,31-37; 12,38-50)⁷⁷¹. Analisando estes dois capítulos, percebe-se um certo paralelismo de composição e de

⁷⁷⁰ LUZ, U., Matthew 8–20, p. 198.

⁷⁷¹ DI PAOLO, R., Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni, p. 115.

recorrência dos mesmos termos⁷⁷²; com isso, todo o texto de Mt 11–12 é posto aqui, à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica⁷⁷³:

¹ E aconteceu quando Jesus terminou de instruir os doze *discípulos* dele, partiu dali para ensinar e proclamar **nas cidades** deles.

² MAS JOÃO tendo ouvido **no cárcere** as OBRAS DO CRISTO, tendo enviado por meio dos *discípulos* dele, ³ disse-lhes: «TU ÉS O QUE VEM OU OUTRO esperamos?».

⁴ E respondendo Jesus disse-lhes: «ide anunciai a JOÃO as coisas que ouvís e vedes: ⁵ cegos tornam a ver e paráliticos andam, leprosos são purificados e surdos ouvem, e mortos são ressuscitados e pobres são evangelizados; ⁶ e bem-aventurado é quem **não for escandalizado** em mim».

⁷ Estes, porém partindo, começou Jesus a **falar** às multidões a respeito de JOÃO: «que saístes **no deserto** a contemplar? Um caniço pelo vento sacudido? ⁸ **Mas** que saístes a ver? Um homem vestido com vestes finas? Eis os que trazem vestes finas, nas casas dos reis estão. ⁹ **Mas** que saístes a ver? Um profeta? Sim **digo** a vós, e mais do que profeta. ¹⁰ **ESTE** é a respeito de quem está escrito: “eis eu envio o meu mensageiro diante de tua face, o qual **preparará o teu caminho** perante ti”.

¹¹ Amém digo a vós: Não surgiu entre nascidos de mulheres maior do que JOÃO, o BATISTA; mas o menor no Reino dos céus é maior do que ele. ¹² e desde os dias de JOÃO BATISTA até agora, o Reino dos céus sofre violência e os violentos apoderam-se dele. ¹³ pois todos os profetas e a Lei até JOÃO profetizaram; ¹⁴ e se queres aceitar, **ESTE É ELIAS O QUE ESTÁ POR VIR.** ¹⁵ O que tem ouvidos ouça.

⁷⁷² RADERMAKERS, J., *Lettura pastorale del Vangelo di Matteo*, p. 197; BAUER, D. R., *The structure of Matthew's Gospel*, p. 88.

⁷⁷³ DI PAOLO, R., *Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni*, p. 51, 89, 117, 161, 172, 205.

¹⁶ E a que compararei **esta geração**? É semelhante a crianças assentas **nas praças**, as quais gritando para as outras ¹⁷ dizem: «tocamos flautas para vós e não dançastes, tocamos um cântico fúnebre e “não pranteastes”. ¹⁸ pois, **Veio JOÃO** não comendo nem bebendo, e dizem: “tem demônio”. ¹⁹ **Veio** o filho do homem comendo e bebendo, e DIZEM: Eis um homem comilão e beberrão. amigo de publicanos e pecadores. E foi justificada a sabedoria pelas **OBRAS DELE**».

²⁰ Então, começou a **ACUSAR** as cidades nas quais foram feitos os numerosos **milagres** dele, porque **não se arrependeram**:

²¹ «**AI** de ti, **CORAZIM**, **AI** de ti, **BETHSAIDA**; *porque* se em **TIRO** e **SIDOM** tivessem sido feitos os **milagres**,

os feitos em vós, há muito em pano de saco e cinza **se teriam arrependido**.

²² Porém. Digo **a vós**, a **TIRO** e **SIDOM**:

mais tolerável será no dia do juízo a vós.

²³ **E tu, CAFARNAUM**, não até o **céu** serás elevada? até o Hades descerás; *porque* se em **Sodoma**

tivessem sido feitos os milagres feitos em ti, **teria permanecido até hoje**.

²⁴ Porém, digo a vós que para a

terra de **Sodoma** mais tolerável será no dia do juízo que a ti».

²⁵ Naquele tempo, respondendo **Jesus** disse: «**LOUVO** a **ti, PAI, Senhor do céu e da terra**, *porque* **ocultaste** estas coisas dos **SÁBIOS e ENTENDIDOS** e **revelaste** estas coisas aos **PEQUENINOS**; ²⁶ Sim, o Pai, porque assim houve agrado perante a ti.

²⁷ Todas as coisas a mim foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o **Filho**

se não o Pai, nem o Pai

ninguém conhece se não o Filho e a quem quiser o Filho **revelar**.

²⁸ Vinde a mim todos os cansados e *oprimidos*, e eu darei descanso a vós. ²⁹ Tomai o jugo meu sobre vós, e aprendei de mim, porque sou manso e **HUMILDE DE CORAÇÃO**, e encontrareis descanso para as almas vossas; ³⁰ Pois, o jugo meu é suave e o fardo meu leve é».

¹ Naquele tempo foi JESUS no(s) **sábado(s)** através dos campos de cereais; e os discípulos dele tiveram fome e começaram a arrancar espigas e a comer.

² Mas os *fariseus* tendo visto disseram a ele: «Olha, os discípulos teus fazem o que

NÃO É PERMITIDO FAZER no sábado».

³ Mas disse a eles: «não lestes o que fez Davi quando teve fome e os que estão com ele, ⁴ como entrou na *casa de Deus* e os pães da proposição comeram, o que **NÃO LHES ERA LÍCITO COMER**, nem aos que estavam com ele, senão aos sacerdotes apenas?». ⁵ Ou não lestes na Lei que nos **sábados** os sacerdotes no Templo o sábado profanaram e inocentes são?

⁶ Mas digo a vós: que está algo maior aqui do que o *Templo*. ⁷ Mas se tivésseis conhecido, o que é: “Misericórdia quero e não sacrifício”, **não teríeis condenado os inocentes**.

⁸ Senhor, pois, do sábado é o **FILHO DO HOMEM**.

⁹ E tendo saído dali veio para a sinagoga deles; ¹⁰ e eis um **HOMEM** tendo a mão ressicada.

E perguntaram a ele dizendo: «se **É PERMITIDO nos sábados CURAR?**»; para que acusassem a ele. ¹¹ Mas disse a eles: «quem será dentre vós uma **PESSOA**, a qual terá uma ovelha e se cair esta **nos sábados** em um buraco, não pegará a mesma e a levantará? ¹² Quanto pois vale mais uma **PESSOA** do que uma ovelha. De sorte que, **É PERMITIDO nos sábados O BEM FAZER**».

¹³ Então diz ao **HOMEM**: «estende a tua mão». E *estendeu* e foi restaurada sã como a outra. ¹⁴ Mas saindo os *fariseus* elaboraram um plano contra ele, como **o destruiriam**.

+ ¹⁵ **Mas JESUS** *sabendo*
retirou-se dali.
+ E **seguiram** a ele muitas [multidões]
+ e **curou** a eles todos.
+ ¹⁶ E advertiu a eles
– *para que não manifesto* o fizessem,

¹⁷ *para que* se cumprisse o que foi dito
por meio de Isaías o profeta *dizendo*:

+ ¹⁸ *Eis* o **SERVO MEU** que escolhi,
o **AMADO MEU** em quem se compraz a alma minha;
porei o Espírito meu sobre ele,
* e juízo às nações **anunciará**.

– ¹⁹ **Não contenderá e nem gritará,**
+ nem ouvirá alguém nas ruas a VOZ DELE.

– ²⁰ Caniço esmagado **não quebrará**
e mecha fumegante **não apagará,**
até que faça sair em vitória o juízo.

+ ²¹ E no **NOME DELE** nações **esperarão**.

= ²² Então, foi trazido a ele um **ENDEMONIADO** cego e mudo, e o curou, ao ponto, de o mudo falar e ver.

* ²³ E maravilhavam-se todas as **MULTIDÕES** e diziam:
= «porventura não é **ESTE** o **Filho de Davi**?».

* ²⁴ Mas os **FARISEUS** tendo ouvido disseram:
+ «**ESTE** não expulsa os **DEMÔNIOS**,

senão por **Beelzebul**, chefe dos demônios».

+ ²⁵ Mas sabendo os pensamentos deles, disse-lhes: «todo reino dividido contra si mesmo fica deserto e toda cidade ou casa dividida contra si mesma, não subsistirá. ²⁶ E se satanás a satanás expulsa, contra si mesmo foi dividido; como, pois, subsistirá o seu reino? ²⁷ E se eu por Beelzebu expulso os DEMÔNIOS, os vossos filhos, por quem expulsam? Por isso eles serão vossos juízes. ²⁸ Mas se pelo Espírito de Deus eu expulso os DEMÔNIOS, então chegou sobre vós
o **Reino de Deus**».

²⁹ Ou como pode ALGUÉM entrar na casa do valente e os objetos dele roubar, se não primeiro amarrar o valente? E então, a casa dele saqueará. ³⁰ O que não está comigo, contra mim está, e o que não ajunta comigo **espalha**.

³¹ Por isso vos digo:

+ «todo pecado e BLASFÊMIA, **SERÁ PERDOADO aos homens,**
– mas a BLASFÊMIA [*contra*] o *Espírito* **NÃO SERÁ PERDOADA.**

+ ³² E SE ALGUÉM DISSER [uma] palavra *contra o filho do homem,*
: **SERÁ PERDOADA a ele;**
– MAS SE ALGUÉM DISSER *contra o Espírito Santo,*
: **NÃO SERÁ PERDOADO a ele,** nem neste mundo, nem no vindouro».

+ ³³ «Ou **fazei a árvore BOA.**
E o fruto dela BOM,
– ou **fazei a árvore RUIM**
e o fruto dela RUIM;
= de fato o fruto da árvore é conhecido.

– ³⁴ Filhotes de VÍBORAS,
+ *como* podeis **falar coisas boas**
– sendo MAUS?

= de fato a plenitude do **coração** a boca **fala.**

+ ³⁵	A BOA pessoa	do BOM <i>tesouro</i>	faz sair	COISAS BOAS
– e	a MÁ pessoa	do MAU <i>tesouro</i>	faz sair	COISA MÁ».

³⁶ «Mas digo a vós que:

+ TODA PALAVRA inútil que falarão		as pessoas,
prestarão conta acerca dela		no dia do juízo ;
+ ³⁷ de fato, das palavras	tu	serás justificado,
e das palavras	tuas	serás condenado».

* ³⁸ Então, *responderam* a ele alguns dos escribas e fariseus dizendo:

«Mestre, queremos de ti um sinal ver».

= ³⁹ Mas ele respondendo disse a eles:

«geração má e adúltera sinal busca, e sinal não será dado a ela, senão o sinal de Jonas, o profeta. ⁴⁰ Como, pois, esteve Jonas no ventre do grande peixe três dias e três noites, assim estará o FILHO DO HOMEM no coração da terra, três dias e três noites.

⁴¹ (Os) homens ninivitas se levantarão no juízo com **esta geração** e condenarão a mesma, porque se arrependeram ao anúncio de Jonas, e eis algo maior que Jonas aqui (está). ⁴² (A) rainha do sul será levantada no juízo com **esta geração** e condenará a mesma, porque veio dos confins da terra ouvir a sabedoria de Salomão e eis algo maior que SALOMÃO aqui (está).

* ⁴³ E quando o imundo espírito sair da pessoa, passa por áridos lugares procurando descanso e não encontra. ⁴⁴ então diz: Para a casa minha voltarei, donde saí; e chegando encontra desocupada varrida e arrumada. ⁴⁵ Então vai e toma consigo mesmo sete outros espíritos piores que ele mesmo e tendo entrado habitam ali; e as últimas condições daquela pessoa se tornam piores do que as primeiras. Assim será também para **esta geração má».**

* ⁴⁶ Ainda ele falando as multidões *eis* a **mãe** e os **irmãos** dele estavam parados fora, procurando a ele falar. ⁴⁷ E disse alguém a ele: «eis a **mãe** tua e os **irmãos** teus *fora estão (parados)*, procurando a ti falar».

= ⁴⁸ E ele respondendo disse ao que falara a ele:

«quem é a **mãe** minha e quem são os **irmãos** meus?».

⁴⁹ e estendendo a mão dele para os discípulos dele disse: «eis a **mãe** minha e os **irmãos** meus. ⁵⁰ Pois, qualquer que fizer a **vontade** do PAI MEU QUE ESTÁ NOS CÉUS, este meu **irmão** e **irmã** e **mãe** é».

Tabela 43 - A seção de Mt 11–12 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica

5 Comentário exegético de Mateus 12,22-32

Neste capítulo, faremos o comentário exegético na perícopes de Mt 12,22-32, o qual será desenvolvido a partir das análises realizadas nas diferentes etapas

metodológicas utilizadas nas análises críticas da exegese⁷⁷⁴. O comentário exegético de Mt 12,22-32 seguirá a ordem de estrutura proposta neste trabalho, respeitando ao máximo o que foi sugerido como composição das partes do texto de Mt 12,22-32.

5.1

A cura do endemoniado cego e mudo (Mt 12,22-24)

O contexto em que está inserido o discurso de Jesus é em um episódio milagroso de exorcismo e cura de cegueira e mudez, que gera dois tipos de reações, disposto se a cura é atribuída a uma ação direta de Deus (Mt 12,23; 9,33) ou a um poder arqui-inimigo de Deus neste milagre (Mt 9,34; 12,24; Mc 3,22; Lc 11,15)⁷⁷⁵. Em certos momentos, a tradição cristã primitiva relacionou os milagres e exorcismos de Jesus “com o símbolo do Reino de Deus”⁷⁷⁶. É preciso afirmar aqui, que em Mt 12,22-32 e seus paralelos, as ações milagrosas de Jesus são atos peculiares, em que se pode optar por um comportamento de rejeição a Deus, ou uma ocasião para aceitar a fé⁷⁷⁷.

Mt 12,22 inicia-se com o advérbio de tempo “τότε/então”, que pode ser usado nos tempos presente, passado e futuro, tendo a função de transição, muito usado pelo escritor do Evangelho de Mateus (Mt 3,13; 4,1.17; 9,14; 11,20; 15,1)⁷⁷⁸. Jesus continua sendo atacado por seus opositores (Mt 12,1-21). O autor mateano não demarca a localização da cena e nem registra a respeito de sua fé, mas apenas afirma que foi trazido até o Mestre um endemoniado cego e mudo (Mt 12,22) e é apenas neste texto que o milagre é realizado em uma pessoa com esses dois tipos de enfermidade⁷⁷⁹.

⁷⁷⁴ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica teoria e prática, p. 165.

⁷⁷⁵ CHICO, G., Jesús y Beelzebul, p. 45; CULPEPPER, R. A. Jesus as healer in the Gospel of Matthew, p. 1-8. Neste artigo, o autor oferece um estudo sobre a metodologia usada por Mateus para explicar as narrativas de curas em seu Evangelho; DAVIES, M., Matthew, p. 103-105; CARD, M., Matthew, p. 118; WILLIAMS, J. G., A note on the ‘Unforgivable Sin’ Logion, p. 75-77; ROYAL, K. D., Investigating the Practice of Christian Exorcism and the Methods Used to Cast out Demons, p. 8; LANCELLOTTI, A., Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 120-123.

⁷⁷⁶ VIDAL, S. Jesus, o Galileu, p. 108; ALBRECHT, G. J.; ALBRECHT, M. J. Mateo, p. 173.

⁷⁷⁷ CHICO, G., Jesús y Beelzebul, p. 45; KINGSBURY, J. D., ‘The plot of Matthew’s story’, p. 4; AARDE, A. V., Jesus as Joshua, Moses en dawidiese Messias in Matteus, p. 459.

⁷⁷⁸ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 144; MILLOS, S. P., Mateo, p. 801; TASKER, R. V. G., Mateus, p. 103; HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 30. Para este autor, o advérbio de tempo “τότε/então” é indefinido; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 341; SCHVREIZER, E., Il vangelo secondo Matteo, p. 268; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 472.

⁷⁷⁹ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 144; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 342; TURNER, D. L., Matthew, p. 320.

O verbo usado no texto mateano é προσφέρω, que está no aoristo indicativo passivo e traz o significado de “aproximar-se, dirigir-se para e conduzir-se”⁷⁸⁰. No Antigo Testamento, segundo a tradução grega da Septuaginta, o verbo προσφέρω dificilmente aparece com um sentido secular como em Lv 8,6, Pv 19,14, mas sim, com um significado sacrificial, encontrado com predominância nos livros jurídicos e históricos (Ex 36,6; 2Mc 11,18)⁷⁸¹.

No Novo Testamento, Marcos usa o verbo simples “φέρω/trazer” para narrar a aproximação dos doentes e endemoniados a Jesus (Mc 1,32; 7,32; 8,22; 9,20; 12,16) e tanto ele como Lucas fazem uso apenas uma vez do verbo προσφέρω (Mc 10,13; Lc 23,14). O escritor mateano prefere o verbo composto “προσφέρω/aproximar-se, dirigir-se para e conduzir-se” (Mt 4,24; 8,16; 9,2.32; 14,35; 17,16), mas não com uma ideia sacrificial, e sim, com um sentido comum de levar, trazer alguém ou alguma coisa, já que a comunidade neotestamentária não realizava cultos com sacrifícios⁷⁸².

Ao que parece, o enfermo do v.22 era acometido por três enfermidades diferentes. Ele era cego τυφλός, e segundo o termo grego κωφός, ele poderia ser surdo e mudo, e além de estar endemoniado δαιμονιζόμενος – sendo esta, a causa primária das duas outras enfermidades, a mudez e a surdez⁷⁸³. O adjetivo grego κωφός significa “estúpido”, “embotado”, entre os autores do mundo grego pagão a palavra κωφός é usada para demonstrar a “falta de percepção mental e defeito na elocução”⁷⁸⁴. Para os escritores evangélicos como Mateus, o termo κωφός tem o sentido de mudez ou surdez, sendo necessário levar em consideração o contexto da perícopie (Mt 9,32.33; 11,5; 12,22)⁷⁸⁵.

A outra enfermidade do endemoniado é a cegueira. O autor mateano usa o adjetivo grego τυφλός, que significa cego. Em Mt 12,22, τυφλός pode estar na posição predicativa, pois está sem o artigo definido – aumentando a natureza do substantivo ao qual se refere, como tal, nominativo masculino singular⁷⁸⁶. O termo

⁷⁸⁰ MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., Dicionário grego-português, p. 931; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 796.

⁷⁸¹ WEISS, K., προσφέρω, p. 65; MURAOKA, T., A Greek-English Lexicon of the Septuagint, p. 600.

⁷⁸² WEISS, K., προσφέρω, p. 65.

⁷⁸³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 341; RIENECKER, F., Evangelho de Mateus, p. 206.

⁷⁸⁴ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 409.

⁷⁸⁵ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, vol. I, p. 409.

⁷⁸⁶ NOLLI, G., Evangelo secondo Matteo, p. 310.

τυφλός aparece cerca de vinte vezes na Septuaginta e na maioria dos casos serve como substantivo. No Antigo Testamento, τυφλός tem o sentido de cegueira (Tb 2,10; Is 35,5), mas pode significar ainda a prática cruel de cegar (Jr 39,7; 52,11)⁷⁸⁷.

No Novo Testamento, τυφλός traz tanto um sentido figurado, ou seja, uma ideia de cegueira espiritual, como o significado literal. Na grande maioria das ocorrências neotestamentária, τυφλός é usado como substantivo e, segundo a prática recorrente em outros lugares, a referência é para os cegos de ambos os olhos (Mc 10,51; Mt 11,5; 9,30; 12,22; 15,31; 20,33; Lc 7,21)⁷⁸⁸. Os textos do Novo Testamento não lançam luz sobre a situação social, legal e religiosa dos cegos, pois eles apenas se preocupam em relatar a cura da cegueira. Há uma associação entre cego, coxo e mudo que é tradicional e pode ser um resumo ou citação do Antigo Testamento, mas descreve perfeitamente a forma pela qual esses grupos foram ligados pelo destino (Mt 12,22; Lc 11,14; 14,13)⁷⁸⁹.

As duas necessidades físicas “τυφλός/cego” e “κωφός/mudo” registradas em Mt 12,22, revelam mais a situação existencial do que a própria enfermidade em si, pois como cego, o homem não conseguiria ter “discernimento e o fazia andar na escuridão, impossibilitando de caminhar com retidão nos caminhos de Deus (Mt 6,22-230)”⁷⁹⁰. Já a sua mudez, não o permitia ter comunicação, descaracterizando o propósito criador de Deus que é a interrelação social entre os homens. As enfermidades “τυφλός/cego” e “κωφός/mudo” podem ainda simbolizar a situação religiosa e espiritual do povo que Jesus estava prestes a confrontar, estando fechada para compreender, ouvir e ver as boas-novas através de Jesus⁷⁹¹. A situação do endemoniado cego e mudo traz o sentido de que os gentios que estão nas trevas e na perspectiva da morte, não conseguem enxergar a Jesus com os olhos do coração, pois rejeitam a luz que erradia do Filho de Deus⁷⁹².

O verbo usado no v.22 para afirmar a cura do endemoniado é θεραπεύω, que no grego popular significa “servir”, “ser útil”, “atender” e “ministrar”⁷⁹³. O verbo θεραπεύω portanto, pode ter o mesmo sentido dos verbos gregos διακονέω,

⁷⁸⁷ SCHRAGE, W., τυφλός, p. 280.

⁷⁸⁸ SCHRAGE, W., τυφλός, p. 287.

⁷⁸⁹ SCHRAGE, W., τυφλός, p. 287-288.

⁷⁹⁰ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 144.

⁷⁹¹ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.189; VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 144.

⁷⁹² SIMONETTI, M., Evangelio según San Mateo (1-13), p. 325.

⁷⁹³ MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., Dicionário grego-português, p. 477; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 418; BEYER, H. W., θεραπεύω, p. 128.

δουλεύω, λατρεύω, λειτουργέω, ὑπηρετέω, no entanto, a característica de θεραπεύω é que ele exprime vontade de servir e a relação pessoal daquele que serve àquele servido por ele – seja no que diz respeito, no caso de um senhor mais poderoso, ou de solicitude no caso de alguém necessitado⁷⁹⁴. O judaísmo helênico a partir da Septuaginta, comprova o significado de θεραπεύω como servir com o mesmo sentido do grego secular (Est 1,1b; 2,19; 6,10), no sentido religioso (Jt 11,17; Is 54,17) e ainda pode ser encontrado o significado de curar (Tb 2,10; 12,3; Sb 16,12)⁷⁹⁵.

No Novo Testamento, o verbo θεραπεύω não é de forma alguma usado com o sentido secular de servir, mas em At 17,25 é a única ocorrência neotestamentária que traz a ideia de um significado religioso de adoração. Desta forma, o verbo θεραπεύω é usado com muito mais frequência no sentido de “curar”, e sempre de tal maneira que a menção não é ao tratamento médico, que pode falhar, mas à cura real do doente como é o caso registrado em Mt 12,22⁷⁹⁶. Nesse sentido, o verbo “θεραπεύω/curar” evidencia que a compreensão da manifestação dos demônios é semelhante a uma enfermidade nas pessoas possuídas⁷⁹⁷.

No Evangelho de Mateus, não é comum a utilização do verbo grego “θεραπεύω/curar” para se referir a expulsão de demônios (Mt 4,24; 12,22); o verbo usual mateano para designar a libertação dos demônios é “ἐκβάλλω/expulsar” (Mt 8,16; 9,34)⁷⁹⁸. O que temos em Mt 12,22 é uma ação com poder de cura e poder de redenção de Jesus, ao qual trouxe solução para os diversos sofrimentos deste homem e ele tornou-se plenamente são – pois esse é o ministério de Jesus, o Filho de Deus, que não apenas traz um paliativo para o padecimento humano, mas cuida dele completamente⁷⁹⁹.

A parte final do v.22 inicia-se com a conjunção grega “ὥστε/a ponto de”, ligada aos verbos no infinitivo presente ativo “λαλεῖν/falar” e “βλέπειν/ver”. A conjunção grega “ὥστε/a ponto de” no v.22 serve como proposição consecutiva, seguido de infinitivo ativo, indicando consequência e resultado do que foi realizado

⁷⁹⁴ BEYER, H. W., θεραπεύω, p. 128.

⁷⁹⁵ BEYER, H. W., θεραπεύω, p. 129.

⁷⁹⁶ BEYER, H. W., θεραπεύω, p. 129; GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 664; COUSLAND, J. R. C. The crowds in the Gospel of Matthew, p. 108.

⁷⁹⁷ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 208.

⁷⁹⁸ SPROUL, R. C., Mateus, p. 329; SCHVREIZER, E., Il vangelo secondo Matteo, p. 268.

⁷⁹⁹ SPROUL, R. C., Mateus, p. 329.

anteriormente, criando nexos com o que precede⁸⁰⁰. A cura realizada por Jesus foi de forma imediata e direta, pois, o homem prontamente falou *λαλεῖν* e viu *βλέπειν*. Os dois verbos gregos são simples, mas transmitem o poder e a eficácia do milagre⁸⁰¹.

Mt 12,23 inicia-se com a conjunção “καί/ε”, dando continuação ao que foi exposto no v.22, mas que se refere a situação de admiração de “πάντες οἱ ὄχλοι/ todas as multidões”⁸⁰². Mateus utiliza o termo “ὄχλος/multidão” ligado a alguns qualificadores para realçar uma diversidade de nuances, no entanto, a forma mais usual feita por esse autor de “ὄχλος/multidão”, seja no singular ou no plural é sem nenhuma qualificação⁸⁰³.

Comparando Mt 12,23 com Mt 9,33-34, percebe-se que a reação do povo é dividida, mas o v. 23 vai além dos vv. 33-34, pois ali, apenas “οἱ ὄχλοι/as multidões” se maravilharam, enquanto aqui, “πάντες οἱ ὄχλοι/ todas as multidões” se espantaram com o milagre de Jesus⁸⁰⁴.

O verbo usado por Mateus para demonstrar o sentimento de todas as multidões em volta de Jesus é “ἐξίσταντο/maravilhavam-se”, que está no imperfeito do indicativo médio terceira pessoa do plural do verbo transitivo e intransitivo ἐξίστημι.

O verbo grego ἐξίστημι é um *hapax legomenon* no Evangelho de Mateus, mas tem diversas aparições em Marcos e Lucas (Mc 2,12; 6,51; Lc 2,47)⁸⁰⁵ e tem o significado de “colocar fora de”, “deslocar de”, “perturbar”, “perder a inteligência” e “perder o juízo” e no v.23 sugere que as “pessoas estavam fora de si com espanto” e admiração⁸⁰⁶. O verbo conjugado “ἐξίσταντο/maravilhavam-se” em Mt 12,23, é um imperfeito iterativo, ao qual há dois modos: o iterativo, demonstrando uma ação

⁸⁰⁰ NOLLI, G., *Evangelio secondo Matteo*, p. 310; ROBINSON, E., *Léxico grego do Novo Testamento*, p. 1011; RIENECKER, F.; ROGERS, C., *Chave Linguística do Novo Testamento grego*, p. 26; GIBBS, J. A., *Matthew 11:2–20:34*, p. 631-632; GUNDRY, R. H., *Matthew*, p. 231.

⁸⁰¹ HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 342.

⁸⁰² MILLOS, S. P., *Mateo*, p. 803.

⁸⁰³ COUSLAND, J. R. C. *The crowds in the Gospel of Matthew*, p. 35-36.

⁸⁰⁴ LUZ, U., *Matthew 8 – 20*, p. 203.

⁸⁰⁵ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 341; HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 342; COUSLAND, J. R. C. *The crowds in the Gospel of Matthew*, p. 130; CARSON, D. A., *Matthew*, p. 287.

⁸⁰⁶ ROBINSON, E., *Léxico grego do Novo Testamento*, p. 326; OEPKE, A., ἐξίστημι, p. 459; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., *Dicionário grego-português*, p. 351; NOLLI, G., *Evangelio secondo Matteo*, p. 311; MOUNCE, W. D., *Léxico analítico do Novo Testamento Grego*, p. 248; GARDNER, R. B., *Matthew*, p. 200; LAGRANGE, M. -J., *Evangile selon Saint Matthieu*, p. 241; COUSLAND, J. R. C. *The crowds in the Gospel of Matthew*, p. 130.

repetida pelo mesmo executor; e o distributivo, como é o caso aqui no v.23, em que o verbo no imperfeito é utilizado para ações individuais de agentes múltiplos⁸⁰⁷.

A Septuaginta diversas vezes usa ἐξίστημι para demonstrar medo de causas naturais (Gn 27,33; 43,33); e de forma usual, ἐξίστημι pode ser empregado para expressar terror diante de YHWH⁸⁰⁸. No Novo Testamento, ἐξίστημι enfatiza a natureza extraordinária de Jesus e carrega o sentido de “espanto, perplexidade e estar fora de si com admiração”, com a revelação da glória divina de Jesus, como é o caso aqui em Mt 12,23, em que as multidões se maravilharam com o poder curador do Filho de Deus⁸⁰⁹.

Mateus registrou a admiração das multidões sobre o milagre de Jesus e logo após usa o verbo “ἔλεγον/*diziam*”, no imperfeito do indicativo ativo do verbo “λέγω” que pode ser também traduzido como “diziam continuamente”, ou “começaram a dizer”⁸¹⁰. Aqui, é usado o imperfeito ingressivo, com a intenção de demonstrar o início de uma ação, com a ideia de que há uma continuação por algum tempo⁸¹¹. A continuação da ação está no desenrolar da pergunta iniciada no v.23c, com uma partícula interrogativa grega “μήτι/*porventura não*”, em que já sugere uma resposta negativa, ou duvidosa, mas que pode ser também, possivelmente um sim, seguido pelo pronome pessoal “οὗτός/*este*”, enfatizando que é Jesus o objeto da indagação das multidões⁸¹².

Ao dizerem “μήτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς Δαβὶδ;/*porventura não é este o filho de Davi?*”, percebe-se que havia uma clara ideia messiânica que corria entre os judeus nos tempos de Jesus⁸¹³. Em Mateus, há uma notoriedade sobre o significado do título “υἱὸς Δαβὶδ/*filho de Davi*” e isso pode ser visto já no início de seu Evangelho

⁸⁰⁷ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 546-547; GIBBS, J. A., Matthew 11:2–20:34, p. 632.

⁸⁰⁸ OEPKE, A., ἐξίστημι, p. 459.

⁸⁰⁹ OEPKE, A., ἐξίστημι, p. 459; RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 26; HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 115.

⁸¹⁰ RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 26.

⁸¹¹ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 544; RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 26.

⁸¹² COMBS, W. W., The blasphemy against the Holy Spirit, p. 73; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 473; GIBBS, J. A., Matthew 11:2–20:34, p. 632.

⁸¹³ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 144; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 409; TASKER, R. V. G., Mateus, p. 103; MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 141; MELLO, A., Evangelo secondo Matteo, p. 225; BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 201-202; MITCH, C.; SRI, E., The Gospel of Matthew, p. 168; GASTON, L., The Messiah of Israel as teacher of the Gentiles, p. 29, TATALOVIĆ, V. The son of man debate and its relevance for orthodox theology, p. 35-45. O autor traz nesta obra, um debate sobre a expressão “Filho do Homem” na teologia ortodoxa; GUNDRY, R. H., Matthew, p. 321; GRAPPE, C., Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps, p. 190.

(Mt 1,1), em que as inferências mais comuns à designação “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” está ligada a pessoa de Davi⁸¹⁴. Esse epíteto apenas aparece nos três primeiros Evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) e está vinculado a um personagem que é sempre solicitado por pessoas que necessitam de exorcismo ou cura da parte de Deus⁸¹⁵.

Os relatos de curas e milagres em Mateus, serviram para apresentar o uso dos títulos cristológicos de Jesus, o evangelista usou *tais como*: “υιὲ τοῦ θεοῦ/*oh Filho de Deus*” em Mt 8,28-34, “υιὸς τοῦ ἀνθρώπου/*Filho do Homem*” em Mt 9,1-8, “κύριος/*Senhor*” em Mt 8,1-4.5-13; 17,14-18 e “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” em Mt 9,27-31; 12,22-23; 15,21-28; 20,29-34; em Mt 21,14 está a mais evidente relação entre Jesus e o título “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*”⁸¹⁶. Nesse sentido, o termo “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” consolida-se como o epíteto que mais identifica Jesus como o Messias em suas atividades de curas⁸¹⁷.

A expressão “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” pode se referir ainda, a Salomão, filho de Davi, pois ele era o seu sucessor real como é visto no Testamento de Salomão 1,7; 5,10. Salomão passa a ter uma fama crescente no período intertestamentário por ser um homem sábio, herbalista e aluno, de forma que o seu nome foi associado ao exorcismo⁸¹⁸.

Além disso, Mt 12,23 usa o título “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” para esclarecer uma falha na compreensão do sentido da messianidade judaica tradicional e é um desenvolvimento independente do “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” como predicado para Jesus como o Messias-curador⁸¹⁹.

A trajetória da associação de Salomão, o “υιὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*”, com autoridade especial sobre os demônios pode ser observado no Testamento de

⁸¹⁴ PAFFENROTH, K., Jesus as Anointed and Healing Son of David in the Gospel of Matthew, p. 552.

⁸¹⁵ DULING, D. C., Solomon, exorcism, and the son of David, p. 235; COUSLAND, J. R. C., The crowds in the Gospel of Matthew, p. 185; KINGSBURY, J. D., The title “Son of David” in Matthew’s Gospel, p. 592; BRADY, J., The Role of Miracle-Working as Authentication of Jesus as ‘The Son of God’, p. 34.

⁸¹⁶ BAXTER, W., Healing and the “son of David”, p. 38; HILL, D., The Gospel of Matthew, p. 204.

⁸¹⁷ EGMOND, R. V., The messianic ‘son of David’ in Matthew, p. 54; LOHR, C. H., Oral techniques in the Gospel of Matthew, p. 41.

⁸¹⁸ EVANS, C. A., Matthew, p. 256; HARRINGTON, D. J., Il Vangelo di Matteo, p. 165; TALBERT, C. H., Matthew, p. 155; SICRE DÍAZ, J. L., El Evangelio de Mateo, p. 249; EGMOND, R. V., The messianic ‘son of David’ in Matthew, p. 54-55.

⁸¹⁹ LOADER, W. R. G., Son of David, blindness, possession, and duality in Matthew, p. 571.

Salomão que é datado entre os séculos I a III d.C.⁸²⁰. Com tudo isto, esta figura está ligada ao próprio personagem Davi, pois ele tinha habilidade de acalmar o espírito atormentador que sobrevinha na vida do rei Saul, seu antecessor (1Sm 16,14-23)⁸²¹.

Em Mt 12,24, é apresentada a insatisfação dos fariseus com a pergunta das multidões. Tanto a questão dos que cercavam a Jesus quanto a resposta dos fariseus não focava a cura do endemoniado, mas sim, no messianismo de Jesus e o significado de suas obras⁸²². Segundo o evangelista Mateus, o ministério de Jesus não se resume pelos seus atos de poder, mas por ser o “filho e o servo de Deus”⁸²³.

O v.24 inicia-se com a conjunção adversativa “δέ/*mas*”, com a intenção de contrapor ao que foi dito anteriormente pelos que indagavam a respeito da identidade messiânica de Jesus⁸²⁴. Mais uma vez é usado o pronome pessoal “οὗτός/*este*” que também pode ser traduzido como “este homem” para se referir a Jesus e enfatizar a sua presença na controvérsia entre os fariseus⁸²⁵.

Diferente do v.22, ao qual Mateus usa o verbo “θεραπεύω/*curar*”, no v.24 ele utiliza o verbo preferido que é “ἐκβάλλω/*expulsar*”. Na Septuaginta, o verbo ἐκβάλλω traz o sentido de “ejetar” ou “repelir” (Gn 3,24; Ex 6,1; Lv 21,7; Jz 6,9; Pv 22,10). No Novo Testamento, a principal característica desse verbo é a sensação de “expulsar” ou “repelir”, no caso dos demônios que habitam em homens como uma moradia habitual (Mt 12,44). Em Mt 12,24, “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*” é expulso pela ação e pelo nome de Deus, como em uma batalha entre o nome de Deus e o príncipe dos demônios⁸²⁶.

Ao contrário de Mt 12,2.10.14, o v.4 traz uma calúnia dos fariseus contra Jesus, pois o acusam de expelir os demônios por “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*”, o “ἄρχοντι τῶν δαιμονίων/*chefe dos demônios*”. O que os opositores estavam cometendo era uma acusação maligna contra Jesus, porque estavam com inveja (Mt 27,18)⁸²⁷. A insinuação infundada dos fariseus era porque eles estavam perdendo os seus seguidores (Mt 12,23) e eles não estavam suportando esta situação, já que

⁸²⁰ EGMOND, R. V., The messianic ‘son of David’ in Matthew, p. 55-56; GRAPPE, C., Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps, p. 184.

⁸²¹ EGMOND, R. V., The messianic ‘son of David’ in Matthew, p. 56.

⁸²² GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 331; GIBBS, J. A., Parables of Atonement and Assurance, p. 26.

⁸²³ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 331.

⁸²⁴ NOLLI, G., Evangelo secondo Matteo, p. 311; OSBORNE, G. R., Matthew, p. 473.

⁸²⁵ RIENECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 27.

⁸²⁶ HAUEK, F., ἐκβάλλω, p. 527-528; CHAMBLIN, J. K., Matthew, p. 660.

⁸²⁷ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 30; SIM, D. C., ‘The pacifist Jesus and the violent Jesus in the Gospel of Matthew’, p. 4; WEAVER, D. J., They did to him whatever they pleased”, p. 5.

a estrutura grega da pergunta feita pelas multidões não pode ser considerada como um sarcasmo, pois eles estavam começando a abrir os olhos para a verdade⁸²⁸. É evidente que os fariseus não seguiram a mesma perspectiva das multidões, pois eles já estavam com os corações fechados e fizeram um juízo errado da pessoa de Jesus, ligando-o a Satanás e não a Deus. Para eles, as curas e os exorcismos eram obras de Beelzebul e não do pretense Messias Jesus⁸²⁹.

Em Mt 12,22-32, são apresentados três figuras satânicas e a primeira ocorrência é o nome “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*” no v. 24c e em seguida no v. 27a, o adjetivo plural “δαιμόνια/*demônios*” aparece nos vv. 24bd, 27a-28a e o termo “σατανᾶς/*Satanás*” no v. 26a. As citações dessas representações malignas no texto mateano demonstram que havia uma consciência popular no primeiro século sobre os demônios e o império de Satanás⁸³⁰.

O nome “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*” é o termo usado por Mateus para se referir ao “ἄρχοντι τῶν δαιμονίων/*príncipe dos demônios*” que tanto serviu para identificar o seu papel no império satânico como demonstrar a sua hierarquia entre os demônios; e em todo o Evangelho mateano somente aparece em Mt 10,25; 12,24.27⁸³¹. O uso da palavra “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*” traz em si o nome do deus cananeu “Baal”, bem habitual no Antigo Oriente Próximo, e reconhecido como o deus da cidade de Ekron em 2Rs 1,2, que pode significar ainda “deus do esterco” e ou “deus das moscas”⁸³². O qualificativo “zbl b’l/*príncipe Baal*” está presente nos antigos textos ugaríticos e o epíteto “b’lz’bl” é encontrado no oitavo século a.C., como inscrição púnica⁸³³. Os autores cristãos ao utilizarem “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*”, fizeram para descrever um simples demônio, com a intenção de ridicularizar a fraqueza do deus cananeu Baal⁸³⁴.

⁸²⁸ HENDRIKSEN, W., Mateus, p. 30; SPROUL, R. C. Mateus, p. 329.

⁸²⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 342; AARDE, A. V., Understanding Jesus’ healings, p. 224.

⁸³⁰ CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 207; AARDE, A. V., Understanding Jesus’ healings, p. 224.

⁸³¹ FOERSTER, W., Βεελζεβούλ, p. 605; STEIN, B. L., Who the Devil Is Beelzebul? p. 43; EVANS, C. A. Jesus and the Spirits, p. 147; MACLAURIN, E. C. B., Beelzeboul, p. 156; BASSER, H. W.; COHEN, M. B., The Gospel of Matthew and Judaic Traditions, p. 309.

⁸³² STEIN, B. L., Who the Devil Is Beelzebul?, p. 43; CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 207; BOXALL, I., Matthew through the centuries, p. 194; STEENKAMP, Y., King Ahaziah, the widow’s son and the theology of the Elijah Cycle. P. 650.

⁸³³ STEIN, B. L., Who the Devil Is Beelzebul? p. 43; CIELONTKO, D., On the Origin of the Archdemon Beelzebul/Beelzebub, p. 68-69; TÅNGBERG, A. A Note on Ba’al Zē Būb In 2 Kgs 1,2.3.6.16, p. 293; MACLAURIN, E. C. B., Beelzeboul, p. 158.

⁸³⁴ STEIN, B. L., Who the Devil Is Beelzebul? p. 43.

A palavra usada no Novo Testamento para se referir a demônios é “δαμόνιον/*demônio*”, um adjetivo de “δαίμων/*divindade*”⁸³⁵. A escolha do adjetivo plural de “δαμόνια/*demônios*” foi uma alternativa deliberada, pois não se refere a masculino e nem ao feminino, mas sim, ao gênero neutro, porque não se refere a uma pessoa, mas à coisa; “δαμόνια/*demônios*” é um adjetivo substantivado, sinalizando que é uma “personificação de uma entidade abstrata”⁸³⁶. A peculiaridade do uso de “δαμόνιον/*demônio*” no judaísmo intertestamentário e, por alcance no cristianismo do primeiro século é que esta palavra não evidencia “mais poderes espirituais divinos que incidem para o bem ou mal das pessoas (como entre os gregos), mas exclusivamente como poderes espirituais antidivinos”, causadores de diversas situações de sofrimentos físicos, psíquicos, morais e religiosos⁸³⁷. A crença em demônios é comprovada em diversos textos da comunidade de Qumran (4Q510-511; 4Q482; 4Q450)⁸³⁸.

Um outro termo usado por Mateus para se referir ao líder dos demônios é “σατανᾶς/*Satanás*”, que já nos tempos de Jesus recebeu a típica designação “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*”⁸³⁹. Nos textos da Bíblia Hebraica a palavra para Satanás é “שָׂטָן/*Satā*” que pode significar “opositor”, “contrário”, “rival”, “inimigo” e “adversário”, como no caso de alguns inimigos humanos (1Rs 11,14), ainda se refere a um ser celestial (Nm 22,22-32; Jó 1-2; 1Cr 21,1; Zc 3,1-2)⁸⁴⁰.

Na literatura de Qumran há consideráveis ditos sobre a figura de “σατανᾶς/*Satanás*”, principalmente chamando-o de “בְּלִיַּעַל/*Belial*” (1QM 13,1-6.11; 1QS 3,13-4,26)⁸⁴¹. A Septuaginta traduziu o termo hebraico “שָׂטָן/*Satā*” para o grego ὁ διάβολος, com o significado de “o caluniador” como nos livros de Jó e

⁸³⁵ FOERSTER, W., δαίμων, δαμόνιον, p. 8; SMITH, C. R. The New Testament doctrine of demons, p. 27.

⁸³⁶ WEGNER, U., Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus, p. 86.

⁸³⁷ WEGNER, U., Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus, p. 86.

⁸³⁸ FRÖHLICH, I. Theology and demonology in Qumran texts, p. 101.

⁸³⁹ VAN RENSBURG, F. J., Ligo p Satan en satanisme vanuit die Nuwe Testament, p. 401; SMITH, C. R., The New Testament doctrine of demons, p. 33.

⁸⁴⁰ ALONSO SCHÖKEL, L., Dicionário bíblico hebraico-português, p. 641; FOERSTER, W. σατανᾶς, p. 151-155; FARRAR, T. J. New Testament Satanology and Leading Suprahuman Opponents in Second Temple Jewish Literature, p. 35; AWWAD, J. Satan in Biblical Imagination, p. 112.

⁸⁴¹ FOERSTER, W., σατανᾶς, p. 152; FARRAR, T. J., New Testament Satanology and Leading Suprahuman Opponents in Second Temple Jewish Literature, p. 35; AARDE, A. V., Understanding Jesus' healings, p. 224.

Zacarias e essa palavra passou a ser um termo técnico para um personagem específico⁸⁴².

No Novo Testamento, em qualquer aparição de “σατανᾶς/*Satanás*”, em algum texto, demonstra a existência de sua personalidade e serve como argumento para provar a sua existência⁸⁴³. Nos escritos neotestamentários, “σατανᾶς/*Satanás*” não pode ser considerado apenas uma personificação do mal, pois isto faria com que sua personalidade fosse negada, o que não é possível em “σατανᾶς/*Satanás*”, porque ele tem intelecto (Mt 4,1-11), emoções (1 Tm 3,6; Ap 12,17) e vontade (Jo 13,2; At 5,3; 10,38; 1Cor 7,5; 2Tm 2,26) que são características próprias de alguém com individualidade⁸⁴⁴.

Nos textos de Mateus são identificados personagens que estão do lado do mal. Existe uma figura e um conjunto com um caráter humano, Satanás e os fariseus⁸⁴⁵. Neste autor, Satanás é qualificado como “ὁ πονηρός/*o maligno*” (Mt 13,19.38), e os fariseus são adjetivados com a mesma nomenclatura (Mt 12,34), são “πονηρὰ ἐν ταῖς καρδίαις/*maus nos corações*” (Mt 9,4), são “γενεὰ πονηρὰ/*uma geração perversa*” (Mt 12,39.45; 16,4), são cheios de espíritos malignos “ἑπτὰ ἕτερα πνεύματα πονηρότερα/*sete outros espíritos malignos*” (Mt 12,43-45) e destilam venenos como víboras “γεννήματα ἐχιδνῶν/*raças de víboras*” (Mt 12,34)⁸⁴⁶.

5.2

A resposta de Jesus aos fariseus (Mt 12,25-30)

A segunda seção é constituída por Mt 12,25-30. Nesta parte, Jesus responde as acusações dos fariseus, os seus opositores. O v.25 abre a esta parte da narrativa com o verbo no particípio perfeito “εἰδώς/*sabendo*” do verbo grego “οἶδα/*saber, conhecer*”. O tempo perfeito de εἰδώς aqui, não se preocupa com o seu aspecto, mas ele tem um valor de presente e o termo “οἶδα/*saber, conhecer*” é muito utilizado nessa categoria⁸⁴⁷. Jesus como Filho de Deus conhece (εἰδώς) como Deus o que os

⁸⁴² FARRAR, T. J. *New Testament Satanology and Leading Suprahuman Opponents in Second Temple Jewish Literature*, p. 40; CARBULLANCA, C. *Demonología en la apocalíptica y Qumrán*, p. 211-233.

⁸⁴³ BELLISHAW, W. G., *The New Testament Doctrine of Satan*, p. 24.

⁸⁴⁴ BELLISHAW, W. G., *The New Testament Doctrine of Satan*, p. 24.

⁸⁴⁵ LONGENECKER, B. W., *Evil at odds with itself (Matthew 12:22-29)*, p. 507.

⁸⁴⁶ LONGENECKER, B. W., *Evil at odds with itself (Matthew 12:22-29)*, p. 507.

⁸⁴⁷ WALLACE, D. B., *Gramática grega*, p. 579; RIENECKER, F.; ROGERS, C., *Chave Linguística do Novo Testamento grego*, p. 27; NOLLI, G., *Evangelo secondo Matteo*, p. 312; HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*, p. 116; ZERWICK, M., *El Griego del Nuevo Testamento*, p. 128; SEESEMANN, H., *οἶδα*, p. 116.

fariseus estavam pensando e pode ser inferido aqui, que os seus oponentes não acusaram Jesus diretamente, mas entre si⁸⁴⁸. Jesus conhece o que os fariseus estão pensando, pois a palavra usada em Mt 12,25 é o substantivo grego “ἐνθύμησις/*pensamentos*”, termo raro nos escritos sagrados, não tendo ocorrência na Septuaginta, e no Novo Testamento aparece apenas em Mt 9,4; 12,25 e Hb 4,12, significando que é alguma coisa que não foi expressa em palavras e oculta no homem, que apenas a onisciência de Deus é capaz de ver, discernir e julgar⁸⁴⁹. Jesus sabendo os pensamentos dos seus opositores, começa revelá-los e eles podem ter ficado espantados com isso⁸⁵⁰.

A estrutura do v.25c-e traz uma repetição de palavras e verbos, como “ἐρημοῦται/*fica deserto*” que aparece apenas no passivo no Novo Testamento (Mt 12,25; Lc 11,17; Ap 18,17.19)⁸⁵¹ e “οὐ σταθήσεται/*não subsistirá*”, que são sinônimos e que servem para demonstrar a incoerência da tese dos fariseus, pois não há como um reino “βασιλεία”, cidade “πόλις” ou casa “οἰκία” com um sentido de comunidade doméstica, família que permaneça de pé, se estiverem divididos⁸⁵². As cláusulas “πᾶσα βασιλεία/*todo reino*” e “πᾶσα πόλις ἢ οἰκία/*toda cidade e casa*” tem a mesma composição e trazem o adjetivo nominativo feminino singular “πᾶς/*toda, tudo*” que no v.25 está em uma posição predicativa, exaltando a natureza do nome ao qual se refere⁸⁵³. O verbo μερίζω que repete nos vv.25-26 enfatizam a inconsistência do império de Satanás e a sua autodestruição por causa da divisão⁸⁵⁴.

Mt 12,26 inicia-se com a conjunção “καί/e” para continuar os argumentos da resposta de Jesus aos fariseus, consequentes as informações dos versículos anteriores. Em seguida, o v.26 apresenta o assunto com uma conjunção subordinada “εἰ/se”, que é uma condicional real. A condicional real tem uma estrutura em duas partes, a prótase (προτείνω), que propõe uma condição “se” e a apódose (ἀπόδοσις)

⁸⁴⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 342.

⁸⁴⁹ BÜCHSEL, F., ἐνθύμησις, p. 172; MOUNCE, W. D., Léxico analítico do Novo Testamento Grego, p. 239; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 317; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., Dicionário grego-português, p. 334; DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 360.

⁸⁵⁰ SPROUL, R. C., Mateus, p. 330.

⁸⁵¹ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 366.

⁸⁵² HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 342; HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 116; LOVE, S. L., Jesus, healer of the canaanite woman's daughter in Matthew's Gospel, p. 13; SCHOLTZ, J. J., 'Reading Matthew 13 as a prophetic discourse, p. 5; SCHOLTZ, J. J., 'Matthew 13 and the feasts of the Lord', p. 1-8.

⁸⁵³ NOLLI, G., Vangelo secondo Matteo, p. 312.

⁸⁵⁴ CHICO, G., Jesús y Beelzebul, p. 46.

e uma outra principal que apresenta o condicionado “então”, proporcionando assim, uma composição que demonstra uma causa-efeito, como é visto aqui no v.26⁸⁵⁵. A estrutura condicional é seguida pelo substantivo masculino “σατανᾶς/*Satanás*” e o verbo no presente do indicativo ativo “ἐκβάλλει/*expulsa*” que aparece nos vv.24.26-28. O termo repetido “σατανᾶς/*Satanás*” e é precedido pelos artigos “ὁ/ο” e “τόν/ο” em cada uma das ocorrências, mas isso não significam que são dois personagens denominados de Satanás⁸⁵⁶, mas apenas um e é usado por Mateus apenas em Mt 4.10; 16,23 e serve como uma outra forma de se referir a Beelzebul e é apenas em Mt 12,26 que Satanás está ligado a um conceito de posse de reino “ἡ βασιλεία αὐτοῦ/*o seu reino*”⁸⁵⁷.

O v.27 também apresenta uma estrutura com uma conjunção subordinada “εἰ/*se*”, que é uma condicional de primeira classe. Esse tipo de condicional assume a questão como verdadeira por causa do argumento. A construção da condicional de primeira classe é composta pela partícula “εἰ/*se*” mais o verbo no indicativo, independentemente de qualquer tempo verbal na prótase; já na apódose, o verbo pode estar qualquer modo ou tempo verbal, e ela é muito frequente no Novo Testamento⁸⁵⁸. A utilização de “εἰ/*se*” aqui, retorna ao seu uso normal como condição de fato⁸⁵⁹.

A expressão grega de Mt 22,27b “οἱ υἱοὶ ὑμῶν/*os vossos filhos*” pode ser entendida como uma denegrição em palavras veladas e não deve ser interpretada de forma literal, pois ela é incerta, podendo significar apenas “seu povo, (os judeus) ou os que foram instruídos pelos fariseus”⁸⁶⁰. Champlin afirma que entre alguns intérpretes ao se referirem a frase “οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν;/*os vossos filhos por quem expulsam?*” não era aceito que os opositores de Jesus ou os seus seguidores tinham autoridade para expulsar os demônios, a isso, acreditou-se que a

⁸⁵⁵ ZERWICK, M., *El Griego del Nuevo Testamento*, p. 132; WALLACE, D. B., *Gramática grega*, p. 682; NOLLI, G., *Evangelo secondo Matteo*, p. 313.

⁸⁵⁶ CHAMPLIN, R. N., *Mateus e Marcos*, p. 411.

⁸⁵⁷ HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 342.

⁸⁵⁸ WALLACE, D. B., *Gramática grega*, p. 690; ZERWICK, M., *El Griego del Nuevo Testamento*, p. 132-133.

⁸⁵⁹ OSBORNE, G. R., *Matthew*, p. 474.

⁸⁶⁰ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 342; TALBERT, C. H., *Matthew*, p. 155; SMITH, C. R. *The New Testament doctrine of demons*, p. 37. Este autor afirma que os “exorcistas judeus foram bem-sucedidos por expulsar alguns demônios (Mt 12,27). Isso pode ter ocorrido porque Deus honrou a sua Palavra, embora os exorcistas possam ter usado métodos ridículos”; PATTE, D., *The Gospel According to Matthew*, p. 176; GRAPPE, C., *Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps*, p. 241.

composição “οἱ υἱοὶ ὑμῶν/*os vossos filhos*” poderia significar que estavam se referindo aos discípulos de Jesus, pois eles eram filhos de Israel, ou aos judeus de forma genérica, porque alguns deles eram capacitados de poder para expelir demônios⁸⁶¹.

Tanto a interpretação que leva a crer que “οἱ υἱοὶ ὑμῶν/*os vossos filhos*” se refere aos discípulos de Jesus como aos judeus de forma geral, não são corretas, primeiro porque os fariseus não eram tão simpáticos aos discípulos de Cristo e nem mesmo ao seu mestre, por esse motivo, é improvável que os seguidores de Jesus sejam os “οἱ υἱοὶ ὑμῶν/*os vossos filhos*”⁸⁶². Em segundo lugar, o termo “filhos de” era usado para se referir, no Antigo Testamento, aos filhos dos profetas. Desta forma, os filhos dos profetas eram os discípulos dos profetas, assim como os filhos dos fariseus eram os seus discípulos, ou os que foram instruídos por eles⁸⁶³.

Jesus, ao afirmar “οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν;/*os vossos filhos por quem expulsam?*” estava se referindo “aqueles associados a vós” (Mt 8,12; 9,15), ou seja, os fariseus, seus opositores, e sua afirmação demonstra que se os filhos dos fariseus não estavam expulsando os demônios por Satanás, ele também não o fazia, pois, condenar Jesus, significa condenar os próprios filhos⁸⁶⁴. Seja qual for a origem desses exorcistas, Jesus não os desconsidera e reconhece que há neles um sentido de julgamento escatológico e ainda percebe a legitimidade de seus exorcismos⁸⁶⁵.

Desta forma, a pergunta feita por Jesus aos fariseus sobre a autoridade do nome de quem “οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν;/*os vossos filhos por quem expulsam?*” revelou a hipocrisia deles em suas acusações⁸⁶⁶. Condenar Jesus é o mesmo que censurar os seus exorcistas e por conseguinte “διὰ τοῦτο/*por isso*”, os que eram capacitados pelo Senhor para expelir os demônios se ergueriam para julgarem “αὐτοὶ κριταὶ ἔσονται ὑμῶν/*eles serão vossos juizes*” os que atribuíam a Jesus o poder de Beelzebul – e com isso, seriam responsáveis por se oporem aos propósitos de Deus⁸⁶⁷.

⁸⁶¹ CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, p. 411.

⁸⁶² CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, p. 411.

⁸⁶³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 342; CHAMPLIN, R. N., Mateus e Marcos, p. 411; MILLOS, S. P., Mateo, p. 810.

⁸⁶⁴ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 343; MILLOS, S. P., Mateo, p. 810.

⁸⁶⁵ SHIROCK, R., Whose exorcists are? The referents of οἱ υἱοὶ ὑμῶν at Matthew 12.27/Luke 11.19, p. 44.

⁸⁶⁶ MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.190.

⁸⁶⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 343.

O v.28 inicia-se da mesma forma que o v.27, diferenciando apenas da colocação do dativo instrumental “ἐν πνεύματι θεοῦ/*pelo Espírito de Deus*”, para enfatizar a origem do poder curador de Jesus, visto que, foi essa a intenção do autor grego ao usar o dativo instrumental, pois ele é utilizado na gramática para apontar “o meio ou o instrumento por meio do qual a ação verbal é cumprida”⁸⁶⁸.

A conjunção grega “ἄρα/*então*” traz uma ideia de conclusão baseada na condicional do v.28a. O verbo “ἔφθασεν/*chegou*” que está no aoristo do indicativo ativo terceira pessoa singular do verbo “φθάνω/*chegar*” é denominado na gramática grega como aoristo proléptico, em que o indicativo aoristo “pode descrever um evento ainda não-passado como se já estivesse completo”⁸⁶⁹. “Φθάνω” é ainda, um *hápax legomenon* no Evangelho de Mateus e precisa ser tomado em todo o seu significado “veio sobre ti de repente, de surpresa, e o encontra despreparado”⁸⁷⁰.

A afirmação de Jesus com esse verbo, implica a realidade messiânica frente aos fariseus. O v.28 então, é usado como uma transição da atitude defensiva de Jesus, para a sua atitude ofensiva⁸⁷¹. Além disso, ao usar o verbo “ἔφθασεν/*chegou*”, Mateus deixa a informação da manifestação do reino mais evidente do que o verbo “ἤγγικεν/*está próximo*” usado em Mt 4,17, pois o reino de Deus tem um aspecto de chegar aos homens por meio de Jesus Cristo⁸⁷².

Há ainda, nos vv.27-28 um contraste absoluto entre “ἐν πνεύματι θεοῦ/*pelo Espírito de Deus*” no v.28 e “ἐν Βεελζεβούλ/*por Beelzebul*” no v.27. Mateus preferiu usar “πνεύματι θεοῦ/*Espírito de Deus*” ao invés do termo “δακτύλῳ/*dedo*”, utilizado pela fonte Q e por Lc 11,20, para concordar com “πνεῦμά μου/*meu Espírito*” de Mt 12,18, enfatizando que Jesus é o Filho amado e o ungido de Deus, capacitado pelo Espírito para libertar os cativos e oprimidos e realizar a sua obra messiânica de salvação⁸⁷³. A expressão “ἐν πνεύματι θεοῦ/*pelo Espírito de Deus*”

⁸⁶⁸ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 162; ZERWICK, M., El Griego del Nuevo Testamento, p. 43.

⁸⁶⁹ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 563-564; ZERWICK, M., El Griego del Nuevo Testamento, p. 116.

⁸⁷⁰ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224; DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361; CARAGOUNIS, C. C., Kingdom of God, son of man and Jesus' self-understanding, p. 21; VIVIANO, B. T., O Evangelho Segundo Mateus, p. 177-178.

⁸⁷¹ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

⁸⁷² HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 343; METTS, H. L., The Kingdom of God, p. 56; CARAGOUNIS, C. C., Kingdom of God, son of man and Jesus' self-understanding, p. 15.

⁸⁷³ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 343; TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 287; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 342; VILJOEN, F. P., The Holy Spirit's characterization of the Matthean Jesus, p. 5; DEINES, R. The Holy Spirit in Matthew's Gospel, p. 217; GRAPPE, C., Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps, p. 179.

que formou um contraste com “ἐν Βεελζεβούλ/por *Beelzebul*”, serviu como introdução para a sentença que vem nos vv.31-32 sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo⁸⁷⁴. Outra contraposição a respeito do reino de Deus e o reino de Satanás, que pode ser denominado como império de Satanás, está nos vv.25-27. Na tentação do Diabo contra Jesus, no deserto, apenas o tentador falava do seu reino e o que lhe pertencia (Mt 4,8-9), mas aqui, em Mt 12,25-28, o próprio Jesus fala do seu reino e o contraste se evidencia nas expressões “πῶς οὖν σταθήσεται ἡ βασιλεία αὐτοῦ;/como subsistirá o seu reino?” no v.26 e “ἐν πνεύματι θεοῦ/pelo *Espírito de Deus*” no v.28⁸⁷⁵.

É evidente que há uma paridade entre os exorcismos dos filhos dos fariseus e Jesus, no que diz respeito a quem os capacitou para a realização desses feitos. No entanto, a frase “ἐν πνεύματι θεοῦ/pelo *Espírito de Deus*” demonstra a diferença, porque todas as obras de Jesus estão inseparáveis de sua pessoa e à anunciação da chegada do reino de Deus, coisa que os filhos dos fariseus não podiam reivindicar⁸⁷⁶. A frase: “ἐν πνεύματι θεοῦ/pelo *Espírito de Deus*” representa a manifestação poderosa de Jesus em milagres específicos, demonstrando o poder de Deus sobre as enfermidades e os demônios⁸⁷⁷. Em outras palavras, o evangelista Mateus está afirmando ao seus leitores-ouvintes que a manifestação do “ἐν πνεύματι θεοῦ/pelo *Espírito de Deus*” em Jesus, evidencia que os que estavam a sua procura, sabiam o que realmente iriam encontrar, o Messias, o ungido de Deus⁸⁷⁸.

A expressão incomum no escrito mateano: “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*” em Mt 12,28, demonstra que nas pregações, tanto de João, o Batista e nas curas e nos exorcismos realizados por Jesus Cristo, o reino de Deus é chegado aos homens, um reino com uma realidade presente, mas que também, traz a ideia futura de um fim “apocalíptico-escatológico”⁸⁷⁹. A referência de βασιλεία como governo

⁸⁷⁴ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224.

⁸⁷⁵ TRILLING, W., O Evangelho segundo Mateus, p. 287.

⁸⁷⁶ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 343.

⁸⁷⁷ SCHWEIZER, E. The Spirit of Power, p. 260.

⁸⁷⁸ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 52.

⁸⁷⁹ RIBEIRO, A. L. V. Jesus e os movimentos messiânicos, p. 49; METTS, H. L., The Kingdom of God, p. 55; HEIL, J. P. Significant aspects of the healing miracles in Matthew, p. 276; ROYAL, K., D. Investigating the Practice of Christian Exorcism and the Methods Used to Cast out Demons, p. 7; ROYAL, K. D., Investigating the Practice of Christian Exorcism and the Methods Used to Cast out Demons, p. 7; GRAPPE, C., Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps, p. 179.

está mais propriamente em sua essência que é o “ser”, a “natureza” e o “estado do rei”, já que a relação intrínseca é o rei⁸⁸⁰.

No Novo Testamento encontra-se tanto o termo “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*” como “βασιλεία τῶν οὐρανῶν/*reino dos céus*” e ambas são sinônimas, mas é possível que a fórmula mais antiga e usada por Jesus tenha sido “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*”, tendo em vista que “βασιλεία τῶν οὐρανῶν/*reino dos céus*” tem seu primeiro surgimento na literatura judaica cerca de cinquenta anos após o ministério terreno de Jesus⁸⁸¹. No Evangelho de Mateus e apenas nele, há a ocorrência da frase “βασιλεία τῶν οὐρανῶν/*reino dos céus*”, já que ele buscou evitar “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*”, por causa do nome de Deus, o que pode ser denominado como “circunlocução reverencial”⁸⁸².

O v.28 deixa claro que a rejeição de Jesus pelos fariseus está ligada a questão do Reino de Deus no contexto da controvérsia de Beelzebul. Aqui, Jesus fez uma relação entre si e o reino⁸⁸³, pois a sua condição de portador do “πνεύματι θεοῦ/*Espírito de Deus*” para expulsar os demônios, demonstra que é chegado a eles o seu reino, porque sobre ele repousa o Espírito (Mt 3,16-17) e ele manifestou o seu poder⁸⁸⁴. Desta forma, o autor mateano não apresenta Jesus apenas como um anunciador do reino, mas também, o portador do “βασιλεία τοῦ θεοῦ/*Reino de Deus*”, pois onde está o Espírito de Deus aí está o seu reino⁸⁸⁵.

No v.29, Mateus apresenta uma pequena parábola, em que os detalhes não podem ser alegorizados⁸⁸⁶. Esta parte inicia-se com a partícula disjuntiva, interrogativa, comparativa “ἢ πῶς/*ou como*” que pode trazer a ideia “ou veja isso

⁸⁸⁰ SCHMIDT, K. L., Βασιλεύς, p. 580.

⁸⁸¹ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 161.

⁸⁸² PENNINGTON, J. T., The kingdom of heaven in the Gospel of Matthew, p. 45; DU TOIT, AB. The Kingdom of God in the Gospel of Matthew, p. 552.

⁸⁸³ GRAPPE, C., Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps, p. 179.

⁸⁸⁴ SAUCY, M., The Kingdom-of-God sayings in Matthew, p. 184; JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 158. Segundo Jeremias: “essas vitórias sobre o poder do mal não são apenas irrupções isoladas do reino de satã. Significam mais. São a manifestações da aurora do tempo salvífico e do começo da aniquilação de Satã (cf. Mc 1.24: ἀπολέσαι [destruir]). É o que afirma Lc 11,20: εἰ δὲ ἐν δακτύλῳ (Mt 12,28: πνεύματι) θεοῦ ἐγὼ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, ἄρα ἔφθασεν ἐφ’ ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ [se com dedo (Mt 12,28: espírito) de Deus expulso os demônios, então veio sobre vós o reinado de Deus]. Cada expulsão de um espírito mau operada por Jesus significa uma antecipação da hora em que Satã será visivelmente dominado. As vitórias sobre os seus instrumentos são prolepses do *éschaton*”.

⁸⁸⁵ SAUCY, M., The Kingdom-of-God sayings in Matthew, p. 184; DUNN, J. D. G., Spirit and Kingdom, p. 2-3.

⁸⁸⁶ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 344.

de outra maneira”⁸⁸⁷, e também “ou, aclarando isto através de uma parábola”⁸⁸⁸. O substantivo grego “σκεύη/*utensílios*” é um *hápax legomenon* mateano. Todo o contexto aponta para Satanás/Beelzebul como sendo “τὸν ἰσχυρόν/*o valente*” e os “σκεύη/*utensílios*” da casa indicam para o exorcismo dos demônios, que dominou o mundo e os homens⁸⁸⁹.

O substantivo grego “οἰκία/*casa*” em Mt 12,29, é compreendido como lar (2Sm 7,11-12) e Jesus concebe “Βεελλζεβούλ/*Beelzebul*” como uma família, na concepção bíblica do termo, o que demonstra, que assim como uma família, “Βεελλζεβούλ/*Beelzebul*” não consegue permanecer se estiver dividido em si mesmo, e a presente ideia pode ser esclarecida com a volta dos demônios para a casa limpa em Mt 12,43-45⁸⁹⁰. Isso significa que o império satânico “é algo orgânico, de raça e família, uma realidade que se reproduz e tem sucesso em gerações como todo ser vivo, um organismo poderoso contra o homem”⁸⁹¹. Nesse sentido, Jesus entra na casa e liberta o povo da submissão religiosa que os acorrentam, somente quem é livre pode libertar. O império do mal aparece como uma analogia ao sistema religioso judaico, e contra isso, Jesus vem, não para tomar o lugar deles dominando-os, mas para libertá-los da casa do forte que é Satanás⁸⁹².

O v.30 tem alguns ditos de Jesus que são aforismos⁸⁹³. O sujeito principal aqui é Jesus, como pode ser visto nos três usos do pronome ἐμοῦ. A construção “μετ’ ἐμοῦ/*comigo*” indica uma vida de discipulado (Mt 4,19; 26,71); essa vivência discipular compreende a vida no reino de Deus agora e no futuro (Mt 10,32-33) e resistência ao governo ou dominação do império do mal⁸⁹⁴. As preposições “μετ’ ἐμοῦ/*comigo*” e “κατ’ ἐμοῦ/*contra mim*” empregadas em Mt 12,30 que se referem a Jesus, no grego clássico, secular e no grego *koiné* do Novo Testamento, a preposição μετά seguida de pronome no caso genitivo, indica “no meio”, “entre”

⁸⁸⁷ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 343; NOLLI, G., Evangelo secondo Matteo, p. 316.

⁸⁸⁸ HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 117.

⁸⁸⁹ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 344; BASTIT, A., L’apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d’Irénée et la première littérature chrétienne, p. 292; VINCENT, M. R., Mateus, p. 60.

⁸⁹⁰ CHICO, G., Jesús y Beelzebul, p. 46.

⁸⁹¹ CHICO, G., Jesús y Beelzebul, p. 46.

⁸⁹² CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143.

⁸⁹³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 344.

⁸⁹⁴ CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 353; DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

pessoas, e ou “estar ou agir em comunhão com”⁸⁹⁵. Porém, ao aludir a Deus e ao homem, como no v.30 e Lc 11,23, ressalta um único “com” o outro⁸⁹⁶.

A expressão “ὁ μὴ ὦν μετ’ ἐμοῦ/*o que não está comigo*” não aponta, a princípio, para os fariseus, mas sim para os filhos dos fariseus, pois eles também expulsavam os demônios e até participavam da mesma empreitada que Jesus, o avanço do reino⁸⁹⁷. No entanto, não receberam a sua mensagem e por esse motivo, se igualaram aos seus pais, os fariseus, e agora estão incluídos na cláusula seguinte “κατ’ ἐμοῦ ἐστίν/*contra mim está*”. Nesse sentido, eles não estavam reunindo “συνάγων”, mas espalhando “σκορπίζει” e o verbo “σκορπίζω/*espalhar*” é também um *hápax legomenon*, uma consequência dos que estão do outro lado⁸⁹⁸.

O “καί/e” pode ser interpretado como καί epexegetico ou explicativo. Isso equivale ao estilo e ao conteúdo do v.30, porque a constituição de Mt 12,30 compreende em duas afirmações interligadas, em que a segunda continua a primeira e o desenvolvimento do v.30a em v.30b é sinalizado pelo “καί/e” epexegetico⁸⁹⁹. Com isso, pode ser visto nesse ditado uma relevância cristológica e soteriológica⁹⁰⁰, pois Mt 12,30 demonstra que, em uma guerra entre reino de Deus e reino de Satanás não há espaço para neutralidade, não há como ficar em cima do muro, ou seja, “ser indiferente a ele ou permanecer apático em relação a ele é estar do lado dos que não confessam que ele é o Messias que traz o reino de Deus”⁹⁰¹.

5.3

⁸⁹⁵ GALLER, J. S., Matthew 12:30; Mark 9:40; Luke 9:50; 11:23, p. 15; WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 377; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., Dicionário grego-português, p. 673.

⁸⁹⁶ GALLER, J. S., Matthew 12:30; Mark 9:40; Luke 9:50; 11:23, p. 15.

⁸⁹⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 344.

⁸⁹⁸ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 345; MILLOS, S. P., Mateo, p. 814; MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.190; DE CARLO, F., Vangelo secondo Matteo, p. 361.

⁸⁹⁹ SMIT, P. B., Ein καί epexegeticum mit Folgen, p. 116-117.

⁹⁰⁰ GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 667.

⁹⁰¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 344; MILLOS, S. P., Mateo, p. 814; HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 117; BARBAGLIO, G.; FABRIS, R., Os Evangelhos (I), p. 203; SICRE DÍAZ, J. L., El Evangelio de Mateo, p. 252; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 143; BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 16; COMBS, W. W., The blasphemy against the Holy Spirit, p. 75.

A blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,31-32)

Os vv.31-32 completam a terceira parte deste comentário exegético e toda perícope de Mt 12,22-32, com as duras palavras de Jesus sobre o pecado imperdoável⁹⁰². O v.31 abre com uma cláusula enfática consequente com “διὰ/por isso”, seguido pelo adjetivo determinante demonstrativo “τοῦτο/isso” para ligar tudo o que vem anteriormente, ou seja, a todo o episódio da cura e exorcismo do endemoniado cego e mudo de Mt 12,22-30⁹⁰³.

A forma “διὰ τοῦτο/por isso” aparece em outros lugares em Mateus (Mt 13,13; 21,43; 23,34), seguido do termo técnico “λέγω ὑμῖν/vos digo”, que enfatiza o aspecto solene da sentença⁹⁰⁴. É compreensível que os vv.31-32 precisam ser lidos na dependência dos vv.22-30, porque é a acusação dos fariseus, os opositores de Jesus, que se levanta a questão de um tipo de blasfêmia que está além do perdão⁹⁰⁵.

A afirmação de Jesus é precisa “πᾶσα ἁμαρτία καὶ βλασφημία/todo pecado e blasfêmia” têm perdão, mas “ἡ δὲ τοῦ πνεύματος βλασφημία/a blasfêmia contra o Espírito” não tem perdão. A palavra para pecado é ἁμαρτία e traz os seguintes significados “falha”, “equivoco”, “erro em julgamento”, “culpa” e “pecado”⁹⁰⁶. ἁμαρτία é usado na Septuaginta para traduzir na maioria das vezes os termos hebraicos “חַטָּא” que significa “pecado, culpa e transgressão” – e “עֲוֹן” que pode ser interpretado como “delito, crime, ofensa” (Dt 19,15; Lv 4,1-5; Nm 5,6; Is 4,1-5)⁹⁰⁷. No v.31, o termo ἁμαρτία é usado por metonímia e tanto nele como em todo o Novo Testamento é traduzido como “pecado” que é cometido e serve para expressá-lo, é a decorrência moral e ética de pecado⁹⁰⁸.

O evangelista Mateus não apenas traz a palavra “ἁμαρτία/pecado”, mas acrescenta o termo “βλασφημία/blasfêmia” e faz uma distinção entre o pecado

⁹⁰² VV.AA., Leitura do Evangelho Segundo Mateus, p. 69.

⁹⁰³ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 206; SPROUL, R. C., Mateus, p. 335-336; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 353; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346-347; MILLOS, S. P., Mateo, p. 815; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 208; COMBS, W. W., The blasphemy against the Holy Spirit, p. 76; CARSON, D. A., Matthew, p. 290.

⁹⁰⁴ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 206; ESBENSEN, M. J., The kingdom of God in the Gospel of Matthew, p. 46.

⁹⁰⁵ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 346-347.

⁹⁰⁶ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 43; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., Dicionário grego-português, p. 44.

⁹⁰⁷ ALONSO SCHÖKEL, L., Dicionário bíblico hebraico-português, p. 212, 484; QUELL, G., ἁμαρτάνω, ἁμαρτήμα, ἁμαρτία, p. 268; VITÓRIO, J., Uma nova humanidade, p. 568.

⁹⁰⁸ MILLOS, S. P., Mateo, p. 815; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 44; NEL, M. J. The conceptualization of sin in the Gospel of Matthew, p. 2.

genérico e o mais específico, a blasfêmia contra o Espírito Santo⁹⁰⁹. A palavra βλασφημία é sempre o ato cometido em “βλασφημεῖν/*blasfemar*”, βλάσφημος/*que blasfema, maldizente, difamador*” é a característica do praticante ou de sua atitude⁹¹⁰. A Septuaginta utilizou a raiz “βλασφημ*”, não tendo uma correspondência clara no original. A palavra foi usada para traduzir os termos hebraicos “הָגַל/*insultar, ultrajar, afrontar, ofender, blasfemar*” e “רָאָה/*desprezar, desdenhar, rejeitar, desprestigiar*”⁹¹¹.

O vocábulo grego “βλασφημία/*blasfêmia*” equivale aos termos formados das duas raízes “הָגַל” e “רָאָה”. É importante afirmar que a raiz “βλασφημ*” nos textos veterotestamentários, sempre se refere a Deus⁹¹², seja na disputa do seu poder salvífico (2Rs 19,4.6.22), ao escárnio de seu nome pelos povos pagãos ao capturarem e escravizarem o povo de Deus, Israel (Is 52,5), a depreciação de sua glória pelo desdém das montanhas de Israel (Ez 35,12) e seu povo (2Mc 15,24), toda injúria, blasfêmia e ação ímpia por parte dos gentios, nações que não serviam ao Senhor (Is 66,1; 1Mc 2,6; 2Mc 8,4; 10,34; 12,14; Tb 1,18), ou por simples arrogância da humanidade, com sua depreciação implícita, consciente e voluntária de Deus (Lv 24,1)⁹¹³.

Na língua grega, o termo “βλασφημία/*blasfêmia*” tem um sentido mais geral, uma linguagem agressiva, infame, dirigida contra Deus e contra o Filho do homem, é como uma difamação, um xingamento e injúria (Ef 4,31; Cl 3,8; 1Tm 6,4)⁹¹⁴. No Novo Testamento, a palavra “βλασφημία/*blasfêmia*” é controlada pelo conceito, em todos os aspectos, de violação do poder e da majestade de Deus. Nesse sentido, a blasfêmia pode ser direcionada contra Deus (Ap 13,6; 16,11.21), contra o seu nome (Ap 16,9), contra a sua palavra (Tt 2,5), contra Jesus e contra o Espírito Santo, como é o caso aqui, em Mt 12,31-32⁹¹⁵. Para os cristãos, a “βλασφημία/*blasfêmia*” é

⁹⁰⁹ COMBS, W. W., *The blasphemy against the Holy Spirit*, p. 76; LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 716.

⁹¹⁰ BEYER, H. W., Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος, p. 661; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., *Dicionário grego-português*, p. 168.

⁹¹¹ ALONSO SCHÖKEL, L., *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 133, 414.

⁹¹² BEYER, H. W., Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος, p. 661.

⁹¹³ BEYER, H. W., Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος, p. 661. “Nas traduções da Hexapla βλασφημ- também é usado para הָגַל, אָהַל, הָגַל e לָהַל. Todos esses termos são traduzidos de forma variada e com ênfases muito variadas nas traduções gregas, e nenhuma regra firme pode ser distinguida. Alternativas a βλασφημεῖν são particularmente ονειδίζειν e παροξύνειν, que muitas vezes ocorrem para הָגַל, הָגַל, אָהַל e רָאָה”.

⁹¹⁴ HENDRIKSEN, W., *Mateus*, p. 35.

⁹¹⁵ BEYER, H. W., Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος, p. 661.

lançar dúvidas sobre a legítima reivindicação messiânica de Jesus, ridicularizar Cristo em Sua unidade com o Pai e como Portador da majestade divina⁹¹⁶.

O termo usado em Mt 12,31-32 para se referir ao perdão é o verbo ἀφίημι, que nos vv.31-32 está no futuro do indicativo passivo, terceira pessoa singular “ἀφεθήσεται/será perdoado”. A voz passiva nesse verbo, é considerada como *passivum divinum* ou passivo teológico, pois acredita-se que Deus é o agente implícito da ação e isso acontece por causa do respeito dos judeus em não querer citar o nome divino⁹¹⁷. A elocução ἀφίημι significa “mandar embora”, “despedir”, “liberar”, “deixar livre”, “absolver”, “perdoar”, “dar carta branca”, “abster-se de exigir”, “para declarar inocente”, “deixar para trás sem levar junto”⁹¹⁸. Em Mateus, o verbo ἀφίημι aparece em Mt 6,12.14-15; 9,2.5-6; 12,31-32; 18,21.27.35, sempre com a conotação de perdão e ou perdoar aos homens, tanto em situação de sofrimento e enfermidade quando ao perdão pelos pecados e serviu como base para o autor mateano ensinar a respeito do perdão⁹¹⁹.

A Septuaginta usa o verbo ἀφίημι para traduzir alguns termos hebraicos que trazem o sentido de “libertação”, “rendição”, “sair”, “deixar em paz”, comum às palavras הַיָּהוּה ou הַיָּהוּה (Jz 2,23; 3,1; 16,26), para צָדַק (Ex 9,21); com um sentido de remissão e perdão, traduz o verbo hebraico נָשַׁח (Gn 4,13; 18,24.26; Sl 24,18; 99,8), הִלַּח (Lv 4,20; 5,10; Is 55,7) e para כָּפַר (Is 22,14)⁹²⁰. O objeto do perdão é o pecado e a culpa, especialmente “ἁμαρτία/pecado”, e o sujeito perdoador é Deus, pois apenas ele pode perdoar os pecados⁹²¹.

No Novo Testamento, o verbo ἀφίημι tem os mesmos significados já mencionados aqui, mas ele também traz o sentido de “recolocar”, “reconduzir”, “remeter” ou “perdoar”, tanto no contexto profano (Mt 18,27), como no mais usual,

⁹¹⁶ BEYER, H. W., Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος, p. 661.

⁹¹⁷ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 437; ZERWICK, M., El Griego del Nuevo Testamento, p. 107; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 117; JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 38-40; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354.

⁹¹⁸ BULTMANN, R., ἀφίημι, p. 509; MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M., Dicionário grego-português, p. 152-153; ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 138; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 117; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento grego, p. 27; NOLLI, G., Evangelho secondo Matteo, p. 318; MURAOKA, T., A Greek-English Lexicon of the Septuagint, p. 107; MOUNCE, W. D., Léxico analítico do Novo Testamento Grego, p. 132.

⁹¹⁹ NEL, M. J., The role of Matthew’s ἀφίημι-λογία in the decisions of the General Synod of the Dutch Reformed Church (DRC) in post-apartheid South Africa, p. 339; NEL, M. J., Matthean Atonement Rituals, p. 104.

⁹²⁰ BULTMANN, R., ἀφίημι, p. 510.

⁹²¹ BULTMANN, R., ἀφίημι, p. 510.

o sentido religioso. Os objetos de ἀφίημι são “τάς ἀμαρτίας/os pecados” (Mc 2,5-7; Lc 7,47), “τὰ παραπτώματα/as transgressões” (Mt 6,14), em que pode ser usado de maneira elíptica e absoluta (Mc 4,12; 11,25-27; Mt 6,14-16; 12,32)⁹²². No Evangelho de Mateus, é desenvolvido o motivo do perdão “a partir da perspectiva da destruição do Templo de Jerusalém, a morte e a ressurreição de Jesus, o conflito com o judaísmo do século I e conflitos internos”⁹²³.

O v.32 inicia-se com a conjunção “καί/e” que serve de ligação ao que vem escrito na sentença anterior e tem basicamente a mesma estrutura que o v.31, seguidos das duas preposições “κατά/contra” que traz o sentido descendente, para baixo e aqui tem o significado de “falar contra” e o segundo “κατά/contra” oferece a ideia de baixo pejorativo na frase “κατὰ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου/contra o Espírito Santo” em que o Espírito é precedido de artigo determinado, para enfatizar a condição única do Espírito Santo⁹²⁴.

No v.32, as palavras se repetem, mas criando um contraste entre quem peca ou blasfema contra Deus e o Filho do homem nos v.31a-c e v.32a-b, e quem não tem perdão por pecar contra o Espírito Santo v.31d-e e v.32c-d; essa insistente estrutura do autor mateano no logion dos vv.31-32 traz um duro e duplo “οὐκ ἀφεθήσεται/não será perdoado” para quem peca contra o Espírito Santo⁹²⁵. Os vv.32a,c trazem uma conjunção subordinada “ἐάν/se” e “ἄν/se”, que é uma condicional de terceira classe⁹²⁶. Essa estrutura oferece uma condição de cumprimento incerto, porém, ainda provável, caracterizando-se com o verbo no futuro tendo a função de condicional provável de futuro⁹²⁷. O verbo “ἀφεθήσεται/será perdoado” aparece mais uma vez, no futuro do indicativo passivo, terceira pessoa singular. O futuro é o único tempo verbal que abstrai do gênero da ação e indica o tempo, de maneira que é ainda utilizado para exprimir a vontade e a possibilidade; às vezes sinaliza a certeza e a confiança na concretização da ação apresentada⁹²⁸.

⁹²² BULTMANN, R., ἀφίημι, p. 511.

⁹²³ NEL, M. J., ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’, p. 1-9.

⁹²⁴ MILLOS, S. P., Mateo, p. 818.

⁹²⁵ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 206.

⁹²⁶ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 689; ZERWICK, M., El Griego del Nuevo Testamento, p. 139.

⁹²⁷ WALLACE, D. B., Gramática grega, p. 689; ZERWICK, M., El Griego del Nuevo Testamento, p. 139.

⁹²⁸ NOLLI, G., Evangelo secondo Matteo, p. 318-319.

A expressão “υιοῦ τοῦ ἀνθρώπου/*Filho do Homem*” é a designação que o evangelista Mateus escolheu usar para demonstrar que esse era o título que o próprio Jesus utilizou para se referir a si mesmo (Mt 8,20; 9,6; 11,19; 12,32.40), diferentemente acontece com a locução “υἱὸς Δαυὶδ/*filho de Davi*” que era apenas mencionado pelas multidões e não por Jesus⁹²⁹. Os vv.31-32 trazem “υιοῦ τοῦ ἀνθρώπου/*Filho Do Homem*” e possivelmente, o sentido distintivo dessa locução não está em vista aqui⁹³⁰.

Ao abordar-se sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo em Mt 12,31-32, é perceptível a notoriedade que se tem nesse texto, pois uma das grandezas da fé judaica e bíblica é o destaque que o livro sagrado dá à misericórdia e o bondoso perdão de Deus (Sl 65,3; 86,5; 130,3-4; Is 1,18; Mq 7,19; 1Jo 1,7)⁹³¹. Ao que parece, os vv.31-32 podem ter surgido na mensagem de algum profeta cristão “falando para o Jesus exaltado e, aqui, releem a vida do Jesus terreno”⁹³². Não obstante a essa ideia, “há uma evidência forte e consistente de que os escritores do Novo Testamento não liam palavras de profetas cristãos como se voltassem à vida do Jesus histórico”⁹³³.

No que diz respeito a sentença sobre a “ἡ τοῦ πνεύματος βλασφημία/*blasfêmia contra o Espírito*”, que é o pecado imperdoável, consiste na rejeição consciente, deliberada e perversa da manifestação salvífica da graça de Deus, ofertada ao homem por meio de suas obras e do sacrifício vicário de Jesus na cruz do Calvário, mediante a manifestação do Espírito Santo, como o que convence o homem do pecado⁹³⁴. A salvação é empreendida por Deus propriamente por meio

⁹²⁹ KINGSBURY, J. D., The title “Son of David” in Matthew’s Gospel, p. 593.

⁹³⁰ BRUCE, F. F. “The background to the Son of Man sayings”, p. 53-54.

⁹³¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 345.

⁹³² CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 345.

⁹³³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 345.

⁹³⁴ BEYER, H. W. Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος, p. 625; HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 347; STANLEY, D. M., Evangelho de Mateus, p. 95; ⁹³⁴ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 204; RADERMAKERS, J., Lettura pastorale del vangelo di Matteo, p.206-207; BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 215; GNILKA, J., Il vangelo di Matteo, p. 668; LANGE, J. P.; SCHAFF, P., p. Matthew, p. 224; CARTER, W., O Evangelho de São Mateus, p. 354; CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 345-346; VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 146; MAZZAROLO, I., Evangelho de São Mateus, p.191; HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 45; CARNEIRO, M. S., Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32, p. 209; LITFIN, D., Revisiting the unpardonable sin, p. 722-727; BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 46; LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 42; FRANKLIN, B., The blasphemy against the Holy Ghost, p. 222; SCROGGS, R., The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians, p. 364; BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39; CHICO, G., Jesús y Beelzebul, p. 50-51; SCHNACKENBURG, R., The Gospel of Matthew, p. 117.

do Espírito Santo, uma repulsa do Espírito inevitavelmente acarretará uma rejeição da salvação e, dessa forma, se fecham ao único meio de receber o perdão⁹³⁵. A encíclica *Dominum et vivificantem* traz a seguinte afirmação sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo:

“A blasfêmia” não consiste propriamente em ofender o Espírito Santo com palavras; consiste, antes, na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem, mediante o mesmo Espírito Santo agindo em virtude do sacrifício da cruz. Se o homem rejeita o deixar-se “convencer quanto ao pecado”, que provém do Espírito Santo e tem caráter salvífico, ele rejeita contemporaneamente a “vinda” do Consolador: aquela “vinda” que se efetuou no mistério da Páscoa, em união com o poder redentor do sangue de Cristo: o sangue que “purifica a consciência das obras mortas”⁹³⁶.

A blasfêmia contra o Espírito Santo, cometida pelos fariseus, não foi uma coisa pontual, ou seja, não foi somente ali em Mt 12,31-32, na controvérsia entre eles e Jesus. Ela foi sendo construída ao longo do tempo, porque eles conheciam a Deus, sabiam do seu plano salvífico e o advento do Messias, mas seus pais rejeitaram ao Senhor no passado e isso é registrado na Lei, nos Profetas e nos Escritos. Quando o Filho de Davi, o Filho do Homem, Jesus Cristo, apareceu encarnado, eles se fecharam, chamaram-no de comilão e beberrão (Mt 11,19; Lc 7,34); disseram que ele estava possuído pelo demônio e, por fim, blasfemaram afirmando que ele expulsava os demônios pelo poder do maioral dos demônios (Mt 9,35; 12,24). Os fariseus sabiam o que estavam fazendo, conheciam a lei capital para quem blasfemasse contra Deus (Lv 24,14-16). E agora, em Mt 12,31-32, eles serão sentenciados ao desespero de jamais serem perdoados, pois a blasfêmia contra o Espírito Santo, o fechamento, a rejeição voluntária e deliberada dos fariseus à graça e a misericórdia de Jesus, não tem perdão nem aqui neste mundo e nem no futuro, visto que eles se fecharam, recusaram e perverteram o projeto de Deus.

Mateus usa tanto a palavra “βλασφημία/*blasfêmia*” como o verbo conjugado no aoristo subjuntivo εἴπη que traz a ideia de “proferir palavras definidas”⁹³⁷. A sentença de Jesus em Mt 12,31-32 é uma importante censura aos seus opositores, os fariseus, pois, as suas falas e acusações contra o operar de Jesus, não somente constituem uma investida contra o Filho de Deus, como o proclamador da vontade

⁹³⁵ HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 117; SPROUL, R. C., Mateus, p. 337.

⁹³⁶ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75-76.

⁹³⁷ ROBINSON, E., Léxico grego do Novo Testamento, p. 267.

de seu Pai, mas um ataque direto e frontal à manifestação do Espírito Santo, em quem Deus revela o seu reino⁹³⁸. Além disso, eles não estavam falando ou caluniando a Jesus, pois blasfemar contra o Espírito Santo não era apenas um acontecimento, mas uma forma e estilo de vida, pois os opositores de Jesus estavam persistindo nesse pecado⁹³⁹.

O Espírito Santo em Mt 12,32 está ligado intrinsecamente à unção de Jesus, registrada na perícopes anterior (Mt 12,18-21) que é um cumprimento de Is 42,1-4 e se refere ao Servo de YHWH que recebe, o Espírito para desempenhar o seu ministério⁹⁴⁰. Os opositores de Jesus estavam caluniando-o ao afirmarem que ele estava possuído por “Βεελζεβούλ/*Beelzebul*” e não pelo Espírito Santo, eles estavam falando contra o Servo de YHWH e é ele quem oferece o perdão (Mt 6,12.14-15; 9,6; 18,21.35; 26,26⁹⁴¹). Os fariseus, rejeitando o Servo de YHWH, rejeitam também, o perdão que lhes é oferecido; se não o aceitam, não alcançarão o perdão, nem agora e nem no futuro⁹⁴².

É compreensível que a “κατά πνεύματος βλασφημία/*blasfêmia contra o Espírito Santo*” não tenha perdão “οὔτε ἐν τούτῳ τῷ αἰῶνι οὔτε ἐν τῷ μέλλοντι/*nem neste século, nem no vindouro*”. Jesus realizou as suas obras de milagres, curas e exorcismos pelo poder do Espírito Santo e isso caracterizou de forma irrefutável que Deus se manifestou ativamente em seu Filho e é nessa perspectiva que o pecado imperdoável deve ser concebido⁹⁴³.

A perícopes de Mt 12,22-32 traz o relato da cura de um endemoniado cego e mudo. A cegueira e a mudez desse personagem revelam a real situação do povo escolhido e de toda a humanidade, no que tange à sua disposição em ver a luz divina através de Jesus, o ungido pelo Espírito de YHWH e confessar que ele é o Messias enviado por Deus ao mundo para cumprir o seu plano salvífico e a implantação do seu reino⁹⁴⁴.

⁹³⁸ HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V., Nova chave linguística do Novo Testamento grego, p. 117.

⁹³⁹ BARRETT, M., “We Believe in the Holy Spirit”, p. 39.

⁹⁴⁰ BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 19; KIDDER, S. J., Christ, the Son of the Living God, p. 80.

⁹⁴¹ BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 19.

⁹⁴² BOLT, P. G., Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics, p. 19.

⁹⁴³ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 55.

⁹⁴⁴ VITÓRIO, J., Lendo o Evangelho segundo Mateus, p. 144; ALONSO, M. L., Aspectos éticos de la acción sanadora de Jesús, p. 417-438.

O milagre realizado por Jesus fez com que a multidão ficasse fora de si e exclamam que poderia ser Jesus o Filho de Davi. Mas, os fariseus, os opositores do Mestre, o acusam de operar o milagre pelo poder de Beelzebul, se fechando assim, como cegos que não contemplam e mudos que não confessam, o que realmente Deus estava realizando por meio de seu Filho, no poder do Espírito Santo⁹⁴⁵.

A acusação dos fariseus fez com que Jesus criasse os seus argumentos de defesa, pois os próprios filhos deles também operavam exorcismos e eles seriam os próprios juízes desses opositores. A isso, Jesus afirma, que eles, os filhos dos fariseus, não estão alinhados aos demônios e eles mesmos são provas de que Jesus exorciza pelo Espírito Santo, trazendo aos seus o reino de Deus. Nessa disputa, não há espaço para neutralidade, é preciso escolher o lado certo, pois Jesus é o mais forte que prende o homem forte da casa, para libertar o povo de sua escravidão pecaminosa, obscurecida pela cegueira espiritual⁹⁴⁶.

Todo esse percurso de Mt 12,22-32 chega ao seu clímax final com o solene ditado da blasfêmia contra o Espírito Santo. Os fariseus rejeitaram deliberadamente e de forma definitiva a Jesus, o Filho enviado por Deus, cheio de graça e de verdade. Eles se fecharam em uma profunda incredulidade, resistindo à luz e, não apenas isso, mas estavam dispostos a extinguir essa luz (Mt 12,14), eliminando-a totalmente, atribuindo o seu esplendor ao poder de Satanás, ao que foi caracterizado o pecado imperdoável⁹⁴⁷.

6

⁹⁴⁵ SALDARINI, A., Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese, p. 180; CARSON, D. A., *The Jewish leaders in Matthew's Gospel*, p. 161-174.

⁹⁴⁶ HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, p. 344; BASTIT, A., *L'apologue synoptique du "Fort ligoté" (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d'Irénée et la première littérature chrétienne*, p. 292.

⁹⁴⁷ LITFIN, D., *Revisiting the unpardonable sin*, p. 725.

Perspectivas bíblico-teológico-pastorais

O texto sagrado, a Bíblia, tem o seu lugar apropriado para o desenvolvimento de discussões e estudos: a Igreja, a comunidade cristã. Ela é o lugar no qual deve haver a interpretação da Escritura. Essa perspectiva não é diferente quanto à perícopes de Mt 12,22-32, que trata do difícil e, às vezes, incompreendido, porque se trata do (não) perdão da parte de Deus, como é o caso da blasfêmia contra o Espírito Santo. Nesse sentido, esse capítulo também busca responder a questões teológico-bíblico-pastorais. A teologia de Mt 12,22-32 abrange tanto a cristologia quanto a pneumatologia e a graça de Deus em perdoar; seu aspecto bíblico, abrange não apenas do Evangelho de Mateus, mas também os de Marcos e Lucas, visto seus textos paralelos e sua dimensão pastoral, obviamente, diz respeito aos desafios e às dúvidas da Igreja, desde o período Patrístico até a atualidade.

6.1

Mateus 12,22-32: sua interpretação na patrística

Um dos escritos mais antigos da Igreja Primitiva é a Didaqué, ou Ensino dos Doze Apóstolos. Ele foi escrito nas últimas décadas do primeiro século⁹⁴⁸. A importância da Didaqué pode ser observada através das diversas citações de textos desse livro, nos materiais produzidos pelos cristãos dos primeiros séculos da Igreja. Ele é um conjunto de normas morais, de instrução sobre a formação das comunidades, a oração, o jejum, a condução do batismo e a celebração da eucaristia⁹⁴⁹.

No que diz respeito ao texto de Mt 12,22-32, que traz a sentença sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo, a Didaqué o primeiro livro extrabíblico que faz uma alusão a Mt 12,31-32, em Did 11,7: “Não coloquem à prova nem julguem um profeta que em tudo fala sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado”⁹⁵⁰. A sugestão óbvia aqui é que “o pecado contra o Espírito Santo é falar contra a Palavra do Senhor falada por um verdadeiro profeta através do Espírito”⁹⁵¹. Outro texto que alude ao pecado imperdoável de Mateus é descrito

⁹⁴⁸ PADRES APOSTÓLICOS., Didaqué, p. 335.

⁹⁴⁹ PADRES APOSTÓLICOS., Didaqué, p. 335.

⁹⁵⁰ PADRES APOSTÓLICOS., Didaqué, p. 355.

⁹⁵¹ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 21; BABAN, O. D., Spirit blasphemy in the Synoptics, p. 42.

da seguinte forma: “Meu filho, não seja murmurador, porque a murmuração leva à blasfêmia. Não seja insolente, nem tenha mente perversa, pois as blasfêmias nascem de todas essas coisas” (Did 3,6)⁹⁵².

Em sua exegese de Mt 12,31-32 contra os hereges a respeito da divindade da Trindade, Atanásio de Alexandria comenta sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo. Para este padre da Igreja, o pecado imperdoável contra o Espírito Santo é a incredulidade “não admitindo perdão a menos que alguém seja fiel, visto que é ímpio e o pecado da incredulidade, não será perdoado nem neste mundo, nem no mundo vindouro”⁹⁵³.

Não é tão simples compreender que quem disser uma palavra contra o Filho será perdoado; mas aquele que expressar uma palavra contra o Espírito Santo não será perdoado, com a ideia de que o Filho seja menor do que o Espírito e o Pai. Atanásio rejeita a doutrina dos arianos e afirma: “por que então rejeitamos os perversos arianos, que querem que o Filho seja inferior, e inferior ao Espírito”⁹⁵⁴. Desta forma, os que trazem blasfêmias contra a encarnação de Jesus precisam se livrar desse absurdo. Os argumentos de Atanásio são bíblicos para contrapor a seus opositores, ele assegura que os que blasfemam contra a carne e o sangue de Cristo e a Santíssima Trindade, “sem dúvida profana o santo batismo; mas aquele que nega o batismo certamente afasta o Espírito Santo”⁹⁵⁵.

Para Atanásio, quem insulta uma das três Pessoas da Trindade, blasfema contra todas as três, porque isso precisa estar no seio e no mistério da Trindade. Nesse sentido, “um insulto dirigido contra uma pessoa é uma blasfêmia contra toda a plenitude da divindade”⁹⁵⁶. Os fariseus e os seus discípulos não tinham conhecimento da divindade de Jesus até que veio o Espírito Santo em Pentecostes, e mesmo depois da ressurreição de Cristo, em que viram alguns adorando e outros não acreditando, não foram condenados por esse motivo, mas preferiram blasfemar contra o Espírito Santo dizendo que Jesus expulsava os demônios por Beelzebul, príncipe dos demônios e “certamente eles não serão perdoados nem neste mundo, nem no futuro. Além disso, deve-se observar que Cristo não disse que o perdão não

⁹⁵² PADRES APOSTÓLICOS., Didaqué, p. 347.

⁹⁵³ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA., Fragmenta in Matthæum, p. 1387.

⁹⁵⁴ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA., Fragmenta in Matthæum, p. 1384.

⁹⁵⁵ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA., Fragmenta in Matthæum, p. 1386. Atanásio utiliza o texto de Jo 6,53-54.

⁹⁵⁶ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA., Fragmenta in Matthæum, p. 1386.

seria concedido a um blasfemador que mais tarde se arrependesse, mas para o blasfemador, ou perseverante na blasfêmia”⁹⁵⁷.

Hilário de Poitiers interpreta Mt 12,31-32, afirmando que a blasfêmia contra o Espírito Santo é negar a divindade de Cristo e conseqüentemente, rejeita as suas obras⁹⁵⁸. Todo pecado e blasfêmia são perdoados, mas a blasfêmia não tem remissão; Jesus advertiu os fariseus, condenando a sua perversa opinião e dos que sentem o mesmo por eles, com a sentença mais severa, prometendo o perdão para qualquer tipo de pecado, mas negando “a indulgência do espírito blasfemo”⁹⁵⁹.

Quando os pecados são perdoados por generosidade de Deus, e as ações dos liberais são perdoadas, não há misericórdia se Deus for negado em Cristo e não haverá perdão de forma alguma. E no qual, sem perdão, Cristo confere a benevolência de repetidas admoestações como afirma Hilário:

Que pecados de todos os tipos são completamente perdoados e que a blasfêmia contra o Espírito Santo não deve ser perdoada. Pois o que há de tão fora do perdão que nega que Deus está em Cristo, e que ele está indo para o céu, e que Deus está nele reconciliando o mundo consigo mesmo? Portanto, qualquer insulto que existisse em Cristo, tudo existia em Deus: porque tanto Deus está em Cristo como Cristo está em Deus⁹⁶⁰.

Ambrósio interpreta a blasfêmia contra o Espírito Santo a partir de Lc 12,10. Segundo ele, o pecado imperdoável é o não confessar no seu espírito “Deus em Cristo, e de Deus, e Cristo em Deus não merece perdão”⁹⁶¹. Nesse contexto, a maioria das pessoas sustentava que é blasfêmia alguém afirmar a um cristão que ele expulsa os demônios de Beelzebul, não pelo poder divino⁹⁶².

Em Lc 12,10, Ambrósio sustenta a unidade da Trindade e que Cristo nasce de uma virgem, que é a sua única progenitora e o Espírito Santo. Entre Jesus e o Espírito não há divergência de grandeza no que tange ao que peca contra Cristo e é perdoado, mas o que blasfema contra o Espírito Santo não tem perdão⁹⁶³. Neles há unidade de poder, já que Cristo é grande e não tem como limitar a sua grandeza.

⁹⁵⁷ ATANÁSIO DE ALEXANDRIA., *Fragmenta in Matthæum*, p. 1387.

⁹⁵⁸ HILÁRIO POITIERS., *Comentarius in Evangelium Matthæi*, p. 989.

⁹⁵⁹ HILÁRIO POITIERS., *Comentarius in Evangelium Matthæi*, p. 989.

⁹⁶⁰ HILÁRIO POITIERS., *Comentarius in Evangelium Matthæi*, p. 989.

⁹⁶¹ AMBRÓSIO DE MEDIOLANO., *Expositio Evangelii Secundum Lucam*, p. 1729.

⁹⁶² AMBRÓSIO DE MEDIOLANO., *Expositio Evangelii Secundum Lucam*, p. 1730.

⁹⁶³ AMBRÓSIO DE MEDIOLANO., *Expositio Evangelii Secundum Lucam*, p. 1729.

Nesse sentido, se a operação é uma só, tanto do Filho como do Espírito, o insulto, a blasfêmia, é uma só, tanto para Jesus como para o Espírito Santo⁹⁶⁴.

No quarto século, Jerônimo desenvolveu um comentário ao Evangelho de Mateus, em que ele considerou este texto mateano como um excelente “fruto de uma repentina audácia, alicerce de algo maior, de uma obra mais acabada, escrita com diligente esmero, com belíssimo desfecho, um comentário completo que não chegou a executar e, provavelmente com ampla interpretação”, não apenas espiritual, porém, mais do que com a interpretação histórica do texto⁹⁶⁵.

A abordagem de Jerônimo em seu comentário é de caráter filológico, lexical, etimológico, figuras de estilos e as referências a textos sagrados apontam para a forma de seu comentário. A sua metodologia exegética é fundamentada na exegese antioquena, com uma perspectiva mais literal do texto, buscando extrair o seu sentido, mesmo que por meio de “exame de certos elementos naturais e até filológicos”⁹⁶⁶.

Jerônimo apresenta a blasfêmia contra o Espírito Santo na circunstância da tríplice cura do endemoniado que era cego e mudo. O milagre realizado por Jesus, operado assim, no contexto cotidiano na vivência dos que creem, demonstrando que a luz da fé se abre e os que estavam emudecidos louvam a Deus. Mt 12,22-32 deixa claro três reações que vão culminar na dura resposta de Jesus contra os fariseus⁹⁶⁷.

A primeira reação é a das multidões, que, maravilhando-se, confessavam que o homem que acabara de realizar o milagre era o filho de Davi (Mt 12,23). A segunda reação é a dos fariseus, que não creram em Jesus e atribuíram às suas obras ao príncipe dos demônios, Beelzebul (Mt 12,24). A terceira reação é a de Jesus, que não apenas se referiu as suas palavras, mas ele vai além, revela os seus pensamentos, para que eles fossem convencidos ao menos crerem no poder de Deus que contempla os corações e os revela⁹⁶⁸.

Jerônimo interpreta a reação de Jesus contra os fariseus, demonstrando que o reino de Satanás não perduraria se estivesse dividido em discórdia. A respeito, ele afirma: “se, portanto, Satanás luta contra si mesmo e um demônio se faz inimigo do

⁹⁶⁴ AMBRÓSIO DE MEDIOLANO., *Expositio Evangelii Secundum Lucam*, p. 1729.

⁹⁶⁵ JERÔNIMO., *Comentário ao Evangelho de Mateus*, p. 9.

⁹⁶⁶ JERÔNIMO., *Comentário ao Evangelho de Mateus*, p. 10.

⁹⁶⁷ JERÔNIMO., *Comentário ao Evangelho de Mateus*, p. 139.

⁹⁶⁸ JERÔNIMO., *Comentário ao Evangelho de Mateus*, p. 139.

outro, deveria ter vindo já a consumação do mundo e nele não teriam lugar os poderes adversários, cuja guerra intestina significaria a paz dos homens”⁹⁶⁹.

A reação de Jesus continua e agora é colocada em questão os exorcistas judeus, os filhos dos opositores, que os consideravam como aqueles que expulsavam os demônios pelo Espírito Santo (Mt 12,27). A refutação aqui é que eles serão os próprios juízes dos judeus “não pela potestade, mas pela comparação, na medida em que atribuem eles a expulsão dos demônios a Deus, e vós atribuí a Beelzebul, o príncipe dos demônios”⁹⁷⁰. Jesus pretende demonstrar que se os exorcistas judeus, manifestam o poder de Deus na libertação dos oprimidos, então, porque o Filho de Deus expele os demônios pelo poder de Beelzebul. Por isso, eles serão os próprios parâmetros de juízo contra os judeus, que acusavam a Cristo de estar possuído pelo príncipe dos demônios⁹⁷¹.

Jerônimo compara Mt 12,28 com Lc 11,20; o primeiro traz a expressão “pelo Espírito de Deus” e o segundo “pelo dedo de Deus”, e afirma: “este é o dedo que também proclamam os magos que contra Moisés e Aarão realizavam sinais e prodigiosos, dizendo: ‘isto é o dedo de Deus’ pelo qual foram escritas as tábuas de pedra no monte Sinai”⁹⁷². Para este padre da Igreja, o Filho, Jesus Cristo, é a mão de Deus e o seu braço, e o Espírito Santo é o seu dedo, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo é uma só substância. Com isso, o reino de Deus é chegado aos homens, anunciado tanto por João, o Batista, como por Jesus, e “há ainda, um terceiro reino, o da Escritura, que é tirado dos judeus e entregue a um povo que o faça produzir frutos”⁹⁷³.

O embate entre Jesus e os fariseus aponta para o contexto espiritual bélico e poderoso do adversário, que é forte, o que é perceptível na palavra do vencedor (Mt 12,29). A sua casa é o mundo “que jaz sob o Maligno, não pela dignidade do Criador, e sim pelo poderio de quem peca. E vasos dele fomos não apenas por um dado momento”⁹⁷⁴. O forte foi vencido pelo valente, subjugado ao tártaro, esmagado pelo poder do Espírito Santo que está sobre ele, destruindo os seus tronos de tiranias, transportando o cativo ao cativo.

⁹⁶⁹ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 140.

⁹⁷⁰ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 141.

⁹⁷¹ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 141.

⁹⁷² JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 141.

⁹⁷³ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 142.

⁹⁷⁴ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 142.

Para Jerônimo, Jesus não disse: “O que não está comigo, contra mim está, e o que não ajunta comigo, espalha” em Mt 12,30 para os hereges e os cismáticos ainda que possa ser compreendido assim, suas palavras se referem ao diabo “já que não se podem comparar as obras do salvador às de Beelzebul”⁹⁷⁵. Enquanto Satanás deseja manter presas as almas dos homens, Jesus almeja libertá-las; ao mesmo tempo que o inimigo prega os ídolos, o Filho traz o entendimento do Deus único; o diabo aprisiona nos vícios, Jesus convida às virtudes. Nesse sentido, é impossível haver acordo entre aqueles aos quais as obras são diferentes⁹⁷⁶.

No que diz respeito à blasfêmia contra o Espírito Santo, Jerônimo interpreta Mt 12,32 afirmando que o pecado imperdoável é o atribuir a Beelzebul as obras realizadas pelo Espírito de Deus, caluniando a Cristo, pela emulação contra o Filho de Deus. Além disso, a Igreja do período de Jerônimo identificou supostos bispos e presbíteros que poderiam ter blasfemado:

E como é que certos dentre os nossos acolhem em sua ordem a bispos e presbíteros depois da blasfêmia contra o Espírito Santo, quando diz o Senhor que todo pecado e toda blasfêmia se perdoam aos homens, mas quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado nem no tempo presente, nem no futuro? A não ser que tomemos, talvez, aquele exemplo do evangelista Marcos, que expressou mui claramente as causas de tão grande ira, dizendo: “Porque diziam ele: ‘Ele tem um espírito imundo’”. Logo, todo aquele que atribuir as obras do Salvador a Beelzebul, o príncipe dos demônios, e disser que o Filho de Deus tem um espírito imundo, tal blasfêmia não se lhe perdoará em tempo algum. Ou então se há de entender esta passagem da seguinte maneira: quem disser uma palavra contra o Filho do Homem, escandalizado com minha carne e pensando que eu seria tão somente um homem, que seria filho do carpinteiro e teria como irmãos a Tiago, José e Judas, um homem comilão e bebedor de vinho, tal opinião, que é uma blasfêmia, conquanto não esteja isenta de culpa, recebe, não obstante, o perdão desse erro, em razão da insignificância do corpo. Quem por outro lado, entende claramente tratar-se de obra de Deus, mas, por não poder negar o poder, calunia ditas obras, aguilhoado pela inveja, assim como o Cristo, Verbo de Deus, dizendo serem de Beelzebul as obras do Espírito Santo, a este não lhe será perdoado nem no século presente nem no futuro⁹⁷⁷.

Com essas palavras de Jerônimo, fica evidente que já nos quatro primeiros séculos da Igreja, era possível, supostamente, identificar os blasfemadores que permeavam a comunidade de fé. Nesse sentido, eles acreditavam que a blasfêmia contra o Espírito Santo era um pecado imperdoável tanto no presente tempo, como no futuro.

⁹⁷⁵ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 142.

⁹⁷⁶ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 142.

⁹⁷⁷ JERÔNIMO., Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 143.

João Crisóstomo interpreta em um de seus sermões sobre o Evangelho de Mateus a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,25-32). Segundo ele, Jesus declarou a sua divindade através do conhecimento dos mistérios. Os fariseus, já o acusaram de expelir demônios pelo poder de Beelzebul, no entanto, Cristo não os repreendeu (Mt 9,32-34); mas durante as suas obras milagrosas e libertadoras, lhes deu o privilégio de conhecer o seu poder, “e pelo aprendizado ele ensinou sua grandeza”⁹⁷⁸.

Mesmo Jesus revelando a sua divindade, os fariseus continuaram blasfemando contra ele. Cristo não os tratou da mesma forma, mas os instruiu a não terem um coração invejoso. A reação de Jesus foi esplêndida, pois ele não os desprezou, mas deu importância àqueles que afirmavam que ele era falso⁹⁷⁹. Essa atitude demonstrou que não cabe a um endemoniado ter mansidão e nem quem tinha demônio conhecer segredos (Mt 12,25). Por medo da multidão, eles não fizeram as suas acusações publicamente, mas ocultando-as em seus pensamentos; Jesus, porém, não transmite a sua acusação nem declara sua maldade – ele traz a solução “deixando a refutação de sua própria consciência. Pois ele se preocupava apenas com uma coisa: ajudar os pecadores, não os transferir para o povo”⁹⁸⁰.

Com a ilustração da casa e da cidade dividida, Jesus deixa claro que as acusações dos fariseus são infundadas. Se Jesus expulsa os demônios pelo poder de Satanás, há uma rebelião e uma luta entre os demônios e eles estão divididos⁹⁸¹. A própria refutação do Senhor torna a afronta deles ridícula e ele demonstra que até os próprios filhos deles são capazes de refutar as suas dúvidas, porque também não expulsavam os demônios por Beelzebul⁹⁸².

Jesus falou de maneira discreta ao afirmar que o reino de Deus havia chegado, para não ser ainda mais pesado com os fariseus, que o Filho de Deus veio (Mt 12,28), pois eles se opuseram aos seus milagres, mesmo com a sua clara vinda⁹⁸³. A capacidade de Jesus expulsar os demônios não vem de Satanás, mas sim de Deus, pois ele é o mais forte que aprisiona o homem forte e isso deixa claro que ninguém

⁹⁷⁸ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaecum*, p. 445.

⁹⁷⁹ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaecum*, p. 445.

⁹⁸⁰ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaecum*, p. 445.

⁹⁸¹ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaecum*, p. 446.

⁹⁸² JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaecum*, p. 446.

⁹⁸³ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaecum*, p. 446.

pode expulsar definitivamente a Satanás sem antes vencer e aprisioná-lo completamente Mt 12,29-30)⁹⁸⁴.

Todo esse percurso interpretativo de Crisóstomo chega ao seu ápice quando ele afirma que a blasfêmia contra o Espírito Santo é a rejeição, o ignorar que Jesus fazia as suas obras pelo poder do Espírito de Deus, desconsiderar “o fato de que expulsar demônios é obra do Espírito Santo”⁹⁸⁵. Nesse sentido, o pecado é imperdoável tanto neste mundo como no futuro, pois eles não haviam insultado apenas a Jesus, mas também ultrajaram ao Espírito Santo. O pecado cometido por eles de blasfêmia contra o Espírito é grave, haja vista que os fariseus, poderiam até não ter reconhecido Jesus por causa de sua carne, mas eles sabiam quem era o Espírito Santo, através da Lei e dos profetas e mesmo assim, o trataram descaradamente; contra isso, não haverá perdão nem neste mundo e nem no vindouro⁹⁸⁶.

Agostinho faz a sua interpretação de Mt 12,22-32 em um de seus sermões sobre os Evangelhos. Ao curar o endemoniado cego e mudo, os fariseus se posicionaram contra Jesus, escolhendo o reino do Diabo. No entanto, o império de Satanás não subsiste estando dividido. Para demonstrar que o Filho de Deus não expulsa os demônios por Beelzebul, ele coloca a autoridade dos filhos deles em expelir os demônios em dúvida, afirmando em nome de quem eles expulsavam os demônios e que eles mesmos seriam os juizes dos fariseus⁹⁸⁷. A resposta de Jesus em Mt 12,28 afirma que ele expulsa os demônios pelo poder do Espírito Santo, pelo qual se desfaz o império do Diabo⁹⁸⁸.

Os filhos dos fariseus, ou seja, os seus discípulos ou descendentes, só expulsavam os demônios por causa de Jesus e não por Satanás; se eles forem iguais aos seus pais, então são ímpios e pecadores e estão na casa do Diabo, ou são instrumentos dele⁹⁸⁹. Não havia como eles se libertarem já que o forte os aprisionou de maneira rude, com a vitória da iniquidade. Porém, se Satanás não tivesse sido aprisionado com os laços da justiça de Jesus, não se transformariam em vasos da ira para vasos de Cristo⁹⁹⁰.

⁹⁸⁴ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaicum*, p. 447.

⁹⁸⁵ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaicum*, p. 449.

⁹⁸⁶ JOÃO CRISÓSTOMO., *Hmiliaem XC in Matthaicum*, p. 449.

⁹⁸⁷ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones (2o.)*, p. 306.

⁹⁸⁸ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones (2o.)*, p. 306.

⁹⁸⁹ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones (2o.)*, p. 307.

⁹⁹⁰ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones (2o.)*, p. 307.

Na interpretação de Agostinho, os cismas, as divisões e as heresias criadas em nome do cristianismo, reunindo grupos de perdidos (Mt 12,30), demonstram que eles não dividiram a si mesmos, mas “dividiu o reino de Cristo, embora os homens insistam na divisão do que foi comprado ao preço do sangue de Cristo”⁹⁹¹. Esses, estão divididos uns contra os outros e fazem parte do império de Satanás, com suas ações, obras e blasfêmias.

No contexto entre as disputas dos saduceus, fariseus e Jesus, percebe-se que os primeiros não aceitaram o Espírito, enquanto os outros, criam na existência do Espírito, mas rejeitaram que habitasse em Jesus Cristo; e de acordo com eles, expulsou os demônios pelo poder de Beelzebul, quando na verdade, os libertou por meio do Espírito Santo⁹⁹². Os que confessam a existência do Espírito Santo, mas que recusam a sua habitação no corpo de Cristo, que é a Igreja, se assemelham aos fariseus, que aceitavam que ele existe, porém, não concordavam que Jesus expeliu os demônios pelo poder do Espírito Santo⁹⁹³.

De acordo com Agostinho, os que creram na proclamação da palavra “se tornaram católicos, sem dúvida, chegaram à graça e a paz de Cristo vindos do paganismo, do judaísmo ou da heresia”⁹⁹⁴. Se porventura eles não foram perdoados por terem falado contra o Espírito Santo, será inútil se prometer e pregar aos homens que se arrependam a Deus e recebam a remissão de seus pecados, por meio do batismo e na paz da Igreja. “Porque não é dito ‘não se perdoará senão no batismo’, caso contrário ele não será perdoado nem neste século nem no futuro”⁹⁹⁵.

Segundo Agostinho, há aqueles que acreditam que só é possível blasfemar contra o Espírito Santo os que teriam sido purificados pelo batismo na Igreja e receberam o Espírito Santo, são ingratos pelo grande favor imerecido do dom de Deus e “caem em algum pecado mortal, que são o adultério, o homicídio e a apostasia, ou a abjuração total do nome cristão, ou do nome católico Igreja”⁹⁹⁶.

Agostinho assevera que Jesus não disse “não será perdoado todo espírito de blasfêmia, ou quem disser qualquer palavra contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, etc., senão quem disser palavra”⁹⁹⁷. Com isso, todo pecado ou blasfêmia

⁹⁹¹ AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 308-309.

⁹⁹² AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 310.

⁹⁹³ AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 310-311.

⁹⁹⁴ AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 312.

⁹⁹⁵ AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 312.

⁹⁹⁶ AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 312.

⁹⁹⁷ AGOSTIN, S., Obras Completas, Sermones (2o.), p. 314.

ou qualquer palavra falada contra o Espírito Santo não fosse perdoado aos homens, a Igreja se tornaria incapaz e não pode vencer ninguém que esteja contaminado por qualquer impiedade, que contrarie o dom de Jesus Cristo ou à santificação da Igreja⁹⁹⁸. À vista disso, não é imprescindível que toda blasfêmia ou qualquer palavra dita contra o Espírito Santo seja irremissível; mas é imperioso haver uma palavra ou blasfêmia que, se proferida contra o Espírito Santo, “merece a negação do perdão e da remissão. Se universalizarmos isso, quem poderá ser salvo? E se negarmos que existe contradizemos o Salvador”⁹⁹⁹. Por esse motivo se afirma que há uma palavra ou blasfêmia que se dirigida contra o Espírito Santo, não tem perdão nem neste século e nem no futuro¹⁰⁰⁰. Contra o dom gratuito de Deus e sua maravilhosa graça está o coração impenitente, que é o espírito de blasfêmia, que não será perdoado nem no presente e nem no futuro. Agostinho assegura que:

Porque pronuncia uma palavra muito maldosa e ímpia contra o Espírito Santo, no qual são batizados aqueles cujos pecados são perdoados, aquele espírito que recebe a Igreja para que os pecados daquele a quem ela os perdoa sejam perdoados; e ele pronuncia isso com seu pensamento, também com a língua; embora a paciência de Deus exija penitência, por causa da dureza do seu coração, por causa do seu coração impenitente, ele acumula a ira para o dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras. Este nome de impenitência podemos designar de alguma forma a blasfêmia e a palavra contra o Espírito Santo, que nunca será perdoado¹⁰⁰¹.

Esta tão grande impenitência não aceita remissão nem neste século nem no futuro, já que a penitência requer o perdão no presente o que vale no futuro. “esta impenitência não pode ser julgada nesta carne”¹⁰⁰². Não é necessário haver desespero por ninguém, pois a paciência de Deus chama à penitência; ele não arranca dessa vida o pecador, o ímpio, porque não deseja a morte deles e sim, que se arrependam e vivam com o sentimento de perdoados¹⁰⁰³.

Mesmo que uma pessoa permaneça até o fim da vida em dura impenitência e não deixa de pronunciar contra a graça do Espírito Santo, “o Evangelho contenta-

⁹⁹⁸ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 314.

⁹⁹⁹ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 314.

¹⁰⁰⁰ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 314-315.

¹⁰⁰¹ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 326.

¹⁰⁰² AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 327.

¹⁰⁰³ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 327. “Esta blasfêmia do espírito, que não admite perdão e que dissemos que não é universal, mas determinado, e que caracterizamos, ou descobrimos, ou demonstramos, na minha opinião, conforme forte dureza de um coração impenitente, não pode verificar ser encontrado em qualquer assunto desta vida, como já dissemos”.

se em chamar de ‘palavra’ esta longa contradição do coração impenitente, como se fosse uma coisa passageira”¹⁰⁰⁴. Não é apenas a palavra que for proferida contra o Filho do homem, mas todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, “porque enquanto não existir esse pecado do coração impenitente contra o Espírito Santo, por meio de quem são perdoados pecados na Igreja, todos os outros são perdoados”¹⁰⁰⁵. Caso a blasfêmia contra o Espírito Santo esteja entre esses pecados e não tem perdão, todos os outros não são perdoados, pois a remissão deles é impedida pelo vínculo deste último¹⁰⁰⁶.

Em sua *Suma Teológica*, Tomás de Aquino analisa um caso particular de blasfêmia, a blasfêmia contra o Espírito Santo, interpretado a partir de Mt 12,31. Sua observação fundamenta-se em quatro artigos que demonstram o que a Igreja do décimo terceiro século compreendeu sobre o pecado imperdoável¹⁰⁰⁷.

A blasfêmia contra o Espírito Santo não é semelhante ao pecado de malícia caracterizada¹⁰⁰⁸. Três acepções esboçam sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo: primeiro, o pecado contra o Espírito Santo é um pecado de blasfêmia; não são todos os pecados de malícia caracterizada que são blasfêmia. Diversos erros enquadraram-se na malícia caracterizada; no entanto, a blasfêmia contra o Espírito Santo não pode ser compreendida com essa categoria¹⁰⁰⁹. Segundo, há distinção entre o pecado de malícia caracterizada, por diferença, do pecado por ignorância e por fraqueza. Assim, o pecado contra o Espírito Santo difere-se, por natureza, da blasfêmia contra o Filho do homem, como se lê em Mt 12,32; porque “as realidades que têm opostos diversos são também diversas entre si”¹⁰¹⁰. Terceiro, a blasfêmia contra o Espírito Santo é uma classe de delito que tem especificação clara. Por outro lado, o erro de malícia caracterizada não é uma categoria “especial de pecado, mas

¹⁰⁰⁴ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 328.

¹⁰⁰⁵ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 329.

¹⁰⁰⁶ AGOSTIN, S., *Obras Completas, Sermones* (2o.), p. 329. Para Agostinho: “Nenhum dos hereges jamais disse isso; o que acontece é que quem resiste à verdade e blasfema contra ele, que é Cristo, mesmo depois de tão longa pregação entre os homens, visto que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e este é o Filho do homem, o próprio Cristo, não pronuncia essa palavra do coração impenitente contra o Espírito Santo, de quem foi dito. Isto significa que, se você se arrepender, receberá através deste dom a remissão de todos os pecados, e da palavra que disse contra o Filho do homem. Porque ao pecado da ignorância ou contumácia ou qualquer outra blasfêmia, não acrescentou o pecado da impenitência contra o dom de Deus e o graça da regeneração e da reconciliação, que se verifica na Igreja através do Espírito Santo”.

¹⁰⁰⁷ ST II, II, q. 1-56, p. 197.

¹⁰⁰⁸ ST II, II, q. 1-56, p. 197. Segundo Tomás de Aquino: “a malícia, em teologia, não é ‘brincadeira fina’. É a ‘ruindade’ da vontade, o ato de uma vontade determinada a agir mal”.

¹⁰⁰⁹ ST II, II, q. 1-56, p. 198.

¹⁰¹⁰ ST II, II, q. 1-56, p. 198.

certa condição ou circunstância geral, que pode ser relativa a todos os gêneros de pecado”¹⁰¹¹. Com isso, a blasfêmia contra o Espírito Santo não é igual à malícia caracterizada.

Como resposta às três acepções, Tomás de Aquino afirma que há alguns estágios diferentes e modos diversos para a interpretação da blasfêmia contra o Espírito Santo. Um deles é que o pecado contra o Espírito Santo é “quando literalmente se profere contra ele uma blasfêmia, quer o Espírito Santo se considere como nome essencial que convém a Trindade, na qual cada uma das pessoas é santa e é espírito, quer como nome pessoal de uma das pessoas da Trindade”¹⁰¹². Nesse aspecto, difere-se a blasfêmia contra o Espírito Santo, do pecado contra o Filho do Homem. É evidente que Jesus se alimentava como qualquer outro ser humano, mas operava as suas obras como Deus; Jesus “agia em virtude de sua própria divindade por obra do Espírito Santo do qual, em sua humanidade, estava repleto”¹⁰¹³. Com isso, os judeus daquele tempo blasfemaram contra Jesus dizendo que ele era glutão e bebedor de vinho e amigo dos pecadores. E depois, blasfemaram contra o Espírito Santo “atribuindo ao príncipe dos demônios as obras que ele fazia em virtude da divindade própria e por ação do Espírito Santo”¹⁰¹⁴. E é nessa perspectiva que se afirma que os fariseus pecaram contra o Espírito Santo.

O segundo estágio e modo de interpretar o pecado imperdoável seria “a impenitência final, isto é, quando alguém persevera no pecado mortal até a morte”¹⁰¹⁵. Essa condição não acontece pela palavra da boca, mas a palavra que procede do coração e das ações, não uma vez, mas diversas vezes. Tal palavra “considera-se contra o Espírito Santo, porque se opõe à remissão dos pecados operada pelo Espírito Santo, que é o amor do Pai e do Filho”¹⁰¹⁶.

O último estágio e forma de interpretação é que “o pecado ou a blasfêmia contra o Espírito Santo se dá, quando alguém peca contra o bem próprio d’Ele ao qual se atribui como própria a bondade, como ao Pai, o poder, e ao Filho, a sabedoria”¹⁰¹⁷. Por esse motivo, afirma-se: “o pecado contra o Pai é o pecado de fraqueza; o pecado contra o Filho é o pecado da ignorância e o pecado contra o

¹⁰¹¹ ST II, II, q. 1-56, p. 198.

¹⁰¹² ST II, II, q. 1-56, p. 198.

¹⁰¹³ ST II, II, q. 1-56, p. 198.

¹⁰¹⁴ ST II, II, q. 1-56, p. 199.

¹⁰¹⁵ ST II, II, q. 1-56, p. 199.

¹⁰¹⁶ ST II, II, q. 1-56, p. 199.

¹⁰¹⁷ ST II, II, q. 1-56, p. 199.

Espírito Santo é o por malícia caracterizada, isto é, como foi dito acima, pela eleição do mal”¹⁰¹⁸.

No que diz respeito ao questionamento em estabelecer que são seis as categorias de pecados contra o Espírito Santo, não é adequado como afirma o próprio Jesus¹⁰¹⁹. Algumas objeções foram levantadas sobre os seis aspectos do pecado contra o Espírito Santo. Rejeitar a divina justiça ou a misericórdia é peculiar da infidelidade, mas pelo desespero nega-se a misericórdia de Deus e pela presunção, a justiça. Esses tipos de erros estão mais voltados para o pecado de infidelidade do que a blasfêmia contra o Espírito Santo¹⁰²⁰.

Além disto, a impenitência tem mais a ver com o pecado passado e a obstinação, ao pecado futuro; entretanto, passado e futuro não diferenciam de virtude ou de vício. Nesse sentido, “a obstinação e a impenitência não devem ser consideradas duas espécies de pecado contra o Espírito Santo”¹⁰²¹. Os pecados da impugnação da verdade conhecida e a inveja das graças oferecidas aos crentes, “mais pertençam à blasfêmia contra o Filho do homem do que a blasfêmia contra o Espírito Santo”¹⁰²². O cisma demonstra uma certa oposição direta ao Espírito Santo que age na união da Igreja; e dessa forma, “parece que a enumeração das espécies de pecados contra o Espírito Santo não é completa”¹⁰²³.

Tomás de Aquino afirma que “entendendo o pecado contra o Espírito Santo, na terceira acepção, as espécies referidas estão enumeradas convenientemente”¹⁰²⁴. As diferenças entre elas se dão pela rejeição ou pelo desprezo dos modos que impedem o homem de fixar sua escolha no pecado. Essas impossibilidades “dependem ou do juízo divino ou dos dons de Deus ou ainda do próprio pecado”¹⁰²⁵.

¹⁰¹⁸ ST II, II, q. 1-56, p. 200. “Três interpretações, que permanecem incertas. Parece, aliás, que a expressão ‘pecado contra o Espírito Santo’ não tenha exatamente o mesmo sentido em Mt (12,32), ou Me (3,29) e Lc (12,10). Talvez seja melhor permanecer na dúvida. A menos que pensemos, como sugere o artigo 3, r. 3, que esse pecado é aquele que tende a retirar de Deus o que lhe serve para retirar o pecador de seu pecado: este último se entrincheirou contra a graça. Esse pecado seria, portanto, irremissível ‘enquanto assim se entrincheirar’. Mas Deus é mais poderoso. São Paulo confessa ter ‘blasfemado’, e Deus lhe concedeu ‘misericórdia’ (1Tm 1,13)”.

¹⁰¹⁹ ST II, II, q. 1-56, p. 200. As seis espécies de pecados contra o Espírito Santo são: desesperança, presunção, impenitência, obstinação, impugnação da verdade conhecida e a inveja da graça fraterna.

¹⁰²⁰ ST II, II, q. 1-56, p. 200-201.

¹⁰²¹ ST II, II, q. 1-56, p. 201.

¹⁰²² ST II, II, q. 1-56, p. 201.

¹⁰²³ ST II, II, q. 1-56, p. 201.

¹⁰²⁴ ST II, II, q. 1-56, p. 201-202.

¹⁰²⁵ ST II, II, q. 1-56, p. 202.

O ser humano se distancia de optar pelo pecado por meio da consideração do juízo divino, que ao mesmo tempo investe a justiça e a misericórdia, perdoadando os pecados e premiando as virtudes. A esperança fundada na consideração da misericórdia é suprimida pelo desespero, e o temor é anulado pela presunção, “quando alguém presume poder alcançar a glória sem méritos ou o perdão, sem penitência”¹⁰²⁶.

Há dois dons que o homem pode perder por causa do pecado, o conhecimento da verdade, em que se opõe a negação da verdade da fé conhecida, rejeitando essa mesma verdade para viver no pecado de forma livre e o auxílio da graça interior, a qual se contrapõe a inveja das graças oferecidas aos demais irmãos, que não apenas os inveja, mas também aos que recebem graça de Deus no mundo¹⁰²⁷. Por outro lado, da parte do pecado, são duas as consequências que podem livrar dele o homem; a desordem e a torpeza do ato, “cuja consideração costuma provocar no homem a penitência do pecado cometido”¹⁰²⁸.

No que tange à remissão ou não do pecado e blasfêmia contra o Espírito Santo, sugere-se que não seja irremissível. Há acepções que apontam para o não imperdoável. Uma delas é que se qualquer pecado não fosse perdoado, então, “poderíamos desesperar de algum pecador. Logo, o pecado contra o Espírito Santo não é irremissível”¹⁰²⁹. Seja qual for o pecado, ele é remido a não ser por Deus restaurar a vida espiritual à alma. Por consequência, o pecado contra o Espírito Santo não é irremissível. O livre-arbítrio é pertinente ao bem e ao mal; é possível que uma pessoa abandone a vida virtuosa, visto que, mesmo os anjos decaíram do céu. Nesse sentido, “alguém pode, depois de ter cometido qualquer pecado, voltar ao estado de justiça. Portanto, o pecado contra o Espírito Santo não é irremissível”¹⁰³⁰.

Tomás de Aquino responde às acepções afirmando que a blasfêmia contra o Espírito Santo sendo considerada como impenitência final é irremissível, pois de forma alguma será perdoado. De fato, o pecado mortal em que a pessoa permanece

¹⁰²⁶ ST II, II, q. 1-56, p. 202.

¹⁰²⁷ ST II, II, q. 1-56, p. 202.

¹⁰²⁸ ST II, II, q. 1-56, p. 202.

¹⁰²⁹ ST II, II, q. 1-56, p. 203.

¹⁰³⁰ ST II, II, q. 1-56, p. 203.

até o fim da vida, não alcançando o perdão agora, pela penitência, não será perdoado na vida futura¹⁰³¹.

De acordo com as acepções apresentadas, a blasfêmia contra o Espírito Santo é tida como irremissível, não porque não pode ser perdoado, mas porque em sua essência, ele não pode merecer a remissão. Essa perspectiva pode ser contemplada de duas maneiras: primeiro, conforme à pena; o que peca por “ignorância ou fraqueza, merece pena menor; quem, porém, peca por malícia caracterizada não tem nenhuma desculpa que possa atenuar a pena”¹⁰³². Da mesma forma, o que blasfema contra o Filho do Homem, a qual não se manifestou ainda a sua divindade, “poderia ter alguma desculpa, por causa da fraqueza da carne que nele via; e assim, merece pena menor”¹⁰³³. Porém, o pecado contra a santidade imputando a Satanás, as manifestações do Espírito Santo, “não tem nenhuma desculpa que possa diminuir a pena”¹⁰³⁴.

Em segundo, a blasfêmia contra o Espírito Santo pode ser compreendida conforme a culpa. Por isso, diz-se que uma enfermidade não tem cura por natureza, caso não haja nada mais a fazer para curá-la. Da mesma forma, o pecado contra o Espírito Santo, afirma-se ser irremissível por sua natureza, quando se elimina os meios que trazem a remissão dos pecados. Não obstante, “isso não fecha a via do perdão e da cura pela onipotência e misericórdia de Deus, pela qual, às vezes, quase miraculosamente tais pecados são espiritualmente curados”¹⁰³⁵.

Na perspectiva da dimensão do pecado, sugere-se que o homem não é capaz de pecar contra o Espírito Santo, sem ter praticado antes, outros pecados. Segundo a realidade do ser humano, passa-se do imperfeito para o perfeito, e a blasfêmia contra o Espírito Santo tendo a sua gravidade, apenas pode ser cometido por meio de outros pecados menores¹⁰³⁶. Além do mais, “pecar contra o Espírito Santo é pecar com malícia caracterizada ou por escolha. Ora, isso o homem não pode fazer antes de ter pecado muitas vezes”¹⁰³⁷. Embora a pessoa cometa injustiças, ela não teve, inicialmente, um contexto de vida injusto; logo, “parece que o pecado contra

¹⁰³¹ ST II, II, q. 1-56, p. 204.

¹⁰³² ST II, II, q. 1-56, p. 204.

¹⁰³³ ST II, II, q. 1-56, p. 204.

¹⁰³⁴ ST II, II, q. 1-56, p. 204.

¹⁰³⁵ ST II, II, q. 1-56, p. 205.

¹⁰³⁶ ST II, II, q. 1-56, p. 206.

¹⁰³⁷ ST II, II, q. 1-56, p. 206.

o Espírito Santo não pode ser cometido senão depois de ter cometido outros pecados”¹⁰³⁸.

Tomás de Aquino afirma que pecar contra o Espírito Santo é de certa maneira, pecar com malícia caracterizada. Existem duas formas de cometer assim, esse pecado: primeiro, “seguir a inclinação do hábito”, o que não é qualificado como blasfêmia contra o Espírito Santo; e segundo pecar com malícia caracterizada, ou seja, rejeitar com desprezo os recursos por meio dos quais a pessoa se libertaria do pecado, o que é precisamente pecar contra o Espírito Santo¹⁰³⁹. Essa ideia indica que outros pecados podem levar a isso. Desta forma, “nos homens perfeitos, isso quase nunca pode acontecer, isto é, pecar inicialmente contra o Espírito Santo”¹⁰⁴⁰.

6.2

Mateus 12,22-32: sua interpretação na atualidade

Os fariseus fizeram uso de uma grande mentira contra Jesus, o acusando de expulsar os demônios pelo poder de Beelzebul. A denúncia dos opositores foi feita por duas razões: primeiro, Jesus havia feito outro exorcismo dramático; segundo, as multidões começaram a conjecturar que ele poderia realmente ser o Filho de Davi (Mt 12,23)¹⁰⁴¹.

Mt 12,22-32 não é apenas um texto para expor o exorcismo, mas é uma passagem que serviu para ensinar e pregar. Os ensinamentos de Jesus podem ser vistos em Mt 12,25-29, em que ele desenvolve a sua resposta afirmando sobre o reino dividido de Satanás expulsando a Satanás, o que é impossível aos olhos de Jesus¹⁰⁴².

A pregação abrange a instrução e se baseia nela. No entanto, ela é mais do que uma mera instrução, “é uma declaração apaixonada do que os ouvintes precisam fazer com a verdade que receberam, e exige essa resposta”¹⁰⁴³. Jesus requer a decisão do povo, pois não há como ficar neutro; o mestre exige uma

¹⁰³⁸ ST II, II, q. 1-56, p. 206.

¹⁰³⁹ ST II, II, q. 1-56, p. 206.

¹⁰⁴⁰ ST II, II, q. 1-56, p. 207. “E a mesma razão vale, se o pecado contra o Espírito Santo for entendido literalmente como blasfêmia contra o Espírito Santo. Tal blasfêmia, da qual o Senhor fala, procede sempre da malícia do desprezo. Se, porém, por pecado contra o Espírito Santo se entende a impenitência final, como o entende Agostinho, a questão inexistente, pois o pecado contra o Espírito Santo exige a prática continuada dos pecados até o fim da vida”.

¹⁰⁴¹ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 212.

¹⁰⁴² BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 213.

¹⁰⁴³ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 213.

submissão deliberada ao seu governo, os homens são chamados para negar-se a si mesmos. Se não há submissão ao reino de Jesus, não se está a favor dele, mas resistindo-o e isso pode levar a um fechamento total e não haver perdão¹⁰⁴⁴.

O texto de Mt 12,22-32 deixa claro que há um império das trevas composto por um cabeça, que serve como centro de conexão, programando todas as forças isoladas na resistência comum a Cristo e ao seu reino, tentando de todas as formas destruí-lo¹⁰⁴⁵.

Com isso, existe uma posição de Jesus no que se refere ao grupo dos fariseus, culminando na decisão de que cada parte deveria escolher um lado. Eles, pois, optaram por estar ao lado de Satanás e colocaram-se contra o ministério terreno de Jesus e o acusam de estar expelindo os demônios por Beelzebul¹⁰⁴⁶.

Os fariseus estavam insinuando que Jesus havia expulsado demônios por meio do poder de Satanás. É claro que isso evidencia uma blasfêmia, mas as suas declarações foram direcionadas a Jesus e teoricamente, eles não estavam blasfemando contra o Espírito Santo¹⁰⁴⁷. Não obstante, Jesus havia declarado que expelia os demônio pelo poder de Deus (Mt 12,28), e assim sendo, os fariseus, opositores de Jesus, se aproximaram de forma perigosa “de caluniar o Espírito, e Jesus foi muito gracioso em alertá-los”¹⁰⁴⁸.

Toda perícopos de Mt 12,22-32 converge para demonstrar a real situação espiritual do povo de Israel e o quanto eles haviam se distanciado do Senhor e de suas promessas, pois ele havia dito que enviaria o Messias e eles o rejeitaram mesmo realizando os milagres e exorcismos pelo poder do Espírito Santo. É nesse contexto que Jesus fala sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo como pecado imperdoável, e a “verdade dessa ameaça foi comprovada pela história de Israel¹⁰⁴⁹. A isso, Mateos e Camacho também afirmam em suas interpretações:

A ideologia do poder, que se concretiza no ideal messiânico, impede a Israel a comunicação com os outros povos. Note-se a terminologia de Mt; em lugar de ‘expulsar’ o demônio, Jesus ‘cura’ o endemoniado dos dois efeitos da possessão. Isso indica o caráter figurado do demônio: a cegueira e mudez do indivíduo procedem de Satanás, encarnado na instituição judaica. O verbo ‘curar’ põe esse episódio em relação com os anteriores: o do homem do braço ressecado (12,10) e o

¹⁰⁴⁴ BOICE, J. M., *The Gospel of Matthew*, p. 216.

¹⁰⁴⁵ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., *p. Matthew*, p. 226.

¹⁰⁴⁶ LANGE, J. P.; SCHAFF, P., *p. Matthew*, p. 227.

¹⁰⁴⁷ SPROUL, R. C., *Mateus*, p. 339.

¹⁰⁴⁸ SPROUL, R. C., *Mateus*, p. 339.

¹⁰⁴⁹ RIENECKER, F. *Evangelho de Mateus*, p. 209.

da cura dos muitos que seguiam Jesus (12,15). Em ambos os casos, a cura equivalia a subtrair o homem à influência e ao domínio da instituição judaica (a Lei). No caso do endemoniado, o sentido é o mesmo, mas contém uma denúncia mais acerbadada da instituição: é essa que endemoninha os homens, tornando-os fanáticos de uma ideologia contrária ao plano de Deus¹⁰⁵⁰.

As interpretações modernas não se distanciam tanto das afirmações patrísticas e acreditam que a blasfêmia contra o Espírito Santo “é uma rejeição intencional do testemunho do Espírito sobre os Evangelhos”¹⁰⁵¹. Existe um conceito moderno sobre o pecado imperdoável que comumente permeia entre os que proclamam a Palavra de Deus. A forma que é transmitido o entendimento desse pecado, contradiz os princípios da graça, que caracteriza essa ideia e contraria o apelo evangelístico. O estilo de explicar essa perspectiva está na estrutura de um poema:

Há um tempo, não sei quando, um lugar, não sei onde, que marca o destino dos homens, para glória ou desespero. Há uma linha perto de nós invisível, que cruza cada caminho, a fronteira oculta entre a paciência de Deus e Sua ira. Ultrapassar esse limite é morrer; morrer como se fosse furtivamente. Pode não empalidecer os olhos brilhantes, ou apagar a saúde radiante. Oh, onde está essa fronteira misteriosa, pela qual cada caminho é cruzado, além da qual o próprio Deus jurou que quem atravessar está perdido¹⁰⁵².

É evidente que nas entrelinhas desse poema está o conceito de uma fronteira metafórica que estabelece um limite entre a paciência de Deus e sua ira. Conforme essa cosmovisão, “persistir na incredulidade e continuar na rejeição de Cristo como salvador, um homem irá, ou pode, finalmente, cruzar essa ‘linha mortal’, além da qual, seria impossível para ele se arrepender e ser salvo”¹⁰⁵³.

Não há em nenhuma parte do Novo Testamento uma linha imaginária que cruze todos os caminhos. Os textos neotestamentários não evidenciam um juramento da parte de Deus em condenar alguém que tenha atravessado uma linha invisível¹⁰⁵⁴.

Textos que afirmam que os incrédulos já estão condenados e não creram no Filho de Deus e outras questões semelhantes, não podem ser consideradas como a blasfêmia contra o Espírito Santo, mas a rejeição de Cristo. A interpretação moderna afirma que:

¹⁰⁵⁰ MATEOS, J.; CAMACHO, F., O Evangelho de Mateus, p. 141.

¹⁰⁵¹ LAMMÉ, N., The Blasphemy against the Holy Spirit, p. 28.

¹⁰⁵² FRANKLIN, B., The blasphemy against the Holy Ghost, p. 220-221.

¹⁰⁵³ FRANKLIN, B., The blasphemy against the Holy Ghost, p. 221.

¹⁰⁵⁴ FRANKLIN, B., The blasphemy against the Holy Ghost, p. 228.

A rejeição de Cristo como salvador não pode ser justamente chamada de blasfêmia contra o Espírito Santo. O único pecado imperdoável, a única exceção ao poder perdoador do sangue da cruz, foi cometido antes do nosso Senhor ser crucificado¹⁰⁵⁵.

Na interpretação bíblica moderna de Mt 12,22-32, percebe-se que ele não é o único texto que trate sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo. Há uma consideração de intertextualidade entre Mt 12,22-32 e 1Jo 5,16-17, que tem um tipo de pecado que leva à morte, em que os cristãos diversas vezes buscam caracterizar a blasfêmia contra o Espírito Santo com o assassinato, adultério ou o divórcio; e o texto de Hb 6,4-6¹⁰⁵⁶, no qual existe uma impossibilidade de restauração para aqueles que receberam o Espírito Santo e se apostataram dele; os “crentes individuais sempre se perguntam se cometeram esse pecado”¹⁰⁵⁷.

Quando é feita uma comparação entre os três textos (Mt 12,22-32; Hb 6,4-6; 1Jo 5,16-17), são observadas questões extremas, situações que a própria fé está no centro da problemática. Nesse sentido, “o pecado que é finalmente imperdoável é romper a fé com Deus que oferece perdão, afastar-se de Deus e optar por seguir nossos próprios caminhos”¹⁰⁵⁸.

Segundo Mazzarolo, não há como identificar quando alguém está pecando ou blasfemando, ou se o seu pecado de blasfêmia é dirigida ao Espírito Santo, essa é uma questão muito difícil para ser julgada, pois faria com que o cristão se tornasse o juiz de seu próximo¹⁰⁵⁹.

A relação entre a blasfêmia contra o Espírito Santo de Mt 12,22-32 com textos combinados de Hb 6,4-6; 10,26-29 e possivelmente 1Jo 5,16 sinaliza que, “em cada uma dessas citações (circunstâncias) há percepção consciente de onde está a

¹⁰⁵⁵ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 228. Os textos que se referem ao pecado de rejeição e incredulidade estão em Jo 3,18; 3,36.

¹⁰⁵⁶ NESTLE-ALAND., *Novum Testamentum Graece*, p. 664, 726. Nas margens do texto desta obra trazem a marca da relação entre Mt 12,31-32 e paralelos, com Hb 6,4-6; 1Jo 5,16; ALKIER, S., *From text to intertext*, p. 1-18.

¹⁰⁵⁷ BLOMBERG, C. L., *Matthew*, p. 204; GARDNER, R. B., *Matthew*, p. 201; HENDRIKSEN, W., *Mateus*, p. 36.

¹⁰⁵⁸ GARDNER, R. B., *Matthew*, p. 204; SOUZA, T. D.; PONTES, G. A., *Análise exegética de Hebreus 6:4-6*, p. 191.

¹⁰⁵⁹ MAZZAROLO, I., *O que é o pecado?*, p. 186.

verdade e de onde a luz brilha – e o afastamento voluntário delas”¹⁰⁶⁰. Essa postura é apostasia e implica em rompimento do que a pessoa aceitou formalmente¹⁰⁶¹.

A interpretação bíblica do Novo Testamento demonstra que a apostasia, se permanecer, não apenas condena, “mas mostra que, antes de mais nada, a salvação nunca foi verdadeira”¹⁰⁶²; os escritos neotestamentários deixam claro o quanto alguém consegue se aproximar do Reino de Deus, o experienciando, “saboreando, tocando, percebendo e entendendo. E ele também mostra que é imperdoável alcançar a tanto e rejeitar a verdade. É o mesmo nessa passagem”¹⁰⁶³.

No que se refere a Hb 10,26-29, Sproul interpreta que o “calcar aos pés o Filho de Deus” e “ultrajar o Espírito da graça” são delitos que requerem castigo severo¹⁰⁶⁴. No entanto, é possível observar que a punição é realizada quando tais pecados são praticados “depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade”; a isso, afirma Sproul:

Na vida de toda pessoa, existe um momento em que ela não compreende quem Jesus é; e, se o blasfema nesta fase, isto pode ser perdoado. Mas, se o Espírito de Deus revela a verdade à pessoa, e ela posteriormente calca aos pés o Filho de Deus e ultraja o Espírito, não há a nada a esperar senão o castigo. Isto faz com que eu e muitos outros concluamos que o pecado imperdoável é blasfemar o Espírito Santo ao blasfemar Cristo após o Espírito ter revelado que Jesus é o Filho de Deus¹⁰⁶⁵.

Outro texto paralelo a Mt 12,22-32, é At 4,12 “E não existe em nenhum outro a salvação, pois nem debaixo do céu, existe outro nome dado entre pessoas, pelo qual é preciso nós sermos salvo”, em que se houver rejeição por parte de uma pessoa do Espírito Santo em Jesus, não há ninguém mais em todo o universo que consiga prover salvação. Porém, “não tem como intitular alguém como tendo cometido a

¹⁰⁶⁰ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346; HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 40. Esse autor traz algumas possibilidades de interpretação dentro de seu artigo: “George Smeaton dividiu as várias interpretações desse texto em três categorias: primeiro, aqueles que tornam o pecado apenas possível quando Jesus andou na terra; segunda interpretação, aqueles que tornam o pecado contra o Espírito Santo equivalente à impenitência final; e terceiro, aqueles que veem esse pecado como resistência peculiar à verdade combinada com malícia, que pode ser cometida antes do fim da vida (...). devemos acrescentar mais duas categorias à sua taxionomia. Quarto, há aquelas interpretações que veem esse pecado como apostasia, uma rejeição da fé outrora mantida; aqui Mt 12,22-32 está ligado a Hb 6,4-6 e 1Jo 5,16-17. Quinto, há a opinião de que este não é um dito de Jesus, melhor tratado como uma interpolação e, portanto, completamente ignorado”.

¹⁰⁶¹ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346.

¹⁰⁶² CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346.

¹⁰⁶³ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 346.

¹⁰⁶⁴ SPROUL, R. C., Mateus, p. 338.

¹⁰⁶⁵ SPROUL, R. C., Mateus, p. 338-339.

blasfêmia contra o Espírito Santo”, somente Deus conhece os corações de todos os homens¹⁰⁶⁶.

Os textos em questão (At 4,12; Hb 6,4-6; 10,26-29; 1Jo 5,16-17), realmente trazem pecados que podem não haver perdão, mas é Mt 12,31-32 que oferece uma redação bem clara a respeito do pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo. Tem-se nesses escritos um pecado para morte e a apostasia contra o Espírito Santo¹⁰⁶⁷, mas em Mateus é visto que todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens, ou seja, não há pecados imperdoáveis a não ser um, a blasfêmia contra o Espírito Santo, que está explicitamente registrado no Evangelho de Mateus, como afirma Luz:

Essa interpretação de nossa passagem foi combinada com a interpretação de Hb 6,4-6 e 1Jo 5,16-17. Tornou-se a interpretação dominante da Igreja. A menos que alguém quisesse identificar o pecado contra o Espírito Santo absolutamente com o pecado mortal, era preciso limitar e defini-lo. O pecado contra o Espírito Santo é apostasia da fé na medida em que é praticado com malícia, com pleno conhecimento da verdade e com desprezo da graça na Igreja¹⁰⁶⁸.

Champlin nega a relação entre Mt 12,31-32 e Hb 6,4-6 em seu comentário, para ele “não há qualquer conexão entre esta passagem do sexto capítulo da epístola aos Hebreus e o ‘pecado imperdoável’ que aparece nos evangelhos sinóticos”¹⁰⁶⁹. Por outro lado, este autor demonstra em que situação poderia relacionar o pecado de apostasia com o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo:

Se tomarmos a posição que este pecado é uma forma agravada de rebelião contra Deus e seu Cristo, uma espécie de produto final da revolta humana contra o Senhor, e que chegou ao extremo da apostasia, então certamente esses dois ensinamentos são paralelos. Porém, se assumirmos ..., que diz que o pecado imperdoável só podia ser cometido nos dias de Jesus na carne, exigindo a sua presença, quando os homens atribuíam suas obras miraculosas ao poder de Satanás, então não haverá qualquer paralelismo, exceto em atitude, entre esta passagem e o ‘pecado imperdoável’, que aparece nos evangelhos sinóticos¹⁰⁷⁰.

¹⁰⁶⁶ BLOMBERG, C. L., Matthew, p. 205.

¹⁰⁶⁷ FABRIS, R., As Cartas de Paulo III, p. 424. Para Fabris, no que diz respeito a Hb 6,4-6, é afirmado: “não se pode, portanto, fazer de um texto de caráter exortativo, que remete a um preciso contexto doutrinário – unicidade e valor soteriológico definitivo da morte de Cristo –, um princípio doutrinário de apoio a uma práxis ‘penitencial’ mais ou menos rigorosa na Igreja”.

¹⁰⁶⁸ LUZ, U., Matthew 8 – 20, p. 208.

¹⁰⁶⁹ CHAMPLIN, R. N., Filipenses a Hebreus, p. 696.

¹⁰⁷⁰ CHAMPLIN, R. N., Filipenses a Hebreus, p. 696; MAZZAROLO, I., Hebreus, p. 104. Este autor tem uma opinião diferente no que diz respeito a Mt 12,31-32 e Hb 6,4-6 e afirma que: “todo iluminado recebeu o Espírito Santo (6,4) e, por isso, ao pecar, nega o mesmo Espírito – e contra esse pecado não há perdão (Mc 3,28; Mt 12,31-32; Lc 12,10)”.

A comunidade cristã moderna, com uma perspectiva trinitária, tem dificuldade em compreender por que uma pessoa que blasfema contra o Filho do homem tem perdão, mas pecar contra o Espírito Santo não há possibilidade de perdão. É preciso considerar que o grupo mateano ainda fazia parte do mundo judaico e com certeza eles não tinham uma percepção trinitária de Deus¹⁰⁷¹. Para Mateus, Jesus é o Messias, o Filho do homem. No entanto, os que pecam contra o Espírito de Deus, erram contra o próprio Deus, ou seja, “aquele que nega o plano salvífico de Deus, que Jesus realiza através do seu Espírito – ele rejeita a salvação: não lhe é concedido porque ele não o quer”¹⁰⁷².

É fundamental fazer uma leitura cristológica e trinitária do texto de Mt 12,22-32 para se alcançar arquétipo interpretativo chave, em que se consegue apreender este texto messiânico, no escopo das narrativas evangélicas¹⁰⁷³. A cristologia do Espírito é uma abordagem cristológica que se fundamenta em uma perspectiva trinitária, enfatizando a relação entre Cristo e o Espírito Santo, principalmente na encarnação¹⁰⁷⁴. Nesse sentido, uma maneira plausível de compreender este texto é “por meio de uma interpretação teológica das Escrituras – nesse caso específico, que dê uma cristologia espiritual”¹⁰⁷⁵.

Apesar de não haver uma definição precisa, essa cristologia procura entender quem é Jesus Cristo e o que ele fez a partir da concepção do Espírito Santo, sublinhando uma pneumatologia compacta. Como pode ser observado em Mt 12,22-32, ela vê o Espírito Santo como fundamental e coparticipante da obra redentora de Jesus, consistindo assim, uma cristologia e a pneumatologia para o entendimento do aspecto cristão¹⁰⁷⁶. Nesse contexto, Hagner faz a seguinte afirmação a respeito da interação entre Jesus e o Espírito Santo (cristologia e pneumatologia) e a blasfêmia contra o Espírito Santo:

Dado os interesses cristológicos de Mateus e a posição única e central de Jesus ao longo do Evangelho, é compreensível que se surpreenda que Mateus tenha dito o contrário do que está no texto, ou seja, que a blasfêmia contra o Espírito é perdoável, mas não contra a Igreja. Filho do homem. A gravidade da blasfêmia contra o Espírito, porém, depende do Espírito Santo como dinâmica fundamental que está por trás e possibilita todo o ministério messiânico do próprio Jesus (v.18). Blasfêmias menores

¹⁰⁷¹ GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 333.

¹⁰⁷² GRILLI, M.; LANGNER, C., Comentario al Evangelio de Mateo, p. 333.

¹⁰⁷³ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 39.

¹⁰⁷⁴ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 45.

¹⁰⁷⁵ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 45.

¹⁰⁷⁶ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 45-46.

não estão além do perdão, inclusive mesmo contra o Filho do Homem, pelo menos na humildade de seu papel de servo e em mansidão (11,29). Essa forma velada atrasa a expressão poderosa de sua autoridade messiânica, e nela ainda não exerce o julgamento merecido pelos pecadores (v.20), mas mostra misericórdia para com eles (9,13). O fracasso em entender Jesus ainda é perdoável, mas não a rejeição total do poder salvador de Deus através do Espírito, exibido na derrubada direta do reino de Satanás¹⁰⁷⁷.

A relação cristológica e trinitária entre Jesus e o Espírito Santo em Mt 12,22-32 não permite uma diminuição de ambas as pessoas da trindade. A diferença entre a blasfêmia contra Jesus e contra o Espírito Santo, não equivale a um tipo de superioridade entre eles, ou seja, que o Filho de Deus seja menos importante que o Espírito¹⁰⁷⁸. Habets acredita que é preciso ter uma ideia precisa da importância cristológica e a pneumatológica para compreender a relação entre Jesus e o Espírito Santo e afirma:

A cristologia do Espírito não é uma construção cristológica definível. Podemos afirmar, no entanto, que a cristologia do Espírito é uma cristologia perseguida a partir de uma perspectiva trinitária, destacando as relações mútuas entre o Filho e o Espírito na encarnação. É uma construção cristológica formulada a partir de uma orientação espiritualista, uma cristologia que reconhece que seu dinamismo deve proceder de uma pneumatologia robusta. Procura entender tanto quem é Cristo quanto o que Cristo fez, da perspectiva do Espírito Santo. O que é novo e distinto na cristologia do Espírito é que, no nível da construção teológica e da interpretação doutrinária, ela propõe que a relação entre Jesus e Deus e o papel de Cristo na redenção não podem ser totalmente compreendidos a menos que haja uma dimensão pneumatológica explícita. Em outras palavras, a relação entre Jesus e o Espírito Santo é tão importante para transmitir a verdade do mistério cristológico com suas consequências soteriológica quanto a de Jesus e da Palavra¹⁰⁷⁹.

A base fundamental para uma ideia de uma cristologia do Espírito é que os quatro Evangelhos revelam a identidade de Jesus em termos de uma relação pneumática-humana. Nesses mesmos textos evangélicos, há diversos fatos diferentes de revelação messiânica que enfatizam claramente a relação entre Cristo e o Espírito Santo e, no que lhe diz respeito, direcionam para sua identidade como Deus completo e completamente humano¹⁰⁸⁰.

Algumas evidências dessa relação entre Jesus e o Espírito Santo e que não estão limitados são: o nascimento de Jesus (Mt 1-2; Lc 1-2); o batismo (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,32-34); a tentação (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-

¹⁰⁷⁷ HAGNER, D. A., Matthew 1-13, p. 348.

¹⁰⁷⁸ CARSON, D. A., O comentário de Mateus, p. 345-346.

¹⁰⁷⁹ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 46.

¹⁰⁸⁰ HABETS, M., Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin, p. 46.

13; ministério (Mt 4,12-17; Mc 1,14-15; Lc 4,14-15); paixão (Mt 26–27; Mc 14–15; Lc 22–23; Jo 18–19); ressurreição (Mt 28,1-10; Mc 16,1-8; Lc 24,1-12; Jo 20,1-10); Ascensão (Mc 16,19-20; Lc 24,50-53)¹⁰⁸¹. É evidente que os levantamentos dessas citações sinalizam que o ministério público de Jesus e que sua identidade é apresentada no “contexto de seu relacionamento com o Espírito Santo”¹⁰⁸². A tudo isso, acredita-se que uma teologia do Espírito assegure que o texto de Mt 12,22-32, que traz a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, seja um exemplo claro de um “importante episódio de revelação na vida de Cristo que manifesta sua identidade messiânica”¹⁰⁸³. Nesse sentido, Habets faz a seguinte afirmação:

Ler o logion da blasfêmia a partir da perspectiva de uma cristologia do Espírito implica uma atenção especial ao contexto em que a perícopa de Belzebu está localizada, juntamente com uma consciência da obra do Espírito na vida de Cristo adquirida do cânon como um todo. Tal leitura traz à tona as dimensões messiânicas do texto e ajuda a fornecer uma interpretação mais completa do texto¹⁰⁸⁴.

Para Carson “a distinção entre Filho do Homem e o Espírito é relativamente incidental. Afinal, a blasfêmia contra o Espírito também é uma rejeição das próprias afirmações de Jesus”¹⁰⁸⁵. As pressuposições cristológicas da blasfêmia “não são diminuídas, mas aumentam na mudança de uma palavra contra o Filho do homem para blasfêmia contra o Espírito Santo”¹⁰⁸⁶.

A Igreja reconhece o ministério terreno de Jesus, com a autoridade e a unção do Espírito Santo. Jesus cumpriu absolutamente, a missão do Messias, aquele que foi capacitado plenamente pelo Espírito Santo para salvação da humanidade. Os textos veterotestamentários dão provas de que Jesus é o Messias, cheio do Espírito de Deus e que eles “devem ser lidos por nós à luz do Evangelho”¹⁰⁸⁷.

Na relação entre Jesus e o Espírito Santo na obra redentora, o Espírito do Senhor é aquele que convence o homem do pecado e a sua vinda só se deu devido à partida do Filho de Deus. No documento da Igreja há a seguinte afirmação:

¹⁰⁸¹ HABETS, M., *Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin*, p. 46.

¹⁰⁸² HABETS, M., *Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin*, p. 46.

¹⁰⁸³ HABETS, M., *Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin*, p. 47.

¹⁰⁸⁴ HABETS, M., *Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin*, p. 48.

¹⁰⁸⁵ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 346.

¹⁰⁸⁶ CARSON, D. A., *O comentário de Mateus*, p. 346.

¹⁰⁸⁷ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 22-25. Os textos do Antigo Testamento são: Is 11,1-3; 42,1; 48,16; 49,6; 59,21; 61,1-2.

Sob o influxo do Consolador, realiza-se, portanto, a conversão do coração humano, que é a condição indispensável para o perdão dos pecados. Sem uma verdadeira conversão, que implica uma contrição interior, e sem um sincero e firme propósito de mudança, os pecados permanecem ‘não-perdoados’ (retidos), como diz Jesus e, com ele, toda Tradição da Antiga e da Nova Aliança¹⁰⁸⁸.

Os Evangelhos confirmam e exortam no “convencer quanto ao pecado”, e é o Espírito Santo que executa, de forma nova, devido a redenção realizada pelo sangue de Jesus Cristo, o Filho do Homem; é este sangue que “abre ao Espírito Santo, em certo sentido, o caminho para o íntimo do homem, isto é, para o santuário das consciências humanas”¹⁰⁸⁹. Na atualidade, a história humana é dirigida e orientada pela pessoa do Espírito Santo que enviado pelo Pai e pelo Filho, “recorda, ensina, revela e conduz todos os filhos de Deus à verdade e à justiça. Blasfemar contra o Espírito Santo não é apenas negar a messianidade de Jesus, o evangelho ou a Igreja, mas é negar a existência de Deus”¹⁰⁹⁰.

É nessa consciência humana que acontece a influência do Espírito Santo, “o convencer quanto ao pecado”¹⁰⁹¹. Ele está desde o início, no cenáculo, como aquele que comprova que o pecado existe, porém, “o pecado está submetido ao poder salvífico da redenção”, nesse sentido, “o convencer o mundo quanto ao pecado” é uma ação realizada pelo Espírito Santo e é “algo que não para, pelo fato de ele ser chamado com seu nome e identificado por aquilo que ele é, em toda extensão da sua natureza”¹⁰⁹². Ao persuadir o homem quanto ao pecado, o Espírito Santo se depara com a voz das consciências humanas.

O Espírito Santo como aquele que convence o mundo do pecado ao descobrir o mais íntimo da consciência humana, consegue “pôr à mostra as raízes do pecado, que se encontram no íntimo do homem”¹⁰⁹³; é ele que também observa a consciência humana, no que se refere a refletir no mais íntimo ser sobre si mesma, “leva, pois, à descoberta das raízes do mesmo pecado no homem, como também dos condicionamentos da própria consciência no curso da história”¹⁰⁹⁴.

Nesse influxo do Espírito Santo como aquele que convence o mundo quanto ao pecado e conhece o homem no seu mais profundo ser, é que a Igreja não apenas

¹⁰⁸⁸ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 67.

¹⁰⁸⁹ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 67.

¹⁰⁹⁰ MAZZAROLO, I., *O que é o pecado?*, p. 205.

¹⁰⁹¹ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 70.

¹⁰⁹² JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 70.

¹⁰⁹³ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 70.

¹⁰⁹⁴ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 71.

compreende a blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado sem perdão, mas também, indica o que esse pecado é e qual a sua consequência final, afirmando que: “tendo em conta tudo o que temos dito até agora, tornam-se mais compreensíveis algumas outras palavras impressionantes e surpreendentes de Jesus”¹⁰⁹⁵. Essas palavras podem ser denominadas como as palavras do “não-perdão” e estão descritas nos três primeiros Evangelhos e sinalizam que existe um pecado peculiar, a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,31-32; Mc 3,28-29; Lc 12,10)¹⁰⁹⁶.

A Igreja se apoia na exegese que se sustenta na perspectiva de que a blasfêmia não significa propriamente em ultrajar o Espírito Santo com palavras; corresponde, antes, “na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem, mediante o mesmo Espírito Santo agindo em virtude do sacrifício da cruz”¹⁰⁹⁷. Caso alguma pessoa não aceite o permitir-se convencer quanto ao pecado, que é realizado pelo Espírito Santo e tem natureza salvífica, ela recusa contemporaneamente “a vinda do Consolador: aquela ‘vinda’ que se efetuou no mistério da Páscoa, em união com o poder redentor do sangue de Cristo: o sangue que ‘purifica a consciência das obras mortas’”¹⁰⁹⁸.

É sabido que o resultado da purificação é a redenção dos pecados; conseqüentemente, aquele que não aceita o Espírito e o sangue se mantêm nas obras mortas, ou seja, na situação do pecado¹⁰⁹⁹. Nesse sentido, a Igreja acredita que a “blasfêmia contra o Espírito Santo consiste exatamente na recusa radical de aceitar esta remissão; de que ele é o dispensador íntimo e que pressupõe a conversão verdadeira por ele operada na consciência”¹¹⁰⁰.

A falta de perdão, não obtida nem neste século e nem no futuro, causado pela blasfêmia contra o Espírito Santo não é negada porque Deus ou o seu Filho Jesus não quer perdoar, mas “é porque esta ‘não-remissão’ está ligada, como à sua causa, à ‘não penitência’, isto é, à recusa radical a converter-se”¹¹⁰¹. A isso, o documento da Igreja afirma:

Isto equivale a uma recusa radical de ir até as fontes da Redenção; estas, porém permanecem ‘sempre’ abertas na economia da salvação, na qual se realiza a missão

¹⁰⁹⁵ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 74.

¹⁰⁹⁶ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 74.

¹⁰⁹⁷ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75.

¹⁰⁹⁸ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75.

¹⁰⁹⁹ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75.

¹¹⁰⁰ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75.

¹¹⁰¹ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75.

do Espírito Santo. Este tem o poder infinito de haurir destas fontes: ‘receberá do que é meu’, disse Jesus. Deste modo, ele completa nas almas humanas a obra da Redenção, operada por Cristo, distribuindo os seus frutos. Ora, a blasfêmia contra o Espírito Santo é o pecado cometido pelo homem, que reivindica o seu pretensão ‘direito’ de perseverar no mal – em qualquer pecado – e recusa por isso mesmo a Redenção. O homem fica fechado no pecado, tornando impossível da sua parte a própria conversão e também, conseqüentemente, a remissão dos pecados, que considera não essencial ou não importante para sua vida. É uma situação de ruína espiritual, porque a blasfêmia contra o Espírito Santo não permite ao homem sair da prisão em que ele próprio se fechou e abrir-se às fontes divinas da purificação das consciências e da remissão dos pecados¹¹⁰².

A obra do Espírito da verdade, que busca ao salvífico “convencer quanto ao pecado”, se depara com o homem que se encontra “em tal situação uma resistência interior, uma espécie de impermeabilidade da consciência, um estado de alma que se diria endurecido em razão de uma escolha livre”¹¹⁰³. Essa situação é denominada na Escritura como “dureza de coração” (Sl 81,13; Jr 7,24; Mc 3,5)¹¹⁰⁴, ou seja, o homem por sua livre escolha e por seu endurecimento voluntário do seu interior, se fecha ao perdão oferecido por Deus Pai, manifestado por seu Filho Jesus Cristo e pela ação do Espírito Santo, que convence o homem quanto ao pecado¹¹⁰⁵.

O fato de alguém pecar contra o Espírito Santo, não significa que haja uma “possível decisão de Deus de oferecer a salvação a essa pessoa noutra ocasião. O fato de a possibilidade permanecer sempre aberta é o que expressa de forma inequívoca a confirmação de que falar contra o Filho do Homem será perdoado”¹¹⁰⁶. Essa proposta é feita aqui para os fariseus e para qualquer pessoa que duvide de Jesus, um convite à salvação. Com efeito, não se pode condenar nem os fariseus, nem os judeus e muito menos qualquer um que tenha duvidado de Jesus, porque eles serão perdoados por terem pecado contra o Filho do homem¹¹⁰⁷.

Em alguns momentos do Novo Testamento, a blasfêmia contra o Espírito Santo é denominada de pecado contra o Espírito Santo. Qualquer tipo de pecado é contra o Espírito Santo, já que ele é Deus, e todo pecado é contra Deus. Sem exceção, seja qual for o pecado, que não tenha sido expiado, seria imperdoável, pois

¹¹⁰² JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 75-76.

¹¹⁰³ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 76.

¹¹⁰⁴ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 76. Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento alertam a respeito da dureza de coração.

¹¹⁰⁵ JOÃO PAULO II, PP., *Dominum et vivificantem*, p. 76-79.

¹¹⁰⁶ GRILLI, M.; LANGNER, C., *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 333.

¹¹⁰⁷ GRILLI, M.; LANGNER, C., *Comentario al Evangelio de Mateo*, p. 333.

“sem derramamento de sangue não há remissão” do pecado¹¹⁰⁸. Nesse sentido, os pecados não expiados na cruz do Calvário podem ser chamados de imperdoáveis. Porém, não foi isso que Jesus disse; ele afirmou que, todos os pecados e blasfêmias serão perdoados, à exceção do pecado identificado como “a blasfêmia contra o Espírito Santo”¹¹⁰⁹. Ele é um pecado certo e peculiar e é reconhecido como sem perdão. Mazzarolo afirma o seguinte a respeito do pecado irremissível:

Deus promete o perdão, mas o pecado contra o Espírito Santo não será perdoado, porque ele é uma negação a Deus, negação à existência de uma vida para além da morte, negação da dignidade do outro, rejeição ao amor e à justiça, enfim, negação da revelação divina, que estabelece todas as criaturas como obra de Deus. O pecado contra o Espírito Santo é a situação permanente do estado de pecado, por ser uma prática contra todos os ensinamentos divinos revelados. Alguém que faça uma opção consciente e permanente de resistência às verdades reveladas e faça em sua vida uma opção pela injustiça, pela ganância, pela tirania, estará dizendo um não a Deus e ao Espírito Santo¹¹¹⁰.

Os leitores que não viveram no contexto de Mt 12,22-32 não devem retirar esse dito do seu período histórico e evangélico original; mas precisam lê-lo com parte do conjunto dos três sinóticos em que está composto. Para Bolt, o ocorrido desse evento e “nesse contexto, Jesus adverte Israel a reconhecê-lo e a responder a ele adequadamente. Os leitores posteriores dos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) têm a história completa de Jesus, sobre todos os mistérios sobre ele revelados”¹¹¹¹. Com isso, fica claro que Jesus realizou todo o seu ministério terreno e ele é a proclamação do perdão dos pecados. Por esse motivo, é fundamental considerar Jesus Cristo como a “única fonte de perdão e evitar falar contra ele”¹¹¹².

Nos círculos das diversas tradições cristãs orientais e ocidentais da atualidade, sempre aparece a questão do pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo. Há aqueles que duvidam se cometeram esse terrível pecado e se é possível cometê-lo hoje. Para Sproul, o homem, mesmo depois de sua conversão, pode e ao mesmo tempo não pode pecar contra o Espírito Santo como ele mesmo afirma:

Quando me perguntam se os cristãos estão sujeitos a cometer o pecado imperdoável, eu sempre respondo que sim e que não. Eu creio que nós, crentes, temos em nós mesmos a capacidade de blasfemar contra o Espírito Santo. Tal capacidade não é

¹¹⁰⁸ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 223.

¹¹⁰⁹ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 223.

¹¹¹⁰ MAZZAROLO, I., *O que é o pecado?*, p. 211.

¹¹¹¹ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 25.

¹¹¹² BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 25.

eliminada do coração pela conversão. Contudo, estou convencido de que Deus, em sua misericórdia e graça, não permite que os crentes cometam este pecado. O apóstolo Paulo diz que ‘aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus’ Fp 1,6. Parte desta boa obra envolve impedir-nos de cometer este terrível pecado. Se Deus não o fizesse, nós estaríamos sujeitos a cometê-lo e, sem dúvida, o cometeríamos. Mas porque ele nos impede, nós não o cometemos. Nisto reside nosso conforto: que a fraqueza da carne é vencida pela graça de Deus¹¹¹³.

O homem é um ser de decisão, ele tem liberdade para fazer as suas escolhas e, jamais, o Senhor Deus intervém na liberdade que ele mesmo concedeu ao homem. A blasfêmia contra o Espírito Santo, o pecado imperdoável, é uma decisão deliberada da pessoa, é ela que toma a iniciativa de rejeitar o favor da graça de Deus, fechando-se ao que o homem pode ter de mais sublime, o perdão e a misericórdia de Deus. Nesse sentido, é possível ao ser humano, em suas próprias vontades e desejos, afastar-se de Deus e não receber o perdão divino, nem neste mundo e nem no mundo vindouro.

Boice interpreta da mesma forma se o cristão de hoje comete ou não a blasfêmia contra o Espírito Santo. Palavras que revelam o não perdão da parte de Deus, como estas de Mt 12,31-32 são assustadoras e pretendem ser, porém, para esse autor, elas “foram desnecessariamente alarmantes para algumas pessoas. A maioria dos ministros fez com que as pessoas se perguntassem se cometeram o pecado imperdoável quando não fizeram nada disso”¹¹¹⁴. Segundo essa interpretação, o fato de alguém estar com medo de ter cometido o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, “é a melhor prova possível de que não o fizeram”¹¹¹⁵.

Ao ser questionado se alguém pode blasfemar contra o Espírito Santo nos dias atuais, Franklin afirma que “esta é, e deve permanecer, uma pergunta arbitrária”¹¹¹⁶. Os que entendem que este tão terrível pecado é possível hoje, não podem insistir muito fortemente, pois a graça de Deus está reinando. É verdade que a blasfêmia

¹¹¹³ SPROUL, R. C., Mateus, p. 339. Sproul continua a fazer as suas afirmações a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo dizendo: “Blasfêmia é uma calúnia muito séria contra Deus. Toda blasfêmia é um pecado grave. Se você é culpado de blasfemar rotineiramente contra Deus usando o nome do Pai ou do Filho de forma banal, precisa implorar por perdão. Nesta passagem, Jesus nos assegura de que a blasfêmia contra o Pai ou o Filho será perdoada. Além do mais, eu acredito piamente que Deus impede todos os seus de cometerem o pecado imperdoável, isto é, de blasfemar contra o Espírito Santo. Portanto, se você confia em Jesus quanto à salvação, confie também que ele o impedirá de blasfemar contra o Espírito Santo”.

¹¹¹⁴ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 214.

¹¹¹⁵ BOICE, J. M., The Gospel of Matthew, p. 214; Weber, S. K., Matthew, p. 178; BRUNER, F. D., Matthew, p. 567.

¹¹¹⁶ FRANKLIN, B., The blasphemy against the Holy Ghost, p. 231.

tenha sido cometida nos tempos de Jesus, “mas não necessariamente segue que poderia ser cometido em sua ausência”¹¹¹⁷. Essa premissa de que o pecado imperdoável, a blasfêmia contra o Espírito Santo, não pode ser cometido por alguém na Igreja hodierna, não coaduna com Mt 12,31-32, haja vista que não existe uma temporalidade para o pecado, é possível sim, alguém se fechar e rejeitar completamente a graça e o favor perdoador de Deus. Nesse sentido, qualquer pessoa pode ser passiva a esse terrível tropeço e não alcançar o perdão nem neste mundo nem no vindouro.

O dito de Mt 12,31-32 não representa uma fronteira arbitrária para o perdão de Deus. Stoll afirma que esse texto tem um teor dogmático e diz “Há também um lado dogmático na questão, pois aparentemente envolve a possibilidade da remissão dos pecados, seja por parte de Deus ou por parte da Igreja”¹¹¹⁸. Como o perdão está na pessoa e na obra de Jesus Cristo “se alguém o entender mal e o descrever como algo que ele não é, essa pessoa automaticamente se afasta do perdão”¹¹¹⁹. Porém, caso alguém em algum momento se arrependa e o reconheça por quem ele é verdadeiramente, “então, ele abraça o perdão ao abraçar a ele. Isso não é arbitrário, mas lógico e necessário, pois o perdão dos pecados é encontrado apenas em Jesus”¹¹²⁰.

Segundo Mazzarolo, nem Deus e nem o Espírito Santo podem ser responsabilizados pela falta de perdão por causa da blasfêmia e afirma: “o não perdão não é uma ação de Deus ou do Espírito Santo, mas da pessoa que, na sua autonomia, liberdade e conhecimento rejeita a existência de Deus pela sua conduta, obstruindo a possibilidade de a graça e a misericórdia atuarem nela”¹¹²¹.

Como dito acima, as interpretações do texto de Mt 12,22-32 não se distanciam muito da tradição patrística e da tradição da Igreja da atualidade. A questão do endemoniado cego e mudo que culminou no incidente e na sentença de Jesus a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo é cara a ambos os tempos da comunidade de fé. O tema também se reveste de uma importância na perspectiva bíblica, pois está materializado no texto sagrado; no aspecto teológico, porque o texto tem um teor cristológico, pneumatológico e soteriológico; e uma compreensão

¹¹¹⁷ FRANKLIN, B., *The blasphemy against the Holy Ghost*, p. 231.

¹¹¹⁸ STOLL, R. F., *The unforgiven sin*, p. 241.

¹¹¹⁹ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 25.

¹¹²⁰ BOLT, P. G., *Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics*, p. 25.

¹¹²¹ MAZZAROLO, I., *O que é o pecado?*, p. 211.

pastoral, uma vez que a blasfêmia contra o Espírito Santo surge na Igreja e precisa ser respondida pela Igreja.

Os seguidores de Cristo devem sempre permanecer com os seus corações abertos. Isso implica dizer que eles não podem se tornar cegos e mudos, como o caso descrito em Mt 12,22-32, que apontou e aponta para a realidade religiosa de Israel e a da atualidade, que chegaram ao ponto de não verem e nem reconhecerem ao Senhor Jesus e, de não ouvirem e nem saberem discernir a voz daquele que é manso e humilde de coração (Mt 11,28-28). Nesse contexto, os homens e mulheres incorrem no erro de rejeitarem a Cristo de forma definitiva, se tornando fechados ao perdão oferecido por Deus Pai, mediante a seu Filho Jesus, através do Espírito Santo que convence o homem enquanto ao pecado.

É preciso deixar claro que a falta de perdão não é porque Deus não queira perdoar o homem, mas sim, porque ele se fecha ao agir do Espírito de Deus, que atua e ainda hoje fala por meio da Igreja e que deseja encontrar corações dispostos a ouvirem a sua voz e serem alcançados pela graça e terem os seus pecados perdoados, pois todos os pecados e blasfêmias serão perdoados aos homens.

7 Conclusão

Ao escolhermos a perícopre de Mt 12,22-32, foi-nos permitido ter a oportunidade de prescrutar a temática a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo e o não perdão a partir da Análise Retórica Bíblica Semítica e fazer uma análise exegética do inteiro escrito de Mt 12,22-32. Além disso, o presente texto proporcionou a comparação das passagens paralelas de Mc 3,20-30 e Lc 11,14-23; 12,10. Colocando este tema em destaque, consegue-se compreender a importância de um assunto tão relevante para a comunidade de fé.

Salta aos olhos, em um sentido de espanto, as severas palavras encontradas em Mt 12,22-32. Elas falam de uma situação séria em que pode chegar o homem que despreza a graça de Jesus. Essas palavras escritas no Evangelho de Mateus são a blasfêmia contra o Espírito Santo e o não perdão causado por esse terrível pecado. Em todo texto neotestamentário, de forma excepcional, Mt 12,22-32 e seus paralelos são os únicos que trazem a frase “não será perdoado” (Mt 12,31-32), “não tem perdão” (Mc 3,28-29) e “não será perdoado” (Lc 12,10), de maneira definitiva, no presente e no porvir aos que blasfemam contra o Espírito Santo.

Esse assombro por tais palavras (Mt 12,31-32), é causado pelo fato de sempre ler-se a respeito de um Deus que está sempre pronto a perdoar, e agora, aparece um tipo de pecado que impossibilita o perdão divino, causado por uma transgressão que não há em outros lugares do Novo Testamento essa estrutura afirmativa da *imperdoabilidade*.

Tanto a comunidade mateana como os opositores de Jesus, os fariseus, conheciam os mandamentos veterotestamentários a respeito da blasfêmia. Lá, já existem leis que direcionavam o povo da antiga aliança e uma delas era o apedrejamento daqueles que blasfemavam contra Deus (Lv 24,10-23). Os que cometiam esse pecado no contexto da Lei mosaica não eram perdoados, ou seja, a blasfêmia contra Deus não tinha perdão – e o escrito de Lv 24,10-23 deixa claro que os que viviam no período da encarnação do Filho de Deus sabiam qual era a sentença final para o blasfemador – e por isso, entenderam quando Jesus falou sobre não haver perdão para aqueles que cometem blasfêmia.

Há uma diferença entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento no que diz respeito ao perdão. Naquele, não é encontrado uma facilidade em perdoar, pois

é visto a lei do talião, que punia o infrator da mesma maneira e com o mesmo grau de sua infração: “olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe” (Ex 21,24). Não havia meio termo, quem obedecesse à Lei seria abençoado e os desobedientes não alcançariam a bênção. Nesse, as coisas mudam, o perdão está em todas as partes dos textos neotestamentários, na oração do Pai nosso (Mt 6,9-13). O próprio Jesus fez uma citação direta de Ex 21,24 em Mt 5,38-39 e afirma: “Ouvistes que foi dito: olho por olho e dente por dente. Mas eu vos digo não resistir ao malvado; mas o que bate em tua face direita, vira para ele também a outra”. Os inimigos agora são perdoados, as ofensas precisam ser deixadas de lado, pois o amor, a justiça, a misericórdia e o perdão são a tônica da proclamação evangelística de Jesus, de seus discípulos de sua Igreja.

O Evangelho de Mateus não esconde e nem foge das questões mais polêmicas que ocorreram no período de seu desenvolvimento, bem como no registro das obras realizadas por Jesus e os seus embates, principalmente contra os fariseus, os opositores mais ferozes dele. Dentre estas controvérsias, tem-se as: a fuga de Jesus para o Egito e o infanticídio realizado por Herodes (Mt 2,13-23); a pessoa de João, o Batista (Mt 11,2-15); a recriminação contra as cidades incrédulas da Galileia (Mt 11,20-24); o ápice das controvérsias (Mt 12), incluindo a blasfêmia contra o Espírito Santo; a morte de João (Mt 14,1-12); as tradições dos fariseus (Mt 15,1-20); o pedido de um sinal pelos fariseus e saduceus (Mt 16,1-12); o discurso eclesial (Mt 18); o divórcio (Mt 19,1-12); a ambição do assentar-se à direita e à esquerda de Jesus (Mt 20,20-28); a traição de Judas (Mt 26,21-25.47-56); e a negação de Pedro, o principal discípulo (Mt 26,69-75).

É nessa perspectiva que surge a problemática da blasfêmia contra o Espírito Santo e o não perdão (Mt 12,22-32). Tem-se um texto (Novo Testamento), todo voltado para o convite perdoador de Deus aos homens, mas que revela e não omite, um pecado que impossibilita a remissão, o pecado contra o Espírito Santo. Ele é o limite, uma barreira criada pelo próprio homem, como resistência ao chamado divino que propõe uma nova vida, em que a pessoa consegue por meio de Cristo ser perdoado e se sentir perdoado. Não obstante, o fechamento intencional e consciente para o perdão do Pai, faz com que o ser humano fique de fora de tão grande benevolência oferecida por Deus, através de seu Filho Jesus Cristo e operada pelo Espírito Santo que convence o homem quanto ao pecado.

Ao chegarmos à conclusão desta pesquisa, foi analisado em um primeiro momento, questões introdutórias sobre o Evangelho de Mateus, no qual se identificou a autoria e os destinatários do escrito mateano; o lugar onde foi desenvolvido o texto de Mateus, com um assento mais aceitável para a cidade de Antioquia da Síria; a comunidade mateana, com suas diversidades culturais, mas com uma fé fundamentada no Filho de Davi; e a teologia, que abarca uma cristologia, eclesiologia e escatologia. Tudo isso foi realizado para alcançar-se o *Sitz in Leben* em que a temática considerada tenha ocorrido. Além disso, tais perspectivas do primeiro Evangelho possibilita uma cosmovisão do que o autor desejou transmitir para a primeira comunidade de fé e ainda fala aos corações dos fiéis da atualidade.

Em um segundo momento, fizemos uma investigação a partir de diversos comentários e artigos (trinta e dois comentários e vinte e dois artigos) desenvolvidos por estudiosos do Evangelho de Mateus em um período de ao menos uns sessenta anos de pesquisa, com exceção da *Catena Aurea* de Tomás de Aquino, que agrupou documentos de alguns Padres da Igreja a respeito do livro mateano e chegando aos dias atuais, com livros e artigos escritos no século XXI, com a presença de diversas correntes do cristianismo e obras escritas em várias línguas e traduzidos em diversos idiomas. Nesse capítulo, a atenção se delimitou a pesquisar o que os autores listados interpretaram de Mt 12,31-31, que é o texto-chave do presente estudo.

A conclusão que se chegou é que mesmo que um ou outro não tenham comentado e nem mesmo citado nada a respeito de Mt 12,31-32, a maioria desses pesquisadores do Novo Testamento interpretou, concordando entre si, que a blasfêmia contra o Espírito Santo é a rejeição deliberada, consciente e definitiva do homem de aceitar a salvação e a graça de Deus que é oferecida pelo seu Filho Jesus, que operou suas obras pelo poder do Espírito Santo, que ilumina o ser humano, convencendo-os quanto ao pecado. Essa profunda rejeição faz com que a pessoa atribua a Satanás as manifestações milagrosas de Jesus, transformando luz em trevas e bem em mal e, se tornando assim, alguém que não mais consegue alcançar o perdão.

O fato de a blasfêmia ser um pecado imperdoável, não significa que Deus seja incapaz de perdoar, mas a incapacidade vem a partir da atitude do blasfemador que rejeita a bondade divina do perdão. Deus sempre está e estará aberto ao poder

perdoador para que se alguém se aproximar dele alcance misericórdia e graça, porém, aquele que se fecha, cauterizando a sua mente e coração de modo que não haja espaço para o perdão, tal pessoa blasfema contra o Espírito Santo. E é por meio dessa mesma interpretação de Mt 12,31-32, que os autores acreditam que o pecado imperdoável não encontre a remissão nem nesse mundo e nem no vindouro pela própria culpabilidade do homem que rejeita o perdão.

Em um terceiro momento, buscou-se fazer uma análise crítica de Mt 12,22-32. Nesta parte, foi feito um exame aprofundado de cada versículo desta perícopé, entendendo a importância que os pesquisadores deram ao interpretar a tese que foi proposta a ser investigada nos objetos formal e material deste texto com a temática da blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica (Mt 12,22-32). Aqui, usou-se algumas etapas do Método Histórico-Crítico para se alcançar uma melhor compreensão do tema.

Tendo realizado a análise crítica de Mt 12,22-32, concluiu-se que a partir da crítica textual, o texto em questão deve ser aceito como aquele que mais se aproxima do original, com base nos critérios internos e externos. A presente perícopé também faz parte da terceira seção narrativa do escrito mateano (Mt 11–12) e pode ser dividida em três partes: 1) vv.22-24; 2) vv.25-30; 3) vv.31-32. No que diz respeito ao gênero literário de Mt 12,22-32, aceita-se que a *creia* ou *apotegma* seja o gênero predominante desta perícopé, e que o lugar vivencial (*Sitz in Leben*) deste texto é a pregação e o ensino catequético. Além do mais, a exegese revelou que o texto de Mt 12,22-32 faz paralelo com Mc 3,20-32 e Lc 11,14-23; 12,10, em que há semelhanças e diferenças entre eles, e que foi uma construção entrelaçada das tradições marcana e da fonte Q.

As análises críticas de Mt 12,22-32 demonstrou que a narrativa da cura do endemoniado cego e mudo apenas serviu com introdução para uma problemática bem maior do que parece. Por detrás de todo aquele milagre, estava a dúvida das multidões em torno de que Jesus seria realmente o Messias e a incredulidade dos fariseus, ao ponto de blasfemarem contra o Espírito Santo, afirmando que Jesus expulsava os demônios pelo poder de Beelzebul. A resposta de Jesus (Mt 12,25-32) traz, realmente, à luz o que estava acontecendo no ato milagroso realizado pelo Filho de Deus. Os opositores de Jesus não estavam apenas aflorando uma simples incredulidade, pois a isso, existe possibilidade de perdão, mas o que eles estavam tentando era muito maior do que se imaginava, os fariseus estavam se fechando

completamente ao chamado divino para uma nova vida de perdão em Cristo através da ação convencedora do Espírito Santo. Então, Mt 12,31-32 registra as severas palavras de Jesus e os alerta a respeito do perigo em que estavam se envolvendo, eles se fecharam e cometeram o pecado imperdoável, e esse é o cerne principal da narrativa de Mt 12,22-32.

Em um quarto momento, apresentou-se a aplicação do método sincrônico da Análise Retórica Bíblica Semítica no Evangelho de Mateus e especialmente no texto de Mt 12,22-32, em que se viu as contribuições e os frutos que o presente método pode oferecer ao texto bíblico, e eles são: 1) delimitação de unidades literárias: é um fruto da análise retórica que fornece critérios para delinear as unidades literárias nos variados níveis de sua estrutura; 2) interpretação: na perícopes a estrutura retórica auxilia na identificação das simetrias, oposições e identidades que permitem o reconhecimento das relações estruturantes entre elementos, para uma melhor percepção do texto; 3) ser capaz de ler juntas diversas perícopes e de contribuir no realce e no efeitos do sentido e tema, que possivelmente não alcança-se quando são lidas as passagens separadamente; 4) tradução: Quando as recorrências lexicais desempenham uma função retórica na composição do texto, devem ser respeitadas na medida do possível. se elas constroem, pelo menos em pontos importantes, uma ênfase estilística no significado do evangelho, elas devem ser traduzidas; 5) crítica textual: a Análise Retórica Bíblica Semítica pode contribuir na crítica textual, pois ao observar o paralelismo dos membros, permite corrigir possíveis erros dos copistas, verificar e confirmar uma correção oferecida por um manuscrito ou uma versão antiga; 6) critérios científico-linguísticos constituem um fruto da Análise Retórica Bíblica Semítica que fornece procedimentos para delimitar as unidades literárias nos seus variados níveis de estrutura do texto, para alcançar o contexto.

Além disso, foi determinado que a partir de análises textuais, Mateus tem uma estrutura quiástica com Mt 13 sendo o centro do primeiro Evangelho e que ele é desenvolvido de forma entrelaçada entre discursos e narrativas. Em seguida, com o uso desse mesmo método nos textos narrativos de Mt 11–12, ficou evidente as estruturas em quiasmos, paralelos sintéticos e que a unidade dessa seção demonstra uma formação concêntrica, com uma citação direta de Is 42 no centro.

Dentro do texto em si (Mt 12,22-32), a Análise Retórica Bíblica Semítica evidenciou a importância do contexto semítico, pois a blasfêmia contra o Espírito

Santo é entendida como a rejeição deliberada, voluntária e consciente da graça de Deus operada por meio de Jesus Cristo pelo poder do Espírito. A estrutura retórica é vista quando Jesus aplica um método inverso para contrapor os seus opositores. Além disso, Análise Retórica Bíblica Semítica sublinha o tom irônico de Jesus, porque ele inverte a acusação dos fariseus e os acusa de terem blasfemado contra o Espírito Santo.

Por fim, há a Análise Retórica de Mt 12,22-32, em que permitiu-se observar a ênfase entre os paralelos compostos dos vv.31-32 que enfatizam o perdão e a falta de perdão para quem blasfema contra Deus e contra o Filho do Homem e a blasfêmia contra o Espírito Santo.

Em um quinto momento, foi realizado um Comentário exegético de Mt 12,22-32, em que chegou à conclusão de que a presente perícopa pode ser dividida em três partes: 1) A cura do endemoniado cego e mudo (Mt 12,22-24); 2) A resposta de Jesus aos fariseus (Mt 12,25-30); 3) A blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,31-32). Além disso, o comentário exegético proporcionou demonstrar a riqueza de vocabulários com termos bem elaborados e até *hapax legomenon* (ἐξίστημι). Os relatos de curas e milagres em Mateus, serviram para apresentar o uso dos títulos cristológico de Jesus como “Filho do homem” e “Filho de Davi”. O comentário exegético de Mt 12,22-32 deixou evidente as manifestações dos demônios causando enfermidades e a referência a Beelzebul como o príncipe dos demônios.

A parte final do comentário exegético (Mt 12,31-32), é a que traz a dura sentença a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo. Aqui, conclui-se que a afirmação de Jesus é precisa, a blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão nem neste mundo e nem no mundo vindouro. No que diz respeito a sentença sobre a “a blasfêmia contra o Espírito”, que é o pecado imperdoável, conclui-se que ela consiste na rejeição consciente, deliberada e perversa da manifestação salvífica da graça de Deus, ofertada ao homem por meio de suas obras e do sacrifício vicário de Jesus na cruz do Calvário, mediante a manifestação do Espírito Santo, como o que convence o homem do pecado.

E por fim, em um último momento, examinou-se a interpretação de Mt 12,22-32 na perspectiva bíblica-teológica-pastoral, com ênfase nos comentários interpretativos dos Pais da Igreja e da comunidade de fé da atualidade. Tanto a visão dos primeiros teólogos como os modernos, percebe-se que eles se diferenciaram em alguns aspectos a respeito do conteúdo de Mt 12,22-32 ao compreender que o

milagre realizado por Jesus apenas foi uma introdução para revelar a verdadeira intenção dos corações farisaicos daquele tempo e a declaração emblemática e atípica de um pecado irremissível denunciado por Jesus. No entanto, a problemática da blasfêmia contra o Espírito Santo, em Mt 12,22-32, é um questionamento que surge na tradição da Igreja, de maneira que, em alguns momentos dessa tradição, o homem pode cometer tal pecado e em outros momentos não. O que realmente não se deve negar é a impossibilidade de perdão da parte de Deus aos homens, por esses terem rejeitado voluntariamente o perdão divino e que essa assombrosa realidade ainda permeia no seio da tradição de fé na atualidade.

Nessa mesma parte, concluiu-se que a blasfêmia contra o Espírito Santo é realmente uma ação humana de rejeitar a benevolência do perdão de Deus e se fechar a essa graça de ser perdoado pelo Filho de Deus. Desta forma, é preciso levar a sério uma realidade como essa, pois se for universalizar o pecado imperdoável, a Igreja não tem mais o que fazer, mas se alguém disser que não existe, faz Jesus de mentiroso, pois tem-se as palavras dele registradas não somente em um Evangelho, mas em três.

Portanto, pesquisar sobre a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo e o (não) perdão à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica mostrou que a temática em evidência se reveste de uma importância não apenas para o mundo acadêmico, mas também para as comunidades de fé, que vez em quando se pergunta se realmente blasfemou contra o Espírito Santo, e essa dúvida já demonstra que não houve intenção de se realizar tal pecado e se, porventura, tivesse acontecido, se buscaria imediatamente o perdão de Deus. Essa temática também serve para todos aqueles que queiram conhecer o assunto, pois esta pesquisa também pode contribuir como um instrumento motivador para novas e futuras análises a respeito da blasfêmia contra o Espírito Santo, seja na tradição de Mateus, seja na tradição dos outros Evangelhos (Marcos e Lucas).

8

Referências Bibliográficas

8.1

Fontes, Ferramentas e Comentários

ADAMCZEWSKI, B. **The Gospel of Matthew**. A Hypertextual Commentary. Frankfurt: Peter Lang GmbH, 2017.

AGOSTINHO. **Obras de San Agustín**. v. 7, sermones. Madrid: BAC, 1964.

AGOSTINHO. **Obras completas de San Agustín**. v. 10, sermones (2º) 51-116. Sobre los Evangelios Sinópticos. Madrid: BAC, 1983.

ALAND, K.; ALAND, B. **O texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALBRECHT, G. J.; ALBRECHT, M. J. (BRAUN, J. A.; PANNING, A. J. C. A.; JAHN, C. A. (Orgs.)). **Mateo**. Milwaukee, WI: Editorial Northwestern. 2002. p. 173–177.

ALBRIGHT, W. F.; MANN, C. S. **Matthew**. The Anchor Bible: Yale University Press, 2011.

ALFORD, H. **Alford's Greek Testament: an exegetical and critical commentary**. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010.

ALLEN, W. C. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Matthew**. New York: C. Scribner's Sons. 1907.

ALONSO SCHÖKEL, L. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.

AMBRÓSIO DE MEDIOLANO. *Expositio Evangelii Secundum Lucam*. In: MIGNE, J. P. **Patrologiæ, Series Latina**, Tomus XV. Paris: Petit-Montrouge, 1845, p. 1527-1850.

ARGYLE, A. W. **The Gospel According to Matthew**. Euston Road, London: Cambridge University Press, 1963.

ARTOLA, A. M.; CARO, J. M. S. **A Bíblia e a Palavra de Deus**. São Paulo: Ave Maria, 2011.

ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. *Fragmenta in Matthæum*. In: MIGNE, J. P. **Patrologiæ, Series Grægæ**, Tomus XXVII. Paris: Petit-Montrouge, 1957, p. 1363-1390.

BACON, B. W. **Studies in Matthew**. London: Constable & Company Limited. 1930.

- BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. Mateus. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 187-192.
- BARRERA, J. T. et al. **A Bíblia e seu contexto**. São Paulo: Ave-Maria, 2010.
- BARTOLOMÉ, J. J. Resenha da pesquisa crítica sobre os milagres de Jesus. In: AGUIRRE, R. (Org.). **Os milagres de Jesus**. Perspectivas metodológicas plurais. São Paulo: Loyola, 2009. p. 13-50.
- BASSER, H. W.; COHEN, M. B. **The Gospel of Matthew and Judaic Traditions**. A Relevance-Based Commentary. Boston: Brill, 2015.
- BAUER, D. R. **The structure of Matthew's Gospel**. A Study in Literary Design. Decatur: The Almond Press, 1989.
- BEYER, H. W. θεραπεύω. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 3. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 128-131.
- BEYER, H. W. Βλασφημέω, βλασφημία, βλάσφημος. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**. v. 1, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 621-625.
- BERGER, K. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BLOMBERG, C. L. **Matthew**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992.
- BLOMBERG, C. L. Mateus. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 1-138.
- BOICE, J. M. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2001.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento: História, Literatura e Teologia**. v. 2, Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2016.
- BOXALL, I. **Matthew through the centuries**. Wiley Blackwell Bible commentaries. Hoboken: John Wiley & Sons Ltd, 2019.
- BRUCE, F. F. "The background to the Son of Man sayings", In: RAWDON, H. H. (Ed.). **Christ the Lord, Studies in Christology presented to Donald Guthrie**. Leicester: Inter-Varsity Press, 1982. p. 50-70.
- BRUCE, F. F. **Merece Confiança o Novo Testamento?** São Paulo: Vida Nova, 2010.

- BRUNER, F. D. **Matthew**: A Commentary the Christbook, Matthew 1–12. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company. 2007.
- BÜCHSEL, F. ἐνθύμησις. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, v. 3, 1964. p. 172.
- BULTMANN, R. ἀφίημι. In: Kittel, G., Bromiley, G. W., & Friedrich, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**. v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 509-514.
- BUSHELL, M. S. **Bible Works for Windows**. Version 10. Norfolk, Va: Bible Works, LLC, 2015.
- CARD, M. **Matthew**: The Gospel of identity. Illinois: Downers Grove, 2013.
- CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave Maria, 2000.
- CARNEIRO, M. S. **Os Evangelhos sinóticos**. Origens, memória e identidade. São Paulo: Fonte editorial / Edições Terceira Via, 2016.
- CARSON, D. A. Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (Org.). **The Expositor's Bible Commentary**: Matthew, Mark, Luke, v. 8, Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1984. p. 287-292.
- CARSON, D. A. Christological ambiguities in the gospel of Matthew. In: ROWDON, H. H. (Ed.). **Christ the Lord. Studies in Christology Presented to Donald Guthrie**. Leicester: Inter-Varsity Press, 1982. p. 97-114.
- CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: SHEDD, 2010.
- CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMBLIN, J. K. **Matthew**: A Mentor Commentary. Ross-Shire: Mentor, 2010.
- CHAMPLIN, R. N. **Mateus e Marcos**. In: O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 389-395.
- CHAMPLIN, R. N. **Filipenses a Hebreus**. In: O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 601-863.
- CHOURAQUI, A. **A Bíblia, Matyah (O Evangelho Segundo Mateus)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- COMFORT, P. W. **A commentary on the manuscripts and text of the New Testament**. Grand Rapids: Kregel Academic, 2015.

- COUSLAND, J. R. C. **The crowds in the Gospel of Matthew**. Leiden; Boston; Köln Brill, 2002.
- CULLMANN, O. **Pedro**. Discípulo – Apóstolo – Mártir. São Paulo: Aste, 2015.
- CUVILLIER, E. O Evangelho Segundo Mateus. In: MARGUERAT, D. (Org.) **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2012. p. 81-106.
- DAVIES, M. **Matthew**. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2009.
- DEBRUNNER, A. λέγω. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 4, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 69-73.
- DE CARLO, F. **Vangelo secondo Matteo: nuova versione, introduzione e comentario**. Milano: Paoline, 2016.
- DEINES, R. The Holy Spirit in Matthew's Gospel. In: WHITE, A.; WENHAM, D.; EVANS, C. A. (ed.). **The Earliest Perceptions of Jesus in Context**. Essays in Honor of John Nolland: Bloomsbury Publishing, 2018. p. 213-235.
- DEIROS, P. A. **Mateus o Evangelho do reino**. Novo comentário bíblico vida. São Paulo: Vida, 2021.
- DI PAOLO, R. **Il servo di Dio porta il diritto alle nazioni: analisi retorica di Matteo 11–12**. Roma: Gregorian University Press, 2004.
- EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ESBENSEN, M. J. **The kingdom of God in the Gospel of Matthew**. Melbourne, 2010. 158p. Dissertação. Faculdade de teologia, Melbourne College of Divinity.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica: Os primeiros quatro séculos da Igreja de Cristo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- EVANS, C. A. **Matthew**. New York: Cambridge University Press, 2012.
- FABRIS, R. **As Cartas de Paulo III**. São Paulo: Loyola, 1992.
- FITZMYER, J. A. **A interpretação da Escritura**. Em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Loyola, 2011.
- FOERSTER, W. δαίμων, δαιμόνιον. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v.2, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 1-20.

- FOERSTER, W. Βεεζεβούλ. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 605-606.
- FOERSTER, W. σατανᾶς. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 151-163.
- FRANCE, R. T. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publication Co. 2007.
- GALLAZZI, S. **O Evangelho de Mateus: Uma leitura a partir dos pequeninhos**. São Paulo: Fonte editorial / Santuário, 2013.
- GARDNER, R. B. **Matthew**. Scottdale, PA: Herald Press, 1991.
- GIBBS, J. A. **Matthew 11:2–20:34**. Saint Louis, MO: Concordia Publishing House, 2010.
- GNILKA, J. **Il vangelo di Matteo**. Comentario teológico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia Editrice, 1990.
- GONZAGA, W. Introdução. In: GONZAGA, W. (et alii). **Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / Letra capital, 2022. p. 7-18.
- GONZAGA, W. “A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”. In: MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). **Exegese, teologia e pastoral: relações, tenções e desafios**. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. p. 201-235.
- GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon bíblico**. Lista bilingues dos catálogos bíblicos Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GRAZIANO, F. **La composizione letteraria del vangelo di Matteo**. Leuven: Peeters, 2020.
- GRILLI, M.; LANGNER, C. **Comentario al Evangelio de Mateo**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2011.
- GUNDRY, R. H. **Matthew**. A Commentary on His Literary and Theological Art. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, 1982.
- HAGNER, D. A. **Matthew 1–13**. v. 33B. Word Biblical Commentary. Dallas: Word Books, 1995.
- HARE, D. R. A. **Matthew**. Louisville, KY: John Knox Press, 1993.

- HARRINGTON, D. J. **Il Vangelo di Matteo**. Torino: Editrice Elledici, 2005.
- HARRINGTON, D. J. **The Gospel of Matthew**. (HARRINGTON, D. J. Org.) Collegeville, MN: Liturgical Press. v. 1, 2007. p. 181–187.
- HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. V. **Nova chave linguística do Novo Testamento grego**. Mateus – Apocalipse. São Paulo: Targum / Hagnos, 2009.
- HAUEK, F. ἐκβάλλω. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 527-528.
- HENDRIKSEN, W. **Mateus**. v. 1. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- HENDRIKSEN, W. **Mateus**. v. 2. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- HILÁRIO POITIERS. *Comentarius in Evangelium Matthæi*. In: MIGNE, J. P. **Patrologiæ, Series Latina**, Tomu I. Paris: Petit-Montrouge, 1844. p. 916-1076.
- HILL, D. **The Gospel of Matthew**. New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich: Wm. B. Eerdmans Pub Co, 1981.
- JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.
- JOÃO PAULO II, PP., **Dominum et vivificantem**. O Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. São Paulo: Paulinas, 1986.
- JERÔNIMO. **Comentário ao Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulus, 2020.
- JOÃO CRISÓSTOMO. *Hmiliaem XC in Matthaem*. In: MIGNE, J. P. **Patrologiæ, Series Grægæ**, Tomus LXVII. Paris: Petit-Montrouge, 1862. p. 21-472.
- JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. **Aprendendo o grego**. São Paulo: Odysseus, 2014.
- KEENER, C. S. **The Gospel of Matthew: A Socio-Rhetorical Commentary**. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 2009.
- KINGSBURY, J. D. **Matthew: structure, christology, kingdom**. Fortress Press: Minneapolis, 1975.
- KITTEL, G. ἀκούω. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 216-221.

- KITTEL, G. ἔρημος. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids, MI: Eerdmans. 1964. p. 657-660.
- KLEINKNECHT, H. λέγω, λόγος, ῥῆμα, λαλέω. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 4. Grand Rapids, MI: Eerdmans. 1964. p. 69-73.
- KONINGS, J. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. São Paulo: Loyola, 2005.
- LAGRANGE, M. -J. **Evangelie selon Saint Matthieu**. Paris: Gabalda, 1923.
- LANCELLOTTI, A. **Comentário ao Evangelho de São Mateus**. Vozes: Petrópolis, 1980.
- LANGE, J. P.; SCHAFF, P. **Matthew: A commentary on the Holy Scriptures**. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008.
- LEONEL, J. **Mateus, o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2013.
- LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LOPES, H. D. **Mateus**. Jesus, o Rei dos reis. São Paulo: Hagnos, 2019.
- LUZ, U. **Matthew 1–7: a commentary on Matthew 1–7**. (KOESTER, H. Org.). Minneapolis, MN: Fortress Press, 2007.
- LUZ, U. **Matthew 8 – 20**. Minneapolis: Fortress Press, 2001.
- LUZ, U. **Matthew: a commentary**. Minneapolis: Augsburg. 2001.
- LUZ, U. **Studies in Matthew**. Cambridge Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 2005.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. **Dicionário grego-português**. São Paulo: Ateliê / Araçoiaba da Serra: Mnema, 2022.
- MATEOS, J.; CAMACHO, F. **O Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de Mateus; ouvistes o que foi dito...? Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas!** Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2005.
- MAZZAROLO, I. **O que é o pecado?** Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais. São Paulo: Paulus, 2019.
- MAZZAROLO, I. **Hebreus**. O que muda depois de Jesus? Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2011.
- MELLO, A. **Evangelho secondo Matteo**. Commento midrashico e narrativo. Magnano: Edizioni Qiqajon, 1995.

- METZGER, B. M. **A textual comentary on the Greek New Testament**. 2a ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.
- MEYNET, R. **Rhetorical Analysis**. An introduction to Biblical Rhetoric. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- MEYNET, R. **Trattato di Retorica Biblica**. Bologna: EDB, 2008.
- MILLOS, S. P. **Mateo**. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Clie, 2009.
- MITCH, C.; SRI, E. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2010.
- MORRIS, L. **The Gospel according to Matthew**. Grand Rapids, MI; Leicester, England: W.B. Eerdmans; Inter-Varsity Press, 1992.
- MOUNCE, W. D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- MURAOKA, T. **A Greek-English Lexicon of the Septuagint**. Louvain: Peeters, 2009.
- NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- NOLLAND, J. **The Gospel of Matthew: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids, MI: Paternoster Press, 2005.
- NOLLI, G. **Evangelo secondo Matteo**. Texto grego, neovolgata latina, análise filológica, tradução italiana. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1996.
- OEPKE, A. ἐξίστημι. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; Friedrich, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 2. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 459-460.
- OMANSON, R. L. **Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. São Paulo: SBB, 2010.
- OPORTO, S. G. **Ditos Primitivos de Jesus: Uma introdução ao “protoevangelho de ditos Q”**. São Paulo: Loyola, 2004.
- OSBORNE, G. R. **Matthew**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.
- OVERMAN, J. A. **O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: O mundo social da comunidade de Mateus**. São Paulo: Loyola, 1997.
- PADRES APOSTÓLICOS. **Clemente Romano. Inácio de Antioquia. Policarpo de Esmirna. O pastor de Hermas. Carta de Barnabé. Pápias. Didaqué**. São Paulo: Paulus, 1995.

- PARMENTIER, E. **A Escritura viva**. Interpretações cristãs da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2009.
- PAROSCHI, W. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- PAROSCHI, W. **Origem e Transmissão do texto do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2102.
- PATTE, D. **The Gospel According to Matthew**. A structural commentary on Mathhew's faith. Philadelphia: Fortress Press, 1987.
- PIKAZA, J. **A Teologia de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1978.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- QUELL, G. ἀμαρτάνω, ἀμάρτημα, ἀμαρτία. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 267-286.
- RADERMAKERS, J. **Lettura pastorale del Vangelo di Matteo**. Bologna: EBD, 2001.
- REPSCHINSKI, B. **The Controversy Stories in the Gospel of Matthew: Their Redaction, Form Und Relevance for the Relationship Between the Matthean Community and Formative Judaism**. Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.
- RIENECKER, F. **O Evangelho de Mateus**. Curitiba: Editora Esperança, 2012.
- RIENECKER, F.; ROGERS, C. **Chave linguística do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ROBBINS, V. K. "Rhetorical Composition and the Beelzebul Controversy." In: MACK, B.; ROBBINS, V. K. **Patterns of Persuasion in the Gospels**. Sonoma: Polebridge, 1989, p. 161-193.
- ROBINSON, E. **Léxico grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- SALDARINI, A. **Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SCHMID, J. **L'Evangelo secondo Matteo**. Brescia: Morcelliana, 1957.
- SCHMIDT, K. L. Βασιλεύς. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 564–593.
- SCHNACKENBURG, R. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids, Michigan/Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 2002.

- SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.
- SCHNELLE, U. **Introdução à Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.
- SCHRAGE, W. τυφλός. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 8. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 270-294.
- SCHVREIZER, E. **Il vangelo secondo Matteo**. Brescia: Paideia Editrice, 2001.
- SEESEMANN, H. οἶδα. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**. v. 5. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 116-119.
- SICRE DÍAZ, J. L. **El Evangelio de Mateo**. Un drama con final feliz. Estella: Verbo Divino, 2019.
- SILVA, C. M. D. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SIMONETTI, M. **Evangelio según San Mateo (1–13)**. La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica. Nuevo Testamento 1a. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2006.
- SPROUL, R. C. **Mateus**. “...eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- STANLEY, D. M. **Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1975.
- TALBERT, C. H. **Matthew**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2010.
- TASKER, R. V. G. **Mateus: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- TELLES, A. C.; GONZAGA, W. **João Batista “o maior entre os nascidos de mulheres” (Mt 11,11)**. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Letra Capital, 2021.
- Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- TOMÁS AQUINO. **Catena Aurea, Exposição contínua sobre os Evangelhos. vol. 1. Evangelho de São Mateus**. Campinas: Ecclesiae, 2019.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica: a fé, a esperança, a caridade, a prudência: II seção da II parte, questões 1-56**. São Paulo: Loyola, 2004. v. 5.
- TRILLING, W. **O Evangelho Segundo Mateus**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- TURNER, D. L. **Matthew**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008.
- VIDAL, S. **Jesus, o Galileu**. São Paulo: Loyola, 2009.

- VIELHAUER, P. **História da Literatura Cristã Primitiva**. Santo André: Academia Cristã, 2015.
- VINCENT, M. R. **Mateus**. In: Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 1-125.
- VITÓRIO, J. **Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do Reino**. São Paulo: Paulus, 2019.
- VIVIANO, B. T. O Evangelho Segundo Mateus. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo, Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã / São Paulo: Paulus, 2011. p. 131-216.
- VV. AA. **Leitura do Evangelho Segundo Mateus**. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2014.
- WALLACE, D. B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.
- WEBER, S. K. **Matthew**. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2000.
- WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Editora Sinodal; São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- WEISS, K. προσφέρω. In: KITTEL, G; BROMILEY, G. W; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological dictionary of the New Testament**, v. 9. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964. p. 65–68.
- ZENGER, E. “Formas y géneros literarios en el Nuevo Testamento”. In: SCHREIBER, J (org.), **Introducción a los métodos de la exégesis bíblica**. Barcelona: Herder, 1974, p. 129-194.
- ZERWICK, M. **El Griego del Nuevo Testamento**. Navarra: Verbo Divino, 2002.
- ZIMMERMANN, H. “Formas y géneros literarios en el Nuevo Testamento”. In: SCHREIBER, J (org.), **Introducción a los métodos de la exégesis bíblica**. Barcelona: Herder, 1974, p. 299-334.

8.2 Artigos

- AARDE, A. V. Jesus as Joshua, Moses en dawidiese Messias in Matteus. **Scriptura**, v.84, p. 453-467, 2003.
- AARDE, A. V. Understanding Jesus’ healings. **Scriptura. International Journal of Bible, Religion and Theology in Southern Africa**, v. 4, p. 223-236, 2000.

- AARDE, A. V; DREYER, Y. Matthew studies today – a willingness to suspect and a willingness to listen. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.66, n.1, p. 1-10, jul. 2010.
- ALKIER, S. From text to intertext: Intertextuality as a paradigm for reading Matthew. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.61, n.1-2, p. 1-18, 2005.
- ALONSO, M. L. Aspectos éticos de la acción sanadora de Jesús. **Moralia**, v. 26, n.100. 2-3, p. 417-438, 2003.
- AWWAD, J. Satan in Biblical Imagination. **Theological Review**, v.26, n.1, p. 111-126, 2005.
- BABAN, O. D. Spirit blasphemy in the Synoptics: a problem of ill-timed unbelief? **Jurnal teologic**, v.19, n.1, p. 20-50, 2020.
- BARRETT, M. “We Believe in the Holy Spirit”: Revisiting the Deity of the Spirit. **The Southern Baptist Journal of Theology**, v.16, n.4, p. 32-53, 2012.
- BASTIT, A. L’apologue synoptique du “Fort ligoté” (Mt 12,29 et par.) dans la théologie d’Irénee et la première littérature chrétienne. **Laval théologique et philosophique**, v.70, n.2, p. 291–314, jun. 2014.
- BATISTA, M. S. “Pelo fruto se conhece a árvore”: o uso de metáforas como recurso argumentativo no discurso bíblico. **Ciências Da Religião – História E Sociedade**, v.8, n.1, p. 179-197, 2010.
- BAUCKHAM, R. For whom were Gospels written?. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.55, n.2, p. 865-882, 1999.
- BAXTER, W. Healing and the “son of David”: Matthew’s warrant. **Novum Testamentum**, v.48, n.1, p. 37-50, 2006.
- BELLSHAW, W. G. The New Testament Doctrine of Satan. **Grace Theological Journal**, v.9, n.3, p. 24-39, 1968.
- BOERMAN, D. The chiasmic structure of Matthew 11–12. **Calvin Theological Journal**. v.40, n.2, p. 313-325, 2005.
- BOLT, P. G. Blasphemy Against the Holy Spirit in the Synoptics: An Arbitrary Limit to God’s Forgiveness? **Testamentum Imperium**, v.3, p. 1-28, 2011.
- BORING, M. E. The unforgivable sin logion Mark III 28-29/Matt XII 31-32/Luke XII 10: formal analysis and history of the tradition. **Novum Testamentum**, v.18, n.4, p. 256-279, 1976.

- BORING, M. E.; VAN SEGBROECK, F.; NEIRYNCK, F. The Synoptic Problem, “Minor” Agreements, and the Beelzebul Pericope. **The four Gospels**, v.1, p. 587-619, 1992.
- BRADY, J. The Role of Miracle-Working as Authentication of Jesus as ‘The Son of God’. **Churchman: A Quarterly Journal of Anglican Theology**, v.103, n.1, p. 32-39, 1989.
- BRECKENRIDGE, J. Evangelical implications of Matthean priority. **Journal of the Evangelical theological society**, v.26, n.1, p. 117-121, 1982.
- BRIDGES, C. B. Jesus and Paul on Tolerance: the strange exorcist and the strange concession. **Stone-Campbell Journal**, v.1, p. 59–66, 1998.
- BROWN, J. P. Mark as Witness to an Edited Form of Q. **Journal of Biblical Literature**, v.80, n.1, p. 29-44, 1961.
- BYRSKOG, S. A New Quest for the Sitz im Leben: social memory, the Jesus tradition and the gospel of Matthew. **New Testament Studies**, v.52, p. 319–336, 2006.
- CANTARELA, A. G. A questão dos gêneros literários e outros aspectos relativos à linguagem Dei Verbum. **Perspectiva Teológica**, v.47, n.133, p. 347-368, set./dez. 2015.
- CARAGOUNIS, C. C. Kingdom of God, son of man and Jesus’ self-understanding. **Tyndale Bulletin**, v.40, n.1, p. 3- 23, 1989.
- CARBULLANCA, C. Demonología en la apocalíptica y Qumrán. **Teología y Vida**, v.57 n.2, p. 211-233, 2016.
- CARNEIRO, M. S. Em nome de quem? A controvérsia sobre cura em Mateus 12,22-32. **ReBiblica**, v.1, n.2, p. 199-213, jul./dez. 2018.
- CARSON, D. A. The Jewish leaders in Matthew's Gospel: a reappraisal. **Journal of the Evangelical theological society**, v.25, n.2, p. 161-174, 1982.
- CARTER, W. Kernels and Narrative Blocks: The Structure of Matthew's Gospel. **The catholic biblical quarterly**. v.54, n.3, p. 463-481, 1992.
- CASTOR, G. D. The Relation of Mark to the Source Q. **Journal of Biblical Literature**, v.31, n.2, p. 82-91, 1912.
- CHICO, G. Jesús y Beelzebul. La presencia del reino en un cuadro polémico (Mt 12,22-32; Mc 3,22-30; Lc 11,14-23; 12,10). **Communio**, v.22, n1, p. 41-52, 1989.

- CHILTON, B., A Comparative Study of Synoptic Development: The Dispute between Cain and Abel in the Palestinian Targums and the Beelzebul Controversy in the Gospels. **Journal of Biblical Literature**, v.101, n.4, p. 553-562, 1982.
- CIELONTKO, D. On the Origin of the Archdemon Beelzebul/Beelzebub. **Biblica**, v.102, n.1, p. 68-77, 2021.
- CLARK, D. J.; WAARD, J. Discourse structure in Matthew's gospel. **Scriptura**, v.1, p. 1-78, 1982.
- COLE, G. A. Sins against the Holy Spirit. **The Southern Baptist Journal of Theology**, v.16, n.4, p. 22-31, 2012.
- COMBRINK, H. J. B. Reference and rhetoric in the gospel of Matthew. **Scriptura**, v.40, p. 1-17, 1992.
- COMBRINK, H. J. B. The macrostructure of the Gospel of Matthew. **Neotestamentica**, v.16, n.1, p. 1-20, jan. 1982.
- COMBRINK, H. J. B. The Structure of the Gospel of Matthew as Narrative. **Tyndale Bulletin**, v.34, p.61-70, 1983.
- COMBS, W. W. The blasphemy against the Holy Spirit. **Detroit Baptist Seminary Journal**, v.9, p. 57-96, 2004.
- CULPEPPER, R. A. Jesus as healer in the Gospel of Matthew, part 1: Methodology. **In die Skriflig**, v.50, n.1, p. 1-8, nov. 2016.
- CUVILLIER, E. Torah Observance and Radicalization in the First Gospel. Matthew and First Century Judaism: A Contribution to the Debate. **New Testament. Studies**, v.55, p. 144-159, 2009.
- DECAEN, C. A. An Embedded Chiastic Order in Matthew? **The Catholic Biblical Quarterly**, v.82, n.1, p. 56-74, 2021.
- DERICKSON, G. W. Matthew's chiastic structure and its dispensational implications. **Bibliotheca Sacra**, v.163, p. 423-437, out./dez. 2006.
- DI PAOLO, R. Le maître et le disciple envoyés à Israël et aux nations. Analyse rhétorique biblique de Mt 10,1-42. **Exercices de rhétorique**, n.8, p.1-15, 2017.
- DULING, D. C. Matthew as marginal scribe in an advanced agrarian society. **HTS Theologiese Studies/Theological Studies**, v.58, n.2, p. 520-575, 2002.
- DULING, D. C. Solomon, exorcism, and the son of David. **Harvard Theological Review**, v.68, n.3-4, p. 235-252, 1975.
- DUNN, J. D. G. Spirit and Kingdom. **Expository Times**, v.80:2, p. 36-40, 1970.

- DUNN, J. D. G. Matthew 12:28/Luke 11:20-a word of Jesus? **The Christ and the Spirit**. v.2. Pneumatology, p. 29-49,1998.
- EASTON, B. S. The Beezebul Sections. **Journal of Biblical Literature**, p. 57-73, 1913.
- EGMOND, R. V. The messianic 'son of David' in Matthew. **Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism**, v.3, p. 41-71, 2006.
- ENGELBRECHT, J. The language of the Gospel of Matthew. **Neotestamentica**, v.24, n.2, p. 199-213, 1990.
- EVANS, C. A. Jesus and the Spirits: what can we learn from the New Testament world? **Transformation: An International Journal of Holistic Mission Studies**, v.27, n.3, p. 146-161, 2010.
- EVANS, O. E. Expository Problems: The Unforgivable Sin. **The Expository Times**, v.68, n.8, p. 240-244, 1957.
- FARMER, W. R. The minor agreements of Matthew and Luke against Mark and the Two Gospel Hypothesis: a study of these agreements in their compositional contexts. **In Seminar papers/Society of Biblical Literature**, v.127, n.30, p. 773-773, 1991.
- FARRAR, T. J. New Testament Satanology and Leading Suprahuman Opponents in Second Temple Jewish Literature: A Religio-Historical Analysis. **The journal of theological studies**, v.70, n.1, p. 21-68, 2019.
- FERREIRA, J. C. L. Ciências sociais, teoria literária e o Evangelho de Mateus. **Oracula**, v.5, n.9, p. 106-127, 2009.
- FOULKES, R. B. La familia de Jesus (Mt. 12,46-50). **RIBLA**, n.27, p. 55-65, 1997.
- FRANKLIN, B. The blasphemy against the Holy Ghost. **Bibliotheca Sacra**, v.93, n. 370, p. 219-233, 1936.
- FRIDRICHSEN, A. Le péché contre le Saint-Esprit. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, 3e année n.4, p. 367-372, jul./ago. 1923.
- FRÖHLICH, I. Theology and demonology in Qumran texts. **Henoch**, v. 32, n.1, p. 101-129, 2010.
- FUCHS, A. Die Sünde wider den Heiligen Geist Mk 3,28-30 par Mt 12,31-37 par Lk 12,10. **Studien zum Neuen Testament und seiner Umwelt**, v.19, p. 113-130, 1994.
- FUEYO, F. R. La diversidad teológica en el Nuevo Testamento. **Sal Terrae**, v.102, p. 271-284, 2014.

- GALLER, J. S. Matthew 12:30; Mark 9:40; Luke 9:50; 11:23 – “With and for” or “Against?”. **Lutheran Theological Review**, v.14, p. 10-26, 2001/2002.
- GASTON, L. The Messiah of Israel as teacher of the Gentiles: The setting of Matthew's Christology. **Interpretation**, v.29, n.1, p. 24-40, 1975.
- GIBBS, J. A. Parables of Atonement and Assurance: Matthew 13:44-46. **Concordia Theological Quarterly**, v.51. n.1, p. 19-44, 1987.
- GUIJARRO, S. The politics of exorcism: Jesus' reaction to negative labels in the Beelzebul controversy. **Biblical theology bulletin**, v.29, n.3, p. 118-129, 1999.
- GUIJARRO, S. Desafíos de la crítica textual a la exégesis, la teología y la pastoral. **Scripta Theologica**, v.54, n.1, p. 121-148, 2021.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, v.52, p. 681-704, 2021.
- GONZAGA, W. O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Semítica. **ReBiblica**, v.1, n.2, p. 155-170, jul./dez. 2018.
- GONZAGA, W. As Cartas Católicas no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, v.49, n.2, p. 421-444, mai./ago. 2017.
- GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**, v.21, n.55, p. 19-41, jan./abr. 2017.
- GOODACRE, M. Fatigue in the Synoptics. **New Testament Studies**, v.44 n.1, p. 45-58, jan. 1998.
- GRAZIANO, F. La composition de l'évangile de Matthieu. Où sommes-nous?. **Exercices de rhétorique**, n.8, p. 1-28, 2017.
- GRAPPE, C. Jésus exorciste à la lumière des pratiques et des attentes de son temps. **Revue Biblique**, v.110, n.2, p. 178-196, 2003.
- GRUNDMANN, C. H. Inviting the Spirit to fight the Spirits? Pneumatological challenges for missions in healing and exorcism. **International review of mission**, v.94, n.372, p. 51-73, 2005.
- GUIJARRO, S. The politics of exorcism: Jesus' reaction to negative labels in the Beelzebul controversy. **Biblical Theology Bulletin**, v.29, p. 118-129, 2009.
- HABETS, M. Jesus, the Spirit, and the Unforgivable Sin. A Contribution from Spirit Christology. **Journal of Theological Interpretation**, v.12, n.1, p. 39-57, 2018.
- HARTIN, P. J. Disciples as authorities within Matthew's Christian-Jewish community. **Neotestamentica**, v.32, n.2, p. 389-404, 1998.

- HAYS, R. B. The Gospel of Matthew: Reconfigured Torah. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v. 61, n.1-18, p. 165-190, 2005.
- HEIL, J. P. Significant aspects of the healing miracles in Matthew. **The Catholic Biblical Quarterly**, v.41, p. 274-287, 1979.
- HOWES, L. "Divided against itself"? Individual maxims and the redaction of Q. **Acta Theologica**, v.35, n.1, p. 96-114, 2015.
- HOWES, L. Exorcising the kingdom saying from the Beelzebul story (Q 11:14–15, 17–20). **Journal of Early Christian History**, v.7, n.1, p. 28-45, 2017.
- JACOBSON, A. D., The literary unity of Q. **Journal of Biblical Literature**, v.101, n.3, p. 365-389, 1982.
- JÚNIOR, J. L. C. Narrativas de curas e exorcismos de Jesus: uma expressão da linguagem religiosa. **Horizonte**, v.14, n.42, p. 452-472, abr./jun. 2016.
- KEENER, C. S. 'Suggestions for future study of rhetoric and Matthew's Gospel'. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.66, n.1, p. 1-6, 2010.
- KIDDER, S. J. Christ, the Son of the Living God: The Theme of the Chiasmic Structure of the Gospel of Matthew. **Journal of the Adventist Theological Society**, v.26, n.2, p. 149-170, 1982.
- KINGSBURY, J. D. 'The plot of Matthew's story'. **Interpretation**, v.46, n.4, p. 347–356, 1992.
- KINGSBURY, J. D. The title "Son of David" in Matthew's Gospel. **Journal of Biblical Literature**, v.95, n.4, p. 591-602, 1976.
- KINGSBURY, J. D. The figure of Peter in Matthew's Gospel as a theological problem. **Journal of Biblical Literature**, v.98, n.1, p. 67-83, 1979.
- KLOPPENBORG, J. S. On dispensing with Q? Goodacre on the relation of Luke to Matthew. **New Testament Studies**, v.49, n.2, p. 210-236, 2003.
- LAMERSON, S. Forgiveness in the Gospel of Matthew. **Quodlibet Journal**, v.1, n.5, p. 1-15, ago. 1999.
- LAMMÉ, N. The Blasphemy against the Holy Spirit. The Unpardonable Sin in Matthew 12:22-32. **Mid-America Journal of Theology**, n.23, p. 19-51, 2012.
- LATEGAN, B. C. Structural interrelations in Matthew 11-12. **Neotestamentica**, v.11.1, p. 115-129, 1977.
- LE ROUX, J. H. Andries van Aarde's Matthew Interpretation. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.67, n.1, p. 1-10, jun. 2011.

- LEVIN, Y. Jesus, 'Son of God' and 'Son of David': The 'Adoption' of Jesus into the Davidic Line. **Journal for the Study of the New Testament**, v.28, n.4, p. 415-442, 2006.
- LITFIN, D. Revisiting the unpardonable sin: insight from an unexpected source. **Journal Of the Evangelical Theological Society**, v.60, n.4, p. 713–732, 2017.
- LOADER, W. R. G. Son of David, blindness, possession, and duality in Matthew. **The Catholic Biblical Quarterly**, v.44, n.4, p. 570-585, 1982.
- LOCKMANN, P. Una lectura del sermón del monte (mateo 5–7). El sermón del monte en el evangelio de mateo. **RIBLA**, n.27, p. 47-54, 1997.
- LOHR, C. H. Oral techniques in the Gospel of Matthew. **The Catholic Biblical Quarterly**, v.23, n.4, p. 403-435, 1961.
- LONGENECKER, B. W. Evil at odds with itself (Matthew 12:22-29): demonizing rhetoric and deconstructive potential in the Matthean narrative. **Biblical Interpretation a Journal of Contemporary Approaches**. v.11, n.3-4, p. 503-514, jul. 2003.
- LOPES, J. R.; ULLOA, B. A. N. O discípulo segundo Mateus. Uma abordagem pragmática-comunicativa, **Revista de Cultura Religiosa**, Ano 26, n.92, p. 103-125, jul./dez. 2018.
- LOVE, S. L. Jesus, healer of the canaanite woman's daughter in Matthew's Gospel: A Social-Scientific Inquiry. **Biblical Theology Bulletin**, v.32, n.1 p. 11-20, 2002.
- MACLAURIN, E. C. B. Beelzeboul. **Novum Testamentum**, v.20, n.2, p. 156-160, 1978,
- MALAN, G. J. Is rewritten Bible/Scripture the solution to the Synoptic Problem? **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.70, n.1, p. 1-10, mai. 2014.
- MAN, R. E. The value of chiasm for New Testament interpretation. **Bibliotheca sacra**, v.141, n.562, p. 146-157, 1984.
- MARGUERAT, D. Jésus, le maître d'Israël, selon l'Évangile de Matthieu. **Lumen Vitae**, n.18, p.11-39. 2008.
- MCCUISTION, P. R.; WARNER, C.; VILJOEN, F. P. The influence of Greek drama on Matthew's Gospel. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.70, n.3, p. 1-9, 2014.
- METTS, H. L. The Kingdom of God: background and development of a complex discourse concept. **Criswell Theological Review**, v.1, n.1, p. 51-83, 2004.

- MEYNET, R. A Análise Retórica. Um novo método para compreender a Bíblia. **Brotéria cultura e informação**, v.137, n.5, p.391-407, 1993.
- MEYNET, R. La retorica biblica. **Atualidade Teológica**, v.24, n.65, p. 431-468, mai./ago. 2020.
- MEYNET, R. Une nouvelle présentation de la rhétorique biblique et sémitique. **Exercices de rhétorique**, v.8, p. 1-12, jan. 2017.
- MEYNET, R. La rhétorique biblique et sémitique. État de la question. **Rhetorica**, v.28, p. 290-312, 2010.
- MEYNET, R. Le Mémorial à la lumière de la rhétorique biblique. **Dix-septième siècle**, v.261, n.4, p. 603-622, 2013.
- MEYNET, R. Histoire de “l'analyse rhétorique” en exégèse biblique. **A Journal of the History of Rhetoric**, v.8, n.4, p. 291-320, 1990.
- MEYNET, R. Les fruits de l'analyse rhétorique pour l'exégèse biblique. **Studia rhetorica**, v.14, p. 1-36, 2004.
- MEYNET, R. Qui Donc Est «Le Plus Fort»? Analyse Rhétorique de Mc 3, 22-30; MT 12,22-37; Luc 11,14-26. **Revue Biblique**, v.90, n.3, p. 334-350, (1946-),1983.
- MIQUEL, E. How to Discredit an Inconvenient Exorcist: origin and Configuration of the Synoptic Controversies on Jesus' Power as an Exorcist. **Biblical Theology Bulletin**, v.40, n.4, p. 187–206, 2010.
- MÜLLER, M. The theological interpretation of the figure of Jesus in the Gospel of Matthew. **New Testament Studies**, v.45, p. 157-173, 1999.
- MULLINS, T. Y. Jesus, the “son of David”. **Andrews University Seminary Studies, Summer**, v.29, n.2, p. 117-126, 1991.
- MOTTE, A. R. La structure du logion de Matthieu, XI,28-30. **Revue Biblique**. v.88, n.2, p. 226-233, 1981.
- NEIRYNCK, F. MT 12,25a / LC 11,17a et la Rédaction des Évangiles. **ETL**, v.62, p. 118-121, 1986.
- NEL, M. J. ‘The motive of forgiveness in the Gospel according to Matthew’. **In die Skriflig**, v 49, n.1, p. 1-9, 2015.
- NEL, M. J. Matthean Atonement Rituals. **Acta Theologica**, v.37, n.2, p. 104-124, 2017.
- NEL, M. J. The conceptualization of sin in the Gospel of Matthew. **Skriflig**, v.51, n.3, p. 1-8, fev. 2017.

- NEL, M. J. The role of Matthew's ἀφίμη-*logia* in the decisions of the General Synod of the Dutch Reformed Church (DRC) in post-apartheid South Africa. **Stellenbosch Theological Journal**, v.2, n.1, p. 339–361, 2016.
- NICKEL, J. P. Jesus, the Isaianic Servant Exorcist Exploring the Significance of Matthew 12,18-21 in the Beelzebul Pericope. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft**, v.107, n.2, p. 170-185, 2016.
- NOGUEIRA, P. Pedro, la piedra y la autoridad fundante en el cristianismo primitivo. **RIBLA**, n.27, p. 66-74, 1997.
- O'NEILL, J. C. The Unforgivable Sin. **Journal for the Study of the New Testament**, v.6, n.19, p. 37-42, 1983.
- ONISZCZUK, J. L'analisi retorica biblica e semitica. **Gregorianum**, v.94, n.3, p. 479-501, 2013.
- PAFFENROTH, K. Jesus as Anointed and Healing Son of David in the Gospel of Matthew. **Biblica**, v.80, p. 547-554, 1999.
- PALLARES, J. C. Lo propio de San Mateo en el relato de la pasión. **RIBLA**, n.27, p. 96-111, 1997.
- PATRICK, J. E. Matthew's peshet gospel structured around ten messianic citations of Isaiah. **Journal of Theological Studies**, NS, v.61, n.1, p. 43-81, abr. 2010.
- PATTON, C. S. Did Jesus call himself the son of man? **Journal of Religion**, v.2, n.5, p. 501-511, 1922.
- PENNINGA, M. Hermeneutics research paper "blasphemy of the Holy Spirit". **ACT Seminary**, p. 1-21, ago. 2004.
- PENNINGTON, J. T. The kingdom of heaven in the Gospel of Matthew. **Southern Baptist Journal of Theology**, v.12, n.1, p. 44-51, 2008.
- PEREIRA, A. F., Uma exegese de Mc 3,28-29 e Mt 12,31-32: qualquer pecado, inclusive a blasfêmia, é (im)perdoável. **RevEleteo**, v.15, n.28, p. 75- 92, jul/dez. 2021.
- PIXLEY, J. Mateo 24–25: El fin del mundo. **RIBLA**, n.27, p. 82-95, 1997.
- PIZZUTO, V. A. The Structural Elegance of Matthew 1–2: A Chiastic Proposal. **The catholic biblical quarterly**, v.74, n.4, p. 712-737, 2012.
- RIBEIRO, A. L. V. Jesus e os movimentos messiânicos. **Revista de Cultura Teológica**, v.17, n.66, jan./mar. 2009.
- RICHARD, P. Evangelio De Mateo: una vision global y liberadora. **RIBLA**, n.27, p. 7-27, 1997.

- ROBBINS, V. K. Beelzebul Controversy in Mark and Luke: Rhetorical and Social Analysis, **Forum**, v.7, n.3/4, p. 261-277, 1991.
- ROGERS, D. P. Leadership: more sacrifice than glory a socio-rhetorical reading of Matthew 12. **Journal of Biblical Perspectives in Leadership**, v.7, n.1, p. 163-178, 2017.
- ROYAL, K. D. Investigating the Practice of Christian Exorcism and the Methods Used to Cast out Demons. **The Journal of Christian Ministry**, v.4, p. 1-35, 2012.
- RUNESSON, A. Rethinking early Jewish–Christian relations: Matthean community history as pharisaic intragroup conflict. **Journal of Biblical Literature**, v.127, n.1, p. 95-132, 2008.
- SAUCY, M. The Kingdom-of-God sayings in Matthew. **Bibliotheca Sacra**, v.151, p.175-197, abr./jun. 1994.
- SCHOLTZ, J. J. ‘Matthew 13 and the feasts of the Lord’. **Skriflig**, v.49, n.1, p. 1-8, abr. 2015.
- SCHOLTZ, J. J. ‘One Messiah, two advents, three forerunners: The chiasmic structure of Matthew 11:2–17:13’. **Skriflig**, v.50, n.1, p. 1-10, jun. 2016.
- SCHOLTZ, J. J. ‘Reading Matthew 13 as a prophetic discourse: The four parables presented in public’, **Skriflig**, v.49, n.1, p. 1-7, abr. 2015.
- SCHWEIZER, E. The Spirit of Power: The Uniformity and Diversity of the Concept of the Holy Spirit in the New Testament. **Interpretation**, v.6, n.3, p. 259-278, 1952.
- SCROGGS, R. The Exaltation of the Spirit by Some Early Christians. **Journal of Biblical Literature**, v.84, n.4, p. 359-373, 1965.
- SHIN, I. C. ‘The Matthean community’s state of coexistence between Jews and Gentiles’. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.75 n.4, p. 1-8, dez. 2019.
- SHIROCK, R. Whose exorcists are? The referents of οἱ υἱοὶ ὑμῶν at Matthew 12.27/Luke 11.19. **Journal for the Study of the New Testament**, v.46, p. 41-51, 1992.
- SIM, D. C. ‘The pacifist Jesus and the violent Jesus in the Gospel of Matthew’. **HTS Teologiese Studies/ Theological Studies**, v.67, n.1, p. 1-6, jun. 2011.
- SIM, D. C. The Gospel of Matthew, John the elder and the Papias tradition: A response to R H Gundry. **HTS Teologiese Studies/ Theological Studies**, v.63, n.1, p. 283-299, 2007.

- SIM, D. C. Matthew's use of Mark: did Matthew intend to supplement or to replace his primary source? **New Testament Studies**, v.57, p. 176-192, 2011.
- SMIT, P. B. Ein καί expegeticum mit Folgen: eine Notiz zu Matthäus 12,30. **Biblische Notizen**, v.145, p. 113-118, 2010.
- SMITH, C. R. The New Testament doctrine of demons. **Grace Journal**, v.10, n.2, p. 26-42, 1969.
- SOUZA, T. D.; PONTES, G. A. Análise exegética de Hebreus 6:4-6. **Revista de Cultura Teológica**, v.33, n.107, jan./abr. 2024, p. 188-203.
- STANTON, G. N. Revisiting Matthew's Communities. **HTS Teologiese Studies / Theological Studies**, v.52, n.2-3, p. 376-394, 1996.
- STANTON, G. N. The Gospel of Matthew and Judaism. **Bulletin of the John Rylands Library**, v.66, n.2, p. 264-28, 1984.
- STEENKAMP, Y. King Ahaziah, the widow's son and the theology of the Elijah Cycle: A comparative study. **Old Testament Essays**, v.17, n.4, p. 646-658, 2004.
- STEIN, B. L. Who the Devil Is Beelzebul? **Bible Review**, v.13, n.1, p. 42-48, 1997.
- STOLL, R. F. The unforgiven sin. **The American Ecclesiastical Review**, v.107, n.4, p. 241-254, 1942.
- TALBERT, C. H. Matthew and character formation. **The Expository Times**, v.121, n.2, p. 53-59, 2009.
- TÅNGBERG, A. A Note on Ba'al Zə Būb In 2 Kgs 1,2.3.6.16. **Scandinavian Journal of the Old Testament: An International Journal of Nordic Theology**, v.6, n.2, p. 293-296, jul. 2008.
- TATALOVIĆ, V. The son of man debate and its relevance for orthodox theology. **Philotheos**, v.14, p. 35-45, 2014.
- DU TOIT, AB. The Kingdom of God in the Gospel of Matthew. **Skrif en Kerk**, v.21, n.3, p. 545-563, 2000.
- TURNER, D. L. Whom does God approve? The context, structure, purpose, and exegesis of Matthew's beatitudes. **Criswell Theological Review**, v.6, n.1, p. 29-42, 1992.
- VAN RENSBURG, F. J. Ligo p Satan en satanisme vanuit die Nuwe Testament. **In die Skriflig**, v.26, n.3, p. 397-407, 1992.
- VANDERWEELE, Tyler J. Some observations concerning the chiasmic structure of the gospel of Matthew. **The journal of theological studies**, v.59, n.2, p. 669-673, 2008.

- VARNER, W. A discourse analysis of Matthew's nativity narrative. **Tyndale Bulletin**, v.58, n.2, p. 209-228, 2007.
- VERHEYDEN, J. Matthew's building blocks: Mark and Q – A critical look at a recent monograph. **In die Skriflig**, v.49, n.1, p. 1-10, nov. 2015.
- VILJOEN, F. P. Reading Matthew as a historical narrative. **In die Skriflig**, v.52, n.1, p. 1-10, nov. 2018.
- VILJOEN, F. P. Sabbath controversy in Matthew. **Verbum et Ecclesia**, v.32, n.1, p. 1-8, jun. 2011.
- VILJOEN, F. P. The Holy Spirit's characterization of the Matthean Jesus. **In die Skriflig**, v.54, n.1, p. 1-6, jan. 2020.
- VILJOEN, F. P. The Matthean community according to the beginning of his gospel. **Acta Theologica**, v.26, n.2, p. 242-262, 2006.
- VITÓRIO, J. Uma nova humanidade: o horizonte messiânico de Jesus de Nazaré no evangelho de Mateus. **Perspectiva Teológica**, v.52, p. 559-583, 2021.
- WEAVER, D. J. "Suffering Violence" and the kingdom of heaven (Mt 11:12): A Matthean manual for life in a time of war'. **HTS Teologiese Studies/ Theological Studies**, v.67, n.1, p. 1-12, jun. 2011.
- WEAVER, D. J. They did to him whatever they pleased": The exercise of political power within Matthew's narrative'. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies**, v.65, n.1, p. 1-13, nov. 2009.
- WEGNER, U. Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus. **Estudos Teológicos**, v.43, n.2, p. 82-103, 2003.
- WILLIAMS, J. G. A note on the 'Unforgivable Sin' Logion. **New Testament Studies**, v.12, n.1, p. 75-77, 1965.
- WILLITTS, J. 'The friendship of Matthew and Paul: A response to the recent trend in the interpretation of Matthew's Gospel'. **HTS Teologiese Studies/ Theological Studies**, v.65, n.1, p. 1-8, jul. 2009.
- WOODS, A. M. The Purpose of Matthew's Gospel (Part I). **Journal of Dispensational Theology**, v.11, n.33, p. 5-20, ago. 2007.
- WOODS, A. M. The Purpose of Matthew's Gospel (Part II). **Journal of Dispensational Theology**, v.11, n.34, p. 5-42, dez. 2007.
- ZYL, H. V. Objective display or textual engineering? Hermeneutical aspects in making and using a synopsis of the synoptic Gospels. **Neotestamentica**, v.31, n.2, p. 361-388, 1997.